

CRONICAS E OUTROS REGISTROS:  
FLAGRANTES DO PRE-MODERNISMO (1911-1918).

REGINA AIDA CRESPO

Dissertação de Mestrado apresentada  
ao Instituto de Estudos da Linguagem  
da Universidade Estadual de Campi-  
nas, como parte dos requisitos para  
obtenção do título de Mestre em  
Teoria Literária, sob a orientação  
do Prof. Dr. Francisco Foot Hardman.

CAMPINAS  
1990

Este exemplar é a redação final da tese  
defendida por REGINA AIDA

CRESPO.

e aprovada pela Comissão Julgadora em

17.02.90.  
C864c

12316/BC

FRANCISCO FOOT HARDMAN

ORIENTADOR

UNICAMP

Para meus pais,  
Waldemar e Carminha.

Para Antonio.

"Não estou tão certo quanto Mário de que o movimento modernista tenha sido o "prenunciador", o preparador e por muitas partes o criador de um estado de espírito nacional; tenho-o antes na conta de um alto-falante desse estado de espírito que já existia difuso (...)"

Manuel Bandeira

"Mas quando e onde repousar, refletir, na 'polis' moderna (...) inferno da atividade humana, que se eletriza, cinemiza, automobiliza e mal pode ter um ai!, para o que for esmagado, fulminado à pressão assassina ou inocente de rodas, dos pneumáticos e das concorrências econômicas? Dentro do tempo; nas vagas do tempo, com a bússola da experiência, teremos norteio quotidiano.

"Olhos novos para o novo! Tudo é outro ou tende para outro!"

Pedro Kilkerry, 1913

"O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história."

Walter Benjamin

## ÍNDICE

### Agradecimentos

### Apresentação

I

### Capítulo 1 - Um Roteiro de Viagem

1

1. Entre a glória do soneto e a anônima notícia 3
2. Em busca de alguns porquês 10
3. A crônica em revista 16
4. A importância das revistas para o registro do tempo 21

### Capítulo 2 - A década das revistas no Século de São Paulo

24

1. Um pouco de tempo e de espaço: o país e a cidade nos anos 1910 30
2. A importância da Primeira Guerra 40
3. As revistas e seus perfis 42
4. A crônica de abertura - quando as revistas se explicam 47
5. O Editorial 60

### Capítulo 3 - Dize-me como escreves que eu te direi quem és

64

1. Os colaboradores, esses ilustres desconhecidos 66
  - 1.1 As cartas 68
  - 1.2 Os pseudônimos 73
  - 1.3 O cartaz consensual dos escritores de sucesso 84
2. Reconhecendo as revistas 87
  - 2.1 Semelhanças, diferenças 87
  - 2.2 A Cigarra - uma cantora de hinos militares 88
    - 2.2.1 Pausa para o "feminino" 93
  - 2.3 O Pirralho - um traquinas responsável 102
  - 2.4 A Vida - uma cartilha para iniciados 114

<b>Capítulo 4 - As crônicas, finalmente</b>	<b>127</b>
1. Os "modelos de Brasil"	130
1.1 "Estamos esplendidamente bem"	140
2. Entre a guarda do passado, o mergulho no presente e o medo do futuro	146
3. A importância dos regionalismos -	158
3.1 Além do capiau, o boche e o carcamano	166
4. A língua é nossa pátria (mas preferimos falar francês)	174
5. "Civilizamo-nos"?!	191
5.1 Dois tempos, duas medidas	206
6. Como tratar de política?	213
6.1 A Guerra como espetáculo, a guerra como catarse	215
6.2 O "Capítulo" Hermes	224
7. "Nossos Comerciais, por favor"	245
<b>Capítulo 5 - Alinhavando questões</b>	<b>257</b>
1. Ufanismo ou distorção?	263
2. Simultaneidades	267
3. Por que São Paulo?	270
4. Transitoriedade e Permanência	273
5. Uma última palavra	278
<b>Apêndice</b>	<b>279</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>292</b>

## AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos vão, em primeiro lugar, para o professor Francisco Foot Hardman. Foot acompanhou com atenção todas as etapas de meu trabalho, seus avanços e percalços, e fez com que eu acreditasse na importância de trabalhar com o passado. Respeito intelectual, rigor na medida exata e estímulo permanente sintetizam o que encontrei nesses mais de dois anos de convivência.

As amigas Tânia Pellegrini e Ana Lúcia Moret agradeço a leitura atenta de meus esboços e a disponibilidade constante para as minhas questões.

Aos professores Luiz Dantas e Antonio Arnoni Prado sou grata pela meticulosa leitura de meu trabalho, já na etapa do exame de qualificação. Suas sugestões foram valiosas no meu esforço de aprimorá-lo.

Finalmente, ao Antonio.  
Companhia, apoio, energia e carinho. Sempre.

## Apresentação

O que seria trabalhar com o pré-modernismo? O que significaria sair à cata da produção de autores obscuros de uma época difusa como esta? Por que percorrer arquivos e bibliotecas em busca do antigo, se ele próprio parece acomodar-se e preferir o esquecimento?

Com essas perguntas me defrontei nos primeiros tempos após ter-me decidido a trabalhar com o pré-modernismo, a tratar com autores obscuros e a me perder em bibliotecas e arquivos. À medida que o trabalho avançava, porém, fui me surpreendendo com a constatação de que a época pela qual optara era muito mais rica do que usualmente se pensa, e que os autores obscuros, por sua vez, podem ter guardadas entre os seus escritos algumas boas surpresas, algumas pequenas jóias que se deixam descobrir no trabalho quase arqueológico que as bibliotecas e arquivos reservam. Fui constatando, por fim, que o passado não se preserva a si mesmo do futuro. Encontra-se em todos os lugares - mas principalmente em livros, revistas e jornais gastos e microfimes embaçados - à espera de ser compreendido e mesmo ressuscitado pelos leitores do futuro.

Ao delimitar o pré-modernismo para pesquisar, desejava conhecer os meandros de um tempo de pouco glamour e muita polêmica. E procurei fazê-lo por meio de seu registro cotidiano, acreditando encontrar ali elementos interessantes de que tratar. Isso me afastou dos livros e me aproximou da imprensa. Na escolha do material, rastreei coleções de jornais e revistas antigos, até me decidir por três revistas: O Pirralho e A Cigarra, paulistanas, e A Vida, carioca.

Escolhi São Paulo como locus privilegiado de análise porque me intrigava o fato de o início do movimento modernista ter-se dado ali. Haveria raízes e razões a descobrir e minha intenção era exatamente procurá-las. Por isso, a escolha de duas revistas paulistanas que circularam no período pré-1922 (e, de 1914 a 1917, simultaneamente). No entanto, interessada em contrapor às vozes d' O Pirralho e d' A Cigarra - revistas destinadas ao consumo das elites - outras concepções que não as destas, selecionei para investigar ainda uma terceira: A Vida (de orientação anarquista).

Pois finalmente escolhidas as revistas, passei ao trabalho de seleção e coleta de material. A princípio determinada a estudar apenas crônicas, fui consultando as três publicações e armazenando tudo o que me parecesse promissor. Deste trabalho detetivesco (e paciente, já que feito basicamente de cópias manuscritas que fiz de originais e microfílm), resultaram o fichamento e a classificação de cerca de 700 textos (entre os quais, além de crônicas, artigos, editoriais e até mesmo anúncios e "quadrinhas"). O material coletado estendeu-se de

etapas perfazem um processo gradual de aproximação de meu objeto, melhor dizendo, de meus objetos: as revistas e os textos que veicularam. Ao avançar no conhecimento das revistas, procurando compreendê-las e contrapô-las, tentando inseri-las no contexto em que circularam (tarefas que me propus nesse trabalho), acabei por descrever a viagem que fiz pelo pré-modernismo, a bordo das três revistas que escolhi. O quinto capítulo é uma tentativa de sistematização de algumas questões suscitadas pelo estudo das revistas, seus textos, sua época.

Talvez seja essa a definição mais oportuna para o trabalho que apresento: um roteiro de viagem, descrito desde a sua concepção e contratempos iniciais (que, afinal, todas as viagens possuem) até o momento do retorno, quando o que se costuma fazer é um balanço geral do que foi visto e aprendido para guardar na memória.

"Um roteiro de viagem", não por acaso, é o nome do primeiro capítulo. Nele, procuro traçar um rápido painel cultural e editorial do período com que trabalharei. Realizo um levantamento da bibliografia especificamente relacionada ao estudo da crônica como gênero literário e tento discutir a pertinência de sua aplicação à definição das crônicas publicadas nas três revistas escolhidas. Explicito que tipos de texto irei trabalhar e, por fim, discuto e justifico a análise de revistas.

No segundo capítulo, estabeleço uma primeira aproximação com as revistas O Pirralho, A Cigarra e A Vida. Antes, porém, procuro compor

um painel geral do momento em que elas circularam, objetivando fornecer uma visão da situação do país e, particularmente, do estado e da cidade de São Paulo, em termos políticos, econômicos e sociais. A partir da análise contextualizada do nome e da crônica de apresentação de cada uma das revistas, procuro estudar a sua inserção no período.

O capítulo três constitui uma abordagem comparativa das revistas. Compõe-se da descrição e análise de elementos relacionados a aspectos de funcionamento, aos colaboradores, e às características específicas de cada uma delas (o seu perfil).

No quarto capítulo, analiso crônicas e outros tipos de texto relacionados aos temas dominantes no momento: entre eles, o nacionalismo, o cosmopolitismo, a modernização do país e da cidade de São Paulo, e questões de política nacional. Organizados em itens e sub-itens, os textos são trabalhados tendo como referência básica elementos contextuais importantes: a transformação urbana; a imigração; o surgimento de movimentos estéticos como o regionalismo; a mobilização nacionalista; a guerra européia; a industrialização do país; os novos hábitos sociais e de consumo; as mobilizações operárias etc.<sup>4</sup>

O capítulo cinco compreende uma compilação das questões suscitadas nos quatro anteriores, relacionadas, por exemplo, à pertinência do conceito de pré-modernismo para definir um período em plena transformação como o pesquisado; à pertinência da oposição freqüentemente estabelecida, em termos literários, entre elementos

---

<sup>4</sup> - Cabe observar que, para trabalhar com os textos do período, deliberei atualizar a sua ortografia e respeitar a sua pontuação.

tradicionais e modernos; à necessidade de definições teóricas que levem em conta as especificidades de cada período histórico; à importância, para a compreensão literária de um período, da análise de materiais como as revistas, usualmente não considerados literários, e outras.

## Capítulo 1

### Um Roteiro de viagem

Um mergulho em águas turvas: talvez fosse esta a imagem mais apropriada para descrever o início de um estudo acerca da produção literária paulistana da segunda década deste século. Afinal, o que seria possível descobrir de interessante em alguns dos anos que comporiam, segundo a maioria das avaliações críticas posteriores, esta fase um tanto difusa e um tanto informe culturalmente, a que se convencionou chamar "pré-modernismo"? E o que se encontraria de especial em São Paulo, uma cidade que, em termos culturais, só se celebrizou e se projetou para o restante do país anos depois, com a famosa Semana de Arte Moderna?

Minha investigação inicia-se em 1911. Nesse ano, o jovem Oswald de Andrade e seu amigo Dolor de Brito resolvem fundar uma revista e O Pirralho vem à luz em agosto, apadrinhado por Mimi Aguglia, uma atriz italiana famosa e por um músico não menos famoso e também italiano, Mascagni, ambos em excursão pela cidade. Misturando política, humor,

literatura e vida social, O Pirralho circula até fins de 1917, num percurso atribulado, passando por várias mãos, guiado por muitas cabeças.

Em março de 1914, é a vez de surgir A Cigarra. Até 1924, a revista é editada por Gelásio Pimenta, seu fundador-proprietário. Em 1934, alguns anos depois de sua morte, passa a ser publicada no Rio <sup>4</sup>. Nos anos iniciais, temas como vida em sociedade, cartas de leitoras e muita poesia são elementos básicos em sua fórmula de cantar o verão, a cada quinzena, independentemente do ritmo inexorável das estações climáticas.

É também em 1914 que A Vida aparece. De existência breve - novembro de 1914 a maio de 1915 - configura um caso à parte: das três, é a única revista não publicada em São Paulo. Um grupo de intelectuais anarquistas, sediados no Rio de Janeiro (entre os quais Orlando Correa Lopes, Astrogildo Pereira e José Oiticica), cuida de sua edição e a dirige com objetivos completamente diversos dos das duas demais publicações mencionadas: nenhum lazer e muita reflexão político-filosófica. Devido, principalmente, a esta distinção de objetivos, A Vida estabelecerá um contraponto com O Pirralho e A Cigarra.

O Pirralho, A Cigarra, A Vida... Escolhi estas três revistas para, no seu estudo, investigar algo da produção literária dos anos 1910. As análises que realizarei dos elementos culturais e estéticos

---

<sup>4</sup> - Conforme MELO, J. C. Dicionário de Autores Paulistas. São Paulo, Com. do IV Centenário, 1954.

intrínsecos ao período terão como referência os aspectos formais e de conteúdo presentes nas revistas, com destaque para suas crônicas.

### 1. Entre a glória do soneto e a anônima notícia

Para trabalhar com revistas publicadas nos anos 1910, concluí que o melhor caminho a seguir seria procurar conhecer, de início, algo da vida e da produção culturais do período. Os anos 1910 apresentam algumas peculiaridades que precisam ser, desde já, mencionadas. Em primeiro lugar, não se pode esquecer que a indústria editorial brasileira da época não era exatamente profícua. Na verdade, o quadro era, decididamente, desfavorável aos intelectuais e escritores: poucas casas editoras, todas elas possuidoras de uma rígida e conservadora política de publicações e destituídas de interesse em apostar e investir em novos talentos <sup>2</sup>.

No entanto, esta situação não impedia, em absoluto, a existência, nas cidades, de uma vida literária que fluía intensamente em saraus e recitais pelos cafés e salões (e, diga-se logo, mais relacionada às coisas do mundo do que às questões do espírito...). A máxima de Afrânio Peixoto dava a tônica do tempo: a literatura era o "sorriso da

---

<sup>2</sup> - Hallewell menciona a dificuldade dos escritores em ver seus textos publicados. Ou se era famoso, ou se pagava a edição (assumindo-se, inclusive, a responsabilidade pela distribuição dos livros). Por sinal, esta era uma tarefa árdua, pelo menos até Monteiro Lobato criar, a partir de 1918, o seu famoso esquema de distribuição, utilizando a estrutura comercial pré-existente no interior do país - lojas, padarias, farmácias, mercadinhos... HALLEWELL, Laurence. O Livro no Brasil (Sua História). São Paulo, T. A. Queiroz, Ed. da Universidade de São Paulo, 1985, p. 235-266.

sociedade". Segundo Alfredo Bosi, as palavras de Peixoto ilustram a "forma mentis da época":

"A literatura é como o sorriso da sociedade. Quando ela é feliz, a sociedade, o espírito se lhe compraz nas artes e, na arte literária com ficção e com poesias, as mais graciosas expressões da imaginação. Se há apreensão ou sofrimento, o espírito se concentra, grave, preocupado, e então, histórias, ensaios morais e científicos, sociológicos e políticos, são-lhe a preferência imposta pela utilidade imediata." <sup>24</sup>

Aos inúmeros escritores sequiosos de participar dessa vida literária sedutora, mas de difícil acesso, restava procurar alternativas profissionais que lhes propiciassem sobreviver e produzir. Iniciativas como a criação, em 1914, da "Sociedade Brasileira de Homens de Letras" <sup>25</sup> e a participação de intelectuais e escritores em campanhas a favor da alfabetização, já no início da república, buscando expandir o mercado editorial <sup>26</sup>, foram tentativas importantes no sentido da valorização e da profissionalização dos escritores. Mas numa época em que os poucos livros de autores nacionais editados vendiam pouco, a alternativa profissional que melhor se adequava aos mais persistentes acabava sendo, além de assumir um emprego público, trabalhar na imprensa. Note-se que, no começo do século (situação que se prolonga até a atualidade...), mesmo os autores consagrados pelo público e pela crítica sobreviviam graças muito mais ao seu trabalho e às suas contribuições sistemáticas na imprensa do que à publicação de seus

<sup>24</sup> - Apud BOSI, A. História Concisa da Literatura Brasileira. 2. ed. São Paulo, Cultrix, 1980, p. 220.

<sup>25</sup> - BROCA, Brito. A Vida Literária no Brasil - 1900. 2.a ed., revista e ampliada. Rio de Janeiro, Casa José Olympio Editora, 1960, p. 51-53.

<sup>26</sup> - ZILBERMAN, Regina. "Regionalismo e Pré-Modernismo". In: Sobre o Pré-Modernismo. RJ, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980, p. 132-133.

livros. Esta era, por exemplo, a situação dos consagrados Machado de Assis e Olavo Bilac <sup>4</sup>.

É interessante notar que a imprensa, por sua vez, vinha passando por um processo de intenso crescimento. Walnice Nogueira Galvão, ao estudar a representação da Guerra de Canudos na imprensa brasileira, chama a atenção exatamente para a importância assumida pelos jornais nos primeiros anos da República Velha, período em que, segundo a Autora, havia

"proporcionalmente à população, se não em termos absolutos, mais jornais do que hoje" <sup>7</sup>.

Pode-se deduzir que, num contexto de aridez editorial como o de então, a imprensa tinha muita importância. Se poucos livros eram publicados, seria principalmente por meio das páginas dos jornais e revistas que os escritores poderiam (além de, evidentemente, sobreviver...) divulgar suas obras, tornar-se conhecidos do público e até mesmo conseguir chamar sobre si a atenção de algum editor <sup>8</sup>.

<sup>4</sup> - BROCA, Brito. Op. cit., p. 216-241.

<sup>7</sup> - GALVÃO, Walnice Nogueira. No Calor da Hora. São Paulo, Ática, 1974, p. 16, grifos da autora. Já no decorrer do século XIX, conforme levantamentos realizados por VIANNA, Hélio (1945) e FONSECA, Gondim da (1941), citados por Galvão, existia um intenso movimento de abrir e fechar de jornais no Brasil, não apenas nas grandes cidades, como no interior. Sobre o tema é essencial consultar, também, SODRÉ, W. Werneck. História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

<sup>8</sup> - Para se ter idéia da importância da imprensa para os escritores, o exemplo de Lima Barreto é significativo. Sempre desprezado pelos editores e mesmo pelos responsáveis pelas maiores revistas, o escritor sentia, nas palavras de Brito Broca, "a necessidade de um periódico para comunicar-se com o público, reconhecendo ser o jornal o caminho mais curto para chegar-se ao editor."

Em 1907, fundou, com alguns amigos, em regime de quotas, a sua própria revista - Floreal - "de preocupações políticas e filosóficas". No entanto, sem capital, sem organização, sem divulgação satisfatória na imprensa e, principalmente, sem tratar de "mundanismo" (a vida da alta sociedade era um dos musts da época), a revista estava fadada ao fracasso. Depois de três números, "Lima Barreto perdia o instrumento de divulgação com que sonhava." (BROCA, B. Op. cit., p.234)

Todavia, Brito Broca detecta, já a partir de 1900, uma modificação crescente e muito importante nas atribuições dos escritores dentro da redação.

" (...) os jornais, sem desprezarem a contribuição literária, iam tomando um caráter cada vez menos doutrinário, sacrificando os artigos em favor do noticiário e da reportagem" <sup>▼</sup> .

Referindo-se ao mesmo período, Nelson Werneck Sodré confirma esta informação:

"Aos homens de letras, a imprensa impõe, agora, que escrevam menos colaborações assinadas sobre assuntos de interesse restrito do que o esforço para se colocarem em condições de redigir objetivamente reportagens, entrevistas, notícias." <sup>10</sup>

Portanto, os escritores foram sendo cada vez mais requisitados a assumir funções de redatores <sup>11</sup> e, como afirma Flora Sussekind, a realizar um trabalho "cada vez menos literário" <sup>12</sup> . Assim, de *flanêurs*, muitos se transformaram em trabalhadores permanentes, usufruindo de um lugar próprio no mercado de trabalho e da relativa

---

Sobre Lima Barreto, consultar: PRADO, A. Arnoni. Lima Barreto: o Crítico e a Crise. 2.a ed. revista e aumentada, São Paulo, Martins Fontes, 1989.

▼ - BROCA, B. Op. cit., p. 218. Ao comentar a presença de escritores na rotina dos jornais o Autor afirma, significativamente:

"Começamos a ver muitos escritores a fazer reportagem policial e a alinhar "sultos", anonimamente, ao lado dos artigos assinados que publicavam, muitas vezes, na primeira página." BROCA, B. Op. cit., p. 220.

<sup>10</sup> - SODRÉ, N. Werneck. Op. cit., p. 339.

<sup>11</sup> - "(...) facultando trabalho aos intelectuais, aos escritores, os jornais lhes pediam menos colaboração literária - crônicas, contos ou versos - do que reportagem, noticiário, tarimba de redação." BROCA, B. Op. cit., p. 218.

<sup>12</sup> - SUSSEKIND, Flora. Cinematógrafo de Letras. São Paulo, Companhia das Letras, 1987, p. 75.

tranqüilidade financeira que o emprego fixo representava. Em contrapartida, porém, tiveram que aprender a conviver com tarefas, na maioria, desinteressantes.

Segundo Broca, alguns escritores não se satisfaziam com o trabalho que tinham que realizar, considerando-o um verdadeiro "abastardamento da inteligência" <sup>14</sup>. E é interessante observar que esta dicotomia entre obrigação e criação, associada pelos escritores aos domínios, respectivamente, do jornalismo e da literatura, chegava a ser tema de suas crônicas. É o caso de "O Condor da Luz", de Manuel Leiroz <sup>14</sup>.

"Aos domingos, livres os pulsos da algema do jornalismo, faz-se no meu espírito uma sensação nova, que varia como a nuvem, como a onda, como a mulher, consoante por ele passam as discussões políticas, os assuntos graves, os interesses sociais (...)"

Leiroz rememora um passeio que fizera ao jardim da Luz, quando contemplara, durante duas horas (!), um condor dos Andes engaiolado - já que ele, o Autor, dizia-se "de uma curiosidade raffinée". Leiroz conclui:

"E não sei porque, nessa manhã de radioso azul, voltei para casa para escrever esta crônica, com o pensamento voltado sempre para essa ave real (...).

---

<sup>14</sup> - "Já que o jornal não lhes acolhia o soneto burilado ou o conto, não se conformavam em dar-lhes a reportagem ou o noticiário, como qualquer redator anônimo." BROCA, Op. cit., p. 218.

<sup>14</sup> - A Cigarra, 8, 1 ago. 1914.

À obrigatoriedade perversa do labor jornalístico, o autor opõe a criação prazerosa (a qual exemplifica com sua crônica domingueira, produto dessa "sensação nova" que a ausência da "algema" lhe teria propiciado).

Humberto de Campos é outro cronista que crê na oposição jornalismo e literatura. Em resposta a uma interessante enquete organizada pelo Pirralho, sobre a produção literária no Rio de Janeiro <sup>15</sup>, o autor afirma que sua "alma repleta de sonoridades" requer que ele se dedique a produzir mais versos. Campos enumera todas as obras que pretende produzir no decorrer de 1916 e, insatisfeito, completa:

"E mais faria, talvez, se me não roubasse desmanchar-me, diariamente, em duas ou três colunas de jornal."

A dicotomia entre obrigação e criação; a insatisfação com a rotina da redação e a rapidez exigida pelas rotativas; a constatação pelos escritores da mudança radical por que passava o seu ofício <sup>16</sup>; apesar de tudo o que foi apontado, o que é importante reter é que os escritores, independentemente do grau de sua inserção na imprensa, continuavam escritores e, como tais, ligavam-se e cultivavam os movimentos literários do momento. Nestas circunstâncias, creio que puderam imprimir muito do seu próprio perfil na confecção de jornais e

<sup>15</sup> - O ESTADO atual das letras no Rio de Janeiro. O Pirralho, 205, 30 out. 1915.

<sup>16</sup> - Sussekind aponta três concepções divergentes básicas entre os escritores. Monteiro Lobato aprovava a profissionalização literária; Kilkerry adaptava-se a ela sem culpa e Bilac, no limite extremo, enxergava-a com fatalismo. Op. cit., p. 72.

revistas, além de terem a oportunidade de conhecer e utilizar procedimentos jornalísticos em seus próprios escritos, veiculados ou não na imprensa <sup>47</sup>.

As revistas e jornais dos anos 1910 e os materiais que veiculavam (não apenas as crônicas, poemas e contos, mas também os editoriais, artigos e notícias) traduziam o espírito de transformação característico da época. O campo tido como literário era mais e mais pressionado pelo jornalismo e, de certa forma, perdia espaço para ele. O literário e... o literato iam sendo acoplados pela imprensa e submetendo-se às suas leis. Adaptaram-se, é certo, mas conseguiram deixar algumas de suas marcas no discurso jornalístico.

O famoso "sorriso da sociedade" convertera-se em princípio formal e - aqui se vê uma das características marcantes do período - firmava algo que eu definiria como padronização estilística. A preocupação com o "embelezamento" da linguagem; a forte presença de figuras de estilo; o uso incondicional de adjetivos; a proliferação de sinônimos compunham não apenas os textos ficcionais como faziam parte do tratamento dado às notícias (ainda que em escala evidentemente menor). Assim, por trás de um artigo anônimo, como já observara Brito Broca, poderia esconder-se o autor do mais destacado soneto. Por trás de uma notícia excessivamente elaborada, poderia estar um aprendiz de escritor.

---

<sup>47</sup> - Sussekind detecta e analisa com muita propriedade o aproveitamento de recursos jornalísticos em textos de João do Rio, Lima Barreto e até de Olavo Bilac. Op. cit., p. 17-28.

No que diz respeito particularmente às revistas do período - cujos redatores, via de regra, dispunham de mais tempo e recursos para a sua elaboração que os dos jornais - pode-se afirmar que procuravam reproduzir a linguagem convencionalmente relacionada aos livros. E aqui se percebe o grau da interferência nelas exercida pelos escritores-jornalistas (essa nova e híbrida categoria que se firmava).

Os movimentos literários então dominantes tinham os seus autores de maior prestígio publicados. Este era o caso, entre outros, de Afonso Arinos, Coelho Neto (que, por sinal, escrevera alguns de seus romances em forma de "folhetim"), de Afrânio Peixoto e Olavo Bilac, além do dândi João do Rio. Ora, é fundamental enfatizar que se podia notar claramente a inserção dessas escolas no âmbito das revistas. Proliferavam as colunas caipiras com "causos" e lendas, estórias de deuses e pastores, a narração maneirista e estetizante de eventos sociais e até reportagens à João do Rio (sem contar, é claro, a já mencionada contribuição em verso e prosa dos autores consagrados pelo público e pela crítica literária que se instituía via a própria imprensa).

## 2. Em busca de alguns porquês

é interessante notar como se costuma - até os dias de hoje - separar hierarquicamente livros de jornais e revistas. Enquanto os

segundos são tradicionalmente tidos como veículos transitórios, o primeiro tende a ser identificado como algo permanente (e observe-se que o seu próprio processo de produção - menor escala com maiores custos - estimula a manutenção dessa idéia). Ora, enquanto o livro vem a público como obra pronta e duradoura, os periódicos, como o próprio nome indica, têm sua existência condicionada à periodicidade da publicação. Ao contrário do livro, as revistas e os jornais só "duram" na medida em que vêm, regularmente, a público. A sua existência é, de certo modo, compartimentalizada, pois a vigência de cada exemplar normalmente termina no momento exato em que um novo exemplar aparece.

Por outro lado, é interessante notar que a "transcendência" tradicionalmente associada ao livro acabou por dotá-lo de uma "aura" de respeitabilidade, responsável, no limite, por sua transformação em objeto paradigmático da arte e da cultura <sup>10</sup>. Partindo deste fato, pode-se chegar à conclusão de que, de maneira geral, o que é veiculado em livros acaba por adquirir um **status** superior ao que é publicado nos jornais e revistas da chamada "imprensa informativa".

Essa diferença de **status** induz a que se associe à esfera elevada dos livros tudo aquilo que - há tanto tempo! - convencionou-se chamar de "belas letras". Em contrapartida, à esfera prosaica de jornais e revistas, nada mais caberia além do registro trivial do cotidiano. Nesse contexto, enquanto ao jornalismo caberia informar, suscitar

---

<sup>10</sup> - Apesar de a indústria cultural, ao tornar-se soberana na determinação do gosto do público, ter-se encarregado de realizar uma padronização quase completa, em que best-sellers e versões condensadas possuem praticamente o mesmo status que qualquer obra da chamada literatura clássica.

prazer estético estaria a cargo dessa "literatura" muito bem abrigada no aconchego dos livros.

Porém, não é possível diferenciar livros e imprensa com esse grau de rigidez. Levando em conta o contexto cultural e econômico do período "pré-modernista", em que a imprensa firmava-se mais e mais como instrumento-chave de produção e veiculação cultural, arrisco-me a dizer que os jornais e as revistas não representavam para os "escritores-jornalistas" (anônimos ou famosos) apenas uma possibilidade de sobrevivência financeira. Eles também lhes ofereciam uma alternativa de criação factível diante da quase inacessível produção literária tradicional (poesia e ficção veiculada em livros). É claro que havia espaço garantido, nas revistas e nos jornais, para a veiculação de contos e poemas. Contudo, estas publicações (à exceção das explicitamente literárias) não se faziam apenas de "literatura"<sup>19</sup>.

De qualquer forma, se as revistas procuravam seguir a linguagem dos livros, é possível analisá-las como material literário. Devo dizer que nenhuma das três revistas que escolhi para analisar possuía um projeto literário explícito<sup>20</sup>. Entretanto, todas as três dispunham - como veremos - de um discurso elaborado, nos moldes da produção

---

<sup>19</sup> - Além disso, pelo menos nas revistas e nos jornais de maior tiragem, a maior parte do espaço disponível para contribuições literárias costumava ser ocupada, via de regra, por autores conceituados. Ou, em muitos casos (n' A Cigarra, por exemplo), por jovens da elite - em geral, médicos ou bacharéis - afeitos a produzir sonetos, a maioria de qualidade bastante duvidosa...

<sup>20</sup> - A Cigarra comentava na crônica de abertura que suas páginas sempre estariam abertas para a arte. O Firalho veiculava contos e poemas, porém, apresentara-se ao público de maneira singular, sem anunciar realmente a que viera. No cabeçalho que acompanharia todos os exemplares pesquisados, limitava-se a se definir como um "Semanário ilustrado de importância evidente". Por fim, A Vida - conforme anunciava o sub-título de todas as suas sete "Crônicas Subversivas" - preocupava-se essencialmente com "as idéias e os fatos". De linha ensaística, não tinha o costume de veicular poemas ou ficção.

livresca. Por outro lado, defrontavam-se (cada qual à sua maneira) com as transformações por que passavam o país e o mundo, muitas vezes sem saber como absorvê-las, posto que incompatíveis com o seu discurso e concepções ideológicas. Nesse contexto, acontecia de alguns dos textos produzidos ficarem, por assim dizer, descompassados: a realidade era mais rápida do que o seu registro.

É importante analisar revistas porque nelas, a exemplo dos jornais, existem espaços formalmente delimitados tanto para a expressão da subjetividade (os artigos assinados, as crônicas e os editoriais) quanto para a informação em moldes mais objetivos (as notícias). Porém, no trânsito entre um e outro desses dois tipos básicos de texto, é inevitável constatar o quanto eles se mesclam, e mais, quão questionável é a objetividade que jornais e revistas apregoam, quando lidam com "fatos" e "notícias".

Nesse contexto, torna-se interessante recuperar Walter Benjamin, para quem vivemos, a partir da própria evolução da técnica e a sua aplicação aos processos artísticos e literários, um "processo de fusão de formas literárias". Segundo ele,

"é vasto o horizonte a partir do qual temos que repensar a idéia de formas ou gêneros literários em função dos fatos técnicos de nossa situação atual, se quisermos alcançar as formas de expressão adequadas às energias literárias de nosso tempo".<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> - BENJAMIN, W. "O autor como produtor" (1934). In: Magia e Técnica. Arte e Política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, v. 1. São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 120-136.

A partir de uma afirmativa como esta, faz-se pertinente compreender a imprensa como uma espécie de "locus literário" particular. A imprensa apresenta e funciona em condições técnicas capazes de interferir ou mesmo de transformar os gêneros literários <sup>22</sup>. Além disso, a descrição e a discussão de aspectos do contexto social, histórico, cultural e político - fartamente encontradas na imprensa - fornecem um quadro riquíssimo para ser estética e literariamente trabalhado, no sentido totalizante apontado por Antonio Cândido <sup>23</sup>.

Ora, nesse sentido, o próprio conceito de literatura requer discussão. Não é possível considerar a literatura uma área de criação "pura", de limites rigorosamente fixados, independente da realidade histórico-social. Muito menos elaborar e obedecer a um compêndio de padrões e parâmetros atemporais e universais para distinguir, na produção escrita, elementos "literários" de "não-literários".

Terry Eagleton é taxativo: as concepções do que vem a ser ou não literário são e serão sempre variáveis, oscilando de acordo com as relações ideológicas de cada período histórico. Portanto, não haverá

---

<sup>22</sup> - Benjamin afirmava, em 1934, estarmos "no centro de um grande processo de fusão de formas literárias, no qual muitas oposições naturais poderiam perder sua força". Para ilustrar a esterilidade dessas oposições e a possibilidade de sua superação dialética, o Autor dá o exemplo do jornal. E cita "um autor de esquerda":

"Assim há uma disjunção desordenada entre a ciência e as belas letras, entre a crítica e a produção, entre a cultura e a política. O jornal é o cenário dessa confusão literária. Seu conteúdo é a matéria, alheia a qualquer forma de organização que não seja a que lhe é imposta pela impaciência do leitor". BENJAMIN, W. *Da Crítica*, p. 124. Acredito que muito do pensamento de Benjamin possa ser aplicado à época analisada.

<sup>23</sup> - Para além das tarefas de "dissecação e decomposição" do texto escolhido em busca dos seus elementos estéticos, esse tipo de análise deve considerar o contexto na relação constitutiva que ele estabelece com o texto. Deve estudar os elementos externos como parte integrante da obra e não como mero cenário. CÂNDIDO, A. "Crítica e Sociologia". In: *Literatura e Sociedade*. 7. ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1985.

mancira de elaborar critérios absolutos e irrefutáveis de análise, capazes de hierarquizar obras produzidas em épocas diversas, sob condições específicas, como se não houvesse nenhuma dimensão histórica a separá-las e a diferenciá-las <sup>24</sup>.

Tomando estes autores, é possível simultaneamente relativizar e ampliar o conceito de literatura. Ora, quando se considera toda produção escrita potencialmente relevante, como faz Eagleton, as tradicionais fronteiras existentes entre "grandes" e "pequenas" obras de certo modo desmoronam e os fatores históricos e ideológicos vêm a sua importância aumentada. Eagleton, ao ampliar e "pulverizar" o conceito de literatura, acaba por equalizar temas e obras e questionar esta divisão entre "grandes" e "menores".

Nesse sentido, depreende-se que as obras poderão ser analisadas como registros de época nos quais não se deverá procurar apenas por elementos estéticos, mas pela própria vida social, política, econômica esteticamente representada. Cabe salientar, porém, que a idéia de "registro" não carrega uma conotação estática. Pensar as obras como registro de época não significa julgá-las meras comprovações, no plano literário, de situações detectáveis nos planos político, econômico, social... Uma obra literária não pode ser considerada mero reflexo das condições sociais em que foi engendrada. Deve conter essas condições, já que é produzida a partir delas <sup>25</sup>.

---

<sup>24</sup> - EAGLETON, Terry. Teoria da Literatura: uma Introdução. São Paulo, Martins Fontes, s/d. (Edição original: Londres, 1983.)

<sup>25</sup> - Hans Jauss procura analisar as relações entre literatura e sociedade, sem ver a primeira como reflexo da segunda. Para Jauss, a literatura exerce uma função formadora: ela pré-forma a compreensão de mundo do leitor e repercute

Acredito ser possível justificar a análise de revistas, uma vez que elas registram esteticamente sua época; uma vez que elas espelham e materializam essa turbulência característica do conflito literário versus não-literário. Mas por que, no âmbito das revistas, estudar crônicas, este gênero curiosamente parecido com o período que me seduziu - "um tanto difuso, um tanto informe" - e de características aparentemente híbridas - meio jornalísticas, meio literárias? Para tentar responder a essa questão, saí à procura de autores.

### 3. A crônica em revista

"de notícias & não-notícias faz-se a crônica"

Drummond

Há um importante elemento a caracterizar a crônica: a incorporação em sua própria construção daquilo que eu definiria como a "transitoriedade do jornal". Dado não ter sido concebida para permanecer (a exemplo do que ocorre com jornais e revistas, seus veículos por excelência), a ligação que estabelece com os acontecimentos que comenta será, com frequência, uma relação firmada ao calor da hora, sem a ponderação crítica possibilitada pelo distanciamento temporal. A crônica, definida por Antônio Cândido como

---

em seu comportamento social. Apud ZILBERMAN, R. Estética da Recepção e História da Literatura. São Paulo, Ática, 1989, p. 38.

"filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa", estará pronta para ser sorvida, compartilhada ou criticada pelo leitor, mas simultaneamente preparada para o descarte, na lata de lixo ou nas funções prosaicas que jornais e revistas desempenham, muitas vezes já no dia seguinte ao da publicação <sup>26</sup>.

Minha primeira incursão na bibliografia especificamente relacionada à crônica trouxe-me a constatação (não muito estimulante...) de que ela, ao contrário do conto e em especial do romance, nunca foi alvo de muitas reflexões teóricas aprofundadas. A bibliografia específica, não propriamente extensa, constitui-se de ensaios e de tópicos inseridos em obras teóricas de maior abrangência <sup>27</sup>. Segundo pude apurar, a maior parte do material consultado possui uma conotação, no meu entender, claramente contemporânea (anacrônica, portanto, em relação ao período que deliberei estudar). E além disso, de acordo com os rastreamentos bibliográficos que realizei, nacional (quase a totalidade das obras consultadas tem procedência brasileira). Alguns críticos chegam, inclusive, a encarar a crônica como um gênero em certo sentido brasileiro. Para Antonio Cândido, por exemplo,

"(...) até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu." <sup>28</sup>

---

<sup>26</sup> - "(...) embrulhar um par de sapatos ou ferrar o chão da cozinha". CÂNDIDO, A. "A vida ao rés-do-chão". In: ANDRADE, C. Drummond et alii. Para Gostar de Ler, crônicas. São Paulo, Ática, 1979-80, p. 6.

<sup>27</sup> - De indispensável auxílio foi a consulta ao v. 46 do Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade, de jan./dez. de 1985. Este volume - totalmente dedicado ao estudo da crônica - traz, além de vários ensaios, um excelente estudo bibliográfico, de extremo interesse para os pesquisadores do tema.

<sup>28</sup> - CÂNDIDO, A. "A vida ao Rés-do-chão". In: Op. Cit., p. 6.

Os ensaios pesquisados baseiam-se, em grande parte, na análise de crônicas escritas por autores pós-1930 e trabalham com uma definição desse gênero concebida de acordo com as características culturais e literárias presentes <sup>20</sup>.

No entanto, é preciso ter cuidado para não ignorar as adaptações de que, a meu ver, o estudo e a crítica literária necessitam, quando transpostos para épocas mais distantes. Trabalhar com revistas que circularam entre os anos 10 e 20, quando o Brasil e o mundo eram diferentes do que são hoje, quando tanto a imprensa como a indústria editorial funcionavam de uma maneira muito diversa da presente, fez com que eu me perguntasse se a concepção mais recente de crônica seria realmente adequada para direcionar minha linha de análise.

---

No entanto, ser identificada como um gênero brasileiro não representaria para a crônica necessariamente um elogio. A opinião de Temístocles Linhares é significativa nesse sentido. Segundo ele, a crônica é "um gênero eminentemente brasileiro" porque a sua "efemeridade" "condiz bem com a nossa psicologia, com o nosso espírito crítico superficial, com o nosso lirismo também superficial (...). A crônica é, realmente, um espelho de nossas debilidades, pondo à mostra esse princípio de decomposição e de declínio de nosso espírito que é não ir nunca ao fundo das coisas(...)". LINHARES, T. "Situação da Crônica". O Estado de São Paulo. São Paulo, 16 fev. 1963. Suplemento Literário.

<sup>20</sup> - Sobre a crônica, ver: SÁ, J. A Crônica. 2.a ed. São Paulo, Ática, 1985; DANTAS, N. "As crônicas que ficam". In: O Estado de São Paulo, 29 out. 1972. Suplemento Literário; MOISÉS, M. "Da Crônica". In: O Estado de São Paulo, 21 fev. 1977. Suplemento Cultural; MARTINS, L. "Sobre a Crônica". In: O Estado de São Paulo, 11 jun. 1978. Suplemento Cultural.

Na verdade, a crônica é um gênero literário de definição muito tênue. Pode prová-lo a classificação elaborada por Afrânio Coutinho. O Autor distingue cinco tipos específicos de crônica: a crônica metafísica, feita de reflexões filosóficas sobre o mundo e sobre os homens; a crônica poema-em-prosa, de conteúdo lírico, extravasando a alma do cronista; a crônica comentário dos acontecimentos, que trata, à maneira de um "bazar", de vários assuntos; a crônica informação, que assemelha-se à anterior, porém é menos pessoal no tratamento dos fatos e no seu comentário, e a crônica narrativa, que aproxima-se do relato ficcional, mais especificamente do conto. COUTINHO, Afrânio. "Ensaio e Crônica". A Literatura no Brasil, Dir. Afrânio Coutinho, v. 6, 2.a ed. RJ, Ed. Sul América, 1971, p. 105-128.

As diferenças que separam cada tipo são, em alguns casos, muito vagas (seria possível dizer com segurança o que distinguiria uma crônica comentário de uma crônica informação?). Por outro lado, é curioso notar como esse tipo de classificação acaba resultando em uma verdadeira "miscigenação", um tanto esquemática, entre as esferas jornalística e literária.

Plena de subjetivismo e de reflexão despretenciosa, pausa para o nosso espírito fatigado de notícias supostamente impessoais e objetivas, a crônica, hoje, é definida por autores como Antonio Cândido e Davi Arrigucci Jr. como uma forma de tratar literariamente os eventos cotidianos, driblando o seu caráter efêmero <sup>20</sup>.

O efêmero, o cotidiano, coisas miúdas... seriam estes os temas-chave também das crônicas dos anos 1910? Percorrendo as três revistas escolhidas, pude detectar uma série de características que distinguem os seus textos daqueles que, hoje, definiríamos como crônicas. Temas leves como as festas de natal, o carnaval, uma reminiscência amorosa, o excessivo calor do verão eram frequentes nas crônicas d' A Cigarra e d' O Pirralho. Todavia, eram-no ao lado de comentários sobre questões conjunturais graves como a guerra européia e a política interna brasileira. Não havia uma hierarquia temática rígida (qualquer tema era tema de crônica) e os assuntos eram abordados de maneira parecida (mesmo tipo de vocabulário e discurso, conforme a já mencionada padronização estilística). Na verdade, a crônica deste período via-se quase que acuada pelos fatos, pressionada pelo jornalismo que se impunha <sup>21</sup>.

---

<sup>20</sup> - CÂNDIDO, A. Op. cit., 1979-80, e ARRIGUCCI Jr., Davi. "Fragmentos sobre a Crônica". In: Enigma e Comentário: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo, Comp. das Letras, 1987.

<sup>21</sup> - Broca distingue, entre as inovações sofridas pela imprensa no começo do século, "a decadência do folhetim, que evoluiu para a crônica de uma coluna focalizando apenas um assunto, e daí para a reportagem (...)". Op. cit., p. 219. É curioso observar que, segundo Broca, à medida em que os jornais tornavam-se mais informativos e menos doutrinários, a crônica (que já vencera o folhetim) ia perdendo espaço para a reportagem.

Infelizmente, Broca não estabelece critérios objetivos que distingam crônica de reportagem. Limita-se a diferenciá-las, relacionando a crônica ao âmbito da "doutrinação" e a reportagem ao da informação.

Assim sendo, não creio ser possível definir a crônica dos anos 1910 de acordo com o caráter meio lúdico, meio sentimental tipicamente associado à crônica contemporânea. O lazer e o embevecimento que, hoje, a maioria dos leitores costuma procurar numa crônica jornalística (que se destaca entre as notícias tão homogêneas em sua "objetividade") não poderia ser utilizado como elemento básico na definição da crônica daqueles tempos. "O efêmero, o cotidiano, as coisas miúdas..." é claro que eles foram tematizados pelas crônicas selecionadas, mas num contexto específico, em que estes conceitos tinham uma conotação e uma inserção diferenciadas das atuais... Assim, n' O Pirralho e n' A Cigarra, por exemplo, o "sério" e o "ligeiro" misturavam-se sem problema. Ora, esse fato ocorria principalmente porque, ao contrário de revistas como A Vida (direcionadas a um público que desejavam esclarecer e, de certo modo, formar), nenhuma das duas paulistanas tinha pretensões teóricas (ou propósitos exclusivamente informativos). Ambas procuravam informar, mas o faziam normalmente em harmonia com o binômio "arte-mundanismo" dominante, tão do agrado de seu público leitor... <sup>22</sup>.

Independentemente da questão temática, a crônica jornalística tem, e sempre teve, a diferenciá-la da notícia a presença explícita de um sujeito narrador e comentador, preocupado com a elaboração estilística

---

<sup>22</sup> - é interessante mencionar que, em 1916, começa a circular em São Paulo a Revista do Brasil, a primeira revista brasileira com objetivos teóricos e polemizadores claros. Sem fotos ou ilustrações, "pesada", veiculava longos ensaios sobre sociologia, história, cultura, além de contos e poemas.

É significativo notar, no entanto, que, segundo Hallewell "(...) a revista lutava duramente para sobreviver. Apesar de manter um alto padrão e de ter adquirido reputação excepcional, não era um êxito comercial..." (Op. cit., p. 245.) Sua circulação manteve-se fraca até, pelo menos, 1918, quando Monteiro Lobato a comprou. Mais uma vez é preciso reconhecer que a receita do momento ("alguma literatura ao lado de muito mundanismo") suplantava qualquer alternativa que surgisse. Sobre a Revista do Brasil, consultar MARTINS, W. História da Inteligência Brasileira, v. 6. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

do texto. Partindo dessa definição básica, não seria difícil selecionar crônicas entre os textos das três revistas que pesquisei (meu objetivo inicial). Porém, ao tomar consciência da riqueza do material com que lidava, decidi por uma mudança de leme, ampliando o meu universo de pesquisa. Muitos textos com os quais fui-me confrontando no decorrer do trabalho mostraram-se instigantes demais para serem postos de lado, ainda que não se adequassem com precisão numa definição de crônica. Por outro lado, as próprias revistas tinham da crônica um conceito extremamente amplo (A Cigarra e A Vida utilizavam o termo para denominar aquilo que, hoje, chamaríamos de editorial).

Assim, para realizar uma, por assim dizer, "crônica" do período (e das próprias revistas), decidi estender meu olhar para além de suas crônicas.

#### 4. A importância das revistas para o registro do tempo

Antes de encerrar este capítulo e partir para o contato com o material coletado, ainda há algo a dizer sobre o trabalho com revistas. Comparando os jornais de circulação diária e as revistas que consultei<sup>100</sup>, pude notar diferenças muito significativas. A mais evidente delas

---

<sup>100</sup> - Para estabelecer esta comparação consultei, além das três revistas escolhidas, os seguintes jornais paulistanos: Correio Paulistano, (jan. a abril de 1915); O Combate (abril a julho de 1915) e A Gazeta (janeiro a abril de 1915); além de números esparsos de revistas paulistanas e cariocas: A Vida Moderna; Panóplia; A Lua; Echo Phonográfico; Cri-cri; Swart; Kosmos; Renascença etc..

referia-se ao apuro técnico que distinguia as revistas dos jornais. Normalmente editadas em papel couché, as revistas tinham capas coloridas e a grande maioria era forrada de ilustrações art-nouveau. Os jornais, ao contrário, não apresentavam esse rigor formal. Numa época de recursos tecnológicos ainda restritos, seria, inclusive, muito difícil compatibilizar este tipo de requinte com a circulação diária. Por outro lado, o fato de a imprensa escrita ser o único meio de comunicação de massas existente talvez indicasse aos jornais diários a estratégia de privilegiar a informação, o que os obrigava a realizar um acompanhamento freqüente e incisivo dos acontecimentos.

Das revistas nunca se pôde exigir tal coisa. Nunca foi seu papel acompanhar os fatos, nem fazer necessariamente a síntese jornalística da semana ou da quinzena <sup>24</sup>. Enquanto os jornais (pelo menos os pesquisados) possuíam várias seções fixas, a serem preenchidas com informações que iam da descrição de crimes ao movimento portuário, ou seja, da possível extravagância ao cotidiano mais banal, as revistas, ainda que também possuíssem as suas seções, podiam escolher com mais elasticidade os assuntos de que tratar <sup>25</sup>. Como não atuavam como pólos de informação, podiam dar maior ou menor destaque aos acontecimentos mais polêmicos. Como tinham circulação espaçada, podiam fazer uma triagem mais meticulosa dos temas a serem tratados.

---

<sup>24</sup> - Aliás, um dos colaboradores d' O Pirralho já observava isso numa de suas crônicas: "As novidades - se é que pode falar em novidades uma revista quinzenal - são apenas duas (...)". POMPEU, Olinto G. "Crônica". O Pirralho, 228, 14 dez. 1916.

<sup>25</sup> - O Pirralho, por exemplo, durante o dois últimos anos do governo Hermes da Fonseca (1913-14) dedicou-se principalmente à crítica sistemática e irreverente da figura e da atuação do Marechal, presidente da república. Por outro lado, a maioria das seções fixas, tanto d' A Cigarra quanto d' O Pirralho, tinha por tema traduzir o "mundanismo" da época, falando basicamente de vida social. A Vida, por sua vez, fazia uma espécie de resumo mensal dos acontecimentos e dedicava a maior parte de seu espaço à discussão teórica de temas caros ao anarquismo.

Todos estes fatores propiciavam às revistas transitar com mais descompromisso entre as notícias, e lhes davam um espaço maior não só para o tratamento de outros temas, além de informações, como para o exercício da experimentação no próprio tratamento dos assuntos <sup>24</sup>. Não quero dizer com isso que não houvesse, no âmbito dos jornais, lugar para soluções próximas de um registro ficcional. Ao contrário. Como um bom exemplo, recordo-me da seção de polícia do jornal A Gazeta, na qual pude notar a presença de elementos narrativos muito elaborados. Nela, os crimes eram tratados com uma riqueza de detalhes e um cuidado quase teatrais.

Na verdade, o que chamou minha atenção foi ver como as revistas pesquisadas, principalmente as paulistanas, pareciam ilustrar melhor, na sua própria estruturação, o clima **belle époque** em que estavam mergulhadas. O cuidado que cercava a sua edição, o uso de cores, fotografias e ilustrações, o largo espaço dedicado a textos como poemas e pequenas histórias, sem a necessidade de "correr atrás dos fatos" que sempre caracterizou os jornais, além de lhes abrir outras alternativas temáticas, faziam-nas registrar, de um ângulo privilegiado, uma época em vias de se extinguir.

---

<sup>24</sup> - Como veremos, essas experimentações ocorriam nas três revistas: N' O Pirralho com maior frequência, n' A Cigarra, algumas vezes e até mesmo n' A Vida (apesar de suas preocupações basicamente teóricas e informativas).

## Capítulo 2

### A década das revistas no século de São Paulo

"O século XX é o século de São Paulo"

Tristão de Ataíde

Falar sobre os motivos que me levaram a pesquisar exatamente as revistas O Pirralho, A Cigarra e A Vida parece ser um bom começo para este novo capítulo.

Afinal, por que pesquisar especificamente estas três revistas, se o período escolhido e a própria cidade de São Paulo possuíram uma série delas? Por que analisar textos publicados por duas revistas paulistanas de variedades e por um periódico de cunho político-doutrinário, editado no Rio de Janeiro? Como justificar minha escolha e quais as associações e considerações possíveis de serem feitas a partir da análise desse material, aparentemente dispar?

No que se refere a O Pirralho, não creio que seja difícil encontrar justificativas para a realização de uma análise mais

detalhada de seu conteúdo. O fato de a revista ter sido lançada por Oswald de Andrade que, poucos anos mais tarde, seria um dos principais deflagradores do movimento modernista, despertaria a curiosidade de qualquer pesquisador interessado em procurar possíveis origens deste movimento nas primeiras obras do escritor. Além disso, um crítico conceituado como Brito Broca já havia visto n' O Pirralho nada menos que

"a revista mais típica e importante do "1900" paulistano, (...) também a mais representativa do nosso pré-modernismo" <sup>4</sup> ,

configurando um outro motivo mais que suficiente para justificar o estudo da revista.

Nesse contexto, estabelecer uma comparação entre O Pirralho e uma outra revista de variedades, como, por exemplo, A Cigarra, que circulara no mesmo período e destinara-se ao mesmo público de elite que ele, seria um procedimento justificável, dada a necessidade de encontrar elementos que confirmassem a afirmativa tão enfática de Brito Broca. Em quê, afinal, as duas revistas contemporâneas divergiriam para que O Pirralho se firmasse como mais "moderna"? E em quê elas seriam parecidas, espelhando a época de transição cultural em que circularam?

Contudo, há outras justificativas para a presença d' A Cigarra em meu trabalho. O fato de A Cigarra ser uma revista pouco conhecida e pouco analisada fez com que eu me interessasse em conhecê-la. Uma revista de elite que, já nos primeiros exemplares, apresentava-se como

<sup>4</sup> - BROCA, B.. Op. cit. p. 239.

conservadora e extremamente superficial poderia reservar surpresas a uma análise mais detida? Apostando que sim, decidi escolhê-la. Se fui contemplada com boas surpresas, é algo que veremos no decorrer do trabalho.

Tanto O Pirralho como A Cigarra veiculavam entretenimento, diversão, alguma literatura e muita crônica social, além de artigos e comentários sobre fatos do cotidiano e da vida política paulistana, brasileira e européia. É claro que as duas revistas apresentavam algumas diferenças, principalmente no que concernia ao "espírito" dominante em cada uma delas. Em oposição ao tom frequentemente humorístico, irônico e paródico de O Pirralho, A Cigarra caracterizava-se por utilizar um tom cerimonioso e formal no tratamento de praticamente tudo aquilo que divulgava. O seu senso de humor não possuía, absolutamente, a acidez da revista concorrente. As suas ilustrações não carregavam o acento crítico que as de O Pirralho costumavam esbanjar. A Cigarra, ao contrário de O Pirralho, não cultivava o costume de criticar ou até mesmo de ridicularizar os políticos, por mais restrições que lhes pudesse ter. O seu humor limitava-se à publicação de pequenas "piadas de salão", espalhadas pelo corpo da revista para separar suas colunas.

Por outro lado, havia temas que recebiam das duas publicações um tratamento relativamente parecido. O ufanismo e o militarismo de A Cigarra ultrapassavam em muito os de O Pirralho, mas este também se preocupava em demonstrá-los. Numa época em que, como veremos, havia uma

reverência muito grande - e disseminada entre a população - a temas nacionalistas e militaristas, nem O Pirralho nem A Cigarra tomaram qualquer posição crítica frente a eles. Ao contrário, assumiram-nos plenamente.

Nesse contexto, o estudo da revista A Vida justifica-se exatamente por servir como contraponto ao das duas revistas paulistanas. Num momento em que a Europa se esfacelava em meio à Primeira Guerra e, no Brasil, a palavra de ordem - divulgada por praticamente toda a imprensa burguesa - era estimular a defesa nacional, A Vida, em harmonia com os preceitos universalistas do anarquismo, falava não só contra a guerra, como contra toda e qualquer idéia de pátria. Concebida como um veículo de esclarecimento e debate, A Vida distinguia-se das duas revistas paulistanas, menos "sérias". E, enquanto O Pirralho e A Cigarra destinavam-se ao consumo das elites, A Vida era escrita vocacionalmente para trabalhadores.

O fato de ter sido editada no Rio de Janeiro não comprometerá a sua comparação com as revistas paulistanas. Afinal, A Vida não era uma revista "carioca" nem se destinava à discussão de problemas relacionados ao Rio de Janeiro. Seus objetivos eram outros, muito mais amplos, entre os quais:

"relacionar os camaradas dispersos nesta imensa região (...) com o intuito de manter sempre unida toda a nossa família libertária" e "incitar a estudar e a produzir os que pelas questões sociais e filosóficas, neste país, se interessam" <sup>12</sup>.

<sup>12</sup> - O Grupo Editor de A Vida. "Aos companheiros e grupos anarquistas de língua portuguesa". A Vida, 2, 31 dez. 1914.

Muito embora também houvesse em São Paulo uma imprensa de orientação anarquista, constituída de revistas e jornais importantes como, entre outros, A Plebe, A Lanterna e O Amigo do Povo, decidi estudar a revista A Vida por dois motivos. Em primeiro lugar, por ela ter circulado integralmente no período que circunscrevi. Ao contrário das publicações anarquistas que, dadas as condições tradicionalmente precárias em que sobreviviam, costumavam circular de maneira irregular e entrecortada, A Vida, em seus sete meses de existência, saiu "infalivelmente" no último dia de cada mês e, após o sétimo número, não voltou a ser editada (muito embora os seus colaboradores continuassem atuando no jornalismo). Em segundo lugar, porque a edição fac-similar da coleção completa da revista propiciou-me acompanhar o seu percurso e visualizar a sua organicidade, além de facilitar sobremaneira a sua comparação com os periódicos paulistanos \* .

O fato de as revistas destinarem-se a públicos opostos influía não apenas no enfoque dado aos acontecimentos veiculados como na escolha e na formulação de seu corpo de matérias. As divergências entre as revistas paulistanas e A Vida não haveriam de ser nem poucas nem pequenas, principalmente dados o seu projeto ideológico e a sua vinculação de classe.

---

\* - Apesar de outras revistas anarquistas terem surgido muito antes que A Vida (como, por exemplo, a paulistana Aurora. Revista Mensal de Crítica Social e Literária, que circulou por volta de 1905), o seu próprio grupo editor a anunciava, erroneamente, como a primeira revista anarquista publicada no país. Este fato é importante por ilustrar a deficiência da circulação de informações no período. Sobre as publicações anarquistas no Brasil, consultar: SODRÉ, N. Werneck. História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966; HARDMAN, F. F. New Pátria, new Patrão. São Paulo, Brasiliense, 1983.

Acredito que O Pirralho, A Cigarra e A Vida podem ser consideradas revistas representativas, senão paradigmáticas, do período efervescente em que circularam.

O Pirralho, por procurar manter, em termos políticos e estéticos, um comportamento arrojado, o que, na prática, implicava o embate contínuo entre procedimentos estéticos e políticos associados a um passado e a um futuro ainda muito próximos. Adequando-se ao *status quo*, mas ao mesmo tempo procurando apreender e incorporar estética, cultural e ideologicamente as transformações que se davam à sua volta, O Pirralho já antecipava muito do que seria proposto em termos ideológicos, estéticos e culturais pelo movimento modernista.

A Cigarra, por sua vez, porque, dado o seu acento marcadamente conservador, comportava-se na maior parte do tempo como verdadeira "guardiã" dos valores tradicionais (leia-se das elites...) entre os quais, o propalado binômio arte-ornamento, dominante no panorama cultural do período.

Finalmente, A Vida, porque se pretendia um veículo de esclarecimento e discussão dos temas caros ao anarquismo, em oposição frontal à atmosfera simultaneamente superficial e triunfalista então dominante. E, o principal, porque ao se destinar a um público que não as elites, A Vida trazia para a imprensa (que se achava num momento de inquestionável expansão) a possibilidade da divulgação de outros pontos

de vista que não os daquelas, registrando, assim, algumas das divergências e contradições vividas no período.

Traçar o perfil detalhado de cada uma das publicações talvez fosse a forma mais apropriada de dar início à sua comparação. Contudo, antes de fazê-lo, creio ser necessário avançar ainda um pouco mais na elaboração de uma visão, ainda que panorâmica, da ambiência cultural, política e econômica característica do período em que as revistas circularam e, também, do país e da cidade de São Paulo.

#### 1. Um pouco de tempo e de espaço: o país e a cidade nos anos 1910

É interessante notar que o período investigado no presente trabalho vem sendo objeto da atenção de vários historiadores. No que diz respeito especificamente à Europa, pode-se depreender da leitura da obra de Arno Mayer que, desde o final do século passado, apesar das mudanças de cunho econômico e social que se sucediam, a "velha" Europa parecia "mudar para permanecer", preservando em grande parte incólumes as estruturas de poder aristocráticas. Até a Primeira Guerra, a sociedade européia era econômica, política e culturalmente dominada por classes dirigentes aristocráticas e agrárias. Na verdade, por toda a Europa, as elites agrárias e aristocráticas usavam alguns expedientes a fim de acompanhar as transformações econômicas que ocorriam e continuar ocupando uma posição de supremacia perante a burguesia

industrial. Associavam-se a ela em empreendimentos econômicos e, atraindo-a para perto de si, assumiam sobre ela um domínio cultural que se transformava, muitas vezes, em verdadeiro servilismo <sup>4</sup>.

Também para Eric Hobsbawm, o mundo viu o século XIX prolongar-se até meados da primeira década do século XX, mais precisamente até 1914, com a eclosão da guerra. Segundo ele, apenas a partir dessa data é que o século XX começou a adquirir o seu próprio perfil <sup>5</sup>. O ideário do século anterior persistia num momento em que, como diria Gramsci, o "novo" já queria, impacientemente, despertar <sup>6</sup>. A Primeira Guerra impôs ao mundo ocidental transformações de tal monta, que acabou por obrigá-lo, violentamente, a iniciar uma nova etapa de sua história. E este fato não escapava à percepção dos homens da época, como bem o comprovaria uma crônica publicada n' A Cigarra:

"Estamos, positivamente, assistindo à apressada formação de um mundo novo, bem diferente daquele em que vivíamos." <sup>7</sup>

Mas o que se poderia dizer especificamente quanto ao Brasil? É inegável que, entre as décadas finais do século passado e as primeiras

---

<sup>4</sup> - MAYER, Arno. A Força da Tradição. São Paulo, Companhia das Letras, 1987. Sobre esse tema ver, também, excelente artigo de Perry Anderson, polemizando com Marshall Berman sobre o tema "modernidade". ANDERSON, P. "Modernidade e Revolução". In: Novos Estudos CERRAP. São Paulo, n. 14., fev. 1986. p. 2-15.

<sup>5</sup> - "(...) se há datas que obedecem a algo mais que à necessidade de periodização, agosto de 1914 é uma delas: foi considerada o marco do fim do mundo feito por e para a burguesia. Assinala o fim do 'longo século XIX' com o qual os historiadores aprenderam a trabalhar (...)". HOBBSAWM, Eric J. A Era dos Impérios. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1988, p. 19.

<sup>6</sup> - GRAMSCI, A., citado por ANDERSON, P. Op. cit., p. 15.

<sup>7</sup> - UM GRANDE Problema. A Cigarra, 82, 29 dez. 1917.

deste, o país vivia um período turbulento. Na esfera política, sofria um processo de estabilização interna, que se vinha processando (aos "trancos") desde antes da proclamação da república, mas principalmente depois dela<sup>4</sup>. No plano econômico, o país vinha passando por surtos de crescimento significativos. O estado de São Paulo e sua capital aumentavam de importância, principalmente devido à expansão da cultura do café e da indústria de bens de consumo<sup>5</sup>. Finalmente, no âmbito ideológico, há que se ter em mente a procura que se intensificava, por parte das elites econômico-político-culturais brasileiras, de um "projeto" político-cultural para o país, que o apresentasse e o situasse no mundo. Na verdade, não é possível afirmar que este "projeto" existisse como algo definido e estruturado, mas sim como um movimento informe e um tanto oscilante disseminado entre as elites (materializando uma espécie de desejo coletivo entre elas). Como veremos, este "projeto" tinha uma interessante conformação porque

---

<sup>4</sup> - Os primeiros anos da chamada República Velha assistiram a várias crises políticas, no âmbito da própria presidência e do congresso. Os primeiros presidentes tiveram que se ocupar em debelar vários movimentos revoltosos pelo país e não vacilaram em recorrer ao estado de sítio. No Governo Prudente de Moraes (1893/98), por exemplo, além da Revolta da Armada (Rio de Janeiro) e da Revolta Federalista (RS), deu-se a tragédia de Canudos. Rodrigues Alves (1902/06) teve que enfrentar a Revolta da Vacina e Hermes da Fonseca (1910/14) o triste episódio da Revolta da Chibata, além das trágicas "salvações nacionais" que comandou e, principalmente, da guerra social do Contestado.

<sup>5</sup> - O complexo cafeeiro paulista, principalmente após a estagnação da região produtora do vale do Paraíba, desenvolvia-se com excessiva rapidez. A expansão da área de cultivo e o conseqüente crescimento do volume de produção resultaram no que os economistas chamariam de círculo virtuoso. Por um lado, o acúmulo de trabalho demandava uma quantidade de mão-de-obra maior que a disponível na região. Assim, o próprio governo resolveu estimular e facilitar a vinda de imigrantes europeus (procedimento que se tornou ainda mais freqüente após a abolição da escravatura e da instauração da república). Por outro lado, a expansão do complexo não era tão célere a ponto de absorver todos os investimentos que os lucros oriundos da exportação do café poderiam representar. Por vezes havia excesso de recursos. Assim, aos produtores de café a alternativa de investir em ramos variados da indústria significaria um duplo ganho: ampliavam-se as áreas sob o domínio de seu capital e supria-se - lucrativamente! - um mercado consumidor em franca expansão. Sobre o tema, consultar: SINGER, P. Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1969. p. 19-80. CAND, W. Raízes da Concentração Industrial em São Paulo. 2.ª ed. São Paulo, T. A. Queiroz, Editor, 1983. MORSE, R. Formação Histórica de São Paulo. São Paulo, DIFEL, 1970. SILVA, S. Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil. São Paulo, Alfa Omega, 1974.

tingia-se de nacionalista e simultaneamente almejava equiparar o Brasil aos países europeus.

A reformulação urbana e arquitetônica realizada no Rio de Janeiro, por exemplo, tinha claros objetivos de aproximar o Brasil dos países desenvolvidos. O governo brasileiro desejava assegurar o seu assento ao lado deles e, para isso, montava o seu cartão postal. "O Rio civiliza-se!" (expressão cunhada pelo cronista Figueiredo de Pimentel em sua coluna "Binóculo", do jornal carioca A Gazeta de Notícias) e outras do mesmo teor passaram a ser usadas na imprensa brasileira sempre que se noticiava qualquer novidade ou mudança em termos de costumes, arquitetura, moda etc.

A título de exemplo, vale recuperar uma "Crônica" d' A Cigarra, em que a revista comentava a expansão da arte em São Paulo, com alegria e uma profusão de imagens, sob inequívoca inspiração simbolista:

"Sucedem-se as audições (...) pianos sonorizam as emoções das almas delicadas; os violinos suspiram as melodias perturbadoras do sentimento; a voz quente dos poetas derrama sobre nós ondas de harmonia e de delicada graça. Civilizamo-nos; a materialidade chata das existências penetra-se lentamente de espiritualismo e começa a entrever horizontes longínquos e insuspeitados para além das realidades desconsoladoras do au jour le jour." 1\*

Quando o século XX começa, surpreende o Brasil em "fase de adaptação", pois não havia muito tempo que o regime político fora modificado. A avaliação dos resultados dessa mudança costuma causar polêmica entre os estudiosos do período. Ainda que, para alguns, ela

---

1\* - CRÔNICA. A Cigarra, 30, 10 dez. 1915.

tenha efetivamente gerado transformações na vida do país, para muitos, nada mais foi que o resultado de um processo abrupto, levado a cabo por parte das elites político-econômica e militar, cuja maior consequência acabou sendo a concentração do poder decisório nas mãos, principalmente, da oligarquia agrária mineiro-paulista <sup>11</sup>. Assim, passara-se do império a uma república oligárquica, em que a grande maioria da população continuava impossibilitada de ter uma participação política efetiva <sup>12</sup>. Por outro lado, costuma-se questionar se a alteração de regime trouxe consigo modificações efetivamente relevantes no plano econômico, dado que o desenvolvimento industrial do país iniciara-se muito antes, ainda no império, sustentado principalmente (é preciso que se repita!) pelo capital proveniente da cultura do café, e pelo capital financeiro internacional (basicamente inglês), o qual já controlava, entre outros setores, grande parte da comercialização, do transporte e da exportação do próprio café <sup>13</sup>.

Mas vejamos como se encontravam o país e o estado de São Paulo no período que delimitei para pesquisar. O Brasil, que já vinha substituindo a importação de muitos bens de consumo europeus por

---

<sup>11</sup> - Consultar sobre o tema: COSTA, E. Viotti da. Da monarquia à República: Momentos Decisivos. 2.a ed. São Paulo, Livraria Ed. Ciências Humanas, 1979. CARVALHO, J. M. Os Restituzados: O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo, 1987.

<sup>12</sup> - Muito ilustrativo sobre essa questão é o relato de Jacob Penteadado sobre a situação política do país em 1900: "Votar era um privilégio a poucos concedido. O recenseamento, em nossa terra, após citar o número de habitantes, mencionava, ao fim, a quantidade de eleitores, geralmente irrisória. Os "representantes do povo" iam para as Câmaras apenas para defender o café, ponto nevrálgico dos fazendeiros, ou fazer política. Nada mais. O povo que se lixasse." PENTEADADO, Jacob. Belenzinho, 1910 (Retrato de uma época). São Paulo, Martins Ed., 1962, p. 140.

<sup>13</sup> - Ver, a respeito, HARDMAN, F. e LEONARDI, V. História da Indústria e do Trabalho no Brasil (da origem aos anos vinte). São Paulo, Global, 1982.

similares nacionais, desde a última década do século XIX <sup>14</sup>, assistiu, a partir de 1914, a um aumento do nível de atividade econômica, decorrente, em grande parte, da possibilidade de exportar alguns produtos (principalmente alimentícios e de vestuário) à Europa em guerra <sup>15</sup>. A concentração de fábricas dava-se no estado de São Paulo, estimulando a concentração regional da renda e da riqueza; tinha, ademais, como pressuposto e consequência, a concentração crescente da mão-de-obra. Nesse período, surgiram várias cidades fabris pelo interior. No entanto, o crescimento industrial dava-se principalmente na capital do estado, que passava por um surto de enriquecimento muito grande <sup>16</sup>.

A cidade de São Paulo reunia uma série de elementos que estimulariam o seu desenvolvimento econômico e também urbano. Em primeiro lugar, era a sede administrativa, primeiramente da província, depois, do estado. Por essa razão, reunia uma série de órgãos governamentais e, desde o final do império, os estabelecimentos

---

<sup>14</sup> - SINGER, P. Op. cit., p. 42.

<sup>15</sup> - É interessante observar que, apesar de ampliar a produção industrial, a maior parte dos investimentos nacionais se fazia nas áreas de produção de bens de consumo. Conforme o censo industrial de 1919, enquanto 30,7% do valor bruto da produção nacional provinham das indústrias alimentícias, apenas 4,7% e 2,0% provinham, respectivamente, da metalurgia e das indústrias químicas (Apud HARDMAN, F. e LEONARDI, V. Op. cit., p. 57). Esse dado iria definir a inserção do país no mundo capitalista, reforçando a sua dependência aos países exportadores de bens de capital e de tecnologia, como a Inglaterra e os Estados Unidos. Sobre o desenvolvimento industrial brasileiro e, particularmente, paulista, consultar: SUZIGAN, W. Indústria Brasileira, Crises e Desenvolvimento. São Paulo, Brasiliense, 1986; HARDMAN, F. e LEONARDI, V. Op. cit. e CANO, Op. cit.

<sup>16</sup> - De acordo com estimativas de Paul Singer, baseadas em levantamento realizado por Bandeira Jr., a cidade de São Paulo concentrava, em 1900, 8 das 20 tecelagens localizadas no estado (em termos de tamanho, a 1.a, a 2.a e a 5.a); 4 das 7 fábricas de chapéus (entre elas, as três maiores); todas as 5 fábricas de calçados; 9 das 10 fábricas de bebidas; todas as 8 fábricas de roupas; 1 fábrica de vidro. SINGER, P. Op. cit., p. 49.

bancários - provedores dos recursos necessários à manutenção e à expansão da lavoura cafeeira <sup>17</sup> .

Além disso, por localizar-se entre Santos e o interior, a cidade recebia e concentrava os imigrantes que chegavam para trabalhar no campo, até que eles fossem encaminhados para o seu destino. Os grandes fazendeiros transformaram a cidade num verdadeiro mercado de mão-de-obra, pois era ali que iriam contratá-la, principalmente a partir de 1895, com a fundação da Hospedaria dos Imigrantes <sup>18</sup> . Por outro lado, para melhor controlarem seus negócios, os fazendeiros e suas famílias passaram a manter uma casa na cidade, para onde acabavam, muitas vezes, mudando-se. A fixação destas famílias dava-se a par do crescimento de uma classe média que se dividia entre as funções burocráticas, comerciais e intelectuais, cujo preenchimento a cidade requisitava. Além disso, uma grande parte dos imigrantes acabava permanecendo em São Paulo (ou a ela retornava após alguns anos de trabalho nas fazendas) e se empregava na indústria ou no setor informal da economia, como mascates e biscaterios.

Assim transformava-se a atmosfera paulistana. São Paulo crescia em termos de mercado, em termos de importância política e em termos populacionais. O desenvolvimento urbano e a fixação dos imigrantes deu-se paralelamente à ampliação do número de indústrias e à proliferação dos bairros proletários. A mão-de-obra para as indústrias que se iam

---

<sup>17</sup> - SINGER, P. Op. cit., p. 33.

<sup>18</sup> - Conforme Penteado, a hospedaria tinha uma capacidade de 3.000 pessoas. E, na época de sua inauguração, a cidade de São Paulo possuía 65.000 habitantes. PENTEADO, Jacob. Op. cit., p. 44.

instalando, constituída em sua parte mais especializada de imigrantes europeus, fixou-se em grandes bairros como Brás, Belenzinho, Moóca, Barra Funda <sup>1\*</sup>. Era exatamente nestes bairros que também se encontrava a maioria das fábricas e indústrias responsáveis pela produção de grande parte dos bens-de-consumo.

Como é possível imaginar, a paisagem paulistana passava por uma grande transformação. A capital do estado crescia a olhos vistos e ia paulatinamente esquecendo os seus antigos ares provincianos, envolvendo-se numa atmosfera mais cosmopolita (devido à presença intensa e ostensiva de imigrantes) e requintada (devido à ampliação do consumo e do gosto por determinados tipos de bens e atividades...). Esse estado de transformação que tomava a cidade e aguçava o sentimento já tradicionalmente ufanista de seus habitantes iria, com certeza, estampar-se nas páginas da imprensa paulistana, sempre disposta a comentar as transformações da metrópole que se ia construindo. Neste contexto, é interessante conhecer trechos de uma crônica de Juliano Rey, colaborador de A Cigarra.

Entre o erguer e o derrubar de prédios e a abertura de ruas e avenidas, São Paulo ia tendo também o seu cotidiano e a sua vida social transformados de maneira veloz. Nesta crônica, o Autor faz uma espécie de tour sentimental pelas ruas da cidade. Nela, mistura imagens atuais e progressas, temperando o relato com as suas próprias reminiscências e nostalgia. Assim, ao descrever a rua de São Bento, o Autor insinuaria a sua decadência, com uma indisfarçável dose de xenofobia:

---

<sup>1\*</sup> - Segundo dados colhidos por Morse, entre 75% e 85% dos operários eram estrangeiros. Op. cit., p. 238.

"O que foi a Rua de São Bento e o que ela é agora! Há vinte anos, ainda sem os fortes contingentes de imigração que fizeram crescer a cidade, esta via pública era uma artéria que tanto tinha de palpação como de encanto. A própria natureza de seu comércio era outra. Hoje, já não é assim. Tudo nela mudou."

Mas, ao comentar o movimento de moças e senhoras paulistanas, antes freqüentadoras da São Bento, agora assíduas na rua Direita, afirmaria:

"Hoje, a rua de maior trânsito é a Rua Direita - rua que as senhoras palmeiam com interesse (...) porque é nela que estão as casas de moda e dos artigos que mais seduzem o seu espírito.(...)"

"O que o cronista sabe é que entre as quatro e seis da tarde, os frottoirs são mostruários que constituem um desmentido à obra de decrepitude humana.

"O que ali passa, enchendo o ambiente de perfumes, é a graça, a beleza, a mocidade, é a expressão da vida vitoriosa." \*\*

Claro está que São Paulo não possuía a exuberância da capital federal, mas já podia competir com ela em termos culturais, econômicos e de influência política. Para se ter uma idéia de como essa competição entre paulistas e cariocas caminhava, leiamos um texto publicado já no segundo número de O Pirralho, cujo objetivo principal era questionar o "índice de civilização" carioca <sup>\*\*\*</sup>. Em forma de carta, o autor comentava:

---

\*\* - JULIANO REY. "A Fisionomia das Ruas". A Cigarra, 26, 14 set. 1915.

\*\*\* - RL. "Pirralho chic do Rio prai". O Pirralho, 2, 19 ago. 1911.

"Caríssimo,

Li no Pirralho de sábado, que São Paulo pouco a pouco vai se fazendo mundana. (...)

Pois bem, consola-te conosco. O Rio ainda não é essa grande cidade que se imagina, civilizada e chic, como a quer um moço chamado Figueiredo de Pimentel, que vive gritando pelas colunas de um diário. "O Rio civiliza-se! O Rio civiliza-se!"

E o autor, venenoso, ilustrava sua afirmação, relatando um concerto realizado no Teatro Municipal do Rio de Janeiro pelo compositor e pianista polonês Paderewsky:

"E a plateia exuberante de jóias e de carnes aplaude-o nervosamente agitando leques e até cartolas.

(...)

Mas no meio de todo esse entusiasmo vibrante e moço, enquanto Paderewsky teso e firme desenvolvia uma técnica raríssima e nos mostrava um novo Chopin (...) encasacado, com um grande brilhante no peito da camisa, o comendador R... contava anedotas ao vizinho. E ria-se...

"O Rio civiliza-se! O Rio civiliza-se!" <sup>1888</sup>

É curioso notar, porém, que se a ironia do autor fornece uma imagem implacável da elite carioca e do seu nível cultural, por outro

---

<sup>1888</sup> - Na verdade, investigando o que se publicava sobre o período, notei que esta competição entre São Paulo e o Rio fazia-se notar com força (ao menos no que respeitava aos paulistas). O cronista Jorge Americano, lembrando o período, aponta uma série de "vantagens" de São Paulo perante o Rio:

"Graças ao paulista Oswaldo Cruz, não havia mais febre amarela no Rio. (...) O Teatro Municipal de São Paulo lembrava o ópera de Paris. (...) São Paulo era a "capital artística do país. (...) O museu do Ipiranga lembrava Versailles. (...) São Paulo tinha 300 mil habitantes, e o Rio 600 mil. Mas dobrava a população de dez em dez anos. Além disso, São Paulo era outra coisa, muito mais progressista que o Rio. (...) São Paulo já dera três presidentes ao Brasil: Prudente de Moraes, Campos Salles e Rodrigues Alves". "Euforia (Entre 1905 e 1910) (Conversações)" AMERICANO, J. São Paulo naquele tempo (1895-1915). São Paulo, Saraiva, 1957. p. 403-409.

lado, não chega a questionar a idéia tão particular de "civilização" apregoada por Pimentel.

## 2. A importância da Primeira Guerra

Creio que se faz necessário discutir o papel desempenhado pela Primeira Guerra Mundial nos rumos do Brasil. A sua deflagração não ocasionou apenas o mencionado incremento nas exportações brasileiras. Talvez mais importante que isso tenha sido o fato de que, também aqui, a guerra ajudou a fazer com que questões de fundo nacionalista entrassem na "ordem do dia". Os países europeus tinham na defesa da soberania nacional <sup>22</sup> um dos argumentos para entrarem e se manterem no conflito. Na medida em que o governo e as elites brasileiras procuravam ter uma participação um pouco mais incisiva na arena internacional, a defesa da soberania tinha a sua importância aumentada.

É interessante observar que a guerra foi um dos fatores que suscitaram a eclosão de um sentimento patriótico extremado no país <sup>23</sup>. Em decorrência do desejo - provavelmente cultivado pelas elites - de

---

<sup>22</sup> - Conceito no qual se poderia ler imperialismo - principalmente nessa época em que o que estava em jogo era a redistribuição, entre os países europeus, de suas áreas de influência e domínio.

<sup>23</sup> - Um outro fator pode ter sido a reação adversa de setores da população, principalmente dos centros urbanos, à presença massiva de imigrantes europeus competindo com brasileiros no mercado de trabalho e mudando os costumes das cidades. É interessante antecipar que O Pirralho chegou a veicular críticas à presença de italianos em São Paulo. A crônica "São Paulo Antigo", assinada pelo "abrasileirado" e nada gratuito pseudônimo "Zé-Silva" descrevia, saudosa, os tempos em que se podia ouvir português pelas ruas da cidade. Significativamente, esta crônica circulou em um número da revista que tinha como tema norteador a comemoração do aniversário de São Paulo. O Pirralho, 75, 25 jan. 1913.

que o Brasil participasse do conflito, surgia um movimento em busca da valorização da pátria, visando, exatamente, colocá-la no seu "lugar de direito", isto é, junto dos países avançados envolvidos na disputa. Por todos os lugares espoucaram pruridos chauvinistas, que acabaram por respaldar campanhas cívicas como a do serviço militar obrigatório, em defesa das quais intelectuais como o poeta Olavo Bilac partiram em "Cruzada" pelo país, com o apoio explícito da imprensa burguesa (O Pirralho e, principalmente, A Cigarra publicaram muitos textos elogiosos sobre o tema). Vozes praticamente isoladas na crítica a esse tipo de campanha, os anarquistas utilizavam os seus instrumentos de divulgação (e, é claro, A Vida era um deles) para justificar a sua posição anti-nacionalista e anti-militarista.

Este movimento de valorização da pátria, ao trabalhar com o ideário tão arrebatador da nacionalidade, procuraria expandir para o conjunto da população brasileira os anseios e projetos de crescimento do país, próprios de suas elites econômicas, culturais e políticas. Evidentemente, com esta "universalização" de valores, as diferenças de classe que estruturavam a sociedade capitalista brasileira permaneceriam escamoteadas, o que muito aproveitava às próprias elites...

Num período como o delimitado, em que o Brasil passava por uma fase de desenvolvimento econômico efetivo, não seria de se espantar o surgimento de um movimento como este. Costuma-se associar aos países de colonização recente uma forte necessidade de superação econômica e cultural. Supõe-se que setores da população destes países, carregando o

duro fardo de se desejarem cultural e economicamente iguais àqueles que os colonizaram e influenciaram, guardariam, exatamente por conta deste desejo, um desconfortável sentimento de inferioridade. Creio que se criou no Brasil (principalmente após a mudança de regime político, no final do século passado) uma situação paradoxal: era importante que o país "crescesse e aparecesse" para o mundo. Porém, de que modo ele poderia fazer-se notar e respeitar, a não ser corporificando os "valores" dos países desenvolvidos? Ou, utilizando o vocabulário corrente no começo do século XX, a não ser "civilizando-se"?

Em 1917, o afundamento de navios mercantes brasileiros pela marinha alemã teve um sentido quase providencial. O governo brasileiro, com o respaldo de várias manifestações populares (amplamente divulgadas pela imprensa), pôde, finalmente, decretar guerra à Alemanha e se aliar aos europeus - a grande aspiração das elites - num ilusório e fugaz pé de igualdade...

### 3. As revistas e seus perfis

Para traçar o perfil de cada revista, decidi proceder, em primeiro lugar, à análise de suas crônicas de abertura e, em segundo lugar, a um rápido estudo de sua linha editorial. Valerá que nos detenhamos alguns instantes na comparação dos textos introdutórios d' A Cigarra e d' O Pirralho. Antes, porém, talvez fosse ilustrativo refletir sobre o

significado e a importância que o nome de cada publicação representaria na construção da imagem por elas veiculada.

O nome de uma publicação tende a funcionar como uma espécie de "cartão de visitas", antecipando ao leitor alguns dos elementos que ele poderá vir a encontrar em sua leitura. O que poderiam despertar no leitor dos anos 1910 nomes como O Pirralho, A Cigarra e A Vida? Evidentemente, não se pode julgar - com os olhos de hoje - nomes que se vinculavam a uma realidade cultural e política muito diferente da contemporânea. Contudo, existem alguns fatores que podem ter serventia nesse "exercício" de leitura <sup>23</sup>.

O Pirralho não pareceria, a princípio, um nome perfeitamente adaptado a uma atmosfera literária "cultivada" como a da época. Apesar de evocar a infância e até poder, no limite, sugerir toda a carga de poesia a ela relacionada, este nome possibilitaria outras interpretações, talvez não especialmente lisongeiras. Ora, a infância costuma ser associada a um estado natural de descompromisso, brincadeira, e de ... irresponsabilidade (inclusive jurídica). Nesse contexto, não se pode negar que o nome e, conseqüentemente, a revista carregavam uma oportuna dubiedade que, ao mesmo tempo em que procurava isentar O Pirralho da responsabilidade de uma imprensa por assim dizer "adulta", dotava-o de relativa mobilidade para transitar, descompromissadamente, pelo mundo da política e, principalmente, pelo mundo escuro da politicagem (que à revista tanto agradava denunciar e

---

<sup>23</sup> - Brito Broca, ao abordar uma passagem humorística de O Pirralho, que hoje soaria, segundo ele, como "vieux jeux", já apontava para essa necessidade de distanciamento crítico na obtenção da eficácia na análise de materiais culturalmente longínquos. BROCA, B. Op. cit., p. 239.

satirizar). Na própria escolha do nome, O Pirralho antecipava aos leitores o caráter brincalhão, aparentemente ingênuo, mas profundamente sarcástico que a revista sempre teria.

Além disso, contribuíam muito no fortalecimento dessa imagem as caricaturas e ilustrações de Voltolino (que merecem atenção à parte) particularmente as do próprio "pirralho". Normalmente, uma figurinha de menino - sorridente, porém matreiro - sempre aparecia na capa da revista e na apresentação das suas diversas seções \*\*

Em oposição a O Pirralho, suponho que A Cigarra, a depender do nome, não padeceria jamais de qualquer inadaptação à atmosfera cultural de sua época. A idéia paradoxal de felicidade profunda, mas irresponsável, associada - até hoje! - à figura da "cigarra" encaixava-se com perfeição no espírito estético do momento em que a revista começava a circular. Pouco se pensava, no Brasil de então, na ruptura entre arte e lazer, entre arte e ornamento. Normalmente, usava-se fazer uma ampla e problemática associação entre estes conceitos, o que acabava por retirar da arte qualquer possibilidade de autonomia e a fazia acompanhar-se do estigma indelével da inutilidade.

Enquanto a cigarra canta, a formiga trabalha - cena que ilustra um conflito arquetípico de nossa cultura, travado entre prazer (também estético) e trabalho. Enquanto a formiga assume um presente monótono, feito de esforço e privação, para garantir um futuro (provavelmente

---

\*\* - Sobre a arte de Voltolino, consultar o excelente trabalho de Ana M. Belluzo. Voltolino e as Raízes do Modernismo. São Paulo, ECA/USP, mimeo., 1979.

insípido), a cigarra contenta-se em viver o presente, inebriando-se com o prazer intenso e fugaz de sua vida contemplativa e sem planos. A oposição entre arte e trabalho, entre fruição e produção, estampada nessa fábula, costuma pintar a sensível cigarra em tintas mais vivas e intensas, associando a ranzinza formiga à ausência de brilho e de cor - algo tipicamente ligado ao trabalho (mera repetição sem gênio).

A direção d'A Cigarra, ao escolher este nome <sup>27</sup>, talvez procurasse angariar para a revista a simpatia tradicionalmente associada à personagem que, oferecendo apenas o prazer de seu canto, destaca-se da comum repetição do trabalho e, se não tece nem fia, vale por sua própria beleza. Uma revista que tivesse como nome A Cigarra - esta despreocupada e simpática personagem - só poderia representar para o leitor dos anos 1910, em acordo com o espírito da época, arte e lazer mais irmanados que nunca. Além disso, indicaria para que público a revista destinava-se: exatamente para os setores da população desvinculados do mundo depreciado da produção cotidiana.

É importante salientar que quando o "mundo do trabalho" era tematizado, A Cigarra recorria a duas formas básicas de abordagem. A primeira delas era referir-se, orgulhosamente, ao trabalho realizado pelos políticos (as grandes obras públicas) e pelos industriais (os grandes empreendimentos) responsáveis, ambos, pelo engrandecimento do país. A segunda era reforçar o caráter depreciativo do trabalho subalterno. A revista chegou a publicar uma "Crônica" destinada

---

<sup>27</sup> - Nome que, por sinal, não era inédito. Conforme Flora Sussekind, Olavo Bilac já tivera a sua A Cigarra, em 1895. SUSSEKIND, F. "O Figurino e a Forja". In: Sobre o Pré-Modernismo. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988, op. cit., p. 31-47.

especialmente às leitoras, em que enumerava diversas tarefas que todas as moças precisariam saber desempenhar quando, eventualmente, faltasse quem as cumprisse <sup>20</sup>. Adotando esta conduta, a editoria da revista já excluía de antemão uma parcela significativa da população de seu público leitor: A Cigarra era escrita para patrões e não para empregados.

Nesse contexto meio lúdico de "pirralhos e cigarras", quando se depara com uma revista intitulada A Vida, o que se poderia esperar a não ser circunspeção profunda e um verdadeiro messianismo? Uma revista intitulada A Vida só poderia pretender para si uma abrangência e um sentido de totalidade que lhe possibilitassem assumir uma postura realista perante os assuntos e os fatos. O nome A Vida trai uma conotação humanística mas, simultaneamente, pretenciosa, já que uma revista com esse nome pareceria ambicionar tratar e ensinar algo do gênero "a vida como ela é". Esse seu objetivo quase tutorial e a sua onipotência explícita vão opô-la às aparentemente despretenciosas revistas de variedades. E instiga a que se procure em suas páginas qual seria, afinal, a vida ali veiculada.

---

<sup>20</sup> - CRÔNICA, A Cigarra, 44, 18 jun. 1916.

#### 4. A crônica de abertura - quando as revistas se explicam

A crônica de apresentação de um periódico tem, tradicionalmente, um fundo programático. Introduz o veículo ao público e simultaneamente lhe diz, de maneira explícita ou por meio de "pistas", o que esperar de sua leitura. Das três revistas pesquisadas, tanto O Pirralho como A Cigarra tiveram as suas crônicas de abertura publicadas na primeira página de seu número inaugural, construídas, porém, em moldes bastante diversos. A Vida não seguiu este esquema de apresentação e, já no primeiro número, sob o nome de "Crônica Subversiva - As idéias e os fatos" <sup>20</sup>, entrou a discorrer, em acordo com o sub-título, sobre fatos e idéias, sem ter a preocupação de se apresentar triunfalmente aos leitores.

O Pirralho surge alguns anos antes das demais e se apresenta de modo inusitado. A sua primeira página traz duas explicações: como nasceu e qual será a sua política. Aqui uma grande surpresa: O Pirralho nasce primeiramente como gente. Tudo é explicado na crônica "Como foi" <sup>21</sup>. Criança precoce, ele, tão logo vem ao mundo, já se mostra "um crila incorrigível, caçador e risonho" <sup>22</sup>. Vai pedir para ser batizado por Mimi Aguglia e Mascagni, de passagem por São Paulo, já que "não sou

<sup>20</sup> - CRÔNICA Subversiva. A Vida, 1, 30 nov. 1914. Esta coluna ocupará a primeira página de todos os sete números da revista.

<sup>21</sup> - COMO foi. O Pirralho. São Paulo, 1, 12 nov. 1911.

<sup>22</sup> - Crila: S. M. Bras. menino (cf. FERREIRA, Aurélio B. H. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1975).

nenhum anarquista para nascer e não me batizar" - ele diz. Em "A Política do Pirralho", há mais detalhes de sua vida. "O Pirralho é um crila inteligente e sobretudo moderno." Faz política na escola, mas "dessa coisa pegajosa com que os nossos homens importantes lambuzam as consciências é que o pobrezinho entende pouco". Mesmo assim, tem suas opiniões e, depois de ser "transformado em jornal", tem até o seu candidato para a presidência do estado de São Paulo <sup>22</sup>.

Acredito que as duas crônicas apresentavam aos leitores indicações muito claras de como se conduziria a revista. O caráter caçador e irrequieto d' O Pirralho aparecera já nas histórias do seu nascimento e batismo, contadas com a maior informalidade, misturando elementos narrativos e coloquiais com a descrição de cenas, transcrição de diálogos e utilização de gírias. Confundir e misturar O Pirralho-gente com O Pirralho-revista era um procedimento adotado com freqüência, principalmente quando se tratava de entrevista. Algumas vezes os repórteres d' O Pirralho saíam a campo, mas em outras o próprio Pirralho-gente era o responsável pelas "estripulias" publicadas <sup>23</sup>.

A irreverência seria, sem dúvida, uma das notas permanentes da revista, manifestando-se algumas vezes de forma amistosa, outras agressiva (principalmente nos artigos em que ela - por ser civilista -

---

<sup>22</sup> - "E desde aí foi enorme, invencível o entusiasmo do Pirralho pelo Dr. Carlos Guimarães. Agora, transformado em jornal, importante, opinativa, ele vota no secretário do interior para presidente do Estado e mesmo que outro seja eleito, outro é que ele não reconhece." A POLÍTICA do Pirralho. O Pirralho. São Paulo, 1, 12 nov. 1911.

<sup>23</sup> - Esporadicamente, também A Cigarra costumava virar personagem. Num artigo homenageando o jornalista José Maria Lisboa, o autor afirma: "É modesta a homenagem, mas A Cigarra sabe apenas cantar e por isso ela entoa singelamente a sua pequena cantiga ao ilustre ancião (...)." O DECANO dos Jornalistas. A Cigarra, 38, 16 mar 1916.

criticava o governo do Marechal Hermes da Fonseca, de quem "[linha] birra").

Por outro lado, o caráter "inteligente e moderno" d' O Pirralho, anunciado, sem falsa modéstia, em "A Política do Pirralho" estava bem representado, entre outros momentos, nas diferentes maneiras que a revista escolhia para divulgar os seus escritos e idéias. Moderno - se utilizarmos a expressão a princípio como sinônimo de "novo e diferente" - era o tratamento dado aos "jornais" e "revistas" de uma página, publicados de "carona" pela revista <sup>24</sup>. Era este justamente o caso de

O Rigalegio

Organo Independente do Abax'ô Pigues i do Bó Retiro

PROPRIETÁ DA SOCIETÁ ANONIMA JUÓ BANANERE & CUMPANIA

Redattore e Direttore: JUÓ BANANÉRE.

O jornal vinha acompanhado de uma nota no alto da página, apresentando-o como um

Dronedario Inlustrato,

e indicando o seu conteúdo:

---

<sup>24</sup> - Dado a pesquisa do material não ter seguido uma ordem cronológica rígida, devido à impossibilidade de conseguir uma coleção completa da revista, a menção a colunas ou páginas fixas será feita de acordo com o interesse de seu conteúdo. Infelizmente, não será possível precisar, em relação a todas essas seções, informações concernentes à sua periodicidade e duração.

ANARCHIA, SUCIALISMO, LITERATURA, VERVIA, FUTURISMO, CAVAÇÓ.

A brincadeira feita com a definição do jornal - Dromedario - tinha provavelmente dois sentidos. Além da associação imediata ao termo hebdomadário, na gíria de jornal, dromedário (não por acaso!) tornou-se sinônimo de redator.

Com relação ao conteúdo, creio que se pode considerá-lo um misto de temas próprios do cotidiano da classe a que pertencia o personagem "diretor": um barbeiro - profissional humilde, mas politizado - (ANARCHIA, SUCIALISMO) que se destacava dos pares por tentar ligar-se a movimentos estéticos (LITERATURA, VERVIA), inclusive ao que havia de mais "moderno" (FUTURISMO), com uma boa e explícita manifestação de caráter (CAVAÇÓ) <sup>95</sup> - que costumava permear os textos deste narrador-personagem.

Nenhum dos conceitos utilizados nesse cabeçalho parecia ser gratuito. Tomemos os dois primeiros, anarchia e sucialismo, que possuem uma carga simbólica particularmente grande. Partindo da definição veiculada pela revista A Vida, teremos a anarquia como

---

<sup>95</sup> - Cavação: S. F. Bras. Pop. Negócio ou empresa obtido por proteção. Negócio ilícito; negociata; arranjo. (cf. FERREIRA, Aurélio B. H. Novo Dicionário da Língua Portuguesa.)

"constituição de uma sociedade sem governo (...), cuja direção se faça fora do princípio da autoridade" <sup>36</sup> .

Em seu "Catecismo Anarquista", a revista respaldava a definição, tentando armar-se contra a associação corrente do conceito à idéia de desordem. No "Catecismo", a anarquia era apresentada como "não comando (...) exclusão dos superiores e portanto igualdade, não-autoridade". E mais, como o "único meio de obter a verdadeira ordem", que, até aquele momento, segundo a revista, era "mantida apenas pela compressão". E o "Catecismo" concluía: "Basta que por um dia se suprimam a polícia e o exército para que a desordem atual se manifeste em desmandos de toda espécie" <sup>37</sup> .

N' O Pirralho, ou melhor, n' O Rigalegio, a anarquia fazia-se acompanhar pelo maroto socialismo. Não parece nada ingênuo o trocadilho que se estabelece entre súcia e socialismo. Imagino que a conotação pejorativa do termo depreciava e, mais que isso, deturpava o anarquismo, relacionando-o, exatamente, à idéia dominante de desordem. Talvez viesse mesmo a desqualificar, via caracterização do "jornal" e de seu "redator-chefe", os próprios imigrantes que se estabeleciam na cidade (mas isso será matéria de especulação de outra seção do trabalho).

A localização da redação do "jornal" também merece comentários. O "Abax'ó Pigues" e o Bom Retiro eram regiões conhecidas por sua

---

<sup>36</sup> - A CONFLAGRAÇÃO Européia. A Vida, 1, nov. 1914.

<sup>37</sup> - CATECISMO Anarquista. Introdução. A Vida, 2, dez. 1914.

insalubridade, habitadas por uma maioria de imigrantes italianos de origem humilde, proletários ou biscateiros.

Criativo era, também,

O Birralha

Xornal allemong

RETTATOR-XEFE - WALTER FON PHILISTEN

Observe-se a brincadeira realizada com o próprio nome do redator chefe. FON (como se pronuncia o "von" alemão) PHILISTEN (filisteu: em linguagem figurada, burguês de espírito vulgar e estreito).

O jornal tinha como sub-título:

Zemanarrio te litteraturra, chroniques ardistigues e bolitigues

ILLUSTRASSONGS, CAVASSONGS,

e possuía um conteúdo muito parecido com o d' O Rigalegio.

Creio que, mais que a própria novidade de editar essas colunas fixas como se fossem realmente encartes veiculados no interior d' O

Pirralho, o que deveria surpreender os leitores da revista era a apropriação satírica do "falar" imigrante. Cabe notar que ambos os "jornais" eram elaborados com o apoio, entre outros, de Alexandre Marcondes Machado nos textos, e com a participação fundamental de Voltolino nas caricaturas e charges <sup>20</sup>. É interessante perceber que Juó, fon Philisten, o Professor Peterslein (que o substituiu na direção d' O Pirralho) ultrapassavam em muito a função de pseudônimos. Tinham vida própria, os seus hábitos e manias e as suas opiniões políticas, que Machado e Voltolino, cada um à sua maneira, exprimiam com perfeição. As situações vividas e relatadas pelas personagens ilustravam (com o bom humor e o sarcasmo típicos d' O Pirralho) o processo de adaptação cultural dos europeus à vida do país <sup>21</sup>.

Quanto às "revistas" publicadas n' O Pirralho, não se pode esquecer de

A Fita Moderna

Propriedade de um sindicato de bicheiros

MEMENTO HOMO QUIA PULVIS EST

PELA JUSTIÇA, PELO BEM, PELO DIREITO, PELA MEDICINA,

PELA HIGIENE, PELA ENGENHARIA

---

<sup>20</sup> - Na verdade, segundo Vera Chalmers, Juó Bananére foi uma criação de Voltolino, apropriada por Machado. CHALMERS, V. "A Correspondência do Piques". In: Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade, v. 46, 1985, op. cit., p. 108.

<sup>21</sup> - A familiaridade que Machado obteve com o discurso macarrônico dos imigrantes (cuja autoria credita-se a Oswald, nos primeiros números d' O Pirralho) fez com que o autor acabasse por ser conhecido, hoje, no âmbito da história literária, exatamente pelo nome de sua personagem mais famosa, o "Juó". Porém, é preciso salientar que o seu trabalho, extremamente criativo, ainda está por merecer, por parte da crítica literária, um estudo concentrado e metódico.

- PELOS BONS COSTUMES, PELA MORAL, PELA PÁTRIA -

O título desta "revista", que começara a circular em julho de 1912, tendo como redator chefe a impagável personagem de Eça de Queirós, o Conselheiro Acácio, e que se compunha de **gags**, historietas e comentários satíricos sobre fitas e concertos, satirizava A Vida Moderna, uma das revistas de variedades que circulavam na mesma época em que O Pirralho, possivelmente fazendo-lhe concorrência. O mais interessante é que ela também satirizava O Pirralho. Como veremos, esta revista sempre condenara o jogo do bicho, empreendendo, de maneira quase cíclica, campanhas ferrenhas contra ele. Nesse caso, o cabeçalho d' A Fita Moderna torna-se realmente cômico, principalmente por vir acrescido de palavras de ordem como "bons costumes", "bem", "justiça" e "moral", além do verdadeiro **non-sense** representado no contexto "pela medicina", "pela higiene" e "pela engenharia". Na verdade, esse **non-sense** não era de responsabilidade d' O Pirralho, mas configurava mais um elemento de paródia. Muitas das revistas, seguindo o ecletismo do período, destinavam suas páginas ao tratamento de temas não somente literários como "científicos". Em 1905, por exemplo, começaram a circular no Rio de Janeiro Os Annaes, Semanário de "Literatura, Artes, Ciência e Indústria", cujo único exemplar a que tive acesso não possuía um conteúdo tão abrangente quanto anunciava o cabeçalho.

Se comparássemos O Pirralho e A Cigarra, sentiríamos que a segunda, apesar de vir a público quase três anos após o surgimento do primeiro, já nascera por assim dizer "mais velha e tradicionalista" que

o concorrente, pelo menos quanto à forma de se apresentar. A sua primeira "Crônica" <sup>40</sup> ocupou-se em tecer um contraponto entre as vidas paradigmáticas da cigarra e da formiga, em que desenvolvia e explicitava a linha editorial da revista, no seu próprio nome. A Cigarra afirmava já ter escolhido o seu caminho e vinha alertar o leitor:

"Gastar o verão a preparar-se para o inverno é, afinal de contas, estragar a vida."

A oposição entre as duas personagens da clássica fábula e a opção da revista pela cantora, fartamente detalhadas na primeira crônica da revista, reforçavam o tom da publicação:

"Enganar-se-ia por sua própria culpa quem esperasse desta Cigarra alguma utilidade. Espere que ela seja agradável, e talvez acerte".

A analogia entre o prazer e a inutilidade, sugerida na crônica de abertura, vai introduzir a concepção estética da revista (concepção já embutida, repito, no próprio nome da publicação e que traía um forte decadentismo, à Oscar Wilde):

a alma "tem exigências e imperiosas: são-lhe indispensáveis inutilidades que constituem, afinal, o ornato e o encantamento da existência. A arte é a suprema dessas inutilidades essenciais à vida."

---

<sup>40</sup> - CRÔNICA. A Cigarra, 1, 6 mar. 1914. Esta coluna abrirá todos os 88 números pesquisados, com apenas uma exceção.

"Verão, depois inverno: - o tempo do claro sol e o tempo das abafadiças garoas... Consolemo-nos pensando que, para esta Cigarra, de quinze em quinze dias será verão, e ela cantará outra vez."

A "chave de ouro" que fechava a crônica de abertura d' A Cigarra, especificava com clareza o que os leitores (em especial, as leitoras, que formariam em muitos momentos o público-alvo da revista) poderiam esperar de suas matérias: em duas palavras, lazer e prazer.

De que forma A Cigarra expressaria seus objetivos? Ao contrário d' O Pirralho, que se fundamentava no humor para, de certo modo, legitimar o próprio sarcasmo, ela recorria ao auxílio de um vocabulário precioso e imponente, baseado, porém, em imagens que, suponho, não primassem (mesmo em sua época!) pela criatividade. Já a utilização da figura da cigarra, acrescida de uma crônica de abertura essencialmente metafórica, atrelava a revista a uma tradição literária e cultural ornamental e contemplativa, baseada em sedutores jogos de linguagem. Que tipos de texto a auxiliariam na tarefa de agradar? Que tipos de assunto lhe caberia discutir; dentro dessa proposição inicial de fornecer alegria e diversão?

Como já afirmei, em primeiro lugar, o nome, em segundo, a crônica de abertura (verdadeira carta de intenções de uma publicação periódica), forneceria indicações para o leitor (da época e mesmo do futuro) fazer uma idéia da linha e do estilo adotados por cada revista. No caso d' A Cigarra, prometer o verão a cada quinze dias nada esclarece - é preciso convir - sobre quais os rumos a serem seguidos, quais os assuntos a serem tratados. A primeira suposição seria a de se

poder encontrar n' A Cigarra uma revista supérflua ou "artística" (talvez ambas as coisas, a depender da pecha de "inútil" aplicada à arte nesse primeiro texto), alienada do cotidiano comum.

Se isso iria ou não se confirmar ao longo dos anos e da sucessão de exemplares da revista é algo que trabalharemos adiante, porém, convém antecipar que, a despeito de desejar "fazer verão", A Cigarra iria envolver-se, paulatinamente, com questões muito mais graves que o seu compromisso inicial com a beleza e o prazer.

Por fim, passemos a pensar n' A Vida. Como já disse, ao contrário das duas revistas paulistanas, A Vida não cedeu espaço em seu número inicial e em sua primeira "Crônica Subversiva" para as tradicionais e auto-elogiosas apresentações. O seu compromisso aparentava, já de início, não ser com este tipo de frivolidade "burguesa". Na capa, a revista limitava-se a estampar a denominação "Publicação mensal anarquista", repetida no cabeçalho da primeira página <sup>41</sup>. Curiosamente, deixaria para expor e comentar seus objetivos somente um mês depois de seu lançamento, em "Aos companheiros e grupos anarquistas de língua portuguesa", texto publicado na penúltima página de seu

---

<sup>41</sup> - Talvez seja interessante tecer alguns comentários sobre a capa da revista, reproduzida em seus sete números. Ela se compunha, além do texto, de uma gravura (aparentemente em madeira), cujo primeiro plano parecia estar ocupado pelo alto de uma montanha, onde postava-se um casal de trabalhadores (como indicam os trajés simples usados pelas duas figuras). O homem, abraçado à mulher, tinha o braço esquerdo erguido, o punho cerrado e olhava para o alto, para o horizonte, que surgia amplo e muito acima de uma cidade diminuta que ocupava apenas um canto do desenho. A mulher, ao contrário da expressão simultaneamente ameaçadora e triunfante do homem, apoiava-se em seu ombro e olhava, desconsoladamente, para o chão. Emoldurando a gravura havia flores produzidas no estilo mais marcadamente art-nouveau, utilizado, também, na confecção das letras imensas do título da revista. Não deixa de ser muito singular esta miscigenação entre um desenho de cunho naturalista e engajado e uma arte visual maneirista e estilizada.

segundo número (mais uma peculiaridade a distingui-la das demais)<sup>48</sup>. Nesse texto, A Vida pôde, inclusive, comentar a receptividade alcançada pelo primeiro exemplar:

"Se não teve o acolhimento entusiástico que nós lhe desejávamos, foi, no entanto, A Vida recebida com prazer pelos camaradas e com simpatia pelo público".

Assinado pelo grupo editor da revista, o texto adota, inicialmente, uma postura defensiva. Aos leitores que não gostaram da revista, os autores afirmam possuir mais do que ninguém a preocupação com a sua qualidade:

"desejaríamos muito mais e melhor (...) mas é o que o meio, os elementos de que dispomos e sobretudo a nossa competência nos permitiram apresentar".

Uma revista anarquista não disporia, evidentemente, das mesmas facilidades de publicação que uma revista de variedades, destinada a um público de elite e apoiada num forte esquema publicitário. E é isso que o grupo editor d' A Vida colocaria sem pejo em seu artigo, deixando transparecer, inclusive, uma ponta de orgulho. A Vida firmava-se e se afirmava como uma publicação "de idéias e não de comércio" e, por não veicular anúncios, a sua única fonte de recursos acabava sendo a venda (avulsa ou por assinatura). A revista dependia exclusivamente dos leitores para sobreviver e movia-se num esquema semi-artesanal, aberto à participação de todos os que quisessem contribuir para o seu

---

<sup>48</sup> - O Grupo editor d' A Vida. "Aos companheiros e grupos anarquistas de língua portuguesa". A Vida, 2, 31 dez. 1914, p. 16.

sucesso. Por isso, de acordo com os editores, a falta de recursos financeiros - um grave problema - não poderia jamais ser considerada um elemento cerceador para a publicação. Os seus piores adversários eram, nas palavras do próprio grupo, "a nossa inércia, a nossa desesperança, o nosso desalento" - estes, sim, elementos perigosos.

Nesse artigo, A Vida explicitava a que viera, enumerando os seus objetivos, entre os quais se destacava:

"vulgarizar entre todas as "camadas sociais", sem exclusivismo, as doutrinas anarquistas"

E A Vida justificava a sua existência:

"Escritores de talento possui já o anarquismo no Brasil. O que realmente nos faltava era uma revista onde pudessem dizer de sua justiça. E o passado e presente números de A Vida aí estão a confirmar."

Se A Vida cumpriria ou não a sua missão "pedagógica" é uma das questões que tentarei trabalhar no desenrolar do trabalho. Por ora, introduzidas as revistas, analisados os seus nomes e suas crônicas de apresentação, passemos à última etapa do capítulo, comentando alguma coisa sobre a linha editorial escolhida por cada uma delas.

## 5. O Editorial

Um procedimento de praxe adotado até hoje pela imprensa escrita é imprimir em destaque a posição adotada pelo seu grupo editor diante de fatos e assuntos de relevo. O indefectível editorial - em que o veículo expressa as suas opiniões - é um texto particularmente interessante de se analisar. Tendo como preocupação básica tratar de acontecimentos e temas do cotidiano, para comentá-los, baseia-se em um ideário relacionado ao contexto histórico em que o periódico circula. Aliando relato e comentário, o editorial funciona como um importante registro de época.

Ao contrário dos artigos assinados (cujos autores costumam dispor de certo grau de autonomia para expressar posições) e das "notícias" (que não veiculam opiniões de maneira explícita), o editorial serve de intróito para cada novo número da publicação e expõe a sua linha político-ideológica. A cada novo número que vem a público, o editorial ilustra e reforça a tentativa da publicação em trazer o leitor sob sua influência.

Isso posto, refletamos sobre os editoriais das três revistas escolhidas. A Cigarra, após três ou quatro páginas de anúncios variados, apresentava seu editorial, significativamente denominado "Crônica". A Vida, por sua vez, trazia o editorial em sua primeira página. Igualmente intitulado "Crônica", o editorial vinha, porém,

acrescido de um adjetivo em completa sintonia com os propósitos transformadores da revista: denominava-se "Crônica Subversiva".

Quanto à forma de expressão adotada pelo O Pirralho, surge a surpresa: ao contrário das demais revistas, O Pirralho não dispunha de um editorial para expor suas idéias. A revista divulgava suas opiniões de várias maneiras. Muitas vezes, quem se colocava como autor dos textos era o próprio Pirralho. Por outro lado, havia textos escritos em um vago plural magestático ou mesmo na terceira pessoa do singular, indicando que, embora não houvesse a assinatura da revista, o que se veiculava era o seu pensamento. Esta ausência de modelos, típica d' O Pirralho, vinha comprovar uma de suas características básicas: a heterogeneidade. Durante os quase sete anos em que circulou, O Pirralho - ainda que mantivesse um "espírito" próprio e inconfundível - apresentou uma série de modificações na maneira de organizar a sua pauta, de distribuir suas matérias e ilustrações, nos estilos que utilizava e, ao longo do tempo, até mesmo em alguns aspectos de sua conduta política. Uma das razões dessa heterogeneidade parece estar nas muitas modificações ocorridas em seus quadros profissionais e administrativos, nem sempre divulgadas ou esclarecidas <sup>4a</sup>.

<sup>4a</sup> - No desenvolvimento da pesquisa, pude detectar algumas dessas modificações:

O primeiro número d' O Pirralho tinha registrados os nomes de José Oswald N. de Andrade, como "Diretor-Proprietário", de Oswald Júnior, como Secretário e de Renato Lopes, como representante no Rio. Dolor de Brito, apesar de compor a diretoria da revista não tinha seu nome registrado neste cabeçalho, que, por sinal, iria desaparecer já no número 5.

Dos vários poetas que colaboravam na revista, muitos não o faziam só com poemas ou contos. O poeta parnasiano Paulo Setúbal, por exemplo, foi também redator d' O Pirralho até fevereiro de 1912, quando se afastou. (Cf. DANTAS, Macedo. Cornélio Pires: Criação e Risco. São Paulo, Duas Cidades, Secretariada Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.)

Em 1912, deu-se uma modificação bastante problemática na revista. Em fevereiro, Oswald de Andrade partia para sua primeira viagem à Europa, de onde retornaria em setembro. Em suas memórias, Oswald conta que decidira arrendar O Pirralho ao jornalista Benedito de Andrade. Este muito relutou em devolvê-lo ao dono, ameaçando-o com um chicote e ocasionando um dos muitos episódios folclóricos da carreira de Oswald. Conforme Oswald de Andrade. Um homem sem profissão: sob as ordens de namãe. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/INL, 1974.

A Vida não padeceu desse problema, já que sempre esteve ligada ao mesmo grupo editor, responsável por dar-lhe um perfil extremamente definido. Contudo, cabe observar desde logo que algumas das características d' A Vida precisam ser levadas em conta antes que seja firmada qualquer comparação entre ela, O Pirralho e A Cigarra. Um aspecto que a distancia muito das outras duas revistas diz respeito à sua curta duração. O fato de ter existido por tão pouco tempo vai relativizar a sua coerência ideológica e estilística. Na verdade, sete meses não são necessariamente tempo suficiente para uma revista sofrer modificações ideológicas de vulto ou investir em grandes experimentos formais. De qualquer modo, em seus sete números, A Vida desenvolveu uma maneira própria para cumprir o objetivo básico de divulgar as teses anarquistas. Como teremos oportunidade de observar, A Vida tinha uma maneira "racional" mas, por vezes, contraditoriamente apaixonada de tratar dos seus assuntos (nos artigos teóricos, nas "Crônicas Subversivas" e até na coluna didática, não por acaso intitulada

---

Outras alterações tiveram lugar nos anos posteriores e surgiram nas páginas da revista:

N' O Pirralho 122, 20 dez. 1913, o artigo "Louis Nazzi", relatava a notícia da morte desse poeta francês, recebida pelo "nosso amigo Oswald Junior que, com Antonio Define, dirigiu o Pirralho na sua fase passada (...)". A leitura do artigo faz com que se especule sobre qual teria sido essa "fase passada" (e onde andaria o Oswald...).

No cabeçalho d' O Pirralho 149, mai. 1914, o pseudônimo Gavroche constava como redator-chefe e diretor da revista. No n.º 156 esta referência simplesmente desapareceria.

Em 1916, O Pirralho foi outra vez arrendado, agora para o Dr. João Domingues de Oliveira como "diretor redacional" e A. Lima Vieira, responsável pela "superintendência dos negócios mercantis" da revista. O texto anunciava: "os novos diretores deste periódico procurarão corresponder à franca simpatia dos distintos leitores d' O Pirralho, que não mudou de programa, dando-lhes uma revista política, literária e humorística digna do público de São Paulo, bondoso e adiantado." (O Pirralho, 224, 14 out. 1916). Porém, o texto não esclarecia os motivos do arrendamento, nem fazia qualquer menção à carreira e às idéias dos novos arrendatários ou à situação do fundador Oswald de Andrade e dos demais colaboradores.

N' O Pirralho 233, 20 abr. 1917, na primeira página, apareceria a coluna "Expediente": "O Pirralho, na sua nova fase, já se vai robustecendo de conquistas - adquiriu uma secretária e para ocupá-la arranjou um secretário, um diretor artístico, um caricaturista e vários redatores de responsabilidade incontestável. Dessa plêiade de moços paulistas fazem parte Jairo de Góes, Ferrignac, Lamartine Ferreira Mendes, Di e Edmundo Amaral." Sobre Oswald nenhum comentário...

"Catecismo Anarquista"), que se traduzia numa linguagem e num vocabulário bastante elaborados.

No que diz respeito a A Cigarra, é importante notar que também ela não sofreu alterações na mesma frequência em que elas ocorreram n' O Pirralho. Durante todo o período pesquisado, A Cigarra foi administrada pelo próprio dono, fato possivelmente responsável por sua obediência a concepções ideológicas e estilísticas menos oscilantes e, conseqüentemente, pela manutenção de uma linha editorial a salvo de grandes surpresas <sup>44</sup>. O elogio à tradição, ao sucesso econômico das elites e aos valores pátrios marcou a revista desde a sua fundação.

---

<sup>44</sup> - O nome de Gelásio Pimenta, como diretor-proprietário, aparecia no cabeçalho de todos os números da revista. No entanto, é curioso notar que, em todos os 88 exemplares pesquisados, o jornalista tenha assinado apenas um artigo, sobre um jovem intelectual amigo seu, já falecido. "Villalva Jr." A Cigarra, 56, 7 dez. 1916.

### Capítulo 3

#### Dize-me como escreves que eu te direi quem és

Um dos temas cujo tratamento faz-se necessário para a melhor compreensão das revistas escolhidas é o da autoria. Contudo, se tratar de questões relativas à autoria não é uma tarefa simples, é preciso confessar que ela se torna ainda mais complexa quando se relaciona a jornais e revistas. Jornais e revistas nada mais são que grandes mosaicos, resultantes do trabalho de uma equipe de redatores, na grande maioria anônimos. Assim, como detectar autores e analisá-los se, apesar de alguns deles terem, eventualmente, autonomia de opinião, a grande maioria é obrigada a respeitar a linha editorial imposta pelos proprietários ou editores, o que muitas vezes uniformiza inteiramente a publicação?

No que concerne especificamente às revistas com que trabalho, há um outro agravante a considerar. O fato de as revistas serem antigas significa que, mesmo identificando os autores de algumas crônicas, para mim eles continuarão sendo em grande parte indivíduos desconhecidos e perdidos no passado.

Nesse caso, a questão da autoria terá que ser tratada de uma outra maneira. De acordo com os objetivos de meu trabalho, não pretendo realizar análises estilísticas ou comparativas que me permitam dizer, com alguma chance de estar correta, se determinadas crônicas foram escritas ou não por determinado autor. Uma das razões está no fato de que trabalhar com revistas implica assumir a existência do redator anônimo. Outra, talvez mais importante, está em que, numa análise que propõe conhecer e compreender a época escolhida através dos seus próprios registros, a autoria propriamente dita perde muito da importância. Mais que os autores, importa o material que produziram. E será a análise desse material que propiciará o conhecimento das idéias do período, filtradas pela individualidade de seus autores, enquanto homens da época.

Contudo, isso não significa dizer que investigar as revistas à procura dos autores seja uma tarefa inócua. Ao contrário, ao tentar descobri-los, pude chegar a um conhecimento maior das regras de funcionamento seguidas por cada uma das três publicações, o que me valeu conhecer um pouco mais também sobre os anos 1910.

## 1. Os colaboradores, esses ilustres desconhecidos

As revistas atuais têm como praxe publicar os dados referentes ao seu corpo de colaboradores na seção de expediente. No entanto, das revistas pesquisadas, nenhuma costumava publicá-los, muito menos de maneira sistemática. Nem O Pirralho nem A Cigarra possuíam uma coluna fixa de expediente.

O Pirralho só recorria a esta coluna circunstancialmente. Foi o que aconteceu, por exemplo, no número comemorativo dos seus quatro anos, quando passou a ser quinzenal. No "Expediente", uma justificativa apropriadíssima ao espírito da revista:

"Com mais tempo e mais assuntos, O Pirralho será uma revista aproximadamente perfeita." <sup>4</sup>

A Vida, por sua vez, publicou uma coluna denominada "Expediente" em todos os seus sete números, cujo objetivo não era registrar o seu corpo de colaboradores, mas sim comunicar-se com os leitores, franqueando-lhes, inclusive, as próprias colunas da revista.

É interessante comentar o papel desempenhado pelas redações dos jornais e revistas na vida cultural da época. Os editores procuravam promover eventos culturais e até mesmo ocupar o espaço físico da redação com eles. Algumas vezes, procuravam fazer da redação um ponto

---

<sup>4</sup> - EXPEDIENTE. O Pirralho, 201, 4 set. 1915.

de encontro entre os leitores. Era o que pretendia A Vida. Sua coluna "Expediente", dividida em sub-títulos como "Venda de livros", "Da administração", "Correspondência" etc., anunciava os dias e os horários em que a redação encontrava-se aberta e convidava a visitá-la todos os leitores e subscritores que desejassem "tratar de qualquer assunto, pagar assinaturas, adquirir livros ou ler os jornais e revistas que recebemos de permuta".

A Cigarra, por sua vez, teve a iniciativa de promover saraus literários e exposições. Em novembro e dezembro de 1916, promoveu dois saraus de música e poesia, que chamou de "Hora Literária". A revista anunciou estas reuniões com antecipação e comentou-as de maneira elogiosa, em artigos nos quais detalhava a lista dos "homens de letras convidados a saturar as almas de poesia e arte" (Amadeu Amaral, Paulo Setúbal, Guilherme de Almeida, Oswald de Andrade, René Thiollier etc.), bem como a "numerosa e escolhida assistência", "em que se notava o que de mais distinto existe em São Paulo". Além disso, a revista também chegou a promover em sua redação exposições de artes plásticas, como a das caricaturas do artista Ferrignac, igualmente colaborador d' O Pirralho <sup>2</sup>. Este, por sua vez, também tinha as suas iniciativas culturais, entre as quais curiosamente destacava-se a promoção de banquetes (uma mistura muito agradável de arte e mundanismo, não há dúvida!). O Pirralho chegou até a organizar um deles - em homenagem a Emílio de Menezes - em conjunto com a própria A Cigarra.

---

<sup>2</sup> - Respectivamente, HORA Literária. A Cigarra, 55, 23 nov. 1916; HORA Literária. A Cigarra, 57, 28 dez. 1916. FERRIGNAC. A Cigarra, 47, 31 jul. 1916.

Como se vê, o papel das revistas transcendia à veiculação de informações, lazer e arte. A posição que ocupavam na vida cultural da época reforçava a sua, por assim dizer, intimidade com os leitores. A cidade e o público ainda eram relativamente pequenos e a indústria cultural começava, gradativamente, a crescer e a adquirir o poder que iria caracterizá-la nos anos seguintes...

### 1.1 As cartas

Detectarmos, no interior das revistas, algumas das características dessa sociedade em transformação não seria absolutamente uma missão impossível. É realmente interessante o processo de absorção e transformação criativa de costumes e características de época que as revistas realizavam. Um elemento que pode ilustrar minha afirmação é o costume de publicar "cartas" que as duas revistas paulistanas possuíam. Num tempo em que a comunicação pessoal se fazia dessa forma, nada mais normal que ela também surgisse - transformada em texto criativo - nas páginas das revistas. Endereçadas a compadres, a tias, namoradas, amigas e amigos, estas "cartas" - cabe destacar - também configuravam espécies de crônicas, já que remetiam a aspectos do cotidiano, estabelecendo um recorte explicitamente subjetivo dos temas de que tratavam.

As "cartas" publicadas n' A Cigarra e n' O Pirralho tinham os destinatários mais surpreendentes: o presidente Venceslau Brás, a Rainha da Holanda, o Marechal Hermes da Fonseca <sup>24</sup>. Será por meio de cartas que alguns caipiras do interior expressarão o seu espanto diante da cidade grande <sup>25</sup>. Será por carta que os repórteres d' O Pirralho narrarão as suas agruras no Rio de Janeiro, quando - como veremos! - "entrevistaram" o Marechal Hermes. Será por carta que o pseudônimo MC tentará convencer Ruth, sua destinatária, da insensatez das sufragistas e que o pseudônimo Totó reclamará da agitação da capital e da monotonia de seu trabalho burocrático ao amigo Jacinto <sup>26</sup>. Algumas das "correspondências" durariam semanas, como foi o caso da estabelecida entre Ruth e MC n' A Cigarra e entre Joca e sua "prezada tia", n' O Pirralho <sup>27</sup>. Outras, compunham-se apenas de uma ou outra "carta".

---

<sup>24</sup> - Respectivamente: RION. "Carta aberta ao Venceslau". O Pirralho, 152, 25 jul. 1914; CILIA, Carlos. "Carta a uma Senhora". A Cigarra, 8, 1 ago. 1914; RODOLFO, "Carta a S. Excia". O Pirralho, 144, 23 mai. 1914.

<sup>25</sup> - Interessantes eram, por exemplo, as "Cartas de Nhá Purcheria", publicadas n' A Cigarra, inspiradas, talvez, na "Correspondência de Xiririca", publicada já em 1911, n' O Pirralho, pelos pseudônimos Bernardino Lopes e Fidêncio José da Costa (Cornélio Pires).

Invariavelmente compostas de estrofes rimadas, grafadas de acordo com a suposta forma do falar caipira e endereçadas aos compadres e comadres da "autora" que haviam ficado na roça, as cartas comentavam as surpresas de São Paulo:

"(...) Quando cheguei no São Paulo/Fiquei muito atarraiada/  
Pro vê um dilúvio de gente/cada quá mais istovada/  
(...) Depois não é só o povo/Qui mi tem feito espantá/  
São as coisa qui si vê/Qui mi fais memo abismá /  
Aqui ezeste umas coisa/Que diz cinema chamá/ Verdadeira nuvidade/  
Mais porém, muito imorá (...)" A Cigarra, 60, 15 fev. 1917.

<sup>26</sup> - Respectivamente: PINDOBA. "O que vai por Tabatinga". O Pirralho, 135, 21 mar. 1914; MC. "Respostas a Ruth". A Cigarra, 10, 7 out. 1914; TOTÓ. "Cartas ao Jacinto". O Pirralho, 214, 7 mar. 1916 e 221, 29 set. 1916.

<sup>27</sup> - MC. "Respostas a Ruth". A Cigarra, 10, 16 set. 1914; 11, 7 out. 1914; 12, 29 out. 1914; 13, 25 nov. 1914; 14, 11 dez. 1914; 17, 5 fev. 1915. JOCA. "Pelo trem da tarde". O Pirralho, 133, 7 mar. 1914; 135, 21 mar. 1914; 138, 11 abr. 1914; 151, 18 jul. 1914.

A análise dessas "cartas" poderá tornar o pesquisador capaz de penetrar em várias das atmosferas características da época pesquisada. Do modo empolado de se dirigir à namorada e do preconceito com relação às reivindicações feministas, ao descompromisso e à informalidade dos verdadeiros "bate-papos" entre um sobrinho e sua tia, veiculados pel' O Pirralho e pel' A Cigarra, é realmente possível conhecer as diferentes facetas da época e a própria maneira de inserção nessa época, escolhida pelas duas revistas.

Para ilustrar o que digo, leiamos alguns trechos de uma das cartas enviadas pelo pseudônimo Joca à sua "prezada tia" <sup>7</sup>. O Autor inicia por contar como ganhara vinte contos no jogo do bicho <sup>8</sup> e os gastara em quarenta e oito horas:

"(...)

"Dito contos, correspondente [sic] à terceira e à quarta prestação do meu chalet.

"Comprei um automóvel por 3:550\$ - final é galo.

"Aí está como ganhei 20 contos e gastei em 48 horas.

"Lembrei-me de lhe comprar um pendentif, mas, lembrando-me da aversão que a senhora tem pelas jóias, achei que lhe ia desagradar. Sou incapaz de lhe contrariar..."

Após essa pequena demonstração de oportunismo, Joca vai comentando a vida social paulistana para completar, sarcástico:

---

<sup>7</sup> - JOCA. "Pelo trem da tarde". O Pirralho, 135, 21 mar. 1914.

<sup>8</sup> - O curioso é que essa carta é publicada pouco antes de O Pirralho iniciar uma campanha ferrenha contra o jogo do bicho.

"Tenho esperanças, que daqui a cem anos, o nosso mundo elegante, que tudo imita, também imitará as batalhas de flores de Palermo, do Bois de Bologne (...)" \*

Vê-se que o Autor não apenas critica o hábito de imitar das elites (a crítica à imitação era freqüente já há algum tempo), como questiona a extensão do progresso que se julgava possuir na época. Se até um acontecimento mundano corriqueiro, como o exemplificado, as elites levariam cem anos para poder imitar, como sustentar a idéia de que elas possuíam um espírito altamente empreendedor?

Encerrada a "seção mundanismo", Joca falará de política, aliás de políticos e congêneres:

"O Hermes, a besta quadrada do Hermes, não tendo confiança no Exército, incumbiu a marinha embarcada de vigiar o Palácio."

"A Dona Nair, tem pintado o sete. (...) Resultado: ela está doente, Uns dizem que é Gripe, outros, Diabínlhos no Sótão. Eu, não vou na onda"

"Penso que a senhora está satisfeita, porque a notícia acima é fufo marechalício."

"(...)O Surucucú, o célebre Cunha Vasconcelos, com aquele aspecto de touro domesticado, vai recomençar as violências na Polícia, cargo para o qual foi escolhido pela graciosa mademoiselle Nair - digo, Madame Fonseca."

---

\* - Decididamente, a idéia de imitar as famosas batalhas de flores francesas seduzia os cronistas da época (os quais Joca fizera questão de satirizar em sua crônica). Ainda no ano seguinte, 1915, Manuel Leiroz sugeriria aos leitores e ao governo municipal a sua realização no mês de abril (coincidência ou não, na primavera européia...). LEIROZ, M. "Batalha de Flores". A Cigarra, 25 mar. 1915. Porém, como nada mais foi comentado sobre o evento, é quase certo que ele não ocorreu.

"De política é só."

Seguindo a linha política d' O Pirralho, o Autor desqualifica o presidente. No entanto, procura comprovar o juízo que dele faz, apresentando à tia um fato supostamente real (designar para vigiar o palácio a marinha embarcada!). Além disso, tinge de malícia e sarcasmo as fofocas de bastidor que apresenta, principalmente sobre o comportamento da jovem esposa do presidente (e o "furo marechalício", é, nesse caso, o exemplo mais direto). Assim, Joca vai enumerando informações sobre um e outro tipo mais folclórico, até cansar-se e pôr um ponto final no assunto.

Passando aos temas pessoais, Joca mantém o bom humor e, provavelmente, a ambigüidade:

"Quer mais uma novidade?"

"O Cícero agora, é aviador aéreo e não terrestre."

E com mais uma ou duas estórias, encerra a agradável missiva, fornecendo ao leitor uma ilustração da realidade da época, produzida por um tipo representativo dos seus jovens de elite. A despedida, quase que para compensar toda a informalidade do texto, compõe-se de uma imagem carinhosa e rebuscada, bem ao gosto da época:

"Envio-lhe um bouquet de saudades como prova da minha grande alegria e de amizade inorredoura."

## 1.2 Os pseudônimos

Comparando as três publicações especificamente com relação à autoria das crônicas e demais textos veiculados, pude observar que n' A Vida, a maioria deles vinha assinada por autores, por assim dizer "clássicos" do anarquismo: Astrogildo Pereira, Orlando Correa Lopes, José Diticica, Francisco Viotti, Efren de Lima. Por outro lado, dadas as características estilísticas dos poucos textos sem assinatura publicados pel' A Vida, é possível supor que a sua redação não escapasse aos mesmos autores dos artigos assinados. Não se pode esquecer que A Vida trabalhava num esquema econômico precário, pautado em regras do jornalismo político militante e não nos termos profissionais que normalmente direcionam a imprensa informativa em geral.

Enquanto isso, tanto A Cigarra como O Pirralho veiculavam um grande número de matérias sem assinatura ou apenas acompanhadas de pseudônimo (apelidos ou iniciais). Além disso, ambas as revistas mantinham colunas assinadas por colaboradores fixos (inclusive por alguns pseudônimos) e a colaboração de ficcionistas e poetas famosos.

A questão dos pseudônimos é interessante de se discutir. Comparando as três revistas, pude constatar que a sua utilização constituía um costume da imprensa do período, principalmente da "mundana" (note-se que, apesar de também aparecerem n' A Vida, os

pseudônimos eram muito mais freqüentes nas duas revistas de São Paulo). É curioso notar que o uso de pseudônimos foi diminuindo ao longo do tempo, praticamente inexistindo nos dias de hoje. Mas, então, o que determinaria a sua presença nas revistas pesquisadas? Poderíamos pensar, por exemplo, no caso das crônicas mordazes e irreverentes d' O Pirralho sobre o presidente Hermes. Nelas, os pseudônimos talvez representassem uma proteção relativa para o seu autor, ou mais provavelmente uma diluição da responsabilidade por sua publicação entre todos os componentes da revista. No entanto, à exceção de casos desse tipo, creio que uma outra explicação para o uso dos pseudônimos poderia ser encontrada na própria atmosfera literária e cultural da época, em que, como dizia Brito Broca, a fusão entre vida social e vida literária fazia-se presente. Camuflados nos pseudônimos, estariam quase que personagens ou, melhor dizendo, "tipos" característicos da época, opinando sobre acontecimentos do momento, fazendo crônica social, inventando e narrando estórias.

É de se imaginar que o público conhecesse os verdadeiros autores por trás dos pseudônimos. É necessário lembrar que, conforme relatos de historiadores e cronistas do período, a vida cultural paulistana praticamente se limitava às três ruas que compunham o chamado "Triângulo" (15 de novembro, São Bento e Direita), onde se localizavam as confeitarias e, também, as redações dos jornais e revistas <sup>10</sup>. Ora,

---

<sup>10</sup> - Com relação à vida cultural da época, os dois livros escritos por Jorge Americano - São Paulo naquele tempo (1895-1915). São Paulo, Saraiva, 1957 e São Paulo nesse tempo (1915-1935). São Paulo, Melhoramentos, 1960 - são de leitura muito interessante. Americano escreve pequenas crônicas sobre os mais variados assuntos do cotidiano de São Paulo, seus hábitos, suas peculiaridades. O Autor vai percorrendo a paisagem paulistana e, sem respeitar uma ordem cronológica rígida, recorrendo à própria memória ("Não li para escrever isso", ele diz no prefácio do primeiro livro), enumera e comenta as transformações sofridas pela cidade e pela população ao longo do tempo. Ao comentar as modificações urbanísticas e

para quem fizesse parte daquele mundo, provavelmente não haveria dificuldade em reconhecer muitos dos jornalistas e colaboradores de cada veículo, o estilo por eles empregado e, por conseguinte, quem estava por trás dos pseudônimos. Afinal, as mesas das confeitarias eram divididas pelos mesmos **habitués**: sentavam-se provavelmente juntos escritores, jornalistas e grande parte das elites que os liam.

Mas, para qualquer pesquisador do futuro preocupado em descobrir autorias, os textos de pseudônimos ou sem assinatura, que tanto A Cigarra como O Pirralho veiculavam com frequência, representariam um problema. No que se refere especificamente a O Pirralho, era costumeiro entre os redatores o exercício da paródia<sup>11</sup>. Ora, esse dado poderia comprometer qualquer análise de autoria que se quisesse rigorosa! De modo geral, os pseudônimos não tinham realmente "donos", e isso é passível de ser confirmado, mesmo com uma análise estilística e temática superficial dos textos.

N' O Pirralho, muitas vezes, um mesmo pseudônimo era responsável tanto por descrições parnasianas de amores desfeitos, de paisagens e de figuras femininas, como pela confecção de implacáveis **portraits** de políticos e militares. Este era o caso do pseudônimo Marcus Priscus. O autor tinha uma coluna intitulada "Coisas da Rua", publicada sistematicamente nos anos de 13, 14, 15 e 16, em que discorria sobre assuntos os mais variados, do cotidiano à fábula, no estilo:

---

arquitetônicas da cidade, afirma que: "Desde antes de 15 São Paulo começa a tomar consciência de que será uma grande cidade" (Op. cit., 1960, p. 20).

<sup>11</sup> - Informação obtida junto à Professora Vera Chalmers, do Instituto de Estudos da Linguagem -IEL/Unicamp.

"Na alameda ensombrada, suave, silenciosa, aquela visão feminina, ao longe, sob frondosa árvore parecia um alto relevo em obra célebre de arte fina." <sup>1.º</sup>

Publicava, também, alguns artigos esporádicos. Na "Carta aberta à Violeta", declarava à destinatária:

"Simbolizas a pureza com o teu perfume. A pureza é o perfume da alma nas criaturas, assim como o perfume é a pureza das flores (...) E és ainda o símbolo da santidade. És santa pela pureza, que é o teu perfume, pela humildade que é a modéstia do lugar que escolhes para desabrochar." <sup>2.º</sup>

Por outro lado, Marcus Priscus assinava a coluna "Varões ilustres do Brasil", com o sub-título "Em seguimento à obra de Plutarco" (um elemento de estranhamento para o leitor, preparando-o para o inusitado). No artigo escrito sobre J.J. Seabra (político hermista, presidente do estado da Bahia), não houve lugar para nenhuma adulação. A expectativa de comentários apologéticos sobre a personalidade escolhida - suscitada pelo título - sustentou-se nas linhas iniciais do texto. Porém, desmoronou-se rapidamente. O autor foi implacável:

"(...) É muito inteligente e desde menino tem os seus estudos feitos com muito brilhantismo. Quanto tem de perfeito o seu intelecto tem de manchado e falho o seu carácter. (...) Os principais fatos de sua vida deram-se no terreno da política. Nesse campo então, a sua atividade de homem experimentado ou de macaco velho, como dizia o Glicério, tem feito prodígio. (...) Serviu-se do Ministério para eleger-se presidente da Bahia (...). Revolucionou o seu Estado e depois das dinamites, do tiroteio, do sangue e da morte, qual Napoleão, cantou

---

<sup>1.º</sup> - MARCUS PRISCUS. "Coisas da Rua". O Pirralho, 172, 30 jan. 1915.

<sup>2.º</sup> - MARCUS PRISCUS. "Coisas da Rua". O Pirralho, 56, 31 ago. 1912.

vitória ... Remunerou todos os seus armaceiros, fazendo-os deputados federais. Da sua vida é só. E já é muito."

14

Causaria estranheza um mesmo autor - assim melífluo! - falar de coisas tão sérias como política e de maneira tão rude. Nesse caso, talvez uma definição cabível para Marcus Priscus fosse a de "pseudônimo ônibus", já que qualquer redator poderia "tomá-lo", para falar sobre os mais variados temas.

Por outro lado, essa crônica sobre J. J. Seabra, se acompanhada de um segundo texto publicado na revista, apresentará um "dado de personalidade" de O Pirralho que alguns poderiam chamar de pluralista ou democrático, outros, talvez, de oportunista, mas que, de qualquer forma, serve para demonstrar a sua característica e já mencionada heterogeneidade. Num pequeno artigo intitulado "Os melhoramentos da Bahia", ilustrado com uma foto de ninguém mais que o próprio J. J. Seabra, publicado pouco mais de um ano depois que o de Marcus Priscus, a revista comenta:

"Um dos nossos redatores de volta da Europa, tocando na Bahia, ficou pasmo de admiração. Não era para menos. Em 1911 a Bahia apresentava um aspecto provinciano, quer na cidade baixa, quer na alta. Eleito para presidente o dr. J. J. Seabra, o verdadeiro representante do povo baiano, s. exa. tratou imediatamente de remodelar o seu berço natal, tão olvidado e infelicitado pelos governos anteriores (...)" 15

---

14 - MARCUS PRISCUS. "Varões ilustres do Brasil". O Pirralho, 56, 31 ago. 1912.

15 - OS MELHORAMENTOS da Bahia. O Pirralho, 122, 20 dez. 1913.

Talvez O Pirralho estivesse sendo irônico, mas a leitura do artigo não me pareceu demonstrá-lo, já que ele sequer menciona qualquer fato relacionado à conduta pregressa do político.

É interessante observar que os colaboradores d' O Pirralho chegavam até a criar atritos e a promover movimentadas discussões entre autores fictícios e a revista. Segundo Vera Chalmers, foi o que ocorreu quando da substituição de Annibale Scipione (um jornalista italiano criado por Oswald) pelo Juó Bananère, de Marcondes Machado, na redação das "Cartas D'Abax'ó Piques". Scipione indispôs-se com a revista diante das posições desta acerca da guerra ítalo-turca e disse que iria colaborar no "Il Pasqualino Coloniale" (Il Pasquino Coloniale, um dos jornais da colônia italiana em São Paulo na época). Mas antes de desaparecer, Scipione também se indispôs com outro colaborador d' O Pirralho, o caipira Fidêncio da Costa (um dos pseudônimos de Cornélio Pires <sup>14</sup>), com quem trocou farpas na seção dos leitores <sup>17</sup>. Em 1912, Bananère entrou numa das várias contendas que travaria com o diretor d' O Birralha - naquele momento, o Professor Peterslein. E deste modo a revista ia criando as suas histórias e alimentando a curiosidade dos leitores...

Quanto a A Cigarra, cujo caráter era particularmente linear e homogêneo se comparado às oscilações d' O Pirralho, a verdadeira indiferenciação que caracterizava os seus textos, principalmente em

<sup>14</sup> - Cf. DANTAS, Macedo Op. cit..

<sup>17</sup> - CHALMERS, V. In: "A Correspondência do Piques", op. cit., 1985, p. 111.

termos ideológicos, dificultaria ainda mais a descoberta dos autores camuflados pelos pseudônimos. É preciso destacar, porém, que não eram apenas os "colaboradores" d' O Pirralho que se envolviam em disputas. N' A Cigarra, houve pelo menos um caso desses. O autor (ou pseudônimo) Célio Aureliano decidiu discordar das opiniões sobre o comportamento dos moços, emitidas por uma das mais assíduas colaboradoras da revista entre 1916 e 1917: "Coroca Velha" (sic), especialista em conselhos e reflexões moralizantes <sup>18</sup>.

A Vida também cedeu espaço para a manifestação de divergências entre os colaboradores, mas com objetivos distintos dos de entretenimento das duas revistas paulistanas. Foi o que se deu com a polêmica gerada por uma afirmativa de Kropotkin acerca da participação dos anarquistas na guerra européia. A Vida publicou, para a informação dos leitores, a defesa da posição de Kropotkin, assumida pelo pseudônimo D.R.F. e a sua crítica, feita por Francisco Viotti, em dois longos e fundamentados artigos <sup>19</sup>.

É interessante abrir parênteses para mais uma semelhança entre A Cigarra e O Pirralho. Tendo como referência os vários anos pesquisados, pude observar que nenhuma das duas revistas possuía o hábito de "dar explicações" aos leitores no que se referia à manutenção ou substituição de suas colunas e à presença de seus colaboradores e

<sup>18</sup> - CÉLIO AURELIANO. "A Mocidade de Hoje. Carta Aberta à Respeitável Senhora Coroca Velha". A Cigarra, 67, 31 mai. 1917.

<sup>19</sup> - D.R.F.; VIOTTI, F. "A Guerra e a Anarquia. (uma questão de ponto de vista)". A Vida, 6, abr. 1915.

cronistas (a propósito, vale dizer que o mesmo se dava com relação a A Vida, em sua curta existência). Os textos apareciam e desapareciam sem qualquer comentário. Em ambas as revistas, até a publicação das "cartas" seguia esta rotina, acontecendo de, muitas vezes, os assuntos nelas abordados acabarem sem resposta. O Pirralho mantinha esse procedimento e só costumava anunciar - com "pompa e circunstância" - a colaboração de poetas e escritores consagrados. Em ambas as revistas, mesmo os colaboradores habituais eram substituídos sem que a direção fornecesse aos leitores qualquer esclarecimento a respeito.

Nos 88 números d' A Cigarra, consultados em ordem cronológica, vários casos poderiam ser citados: as crônicas de Manuel Leiroz, que foram publicadas em 38 números, ao longo dos quatro anos pesquisados, não seguiam qualquer periodicidade de publicação. Algumas vezes apareciam quinzenalmente, outras, demoravam meses para reaparecer. Outro autor, Juliano Reis, costumava ser publicado de maneira bissexta e - o exemplo mais ilustrativo - o pseudônimo "Um das Galerias", teve apenas quatro crônicas publicadas.

Aliás, este pseudônimo merece um comentário à parte. Suas crônicas intitulavam-se "Nos entreatos" e versavam sobre temas como a falta de farinha, o jogo do bicho, a incompetência da polícia, numa linha francamente desfavorável ao governo. Quem as escrevia não tinha identidade, era apenas "um das galerias" (um sujeito, por assim dizer, diluído, num espaço marcadamente coletivizado). Não se pode ignorar que as galerias sempre foram o lugar mais barato de onde se vê uma representação teatral. Por isso, quem está fadado a ocupá-las é o povo,

fato que fornece elementos importantes na construção de um perfil para o "Autor" das crônicas publicadas.

O vocabulário utilizado por ele difere da profusão de adjetivos e floreios freqüente n' A Cigarra. O cronista é direto, utiliza referenciais de coloquialidade, vocabulário despretencioso e, surpreendentemente, recorre até a trocadilhos e jogos de palavras, procedimentos que (como teremos oportunidade de comprovar) tenderiam a ser mais associados a O Pirralho.

Sobre a crise da farinha (lembremo-nos que estávamos em 1917, com um grave problema de abastecimento, decorrente e agravado pela guerra européia), ele comentava <sup>88</sup> :

"(...) A pobreza geme, os remediados berram, e o operariado, que não é biscoito, se agita, reclama e ameaça. O poder público, porém, não podendo dizer aos queixosos como aquela dama francesa de 89 - 'Falta-lhes pão? Comam brioches!' - limita-se, filosoficamente a guardar os acontecimentos, fazendo pão grande.

"A Câmara Municipal tem assistido a isso tudo com a displicência e a imparcialidade de quem contempla uma fita cinematográfica de movimentos populares desenrolados em Pequim. Ultimamente, porém, um dos senhores vereadores quis mostrar que era farinha de outro saco, e (...) propôs várias coisas tendentes a atenuar o rigor da situação. A Câmara, atendendo a outros assuntos mais urgentes, passou a deliberar sobre questões de nomes de ruas (...). Nem só de pão vive o homem."

---

<sup>88</sup> - UM DAS GALERIAS. "Nos Entreatos". A Cigarra, 72, 10 ago. 1917.

O cronista detalha como o abastecimento - à revelia da Câmara - estava sendo resolvido entre os moleiros, por obra da "Providência Divina". E especula sobre o futuro:

"A Providência Divina (...) há de achar uma solução pacificadora - ou panificadora - que nos livre de comoções e perigos. Não produzirá, decerto, o milagre da multiplicação dos pães, mas talvez encontre uma outra operação satisfatória - mesmo porque já está com a mão na massa."

Finalmente, conclui:

"Assim seja! Casa onde não há pão, todos gritam e ninguém tem razão. Gritam os pobres e os remediados, gritam os ricos. Agita-se a população, aí temos coisa nas ruas, e a polícia entra a distribuir a torto e a direito aquele pão sem til e sem farinha, de que ninguém gosta. (...) E, por hoje, deixemos o pão, que já está muito sovado."

Vale que nos detenhamos alguns momentos sobre os trechos apresentados, que exemplificam esta espécie de "primavera do espírito crítico" que A Cigarra viveu menos de uma estação. Salta aos olhos de qualquer leitor a maneira pela qual "Um das Galerias" vai ilustrando o tema central com palavras e expressões a ele intimamente relacionadas, de forte apelo cômico. Surpreenderá o leitor familiarizado e acostumado com o otimismo de A Cigarra a sua maneira irônica de tratar o governo e, principalmente, o trágico rumo que ele visualiza para os fatos comentados. Por fim, conquistará este leitor o misto de coloquialidade e intimidade que este cronista usa para tratá-lo e ao assunto. Isso pode ser mostrado, por exemplo, no seu uso de ditados populares e no termo por ele encontrado para se referir aos movimentos

reivindicatórios urbanos: o informal, polivalente e genérico "coisa" (que pode significar muitas coisas...).

É muito interessante observar a publicação de uma coluna como esta pel' A Cigarra. O próprio título das crônicas - "Nos entreatos" - carregava a sua dose de simbologia. No universo homogeneizado d' A Cigarra (em que tinham o mesmo destaque a poesia, a vida em sociedade, o elogio às indústrias paulistas, as cartas das leitoras e a guerra européia), falar sobre um tema de apelo popular como a falta da farinha só poderia ocorrer no entreato do grande espetáculo que ela proporcionava quinzenalmente aos seus leitores. E por um "colaborador" distinto dos demais. Este detalhe é de muita relevância. Ainda que, nessa curta temporada, A Cigarra se houvesse dado o direito de tecer críticas incisivas ao governo, fazia-o não nas colunas destinadas à exposição de seus próprios pontos de vista, como a "Crônica", mas por intermédio de um autor camuflado e apartado do universo da revista (não podemos esquecer quão distante dos olhares do conjunto do teatro as galerias se encontram).

Significativamente, a coluna foi veiculada apenas por dois meses (do n.º 72 ao 75), "saindo de cena" da mesma forma como entrou: sem apresentação nem aplausos.

### 1.3 O cartaz consensual dos escritores de sucesso

Para tratar do prestígio que a presença de escritores famosos fornecia às publicações da época, vale a pena reproduzir alguns trechos do número especial de aniversário d' O Pirralho, feito em homenagem do poeta Emílio de Menezes. Nele, a revista exteriorizava, orgulhosamente, o seu regozijo e aproveitava para auto-promover-se e manter o seu peculiar estilo *enfant terrible* <sup>24</sup> :

" - Viram, bem? Vivemos quatro anos! qua-tro!

Ora essa! Mathusallem viveu quinhentos e quatro. Mas também no quarto aniversário nunca deu número especial com o Coelho Neto, o Bilac, o Emílio!...

(...) Graças a Deus, nunca teve a colaboração decadente do dr. Vicente de Carvalho (...). Mas manteve desde o começo nas suas colunas os nomes de Alcides Maia, Otávio Augusto, Amadeu Amaral, Martins Fontes (...)."

A revista encarregava-se, ainda, de anunciar os colaboradores desse número especial:

"O número (...) é colaborado [sic] por Bilac e Coelho Neto, por Amadeu e Plínio Barreto (...) Monteiro Lobato e Ricardo Gonçalves. Duas extraordinárias mulheres, Rafaelina de Barros e Albertina Bertha, escrevem nele"

E quem tratou de agradecer a participação de tão ilustres colaboradores foi o próprio Pirralho, (ou melhor, o Pirralho-gente):

---

<sup>24</sup> - QUATRO anos. O Pirralho, 201, 4 set. 1915.

"E O Pirralho abraça a todos comovido, não se esquecendo, porém, dos seus antigos colaboradores de França (...) talvez hoje caídos na defesa da pátria invadida." ■■

Esta crônica de abertura apresenta um elemento muito importante para a compreensão d' O Pirralho. O rol de colaboradores especiais, por ele anunciados com tanto júbilo, não deixará de surpreender o pesquisador que tenha em mente a definição de Brito Broca sobre a revista. Como seria possível a mais inovadora das revistas paulistanas contar com a colaboração de tantos autores parnasianos? Partindo desse tipo de fato, Wilson Martins observaria, inclusive, que:

"em 1915, O Pirralho nada tinha de revolucionário, aceitando com abundância de coração os valores consagrados e a literatura oficial" ■■

Com relação ao corpo de colaboradores d' A Cigarra, não havia diferença. Ainda que fizesse menos alarde dos colaboradores famosos que O Pirralho, A Cigarra também costumava publicar textos da "fina flor" da literatura da época: Bilac (por quem nutria particular admiração, principalmente depois do envolvimento do poeta nas campanhas patrióticas), Coelho Neto, Otávio Augusto, Amadeu Amaral, Albertina Bertha. Além destes parnasianos, também a exemplo d' O Pirralho, publicava autores como Lobato e Guilherme de Almeida. É interessante notar que A Cigarra publicou muitos textos de Oswald de Andrade. Chegou a divulgar, inclusive, alguns excertos da primeira versão de João

---

■■ - Em sua primeira viagem à Europa, Oswald travou conhecimento com alguns escritores franceses (Leon Werth, René Morand, etc.), cujos textos passou a publicar em sua revista. CHALMERS, V. "A Correspondência do Piques". In: Op. cit., 1985, p. 111.

■■ - MARTINS, W. Op. cit., v. 6, p. 23.

Miramar, além de uma crônica muito interessante, de Gil de Lucena, narrando o encontro daquele autor com uma companhia francesa que viria a fazer uma leitura pública de sua peça, Mon Coeur Balance, composta em francês, na parceria de Guilherme de Almeida <sup>24</sup>.

Lucena narra, de maneira galante, o encontro dos dois autores paulistanos com as atrizes francesas. A descrição inicial do ambiente chega a ser quase telegráfica:

"Vestíbulo do Hotel Savoy. Seis horas da tarde."

Mas vai-se ampliando com um quê imagético de cores simbolistas e quase teatral:

"Apoiado numa pilha de malas de cabine, policromaticamente etiquetadas, o dramaturgo Oswald d' Andrade entretem as senhoras. Fala com a vivacidade dum meridional e com a gesticulação abundante de um andaluz."

Lucena, parte, então, para a descrição minuciosa da *toilette* das damas, da sua *coquetérie*, acrescentando a ela diálogos entrecortados e cômicos, narrando o encontro aos leitores. Todavia, ainda mais interessante que a maneira pouco usual encontrada por Lucena para contar a sua história, é a descrição que irá encerrá-la. Um conjunto de correspondências quase baudelaireanas no qual flanam e começam mais e mais a interferir e a pesar os elementos da cidade:

---

<sup>24</sup> - LUCENA, Gil de. Entre artistas franceses. A Cigarra, 52, 12 out. 1916.

"Fora a tarde desfalece fria e silenciosa.

"Buzinas roucas de automóveis arrepiam atrevidamente a quietude purpúrea do crepúsculo. E o pregão triste de um vendedor de pipocas risca, áspero e nostálgico o ar azul e aveludado."

## 2. Reconhecendo as revistas

### 2.1 Semelhanças, diferenças

Trabalhar com questões como a da autoria, no que se refere em particular a O Pirralho e a A Cigarra, fez com que eu encontrasse entre as duas revistas mais semelhanças do que prevera (o que mostra quão simplistas podem ser as comparações). Afinal, por que O Pirralho deveria ser considerado uma revista moderna e A Cigarra conservadora se as duas revistas guardavam tanto em comum?

Em termos formais, A Cigarra e O Pirralho eram realmente muito parecidas. Papel couché, capa ilustrada, impressão em uma, duas, três, às vezes quatro cores, muitas fotografias e ilustrações em estilo art-nouveau, anúncios bem produzidos (ilustrados, alguns versificados), páginas preenchidas com poemas, piadas, curiosidades, "pensamentos" <sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> - Com relação aos aspectos materiais (tipo e qualidade do papel, da impressão etc.), a revista A Vida era muito diferente das duas paulistanas. Tamanho muito menor, papel jornal e uma única capa que se distinguia, mês a mês, pela cor da cartolina em que era impressa, A Vida tinha a caracterizá-la a falta de recursos materiais da imprensa libertária.

Acredito que os elementos em comum, mais que mera semelhança, imprimiam às revistas paulistanas uma certa identificação. Ao compará-las, poderemos notar que nenhuma abdicava de sua condição de representante da imprensa burguesa. Ao contrário, cultivavam-na, através da manutenção não só de colunas especificamente destinadas ao high-society, como, principalmente, de seus valores e concepções.

Nesse sentido, cabe indagar o que, efetivamente, distinguiria O Pirralho d' A Cigarra. E até que ponto a irreverência de um e o conservadorismo da outra serviriam para lhes marcar um lugar próprio no mercado cultural do período e lhes proporcionar a fama de publicações respectivamente inovadora e tradicionalista, pela qual ficaram conhecidas. Além disso, cumpre perguntar o que haveria a aproximar ou separar as duas revistas paulistanas da anarquista A Vida - além das divergências políticas.

À procura de respostas, faremos uma breve incursão nos exemplares d' A Cigarra. Logo após, estudaremos O Pirralho e, por fim, algo d' A Vida.

## 2.2 A Cigarra - uma cantora de hinos militares

A compilação dos textos publicados na coluna "Crônica", durante os quatro anos de circulação pesquisados, mostrará como A Cigarra era efetivamente capaz de falar sobre vários assuntos no mesmo tom

grandiloquente e rebuscado. É possível fazer tal afirmação, diferenciando-se os temas desenvolvidos na referida coluna. De um lado, há o que eu classificaria como grupo de "amenidades", composto pela descrição das mudanças climáticas e das alterações por elas ocasionadas nos hábitos sociais <sup>84</sup>. Este grupo compreendia, também, as inevitáveis auto-felicitações a cada aniversário da revista, alguma arte, alguma moda e a descrição excessivamente adjetivada e pomposa de festejos populares e da vida em sociedade. Ora, como vimos na "Crônica" de seu primeiro número, A Cigarra reivindicava para si a função de cantar e reviver o fulgor do verão a cada quinzena. Essa postura talvez justificasse a escolha de temas tão leves para abrir muitos de seus números.

Porém, deixando para trás o grupo das "amenidades", temos em oposição a ele o dos assuntos "sérios" e reportagens. Este grupo congregava temas que iam da descrição de um acidente de trem à análise de episódios da Primeira Guerra <sup>85</sup>, passando por algumas reflexões filosóficas sobre a vida, o destino e as paixões humanas... Entre os temas classificados como "sérios", estavam verdadeiras apologias do amor à pátria, à cultura e à história brasileiras "oficiais".

A Cigarra costumava enaltecer os "vultos" da história oficial. No número de 28 de setembro de 1917, decidira lembrar (com um atraso de

---

<sup>84</sup> - Das 88 crônicas, 11 referiam-se às oscilações do clima e à descrição das temporadas de verão das famílias abastadas no Guarujá. Na CRÔNICA de janeiro de 1917, por exemplo, A Cigarra tratava apenas de um assunto, realmente sério: após três semanas nubladas, o sol voltara a brilhar. A Cigarra, 59, 31 jan. 1917.

<sup>85</sup> - A Primeira Guerra firmou-se como o assunto mais veiculado pela revista durante os anos pesquisados. Basta dizer que, das 88 "Crônicas", 20 referiam-se a ela.

três meses...) a abolição da escravatura e a magnanimidade da princesa Isabel. Numa visão tradicional da história brasileira, a revista reputava a abolição única e exclusivamente à princesa e evocava

"a memória enaltecida de uma raça" e a "Pátria amada" que poderiam "enfim erguer os olhos para os planos augustos da História" <sup>22</sup>

A Cigarra também dedicou mais de uma "Crônica" à memória de Tiradentes. Ela não se conformava com o fato de a população

"celebrá-lo piamente, não como um herói, mas como um patrono da preguiça, - da Santa Preguiça burocrática..."

<sup>23</sup>

Nas palavras da revista:

"Reivindicando-o para o seu martirologio, a República esqueceu-se de explicar ao povo a alta beleza que consiste em dar a vida por uma idéia." <sup>24</sup>

Não deixa de ser curioso uma personagem como a "cigarra", por definição contemplativa, assumir um papel ativo e enfático, principalmente diante de temas polêmicos como o da defesa da pátria, desenvolvida em várias de suas "Crônicas". Afinal, questões de soberania seriam da alçada de quem se limitava a cantar e sorver o verão, sem se preocupar com a comezinha sobrevivência? No entanto, A

<sup>22</sup> - CRÔNICA. A Cigarra, 76, 26 set. 1917.

<sup>23</sup> - CRÔNICA. A Cigarra, 3, 20 abr. 1914.

<sup>24</sup> - CRÔNICA. A Cigarra, 20, 21 abr. 1915.

Cigarra mantinha uma linha editorial de cunho nacionalista rígido. Além disso, opunha-se com rigor às idéias internacionalistas, nas quais via, evidentemente, uma ameaça aos interesses do país. Não se pode negar que o que mais interferiu na linha editorial assumida pela revista foi a eclosão da Primeira Guerra. Com o passar do tempo, A Cigarra foi dedicando, literalmente, páginas e páginas ao tratamento de temas militaristas, de maneira cada vez mais apaixonada e visceral. Como se vê, essa "Cigarra" não parecia muito ortodoxa em seu comportamento, ainda que, como teremos oportunidade de checar, não se dissesse o mesmo quanto à suas opiniões morais e políticas...

Na verdade, A Cigarra tinha um discurso essencialmente triunfalista, que lhe dava um tom característico. Era justamente esse triunfalismo de quem está acostumado ao exercício do poder, ou, no mínimo, à sua proximidade, que se expandia das "apologias patrióticas" aos outros temas de que A Cigarra falava - até os mais corriqueiros. O máximo do entusiasmo, o máximo da indignação, do compadecimento, da religiosidade - todos os "máximos" eram tratados com a mesma segurança assertiva <sup>21</sup>. A Cigarra possuía, a exemplo do público a que se destinava, uma confortável postura de dona da verdade. Agradava, sendo taxativa em seus juízos e firme (de maneira explícita ou velada) na defesa dos interesses deste seu público.

---

<sup>21</sup> - E, até, o que eu chamaria de "máximo do ridículo". Na "Crônica" de 9 de setembro de 1916, A Cigarra saúda a iniciativa do prefeito de São Paulo, Washington Luís, em criar um mercado de flores na esplanada do Teatro Municipal. De acordo com o espírito empreendedor paulistano, a "Crônica" espantava-se com o fato de a produção de flores ainda não constituir uma verdadeira indústria, em São Paulo, como "nas principais cidades americanas e européias". À parte esse comentário, porém, a revista derretia-se em elogios à iniciativa do prefeito, chegando às raias do referido exagero:

"(...) a Crônica (...) espera que quando São Paulo comece a parecer-se com uma grande cidade de rosas, sejam as delicadas mãos dessas senhoras as que primeiro desfolhem as mais translúcidas pétalas sobre a cabeça do Prefeito, prestando assim uma fina homenagem a quem, no meio do labirinto material da administração da cidade ainda dispõe de um escaninho do cérebro para as coisas que operam a estesia do espírito e do coração." (A Cigarra, 9 set. 1916)

A análise do conjunto de seus exemplares demonstra que A Cigarra, mesmo tendo-se apresentado como uma revista de lazer, foi firmando, ao longo do tempo, um perfil bastante eclético, de fundo principalmente informativo (em harmonia, é claro, com a sua característica homogeneização estilístico-ideológica). Pode-se supor que a maior abrangência temática da revista supriria as diferentes expectativas e interesses de seu público.

É muito interessante o comportamento da revista com relação a este aspecto. Se não, vejamos: Em várias de suas crônicas de abertura, a revista dirigia-se direta e especificamente às leitoras, nomeando e, de certa forma, limitando o seu público. A partir de 1916, A Cigarra decidiria, inclusive, ampliar a última seção, significativamente denominada "Colaboração das Leitoras" <sup>22</sup>. Ademais, a revista sempre dedicara muito espaço às colunas de "fofocas de sociedade", tidas como "assuntos de mulher" (namoros, moda, recepções...), e, também, aos colaboradores que tivessem como temas prediletos a moral e as normas do "bom comportamento feminino".

---

<sup>22</sup> - Em alguns números, a seção chegava a ter nove ou até dez páginas, recheadas com cartas e colaborações "literárias". A revista só recebia correspondência feminina, ao contrário de O Pirralho. Na seção de cartas que costumava publicar esporadicamente, O Pirralho respondia a leitores, leitoras e (dado o teor de algumas das respostas) até a leitores fictícios.

### 2.2.1 Pausa para o "feminino"

Com referência a este assunto, freqüentemente tratado pel' A Cigarra, vale mencionar uma crônica de Manuel Leiroz, "Lina Fúlvia"<sup>22</sup>. Nessa crônica, o Autor defende o pai e o marido da referida jovem que a seqüestraram na porta do teatro onde ela iria apresentar-se, já que ela esquecera

"a obediência que devia ao pai e ao marido, o amor que devia aos dois filhos, o respeito que devia à sociedade e [dera] o salto perigoso do lar para o prosaísmo.

Leiroz continuava:

"Não sei se Lina Fúlvia voltou ao teatro. Parece-me que não. (...) Pressinto que a vida de interior conseguiu uma vitória sobre as tentações da inteligência. A meditação entrou por certo no vazio desse cérebro, apontando-lhe os perigos do instinto e a necessidade de o substituir pelo bom senso, pela graça, pelo encanto, enchendo o seu lar de alegria."

Num universo em transformação como o de São Paulo no período, o cronista assumia ares de guardião do passado. Crônicas como esta, de estímulo ao recato e à submissão feminina, materializavam uma espécie de "reserva moral" d' A Cigarra em meio à transformações a que ela assistia e as quais até estimulava. Se a revista apoiava modificações de vulto na cidade e no país, significativamente não admitia o mesmo para a população feminina, para a qual designava a missão de resguardar

---

<sup>22</sup> - LEIROZ, M. "Lina Fúlvia". A Cigarra, 46, 18 jul. 1916.

os bons e tradicionais "valores" da sociedade brasileira (e, particularmente, paulistana).

Ao veicular uma crônica criticando a jovem que deixara a família pela desqualificada vida artística, a revista, porém, caía em contradição, já que também usava elogiar a vida teatral paulistana, as peças, os primeiros autores brasileiros encenados, além, é claro, das atrizes. Nesse sentido, vale destacar as crônicas elogiosas às atrizes Lucília Peres e, principalmente, Itália Fausta, de uma companhia de repertório recém-formada na cidade <sup>24</sup>.

Uma outra menção deve ser feita ao destaque dado pela revista às performances da jovem pianista Guiomar Novaes. Suas cartas, remetidas à revista, dos Estados Unidos, contendo impressões sobre o público e o país em que viajava em turnê, foram publicadas com muito realce, ao lado da reprodução de alguns artigos (traduzidos de jornais norte-americanos) elogiosos à pianista. Pode-se imaginar a euforia da revista, segundo a qual

"os jornais americanos já a consideram a maior virtuose da atualidade" que "continua a alcançar ruidosos triunfos na grande nação americana" <sup>25</sup>

---

<sup>24</sup> - Lembremos que a revista costumava publicar portraits de jovens artistas, normalmente da elite. Significativamente, no mesmo número em que Itália Fausta, uma atriz de origem operária, fora homenageada em artigo de meia página, a pianista Antonieta Veiga recebera página inteira de elogios. CARNEIRO LEÃO. "Teatro Nacional". A Cigarra, 64, 13 abr. 1917; ITALIA Fausta. A Cigarra, 67, 31 mai. 1917. ANTONIETA Veiga. *Idem*.

<sup>25</sup> - A Cigarra, 87, 13 mar. 1918.

A publicação de uma crônica como aquela inicial de Leiroz, tão depreciativa para com o meio teatral e tão preconceituosa na sua distinção das mulheres entre virtuosas e "perdidas" (estas, devido aos danos ocasionados pelas "tentações da inteligência" nas suas "cabecitas de pássaro") firma-se como um flagrante significativo do embate - notório no período - entre as esferas do passado e do futuro. Mas o provincianismo espelhado naquela crônica de Leiroz é, digamos que em parte, redimido em outra crônica do Autor, sobre uma apresentação de Isadora Duncan no Teatro Municipal:

"Isadora sabe produzir beleza com a sua Arte própria. Eu não lhe pude compreender todas as atitudes e todos os gestos, mas uma coisa ficou dentro do meu espírito: foi o seu esforço em espelhar uma arte nova no meio das outras artes, por efeito da qual se possa melhorar a raça sob o grande ar, a grande luz, tal qual como na Grécia dos tempos heróicos." <sup>36</sup>

As várias e divergentes concepções do "feminino" do período representam um veio de comparação entre as revistas que é interessante explorar. Se começarmos pelo O Pirralho, teremos que ele não se preocupava explícita e diretamente em encontrar o lugar ou lugares adequados para as mulheres na sociedade da década de 1910. Na verdade, a revista era quase que descuidada quanto à questão. Organizava os seus tradicionais concursos de olhos, sorriso, talhe e elegância femininos - à moda d' A Cigarra - mas jamais se metia, como aquela a criticar as reivindicações das sufragistas ou a rotular comportamentos. Já A Cigarra, no que dizia respeito às mulheres, não costumava

---

<sup>36</sup> - LEIROZ, M. "Isadora". A Cigarra, 50, 14 set. 1916.

desobedecer à tradição de considerá-las frágeis e (quase) inofensivas. A introdução da "Colaboração das Leitoras" de um de seus números pode ilustrá-lo bem:

"Elas, quando estão sós, não são tão más (...). Limitam-se quase sempre a inofensivas observações sobre modas. É mais inocente, é muito mais bondoso." <sup>37</sup>

Nesse sentido, é imprescindível citar e comentar a série de artigos publicadas n' A Vida criticando o papel desempenhado pela mulher no período (ou, nos termos da revista, na "sociedade moderna"). Trata-se de uma série acabada de cinco artigos, publicados do primeiro ao quinto números, assinados por José Diticica. O Autor parte de dois pressupostos que convém citar: primeiro, o de que o móvel da natureza e, principalmente, da atividade humana em sua luta para transformá-la é a energia (baseia-se, para isso, em princípios oriundos da física); segundo, o de que a sociedade capitalista distingue-se em duas categorias, a dos trabalhadores e a dos "parasitas" - os primeiros a se esfalfarem (e a desperdiçarem energia) produzindo as riquezas que os segundos (sem sequer utilizá-la e, por conseguinte, também desperdiçando-a) irão gozar.

Diticica procurará provar que o que rege a sociedade atual é exatamente o desperdício da energia necessária ao alcance de uma vida digna para o conjunto da sociedade. Segue narrando como a exploração dos trabalhadores pelos "parasitas" avança ao limite da discriminação principalmente do trabalho feminino. Isto causará - já que, segundo

---

<sup>37</sup> - COLABORAÇÃO das Leitoras. A Cigarra, 46, 18 jul. 1916.

ele, "a mulher tem muito menos resistência física que o homem" - "o estado de depauperamento precoce das mulheres do povo (...) em toda a sua hediondez". Pelas mesmas doze ou catorze horas no eito, as mulheres receberão a metade do já parco salário pago aos homens e este desperdício da energia feminina irá estender-se "às gerações futuras, porque a hereditariedade não perdoa". Mas o Autor vai além: enquanto uma parte da energia feminina se perde pelo excesso ,

"outra parte se destrói por mau aproveitamento (...) As próprias burguesas que nada fazem, que vivem nos passeios, ou cuidam, por distração, de obras de caridade e de recepções" <sup>30</sup>

Oiticica, utilizando um raciocínio de base dedutiva, vai demonstrando, com os demais artigos, o desperdício da energia feminina e o prejuízo por ela ocasionado ao conjunto da sociedade. Vai destruindo, um a um os mitos que sustentam a "sociedade moderna". Trata, inicialmente, do da hierarquia, anunciado pela categoria dos "parasitas" como o único princípio de organização social possível. Para Oiticica, a hierarquia introduz o princípio da autoridade e este, por sua vez, induz à ignorância os trabalhadores e principalmente as trabalhadoras. Estas que, para ele, como mães, deveriam ser acima de tudo pedagogas, acabam por ocasionar com a sua ignorância o prejuízo "das gerações futuras". A autoridade, decorrente da hierarquia, impede o desenvolvimento da vontade livre. Mais oprimida que o homem, como poderia a mulher libertar-se (nesse caso e em certo sentido, tanto a burguesa como a proletária), se tem

---

<sup>30</sup> - Esta e as citações anteriores encontram-se no primeiro artigo da série. OITICICA, J. "O Desperdício da Energia Feminina". *A Vida*, 1, 30 nov. 1914.

"cada passo medido, marcado, regulamentado pelas leis do casamento, pela maledicência da esquina, pela etiqueta de Paris, pela disciplina da fábrica, pelas conveniências da patroa, pelas urgências do pão diário?" 37

Diticica continua, criticando a influência nefasta da religião na subserviência das massas e, é claro, principalmente no refreamento das iniciativas femininas. Incita-as a recusarem o jugo representado pelo casamento, a exigirem a sua educação intelectual e, finalmente, conclama-as, anunciadas algumas das tantas iniquidades contra os trabalhadores e, principalmente, contra elas, a entrar no movimento anarquista, pois:

"Nesse programa entra a mulher como ser autônomo, companheira livre do homem livre, cooperadora consciente da maximização da Energia humana, guiada pela mesma ciência, pelos mesmos direitos, isenta da religião, da falsa moral da castidade, do autoritarismo da moda, do casamento e da prostituição." 40

é impossível desconsiderar o conteúdo revolucionário desta série de artigos. E mais, se os confrontarmos com as crônicas d' A Cigarra, encontraremos mais um flagrante do conflito velho versus novo há pouco mencionado. Em oposição à aludida "reserva moral" cultivada pel' A

---

37 - Idem. A Vida, 2, 31 dez. 1914.

40 - Idem. A Vida, 5, 31 mar. 1915.

Cigarra <sup>41</sup> , A Vida procurava advogar a causa libertária em termos efetivamente universais.

Contudo, como nada é passível apenas de elogio, não podemos deixar escapar no arrojado discurso do Autor pelo menos duas escorregadelas quase imperdoáveis diante dos preceitos do anarquismo, mas em perfeito acordo com as concepções científicistas dominantes no período. Em primeiro lugar, a afirmativa taxativa da fraqueza física da mulher diante do homem. Em segundo, a mais grave: a reverência à vocação feminina à maternidade, que Otiticica deixa transparecer em seu texto. Claro está que a sua preocupação com a desnutrição, a ignorância e a miséria das gerações vindouras não nega o fardo que a responsabilidade materna representa. Tampouco se questiona o fato de que o Autor culpa de antemão o Estado, a Igreja e os demais "parasitas" da sociedade pelo desastre futuro. Porém, Otiticica deixa-se envolver pela associação instantânea mulher-mãe, além de advogar-se o direito de considerar o magistério "a mais sublime das funções femininas" <sup>42</sup> . Ora, creio eu que, na sociedade igualitária defendida pelo anarquismo, homens e mulheres deveriam caminhar, trabalhar e decidir juntos, também libertos da concepção sexualista de funções <sup>43</sup> .

---

<sup>41</sup> - A Cigarra, ao mesmo tempo em que cultuava e quase que doutrinava as suas leitoras, usava publicar nas páginas finais de muitos de seus exemplares anúncios como o seguinte:

"Blenorragia ou qualquer corrimento de uretra. Cura-se em quatro dias, com a maravilhosa injeção secativa e cápsulas 404. Quando tudo falhar, este extraordinário preparado sempre triunfará! O único alívio da mocidade! Não há gonorréia que resista a esta prodigiosa descoberta! Experimentai e vereis o efeito assombroso!". A Cigarra, 68, 14 jun. 1917.

<sup>42</sup> - OTITICICA, J. "O Desperdício da Energia Feminina". A Vida, 3, 31 jan. 1915.

<sup>43</sup> - Com relação à questão feminina, é fundamental mencionar a obra de MARIA LACERDA DE MOURA, pedagoga e pensadora mineira, que iniciou suas atividades de ensaísta e conferencista na década de 1920, mas que manteve correspondência com Otiticica já em 1918. Essa autora, anti-clerical, adepta do amor livre e da autonomia feminina, mas

Mas, retornando à análise da revista A Cigarra, é preciso que se diga que, além de zelar por donzelas e bons costumes, ela se preocupava com outros assuntos. Assim sendo, ao lado da descrição pormenorizada de um chá no Trianon ou de fotos colorizadas dos bailes de carnaval nos clubes "de escol", a revista procurava manter-se a par da "dura realidade da vida", abrindo espaço para seus colaboradores tratarem também de temas relacionados ao *bas fond*. Assim, a vida das prostitutas e dos escroques na noite paulistana, o crescimento da mendicância na cidade, a necessidade da criação de escolas para jovens perdidas e até alguns crimes escabrosos eram assuntos que faziam parte do universo da revista, tratados, evidentemente, com a elegância e o distanciamento de praxe ou, conforme ela mesma, "com punhos de renda, de modo a poder ser lido por senhoras" \*\*.

- # -

---

principalmente anti-fascista, chegou a aproximar-se dos princípios anarquistas e participou durante algum tempo do grupo de intelectuais responsáveis pela edição do jornal A Plebe.

A respeito da vida intensa e produtiva dessa intelectual, que vale a pena conhecer, consultar: LEITE, Miriam L. M. Outra Face do Feminismo: Maria Lacerda de Moura. São Paulo, Ática, 1984.

\*\* - Palavras que encerravam uma crítica elogiosa a um romance de Leiroz, que tratava do tráfico de escravas brancas em São Paulo, "por meio de episódios de uma longa e dolorosa história". CANÁRIO Belga. A Cigarra, 51, 28 set. 1916.

Para ilustrar os tais "punhos de renda", que muitas vezes não conseguiam suavizar as opiniões da revista, poderiam ser citadas as seguintes crônicas:

LEIROZ, M. "São Paulo à noite. O ambiente". A Cigarra, 35, 31 jan. 1916. Nela, o Autor vai descrevendo as personagens desvalidas que povoam a noite paulistana, ressaltando, porém, que

"todos estes produtos mórbidos da nossa civilização não se aproximam do ambiente social onde a cultura e a elegância se dão rendez-vous. A rua tem para eles, mais encanto e sedução." E o Autor continua: Afora, essa vaza, que sobe às marés do acaso, São Paulo já apresenta o esplendor dos grandes centros."

CRÔNICA. A Cigarra, 48, 17 ago. 1916. Nessa crônica, a revista alertava para a necessidade de abrigar as jovens delinquentes e vadias de São Paulo,

"uma grande cidade onde já pululam muitas infelizes, arrastadas para o caminho do vício e do crime por circunstâncias originárias da miséria que lavra nas classes pobres."

CRÔNICA. A Cigarra, 77, 11 out. 1917. A revista defendia um homem que matara a nora porque esta queria levar o neto para morar com seu novo marido, já que o anterior morrera na guerra "defendendo a pátria".

A revista dizia esperar pela condescendência do juri, pois "o pobre velho não matou por muito odiar, mas, ao contrário, por muito amar."

E finalizava: "Em última análise, o crime é passional e os indivíduos passionais têm sempre encontrado na justiça uma justa benevolência."

Entretanto, ainda que a tendência inicial do leitor fosse a de considerar A Cigarra basicamente uma conservadora revista feminina, ele teria que reconsiderar sua avaliação. Afinal, a revista dedicava bastante espaço a temas não propriamente femininos (e a guerra foi um dos que ela tratou com mais ênfase). Ocupava-se, por exemplo, de alguns temas da política interna, ainda que o fizesse apenas com comentários quase sempre triviais. Além disso, costumava veicular "reportagens" elogiosas e fartamente ilustradas sobre indústrias e estabelecimentos comerciais da cidade, tratando até de aspectos técnicos, relacionados ao esquema de produção, às matérias-primas, às instalações etc.

Publicar essas "reportagens" consistia uma verdadeira "jogada de mestre" mercadológica, representando, sem sombra de dúvida, uma inovação publicitária de A Cigarra. Embora eu não possua dados concretos em que me basear, além dos da observação, é provável que o tamanho e o estilo da "reportagem" dependessem do patrocínio do industrial. Enquanto algumas ocupavam uma ou duas páginas, havia aquelas que se estendiam por quatro ou até cinco, muitas vezes incluindo o **portrait** do proprietário. A suposição de que as "reportagens" eram pagas parte da análise do seu conteúdo e estilo, elogiosos demais para serem frutos da "objetividade" e da isenção jornalísticas. O importante a destacar quanto a este tipo de texto, além do seu caráter inovador, é que a sua publicação era importante por veicular uma das concepções ideológicas fundamentais de A Cigarra: a sua preocupação com o progresso e, é claro, com a modernização da cidade.

### 2.3 O Pirralho - um traquinas responsável

Qual seria o tom que O Pirralho utilizava para conquistar o seu público? Se ele era, por vezes, grandiloquente e rebuscado, pois assim ditava a sua época, em poucos momentos triunfalista, a exemplo d' A Cigarra, ou mesmo combativo e crítico, no melhor estilo d' A Vida, na maior parte do tempo, o tom d' O Pirralho era acima de tudo irreverente e humorístico. É importante notar que o fato de O Pirralho ter circulado ininterruptamente de 1911 a 1917 comprova que ele possuía lugar próprio no mercado editorial da época. Mantinha um público estável, que lhe comprava os exemplares e se comprazia com as suas piadas.

Nesse sentido, que "fatias" de público lhe interessava cultivar? A idéia de "compartimentalização temática" do público não era, evidentemente, uma característica exclusiva d' A Cigarra. O Pirralho também costumava adotar esse tipo de divisão. Procurava abranger o máximo de temas possível, da coluna social à página de esportes, estabelecendo, para cada um deles, os tipos preferenciais de leitor. No número comemorativo do quarto aniversário da revista, por exemplo, a coluna "Pirralho Social" (dedicada a notícias da sociedade paulistana) agradecia a atenção dos leitores e principalmente das leitoras:

"Essas, boazinhas e anáveis, têm sempre dado sua preferência ao "Pirralho, que para elas foi fundado, e para elas é escrito. O "Pirralho" é e sempre foi, o "Jornal das moças". Prova-o, o interesse que despertaram as intrigas amorosas que, sem querer, aqui urdimos e o seu número de cartinhas perfumadas que recebemos e que ainda hoje embalsamam as gavetas da nossa secretária.(...) e os retratos mimosos de muitas senhoritas de nossa melhor sociedade que figuraram nessa seção, emprestando-lhe o brilho que antes lhe faltava, e muito." <sup>45</sup>

Como se vê, também n' O Pirralho, as esferas do amor e da elegância eram, preferencialmente, femininas.

Ao contrário d' A Cigarra, O Pirralho não parecia dar muita importância a fábricas ou comércio e demonstrava ter outras preocupações. Não se pode esquecer que esta revista começara a circular cerca de dois anos antes d' A Cigarra; menos de um ano depois de iniciado o malfadado governo Hermes da Fonseca. Nesse contexto, a revista ocupou-se preferencialmente com se opor ao presidente e à cúpula que o cercava. A sua atenção aos temas de política interna era surpreendente, se comparada à d' A Cigarra.

Mesmo destacando o noticiário de bailes e namoros, mesmo promovendo concursos de beleza e simpatia entre moças e rapazes da alta sociedade paulistana, O Pirralho guardava espaço para outros ambientes e personagens, traduzindo, assim, o seu tempo e a sua cidade. As criações dialetais que reproduziam a fala dos imigrantes alemão e italiano indicavam que havia fábricas, que havia greves, que havia conflito e transformação. O relato deslumbrado dos narradores caipiras

---

<sup>45</sup> - PIRRALHO Social. O Pirralho, 201, 4 set. 1915.

comprovava o surpreendente crescimento e a modernização arquitetônica de São Paulo <sup>44</sup>.

Ainda que O Pirralho compusesse, pelo conjunto dos temas, pela forma de expressão predominante e até por suas características materiais, uma revista concebida para a elite paulistana, suas páginas podiam ser ocupadas pela representação de outras vozes. Mesmo que os desvalidos e a "classe operária" não comparecessem à revista concretamente, faziam-no de maneira indireta, pela pena dos redatores e, principalmente, pelos desenhos brilhantes de Voltolino, cuja crueza muitas vezes impedia o tradicional "efeito cosmético", característico do vocabulário rebuscado e empolado da época. Muito embora caiba dizer que n' O Pirralho, ao contrário d' A Cigarra e também d' A Vida, esse "efeito" não costumasse predominar. Geralmente, O Pirralho utilizava o seu vocabulário de maneira muito mais informal que as outras duas revistas, incorporando, por exemplo, gírias e expressões da moda, o que o aproximava, por vezes, do registro oral cotidiano. Como veremos, o uso de gírias nos textos que publicava dava-se de forma praticamente automática. Não era prática na revista grafá-las em tipos distintos dos do corpo dos textos (contrariamente às palavras estrangeiras) e nem mesmo aspeá-las. As gírias davam fluidez e naturalidade aos textos em que apareciam.

É importante dizer que n' O Pirralho, conforme já apontara Ana Belluzo <sup>47</sup>, as caricaturas e as charges de Voltolino se encarregavam,

---

<sup>44</sup> - Mas eu não poderia ser injusta com A Cigarra. Ela também publicou muitos textos na suposta variação dialetal caipira e teve, inclusive, a colaboração de Cornélio Pires, participante assíduo d' O Pirralho.

<sup>47</sup> - Belluzo, A. Voltolino e as Raízes do Modernismo, dissert. de mestrado citada, 1979.

muitas vezes, de trazer o povo para o primeiro plano, mesmo que os artigos ao lado delas versassem sobre o curso da avenida Paulista ou os passeios ao Trianon. Voltolino, como um cronista (ou, no seu caso específico, um "retratista") privilegiado da vida paulistana que era, possuía autonomia e discernimento para tratar de assuntos tão polêmicos como, por exemplo, a exploração do trabalho infantil nas fábricas da cidade, o direito de greve dos operários e a carestia.

No entanto, as formas que revestiam essa aludida "representação" necessitam ser analisadas. O fato de se destinarem preferencialmente à elite fazia com que tanto O Pirralho como A Cigarra tivessem, na maioria das vezes, uma visão distanciada do conjunto da população, suas necessidades, anseios, seu cotidiano. O Pirralho, ao postar-se, por exemplo, contra o jogo do bicho e as sociedades mutualistas que proliferavam entre o proletariado paulistano, tendia a adotar o mesmo comportamento paternalista e assistencialista de A Cigarra. O Pirralho opunha-se ao jogo assumindo uma conduta moralizadora que nada tinha de irreverente <sup>40</sup>.

---

<sup>40</sup> - Com relação à posição de A Cigarra frente a esse tema, é necessário esclarecer que a revista cultivava uma espécie de superioridade ora paternalista ora resignada perante a maioria da população, e o fazia por intermédio de um cronista assíduo no primeiro ano de sua existência.

Este cronista chamava-se Couto de Magalhães e sua coluna intitulava-se "Aspectos da Rua". Falava o autor sobre os estragos decorrentes da crise econômica então vivida e as tentativas de evasão proporcionadas pela ilusão da loteria e do jogo do bicho. Porém, o autor acabava por conformar-se com a ignorância e a credulidade populares:

"Mas vá a gente tentar convencer o zé-povo de que melhor andaria se mandasse às favas os palpites dos sonhos e a própria loteria e economizasse o rico dinheirinho." A Cigarra, 7, s/d.

O mesmo Couto de Magalhães "cometeu" outras crônicas igualmente preconceituosas, porém, algumas delas com um toque tragi-cômico de perversidade e irreabilidade. Foi esse exatamente o caso de uma crônica em que o autor elogiava uma medida polêmica que o governo estadual do Rio de Janeiro queria adotar na capital recém embelezada ou... civilizada. (Sintomaticamente aliás, segundo o próprio autor, a medida já era adotada nas civilizadas capitais européias.) Tratava-se da proibição de as pessoas trafegarem nas ruas centrais descalças ou em mangas de camisa:

"Está aí uma medida que só merece aplausos e que, à exceção dos indivíduos por ela alvejados, será recebida com prazer também pela nossa população, se a Câmara daqui tomar idêntica resolução."

Segundo Magalhães, São Paulo, a exemplo da capital do país, civilizava-se, estado que deveria estender-se também à sua gente:

No que se refere à prática do jogo, O Pirralho decidira empenhar-se numa verdadeira campanha de "regeneração social" da cidade de São Paulo:

" Em benefício da moral, a bem dos nossos foros de dignidade, em nome da honra da sociedade paulista e em defesa dos princípios que a nossa consciência jornalística nos impõe empregaremos todo nosso vigor nessa luta que travamos em prol da regeneração social."

Para isso, afirmava contar com o apoio do secretário da justiça Elói Chaves <sup>49</sup>.

Com relação às sociedades mútuas, O Pirralho não apenas iniciava a sua cruzada contra "os exploradores da ignorância e imprevidência do povo" que "sugam as economias do operariado e absorvem o fruto do trabalho honesto de um modo revoltante", como conclamava todos que

"desejassem] conjugar os seus esforços (...) nessa campanha de saneamento e de alta moralidade".

E O Pirralho concluía:

---

"Faz-se preciso agora civilizar também o povo, educá-lo de acordo com o meio, erguendo-o à altura deste adiantamento. É necessário habituá-lo a calçar-se e a vestir-se, para que não haja o flagrante contraste entre os elegantes que fazem o curso de Higienópolis e flanam das 3 às 5 na rua XV, com os pés-rapados que a cada passo se encontram nos pontos de maior trânsito. (...) Não se trata, evidentemente, de obrigar o pobre a usar borzeguins de Clark (...) nem a envergar casacas talhadas na Ville de Paris. O que se quer é que se calce e se vista da forma que puder (...)."

Magalhães encerra sua crônica com chave de ouro:

"A lei municipal poderá levantar, a princípio, alguns protestos isolados, mas afinal os próprios indivíduos contemplados por ela acabarão por agradecer à Câmara o grande favor que lhes faz, habituando-os a ser... asseados. Não se deve, aliás, andar de pés no chão, quando a tendência hoje em dia, com a vitória dos aeroplanos, é andar de pés... no ar." A Cigarra, 6, 15 jun. 1914.

Torna-se ocioso dizer quem é que, naquele momento, andava de pés no ar...

<sup>49</sup> - A JOGATINA em São Paulo. O Pirralho, 141, mai. 1914.

"Se conseguirmos, como esperamos, desmascarar esses malandros que vivem usurpando os incautos, ficaremos radiantes de contentamento e tranqüilos por havermos cumpridos a nossa obrigação." <sup>50</sup>

Mas, afinal, onde estaria a tão decantada irreverência d' O Pirralho?! A irreverência e a ironia eram utilizadas no tratamento da política nacional, na descrição de cenas de sociedade <sup>51</sup> e, por vezes, até no tratamento de temas "sagrados" como o patriotismo. Vale a pena reproduzir o artigo "Trechos de dois artigos de fundo" <sup>52</sup> :

"No dia seguinte ao do bombardeio da Bahia: "Pátria desgraçada! Pátria do diabo! O diabo carregue o Brasil! Brasileiro que tem vergonha deve meter o carão na terra e sumir-se. Desgraça das desgraças! Que há de dizer de nós a Argentina? Isto é um inferno! A Europa está rindo de nós. O melhor é suicidarmo-nos todos!"

---

<sup>50</sup> - AS MÚTUAS. O Pirralho, 142, 9 mai. 1914.

<sup>51</sup> - Aqui, merecem ser mencionados dois pequenos textos anônimos e sem título, cuja publicação seria difícil de conceber numa revista como A Cigarra. O autor inicia o primeiro deles com uma exclamativa:

"Se Mademoiselle soubesse! o que perdeu, naquela linda tarde, naquele jardim em que todas as rosas choravam de inveja de suas faces..."

Vai, então, criando suspense: não fora a sua fita, não fora a esmeralda "com que enfeita o lírio da sua mão" e nem "aquela medalhinha que se esconde no seio amoroso, com uma data misteriosa, nada disso..." Então, o autor conclui: "O que Mademoiselle perdeu e eu achei e guardo e amo e beijo é apenas isto, que é pouco e é tudo: a sua liga." SE MADEMOISELLE soubesse... O Pirralho, 141, mai. 1914.

No segundo, o autor comenta que recebera um bilhete com "a mais esquisita e indiscreta pergunta, formulada com uma caligrafia feminina, nervosa e linda como um bordado: 'De que cor é a liga de Mademoiselle?'" (provavelmente escrito pela "própria Mademoiselle, dona da liga que eu achei...").

O autor continua: "Demais, para Mademoiselle, não deixa de ser o mais requintado e chistoso escândalo, possuir eu, um homem de carne e osso, a sua liga, este feliz pedaço de seda que gozou a inatingível, a deliciosíssima ventura de ser apenas... a sua liga." PARECE o começo... O Pirralho, 142, 9 mai. 1914.

É interessante perceber a carga de sensualidade dos dois textos. Perder a liga era perder a própria intimidade. E, apesar do vocabulário melífluo do autor, não deixa de existir por trás dele uma forte dose de irreverência e malícia, já que o autor sugere conhecer Mademoiselle intimamente (a sua fita, a sua esmeralda, a sua medalhinha escondida no seio e, evidentemente, a sua liga...).

<sup>52</sup> - TRECHOS de Dois Artigos de Fundo. O Pirralho, 58, 14 set. 1912.

No dia 7 de setembro: "Pátria adorada! Pátria do meu coração! Pátria respeitada por todo o mundo, e diante da qual todas as nações se curvam como vassalãs ante a rainha! Pátria de heróis, pátria de nós todos! Viva a Pátria!"

No mesmo número, sob o título sugestivo de "Patriotismo", é narrada a epopéia vivida por

"Manuel Potoca, patriota estipendiado pelo Tesouro na sua qualidade de funcionário público" que "ergueu-se no dia 7 de setembro com as entranhas ainda mais pejudadas de amor à Pátria de que de costume." <sup>53</sup>

A crônica vai narrando o 7 de setembro vivido por Potoca, desde a sua viagem de táxi com a família ao Ipiranga

"por algumas notas de dez mil réis"

a um "pândego" que queria,

"naturalmente, fazer a independência".

A ironia e a caricatura perpassam toda a narrativa:

"A viagem foi deliciosa. O vento zunia na cartola do Potoca e o sol avermelhava as ventas do pessoal com um ardor verdadeiramente patriótico."

A uma reclamação da filha,

"um pito do Papai: - Menina, a Pátria acima de tudo!

---

<sup>53</sup> - PATRIOTISMO. O Pirralho, 58, 14 set. 1912.

A mulher de Potoca esquecera os ingressos e a família teve de

"gramar no duro do lado de fora do parque."

Mas,

"como é pela Pátria, tudo se tolera, resmungou o patriota."

Com o hino nacional,

"Potoca eletrizou-se e começou a dar vivas. A mulher cotucava-o de quando em quando, mas ele não se importava.

- Viva o Brasil! Viva a República! Viva não sei o que mais.

Finda a festa,

"lá veio o patriota para a cidade. Veio a pé, coitado! (...) Mas a caminhada não estancou o patriotismo do desalmado."

Potoca foi ainda à recepção no palácio do governo e à parada militar na rua XV.

"E ao deitar-se, já quase à meia-noite, o Potoca, suado, rouco [de tanto viver], com as mãos inchadas [de tanto aplaudir os soldados], depois de ter andado o dia inteiro numa roda viva, depois de ter apanhado no cachaço um sol de mafar passarinho (...), o Potoca - esbodegado e na quebradeira - ainda teve forças para dar um viva à Independência. Fôlego de gato!

"Segunda-feira, o Potoca pediu 15 dias de licença. Vão ver que o governo - ingrato - lh'a nega!"

Se traçássemos uma rápida comparação entre essa crônica e o conto "Primeiro de Maio", de Mário de Andrade <sup>34</sup>, encontraríamos pontos paradoxais de aproximação e distanciamento. O operário que protagoniza o conto tenta, sem sucesso, celebrar o seu Primeiro de Maio. E, numa seqüência de buscas, o seu dia se esvai. O funcionário público de "Patriotismo" esvai-se ele próprio na celebração do seu Sete de Setembro. E o seu dia também se consome numa seqüência de buscas.

A ânsia de comemoração se materializa na quimera da Pátria para um, na da fraternidade operária universal para o outro. No entanto, em ambos os casos, os personagens parecem não "combinar" com o que almejam. Assumem, ambos, Potoca sem se dar conta, e 35 (este é o nome do operário), fortemente incomodado, um papel marginal diante dos acontecimentos que presenciaram. 35 percorre e mapeia praticamente a cidade inteira em busca da "Celebração" (do Jardim da Luz, passando pela Praça da Sé, ao Palácio das Indústrias...). Mas nenhuma festa, nenhuma manifestação pública lhe transmite os elementos ideais do "seu" Primeiro de Maio, talvez um misto de festa e de afirmação, um misto de festa e de afronta, de festa e de guerra.

O desfecho de cada estória é o que, efetivamente, oporá os dois protagonistas. 35, o operário, após um dia inteiro de solitárias caminhadas ao léu, mais o peso da decepção com não saber exatamente nem

---

<sup>34</sup> - Contos Novos. 7 ed. São Paulo, Martins, 1976. p. 35-48. Sobre este conto, ver a análise de HARDMAN, F. F.: "O Impasse da Celebração". In: Nov Pátria, novo Patrão, op. cit., p. 153-184.

como nem o quê "celebrar", acaba reencontrando a si próprio no retorno ao seu território, ao "seu domínio", junto aos "companheiros" - carregadores da Estação da Luz. Junto, exatamente, aos companheiros que não apenas não "celebraram" como riram da sua opção (a qual talvez pudesse ser lida, aqui, como uma crença ingênua nos - cada vez mais distantes - ideais internacionalistas).

Potoca, o funcionário, no afã das comemorações oficiais, encontra um prazer masoquista de celebrar, apesar dos pesares que vai sofrendo pelo caminho. Nesse sentido, é significativa a utilização do qualitativo "desalmado", na caracterização do patriota. Quem realmente tem alma - é o que se pode depreender do texto - não se submeteria a tantos percalços sem reclamar e, pior!, sem arrefecer. Na sua celebração, tão solitário como 35, mas sem dar-se conta do ridículo patético de sua idolatria, este personagem chega ao extremo de esgotar o próprio corpo. E, ao contrário de 35, finda sozinho e doente, à espera da remissão do governo para o exagero do seu patriotismo.

Mas, se D Pirralho dava-se o direito de recorrer à ironia, em compensação, não se permitia usá-la o tempo todo. Na verdade, sabia ouvir aquilo que ditavam tanto o "bom-tom" como o "bom-senso". Nesse sentido, assuntos referentes, por exemplo, ao desenvolvimento da cidade e à política nacional e mundial costumavam ser discutidos com seriedade pel' D Pirralho. A exceção ficava, evidentemente, por conta dos ataques virulentos a Hermes da Fonseca, Pinheiro Machado e a outros

políticos de menor escalão que fizeram, por muito tempo, o deleite de seus redatores. Em 1914, por exemplo, a maioria das matérias d' O Pirralho dizia respeito aos descabros do governo e, principalmente, do presidente. Um incidente noticiado pela revista pode servir de ilustração: o artigo "última hora" explica ao público que um "incidente vulgaríssimo" (um mal entendu entre o impressor e o diretor) fez com que aquele inutilizasse 8 páginas d' O Pirralho, que saiu "franzino e anêmico":

"Justamente as 8 páginas que continham os artigos mais violentos" contra o "sórdido e desabrido Marechal" <sup>55</sup>.

Vale dizer que, com os rumos tomados pela Primeira Guerra, a própria participação do Brasil no conflito passou a ser defendida pela revista, o que vem comprovar que havia espaços não totalmente preenchidos com a sua irreverência. No entanto, convém destacar que O Pirralho só se decidiria a defender com ênfase a participação do Brasil na guerra depois de episódios como o do torpedeamento de um navio brasileiro (o Paraná) pelos alemães. Ainda assim, o seu comportamento não deixaria de ser curioso. Enquanto A Cigarra alardeava tudo o que dissesse respeito à guerra, O Pirralho preferia se preocupar, por exemplo, em prevenir o presidente Venceslau quanto à influência nefasta de Pinheiro Machado <sup>56</sup>. Uma de suas primeiras manifestações sobre o tema foi, por incrível que pareça, a criação de um concurso:

---

<sup>55</sup> - ÚLTIMA Hora. O Pirralho, 143, 16 mai. 1914.

<sup>56</sup> - RION. "Carta aberta ao Venceslau". O Pirralho, 152, 25 jul. 1914.

"Conflagração Européia - o Nosso 'Concurso'" que visava saber para que país os leitores torciam <sup>57</sup>.

Evidentemente, muitas das formas que O Pirralho escolhia para conquistar o seu público adequavam-se ao perfil irreverente que ele fazia questão de manter. Mas não se pode perder de vista que, mesmo considerando-se que, em alguns aspectos, esta revista realmente polemizava com os valores vigentes, o seu papel de "vanguarda" possuía referências políticas, sociais e culturais de elite. O Pirralho tinha na hostilização de Hermes da Fonseca quase que um ponto programático. No entanto, a despeito de sua conduta assumidamente civilista, chegou a pedir a interferência das forças armadas para a reestruturação da honra e da vergonha nacionais <sup>58</sup>. Assim, mesmo exercendo o papel vigilante com relação à conduta dos políticos, não propunha reformulações de monta, não defendia um projeto político próprio (avançado ou não, inovador ou não) que transformasse a sociedade. A tática de ironizar uma realidade para a qual não possuía realmente alternativas foi uma saída que O Pirralho utilizou com bastante frequência.

---

<sup>57</sup> - Conforme O Pirralho, a França ganhara com 104 votos, mas seguida de perto pela Alemanha, com 93 votos, os quais, por sua vez, poderiam ser contabilizados no estabelecimento do perfil ideológico do público da revista... (CONFLAGRAÇÃO Européia - o Nosso 'Concurso'. O Pirralho, 161, 14 nov. 1914).

A simpatia pela Alemanha também foi tema de uma "Crônica" d' A Cigarra. A presença de uma esquadra alemã em Santos foi simultaneamente motivo de admiração pelos marinheiros e de crítica ao Brasil. Nas palavras d' A Cigarra, a disciplina dos marinheiros "parece estranha à nossa democracia expansionista, niveladora e mesmo licenciosa, que ignora o prestígio das hierarquias. Ignoramos se, como disse um revolucionário, as sociedades hierárquicas só sabem criar autômatos. O que sabemos é que esses autômatos fazem invejar a nação que os possui e lhes confia a sua dignidade." CRÔNICA. A Cigarra, 5, 5 mai. 1914.

<sup>58</sup> - Um procedimento, sem sombra de dúvidas, surpreendente para uma revista que sempre se propugnou "civilista". Conforme o artigo:

"Parece que é impossível ir além, porque este governo bateu o record da velhacaria e do banditismo. Encheu o Brasil de sangue e de lama, rasgou a nossa Constituição, prostituiu tudo quanto havia de grande e preparou o esfacelamento da nossa nacionalidade.

"E será possível que diante de tudo isso o nosso exército não se levante, a nossa esquadra não se mexa?" O ÚLTIMO Crime do Marechal. O Pirralho, 135, 21 mar. 1914.

Por outro lado, colocar-se veementemente contra a conduta de um presidente, contra os descabimentos da assembléia, contra a truculência de alguns militares não produziria, por si só, uma revista mais inovadora e criativa. É claro que, numa comparação com a "oposição de fachada" exercida pel' A Cigarra com relação a alguns destes temas polêmicos, O Pirralho poderia ser considerado uma revista de certo modo revolucionária. Mas, se comparado com as posições políticas defendidas pel' A Vida, O Pirralho seria, provavelmente, tido por conservador.

Para se considerar uma publicação esteticamente inovadora, mais que a defesa explícita de pontos de vista à esquerda ou à direita, é necessário analisar as maneiras por ela utilizadas para trabalhar estes pontos de vista no plano do texto. Acredito que principalmente nesse sentido (como tentarei provar no desenrolar do trabalho) O Pirralho pode ser considerado uma revista realmente inovadora.

#### 2.4 A Vida - uma cartilha para iniciados

Falar d' A Vida significa, desde logo, falar em resistência. Em vez do tom de exaltação peculiar ao discurso d' A Cigarra e, em menor escala, d' O Pirralho, A Vida manteve em toda a sua existência uma postura intransigente e crítica (muito embora vivesse a exaltar o anarquismo). A leitura de seus sete exemplares indica que o período em

que as três revistas circularam não era tão exuberante como faziam crer os periódicos das elites. A Vida forneceria a sua visão da época, principalmente por meio de "Crônicas Subversivas", em que tratava de temas relacionados ao cotidiano doloroso da população, ao movimento sindical, à atuação arbitrária e autoritária da polícia e dos governantes e, evidentemente, à guerra europeia, que ela descaracterizaria como conflito de nacionalidades para mostrar como uma disputa de interesses econômicos.

A análise das "Crônicas Subversivas" é fundamental para compreender a revista. O sub-título que as acompanhava: "as idéias e os fatos", anunciava que a abordagem dos fatos jamais teria uma conotação de mera reportagem. A Vida os apresentava, mas igualmente as suas próprias idéias sobre eles. É interessante refletir sobre o lugar ocupado pelas "Crônicas Subversivas" em meio aos textos teóricos que davam a tônica da publicação. Segundo o artigo "Aos companheiros e grupos anarquistas de língua portuguesa", anteriormente comentado <sup>29</sup>, a revista tinha como meta divulgar as "doutrinas anarquistas" e "incitar" os seus leitores a estudar questões sociais e filosóficas. Assim sendo, não poderia guiar-se nem pelo modelo dos jornais diários nem pelo das revistas de amenidades tradicionais. O tratamento que devotava aos acontecimentos teria que ser (e efetivamente era!) conciso, seco e firme, sério e analítico.

"Analítico" exatamente porque a revista comentava os acontecimentos tendo como referência os princípios filosóficos

---

<sup>29</sup> - A Vida, 2, 31 dez. 1914. p. 16.

anarquistas que a pautavam. Isso será mais facilmente perceptível nos textos sobre assuntos relacionados à política interna brasileira. Nesse caso, vale como ilustração a opinião de A Vida sobre a substituição de Hermes por Venceslau:

"Realmente, que importa ao povo que esteja na presidência da República um Hermes, um Venceslau ou qualquer outro figurão profissional da política? (...) Medite o povo nos fatos que estão ocorrendo e verá que é preciso combater não os homens, mas o regime. O que é preciso não é mudar de governantes, de senhores, mas combater e aniquilá-los, sejam quais forem, de toga ou de farda." ♦♦

Se estudarmos alguns aspectos de A Vida, como o modo de estruturação por ela escolhido para as suas "Crônicas Subversivas", poderemos considerá-la uma revista bastante criativa. Já no primeiro número, a "Crônica" não se limitava a tratar apenas de um assunto, mas se ocupava da análise de quatro temas diferentes. A partir do segundo, sua abrangência ficaria ainda maior, bem como o próprio espaço ocupado pela coluna no corpo da revista, que se ampliava de acordo com o número de assuntos a serem expostos <sup>41</sup>.

Ainda quanto à estruturação da coluna, cabe apontar um aspecto muito interessante: A Vida tinha como procedimento (para mim, extremamente funcional) dispor cada um dos assuntos discutidos na "Crônica Subversiva", em forma de tópicos autônomos. A indicação dos "tópicos" dava-se por meio de uma "chamada" de canto de página. Esta

---

♦♦ - MEDITE o povo (CRÔNICA Subversiva). A Vida, 1, 30 nov. 1914. p. 1.

<sup>41</sup> - A Cigarra também possuía o hábito (embora esporádico) de tratar de mais de um tema em sua "Crônica". Todavia, não apenas o espaço físico destinado à sua "Crônica" era padronizado e mais rígido que o de A Vida, como o nível de tratamento por ela devotado aos assuntos era, tradicionalmente, superficial. A Cigarra era capaz de utilizar uma "Crônica" inteira para falar do carnaval, inclusive destinando versinhos às leitoras. É claro que este tipo de expediente nunca foi utilizado por A Vida, que, por sinal, associava ao carnaval a idéia de "ópio do povo".

"chamada" consistia em duas ou três palavras que procuravam resumir o assunto a ser abordado, bem como indicar o tom que lhe seria conferido. Deste modo, a "chamadas" de fundo mais propriamente objetivo como, por exemplo, "Congresso anarquista" e "Como se formam criminosos", misturavam-se espécies de parábolas ("Panem et circenses..."); "O pior cego é o que não quer ver"); conclamações ("Um exemplo a imitar"); desafios ("Aos guerreiros") e metáforas ("Mais carne para canhão", "A paz...guerreira!"). Este procedimento tinha, sem dúvida, um caráter muito inovador, não apenas por operar uma distribuição racional do texto, como por "preparar" o leitor e despertar a sua curiosidade, algumas vezes surpreendendo-o <sup>48</sup>.

A presença desse "elemento surpresa" pode ser muito bem exemplificada no estudo do tópico "O desarmamento geral" <sup>49</sup>, que, possuindo como tema básico a Primeira Guerra, discute e ironiza a conduta e o pensamento dos "pacifistas burgueses". O inusitado nessa crônica é que o autor, em vez de dissertar sobre um hipotético desarmamento ou prognosticá-lo (como o título poderia sugerir...), faz uma projeção teatralizada do que viria a ser o pós-guerra dos tais "pacifistas" e apresenta, da mesma forma, o pós-guerra da classe trabalhadora (previsto a partir das condições sócio-econômicas do momento em que a crônica estava sendo escrita).

---

<sup>48</sup> - Convém notar que não encontrei este tipo de procedimento, não só nas duas revistas paulistanas que elegi para analisar, como nos demais periódicos pesquisados.

<sup>49</sup> - O DESARMAMENTO Geral. (CRÔNICA Subversiva). A Vida, 6, 30 abr. 1915. p. 1-2. Grifos meus.

A coloquialidade e a informalidade que caracterizam este texto fogem ao jornalismo empolado que era dominante no período, principalmente em revistas como A Cigarra, e o aproxima mais do tipo ideal de leitor a que a revista se dirigia. Vejamos:

"Os pacifistas burgueses são engraçados. Todos os dias, em suas palestras, em seus jornais, só se vêem exclamações de horror, diante das barbaridades tedescas.

"Todos eles sonham a paz e a imaginam assim: a Alemanha e a Áustria esmagadas e divididas, a Bélgica libertada do bárbaro invasor e reintegrada na sua independência, a volta das terras italianas atualmente dominadas pela Áustria à proteção da pátria de origem e depois ... depois ... silêncio, que o ato é solene: as chancelarias reunidas talvez na Cidade Luz a discutirem a nobilíssima resolução do desarmamento geral."

A intimidade com o leitor será reforçada com o recurso a elementos dialógicos explícitos. A crônica tem seu tema introduzido de uma maneira relativamente impessoal. O narrador se aparta da ação que narra e dos seus personagens, mas se coloca, ainda que implicitamente, como narrador (através, por exemplo, dos juízos de valor com que qualifica os personagens). A situação irá modificar-se no terceiro parágrafo, quando a utilização da primeira pessoa do plural facilitará e reforçará a inclusão do leitor no próprio processo de concepção das cenas apresentadas, fazendo dele o companheiro privilegiado desta viagem do cronista ao futuro. As cenas foram construídas sem economia de detalhes, o que não significa dizer que o autor recorresse ao "parnasianismo narrativo" dominante.

"E então presenciaremos este espetáculo único na história: diplomatas a desfilarem solenes de casacas negras, em demanda de um salão qualquer, ricamente estucado, para se reunirem em assembléia (...) e forjar a seguinte lei que irá aumentar o ridículo código internacional:

"Considerando ... (imagine o leitor por sua conta o que serão esses considerandos que aqui o espaço é pequeno para eles)... ficam abolidos de hoje em diante o serviço militar obrigatório e transformados os canhões em charruas e os navios de guerra em navios mercantes. Embaixo disso assinarão os enviados da autocrática Rússia, da França socialista, da livre Inglaterra, do astuto Japão, da Alemanha ... (perdão, ia-me esquecendo que a Alemanha neste tempo não existirá mais)."

Como já deve ter sido notado, além da mencionada intimidade, a ironia também é uma peça fundamental na construção dessa crônica, cuja tentativa de esboçar um retrato do "doce" futuro burguês parece ter uma função didática. A amarga oposição estabelecida entre o sonho burguês e a realidade operária, pintada em cores quase fatalistas, vai mostrar ao leitor o absurdo das pretensões burguesas e o ridículo que significaria respeitá-las:

"Quão simplesmente se obtém a paz duradoura!"<sup>64</sup>

"Depois disso na Rússia continuaria a imperar S. M. I. o Czar de Todas as Rússias, nas ruas de Londres continuaria a morrer gente de fome e em toda a parte continuaria o operário a trabalhar 10 ou 12 horas, a comer mal, a vestir-se mal, para poder dar aos seus beneméritos patrões bons alimentos e magníficas roupas; as mulheres continuariam a vender o corpo para viver.

---

<sup>64</sup> - Grifos meus.

"Os operários teriam o bom senso de não mais fazer greves para não perturbar tão admirável ordem, tendo em vista que não haveria mais soldados para convencê-los pela baioneta (argumento poderoso!), que não têm razão em exigir mais um vintém de salário e menos 5 minutos de trabalho.

"Para impedir e reprimir o crime bastaria apenas uma pequena polícia em cada país.

"Ao Estado parasita e opressor, ao Capitalismo explorador, à Igreja hipócrita, todo o mundo se submeteria conscientemente pelo simples amor à ordem ..." <sup>43</sup>

"O desarmamento geral" encerra-se, após ter passado ao leitor uma espécie de mensagem simultaneamente otimista e combativa, baseando-se, ironicamente, na descrição de um futuro catastrófico! Para o cronista, ninguém (além daqueles conservadores utopistas) acreditaria, em sua consciência, num futuro que dependesse, para acontecer, de requisitos impossíveis: o silêncio, a subserviência e a concordância da classe trabalhadora com um conceito de ordem social completamente alheio às suas concepções e interesses. E o cronista conclui:

"E no fim de contas, nós, os anarquistas, é que somos utopistas, nós que temos <sup>44</sup> a pretensão de afirmar que a guerra é um elemento de vida do Estado e que sem o militarismo a ordem social <sup>45</sup> não subsistiria nem um dia."

---

<sup>43</sup> - Grifo no original.

<sup>44</sup> - Grifos meus.

<sup>45</sup> - Grifos no original.

Retomando a idéia da inclusão do leitor na narrativa, talvez seja interessante tecer mais algumas considerações no que se refere à utilização da primeira pessoa do plural neste texto em particular. Durante todo o desenrolar da crônica, a atenção e a atuação do leitor são explicitamente requisitadas pelo cronista que, em certos momentos, chega mesmo a incluí-lo na própria ação narrada. No entanto, o que realmente interessa é descobrir quem estaria incluído na expressão "nós, os anarquistas" usada pelo autor em seu último parágrafo.

Lembremos ainda uma vez que A Vida objetivava expandir ao máximo o conhecimento dos preceitos anarquistas e libertários que veiculava. Nesse contexto, a utilização do pronome "nós" teria um sentido globalizante (ao abranger todos os seguidores do anarquismo), mas não incluiria necessariamente o leitor entre eles. O leitor seria, na verdade, "convidado" a conhecer a postura dos anarquistas (entre os quais se colocava o próprio autor da crônica, justificando o uso do "nós").

Entretanto, se aceitarmos a hipótese contrária, ou seja, a de que o leitor estaria desde logo incluso neste "nós, os anarquistas" final, chegaremos a uma interpretação de fundo bastante pessimista. Em oposição aos seus objetivos iniciais, A Vida, veiculando os seus princípios, arregimentaria como leitores apenas um grupo restrito de iniciados, previamente identificados com a sua linha político-teórica. De certo modo, uma espécie de "elite", o que representaria, ironicamente, uma semelhança de fundo com relação às duas revistas paulistanas.

Alguns fatos dados ao conhecimento do público pela própria revista fazem com que seja esta a hipótese mais provável. Em todos os seus sete números, A Vida apelava para que os leitores fizessem suas assinaturas, afirmando ser esta a única forma possível de sobrevivência para a revista. Além disso, insistia para que as pessoas que houvessem recebido um exemplar e não estivessem interessadas em assinar a revista, enviassem-no de volta. Para se ter idéia da precariedade de A Vida em termos de público, basta dizer que a revista costumava pedir aos leitores que lhes sugerissem nomes e endereços de assinantes potenciais, para que ela lhes enviasse um exemplar. Em seu quarto número, A Vida apresentava o saldo desanimador de sua campanha por assinantes: até 31 de janeiro de 1915, ela podia contar com apenas 16 assinaturas...<sup>40</sup>

Na verdade, numa sociedade como a brasileira, dividida com tamanha precisão entre uma minoria dominante e uma grande maioria dominada, A Vida sofreria os percalços de toda publicação libertária. O seu público ideal não tinha condições de ter acesso a ela (nem financeiras nem, provavelmente, culturais); em contrapartida, a grande maioria do público que podia fazê-lo, não apenas discordava como temia as suas idéias.

No momento em que A Vida circulava, a grande imprensa dava enorme destaque ao desenvolvimento do conflito europeu e estimulava movimentos

---

<sup>40</sup> - A Vida, 4, 28 fev. 1915. p. 64.

nacionalistas no país <sup>49</sup>. Mas o que, afinal, representariam para a grande maioria da população brasileira, miserável e ignorante, uma guerra longínqua e a discussão de temas como formação de exército, "defesa nacional", modernização, "civilização"?!

Não se pode esquecer que a vida cotidiana dessa maioria erapreenchida com preocupações muito mais tangíveis e prementes como a da garantia da própria sobrevivência <sup>50</sup>. Ainda assim, conceitos de forte apelo emocional, como honra da nação e patriotismo, não deixaram de influenciá-la (e as fotos de manifestações populares em prol da entrada do Brasil na guerra, veiculadas pel' A Cigarra, comprovam-no de maneira cabal).

De qualquer forma, a imprensa anarquista procurava chamar a atenção dos trabalhadores para o perigo que a disseminação de conceitos como o nacionalismo representava para a sua própria organização, tentando demonstrar o quanto eles camuflavam a questão fundamental a ser enxergada e resolvida pelos libertários, para a construção de uma sociedade renovada: a oposição entre opressores e oprimidos, entre empregados e patrões.

No entanto, revistas como A Vida eram minoritárias num contexto sócio-cultural que já se encontrava muito vulnerável ao poder político-

---

<sup>49</sup> - O Correio Paulistano, por exemplo, dedicou a primeira página de praticamente todos os números que consultei (de janeiro a abril de 1915) a artigos e notícias sobre a guerra, mantendo até um correspondente na Europa (Gomes Jr.).

<sup>50</sup> - Cabe observar que a eclosão da guerra aumentou sobremaneira a miséria da população, já que com ela vieram a explosão dos preços e a escassez dos gêneros de primeira necessidade, além das ondas de desemprego que se mantiveram até, pelo menos, a indústria nacional adaptar-se às alterações de produção e consumo, decorrentes da diminuição das importações.

financeiro exercido pela e através da grande imprensa. A indústria cultural impunha-se e arrefecia as vozes discordantes que, teimosamente, tentavam fazer-se ouvir <sup>71</sup>.

Nesta última etapa de caracterização da revista, um elemento paradoxal necessita ser mencionado. A preocupação com temas tão importantes quanto a guerra fazia com que A Vida evitasse tratar de assuntos que consideraria "menores". Contudo, ao divulgar suas regras de funcionamento, uma revista de fundo libertário teria o direito de exercer algum tipo de censura às manifestações de opinião de seus colaboradores? O que parece uma contradição em termos foi, curiosamente, o que se deu com A Vida. Na seção "Expediente", de seus dois primeiros números, a revista publicaria as suas normas de colaboração, duas das quais é necessário reproduzir:

"Da Colaboração:

- Todos os leitores de A Vida são seus colaboradores pelo que podem mandar os trabalhos que desejarem com a certeza de que serão publicados desde que estejam dentro da orientação que preside a esta revista.

- Os originais radicalíssimos no vocabulário e vulgaríssimos na forma não publicaremos, bem como não daremos acolhida a questões particulares ou pessoais." <sup>72</sup>

É interessante observar o movimento que se processa entre a primeira e a segunda normas. A primeira possui um fundo universalizante (o que fica demonstrado com a utilização do pronome "todos"). No

---

<sup>71</sup> - Teimosa e corajosamente, já que esses veículos sempre foram alvo da forte repressão das elites dominantes. Comprova-o o rol de "empastelamentos" de folhas anarquistas levantado por SODRÉ. N. Werneck. Op. cit., p. 350-370.

<sup>72</sup> - EXPEDIENTE. A Vida, 1, 30 nov. 1914. p. 17; A Vida, 2, 31 dez. 1914. p. 17. Grifos meus.

entanto, o processo de estreitamento que ocorre entre as duas normas tem início já na primeira, com a imposição de restrições para a afirmativa inicial: nem todos os trabalhos serão aceitos. Na verdade só os serão aqueles que estiverem de acordo com a orientação da revista. E que tipo de trabalho poderá estar de acordo com ela? Em primeiro lugar, aqueles que não forem radicalíssimos no vocabulário nem vulgaríssimos na forma. Em segundo, aqueles que não tratarem de questões particulares.

Ora, estas restrições não me parecem aceitáveis. Afinal, que tipo de texto serviria às condições exigidas? De acordo com que critérios a propriedade estilística de um texto jornalístico deveria ser julgada? E por quê a proibição do tratamento de questões particulares?

É possível compreender em parte a apreensão da revista. Afinal, um período como esse em que A Vida circulou haveria de ter, com certeza, assuntos mais e menos prementes, de interesse mais e menos geral e, nesse sentido, é legítimo querer privilegiar as questões gerais em detrimento das particulares. No entanto, que tipo de critério seria apropriado para avaliar o caráter particular (ou geral) de um texto? A Vida era uma revista que propunha

"facultar, para o progresso das idéias e entendimento dos militantes, a exposição franca de todas as opiniões, a controvérsia legal, para uma investigação sincera da verdade." <sup>70</sup>

Como, então, poderia exercer a censura? Neste contexto, uma nova contradição parece surgir. Se A Vida desejava uma exposição franca de

---

<sup>70</sup> - O Grupo editor de A Vida. "Aos companheiros...". A Vida, 2, 31 dez. 1914. p. 16. Grifos meus.

opinião, como quereria proceder a uma verdadeiro exame estilístico das contribuições (partindo-se, é claro, do pressuposto de que poderiam colaborar com a revista não apenas intelectuais, jornalistas e escritores anarquistas, mas, nas palavras da própria revista "todos" os seus leitores)?

Como se pode notar, as revistas libertárias também viviam as suas contradições. Mas é hora de mudar de capítulo.

## Capítulo 4

### As crônicas, finalmente

Logo em minhas primeiras incursões pelas três revistas, pude notar a presença constante e insistente, na maioria de suas crônicas (e demais textos, como ensaios, artigos e mesmo poemas), de algo que poderia ser definido como "modelo de Brasil". Cada revista possuía o seu, de matizes ideológicos diversos. O Pirralho e A Cigarra pareciam ter como referência para a construção de seus respectivos "modelos" um país repartido entre uma tradição simultaneamente gloriosa e ingênuo (materializada, por exemplo, nos "grandes feitos" da história oficial e no caráter simples do povo brasileiro) e um futuro certamente vitorioso (já que, mais dia menos dia, o Brasil teria reconhecido o seu lugar de direito entre os países avançados).

Por outro lado, A Vida, exatamente por repudiar as idéias de nação e de país, tinha que ter na crítica desse tipo de conceito a sua principal linha de ação. Assim, para propagar a tão almejada destruição de todas as pátrias, também precisava elaborar o seu "modelo de Brasil". Para ela, o Brasil sempre fora, ainda era (e talvez continuasse sendo...) apenas um entre os inúmeros palcos da exploração

do homem pelo homem. A Vida ilustrava o que dizia - e reforçava o seu "modelo" - divulgando nas "Crônicas Subversivas" a miséria dos proletários, a truculência dos governantes, a prepotência dos ricos, assuntos pouco tematizados pela revistas paulistanas. Segundo ela, o futuro só poderia ser modificado para melhor com o fim, não apenas do Brasil, como de todos os países - de todas as fronteiras nacionais.

Pensar em "modelos de Brasil" requer que se fale em nacionalismo. Falar sobre o nacionalismo, muito mais que apontar um tema predominante no imaginário do país no período, representa discutir um dos caracteres sustentadores não só da literatura como da própria cultura brasileira. É interessante observar que Antonio Cândido nota a presença desse tema já na literatura do século XVIII, com o arcadismo e mais fortemente na do início do XIX, com a independência do país e o advento do romantismo <sup>1</sup>. Cândido define o que chama de "nacionalismo artístico" como

"fruto de condições históricas, - quase imposição nos momentos em que o Estado se forma e adquire fisionomia nos povos antes desprovidos de autonomia ou unidade (...)" <sup>2</sup>

Tendo por base essa afirmação, como refletir sobre o tipo de material veiculado por essas revistas de lazer e informação, produzido num período posterior àqueles trabalhados e classificados por Antônio Cândido como de "formação" da literatura brasileira?

---

<sup>1</sup> - CÂNDIDO, A. Formação da literatura Brasileira (Momentos Decisivos). 6.a ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1981.

<sup>2</sup> - CÂNDIDO, A. Op. cit., v. 1, p. 27.

O nacionalismo e o dilema por ele apresentado aos escritores, muitas vezes divididos entre o desejo (ou obrigação) de exaltar a pátria e a necessidade (ou desejo) de situá-la no mundo de modo mais realista, estavam presentes, sim, em 1910 (e, portanto, também em suas revistas). Na verdade, continuavam presentes nesse período, quando o movimento literário brasileiro inclusive já passara pelos arroubos e contradições do romantismo que, conforme Antonio Cândido, também se debatera entre a procura apaixonada pela valorização da nossa "cor local" e a preocupação com a expressão da subjetividade dos autores, nem sempre "nacionalistas" <sup>39</sup>. Num momento como o pesquisado, em que o país sofria um processo de reformulação econômica, política e cultural de monta, e em que a proximidade econômico-cultural com a Europa se tornava maior, nada mais normal que a tônica da produção escrita estivesse de uma forma ou de outra relacionada ao nacionalismo. Principalmente pelo fato de a auto-valorização de um país depender da comparação estabelecida entre elementos da sua pressuposta tradição e realidade e supostos elementos externos <sup>40</sup>.

É conveniente enfatizar que não pretendo discutir as características do nacionalismo presente na literatura do período - um tema vastíssimo!. Com relação a ele, a tarefa que me proponho neste capítulo (muito mais modesta) é simplesmente comprovar a sua presença

---

<sup>39</sup> - Cândido comenta o remorso que os românticos da segunda geração sentiam ao sobrepor à descrição de costumes, paisagens, fatos e sentimentos de fundo nacionalista "os problemas estritamente pessoais, (...) temas universais e o cenário de outras terras" Op. cit., v. 2, p. 15.

<sup>40</sup> - Cândido já observara que: "A literatura do Brasil, como a dos outros países latino-americanos, é marcada por esse compromisso com a vida nacional no seu conjunto, circunstância que inexistente nas literaturas dos países de velha cultura." Op. cit., v. 1, p. 18.

nas três revistas que selecionei e observar as suas nuances. É justamente para isso que procurarei reconstituir os "modelos de Brasil" veiculados pel' O Pirralho, pel' A Cigarra e pel' A Vida.

### 1. Os modelos de Brasil

Os "modelos de Brasil" que as três revistas deixaram registrados tinham uma explícita marca de classe. A Vida manifestava a sua no discurso irado que empregava contra o próprio modelo que construira. Quanto a O Pirralho e a A Cigarra, não se pode negar que os seus modelos costumavam ser projetados por e para representantes de setores muito particulares da sociedade, exatamente os detentores (ou gerenciadores) dos meios de produção, coerção e informação. Especificamente n' A Cigarra, tendiam a se basear numa "visão panorâmica" da sociedade brasileira, realizada de cima e, por isso mesmo, superficial em muitos aspectos. Se, como já foi dito, O Pirralho eventualmente dava espaço aos setores marginalizados da sociedade, n' A Cigarra isso raramente acontecia.

De qualquer modo, o que é importante frisar, tendo como referência básica a própria análise das crônicas, é que todas as três revistas (sua direção, grande parte dos colaboradores e, provavelmente, a grande maioria do seu público) tinham uma idéia não só parcial como de certo modo simplista do país (O Pirralho e, principalmente, A Cigarra por

menosprezarem ou até desconsiderarem os antagonismos sociais e A Vida por ter olhos apenas para eles). O discurso universalizante que as três revistas adotavam produzia, no caso específico d' A Cigarra e d' O Pirralho, uma certa homogeneização do país, que diluía principalmente as suas diferenças de classe. No caso d' A Vida, gerava uma espécie de desconsideração para com as especificidades da sociedade brasileira.

Para avançar na compreensão da conduta das revistas com relação a esse aspecto, será interessante recorrer ao auxílio da definição de nação elaborada por Benedict Anderson <sup>25</sup>. Para Anderson a nação se define como uma "comunidade política imaginada (...) limitada e soberana" <sup>26</sup>. Segundo o Autor,

"a nação é imaginada como comunidade porque, sem considerar a desigualdade e exploração que atualmente prevalecem em todas elas, a nação é sempre concebida como um companheirismo profundo e horizontal." <sup>27</sup>

Retornando às revistas, é possível constatar como esse tipo de concepção influenciava a construção de seus "modelos de Brasil". O Pirralho e, principalmente, A Cigarra tomavam-na costumeiramente como pressuposto sempre que tratavam de assuntos referentes à "pátria". Por outro lado, para explicitar os seus pontos de vista, diametralmente

<sup>25</sup> - ANDERSON, B. Nação e Consciência Nacional. SP, Ática, 1989.

<sup>26</sup> - Conforme este Autor, a nação é imaginada porque não é possível conhecer todos os seus membros ("embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão"). É "imaginada como limitada, porque até mesmo a maior delas possui fronteiras finitas". É imaginada como "soberana" pois, desde o questionamento e a destruição do reino dinástico de fundo divino empreendidos pelo Iluminismo e pela Revolução, os pluralismos afloraram e as nações passaram a se desejar livres e autônomas. Para tanto necessitavam de um Estado soberano. ANDERSON, B. Op. cit., p. 14-16.

<sup>27</sup> - "Em última análise, essa fraternidade é que torna possível, no correr dos últimos dois séculos, que tantos milhões de pessoas, não só matem, mas morram voluntariamente por imaginações tão limitadas." ANDERSON, B. Op. cit., p. 16.

opostos aos contidos nesse tipo de concepção, A Vida tinha que fazer dela o seu principal interlocutor. Afinal, não se pode esquecer que a guerra européia trouxera as paixões nacionalistas para a ordem do dia e, nesse caso, a idéia de nação como comunidade fizera-se majoritária.

Entre as três revistas estudadas, A Cigarra era, com certeza, a mais entusiasmada com os valores da pátria. A cada data cívica, a revista costumava publicar, infalivelmente, além dos tradicionais comentários laudatórios, longas reportagens ilustradas sobre o sucesso das comemorações promovidas. No dia 8 de setembro de 1917, A Cigarra publicaria uma "Crônica" muito especial que, a meu ver, parece marcante para a compreensão da importância do tema para a revista <sup>66</sup>. Em 1917, o país encontrava-se no auge da excitação patriótica, o que se devia em grande parte à perspectiva de sua participação na Primeira Guerra (recorde-se que o governo brasileiro decretaria guerra à Alemanha em 26 de outubro desse mesmo ano). No entanto, em meio às crônicas triunfalistas e belicosas publicadas em número cada vez maior pelo A Cigarra, envolvida que estava pelos acontecimentos, esta crônica que iremos analisar destacava-se exatamente por ter como característica básica o esforço em dar ao nacionalismo (o tema-chave a ser tratado) uma roupagem histórica e analítica e um caráter programático, em lugar da usual paixão.

Após os elogios de sempre ao 7 de setembro, A Cigarra notava que

---

<sup>66</sup> - CRÔNICA. A Cigarra, 74, 8 set. 1917.

"a aspiração de um nacionalismo puro vai-se traduzindo pelas práticas do dever militar, pela formação de ligas patrióticas, batalhões acadêmicos, linhas de tiro e escolas cujo objetivo é o de eliminar o analfabetismo que tem entravado até agora a marcha gloriosa dos nossos destinos."

Nos parágrafos seguintes, arriscava uma breve retrospectiva histórica, afirmando que, após a "revolução de 1822", a politicagem tomara conta do país. Mas,

"Transformadas as instituições pelo advento da República (...) o Congresso das Nações não deixou de reconhecer que éramos um povo capaz de levar por diante um programa de reformas consentâneo com a necessidade de nos assegurarmos um ascendente original nos tempos futuros."

Então, a revista lamentaria:

"Infelizmente, ainda não conseguimos dar a esse programa o desejado cumprimento. A falta de partidos organizados, a vesânia de certos políticos em interpor as suas paixões à realização de ideais puros (...), tudo há concorrido para tornar inerte a nossa vida política como nação."

Mas iria afirmar, otimista:

"Fiamos, contudo, no esforço do nacionalismo, que talvez venha a ser de futuro o partido pujante no qual as massas populares repousem confiantes, todas as suas esperanças."

O nacionalismo que esta crônica defendia era de amplo espectro:

"não deve circunscrever-se a um culto exclusivista", pois "na obra de formação do Brasil há nomes estrangeiros para os quais a História reserva as mais veementes gratidões. (...) O nacionalismo pode e deve, portanto, ir além

das fronteiras nacionais, sem que por isso diminua o brilho e grandeza de suas aspirações."

Nesse sentido, A Cigarra lançava a sua idéia de pátria:

"A Pátria, como a concebem os grandes espiritos, deve ser una, grande, superior à distinção de castas ou raças, saturada de espírito de fraternidade, abrangendo no mesmo amplexo tanto nacionais como estrangeiros.

E a crônica firmava o seu tom profético:

"Neste terreno de tolerância, o Brasil há de marchar, realizar os seus destinos históricos, ser, enfim, a nação com que o verdadeiro patriota sonha de há muito tempo."

Antes de concluir, conclamava a ação dos leitores, numa significativa primeira pessoa do plural:

"Esqueçamos as paixões pequeninas, façamos uma política larga, liberal, multipliquemos o número das nossas escolas, para que o povo possa ser devidamente instruído e, sobretudo, educado.

Na conquista de um futuro glorioso para o país - que, a julgar pela crônica, já estava a caminho - um elemento teria papel preponderante:

"A escola há de, necessariamente, influir nossos futuros destinos nacionais (...) e isto realizado, poderemos então comemorar sem apreensões, antes com tranqüilidade e orgulho o nosso 7 de setembro, a data principal da nossa História, porque então, e só então, teremos o direito de nos julgarmos um dos mais perfeitos organismos sociais da América do Sul."

Já no primeiro parágrafo, a crônica apresentava um elemento estranho ao ufanismo de praxe na narração de festejos cívicos. Anunciava a presença de um inimigo interno - o analfabetismo - dificultando a marcha do Brasil rumo ao progresso. As escolas surgiam para combatê-lo, na companhia dos "batalhões acadêmicos", das "ligas patrióticas" e das "linhas de tiro" (cabe lembrar que vivia-se, no Brasil, um verdadeiro frenesi pelos temas militares, que se traduzia, em termos práticos, no alistamento voluntário de centenas de jovens no exército, o qual estava prestes a implantar o serviço militar obrigatório). Costumava-se aliar estas "cruzadas patrióticas", de fundo militarista, às campanhas que se organizaram contra o analfabetismo da população. Como se vê, os termos militares faziam o ideário da época; o analfabetismo precisava ser derrotado numa verdadeira guerra, travada por entidades híbridas como estes "batalhões" \* .

Ao incursionar pela história do Brasil, A Cigarra apresentava dois novos elementos surpreendentes: além de, sem maiores explicações, considerar o movimento de independência uma "revolução", a revista

---

\* - Uma coluna publicada n' A Cigarra em 1917, denominada "A Vida Literária", comentava a iniciativa do Grêmio Literário Álvares de Azevedo, da escola de Direito, de pôr seus serviços à disposição da "Liga Nacionalista", para auxiliar na manutenção de um dos cursos noturnos de primeiras letras por ela criado na cidade. A revista dizia:

"Os moços do Grêmio demonstram assim uma sensata e bela orientação, que é agradável constatar no seio da mocidade paulista de hoje. Eles já não vivem naquele perpétuo devaneio e naquela eterna esquivaça (...). Já não querem a torre de marfim. Reconhecem que o sonho não é incompatível com a ação. Enxergam que esta, sobretudo quando visa a converter em fatos as idéias generosamente concebidas, não faz senão prolongar o sonho no plano das realidades concretas, dando-lhe com isso a sensação viril da vitória e a energia dos novos surtos."

Em oposição aos princípios automaticamente associados ao "beletrismo", a revista enaltecia nos jovens acadêmicos a iniciativa, a ação, o abandono ao alheamento representado pelo cultivo da arte. Uma conduta espantosa, não há dúvida, para uma revista que tinha na torre de marfim, aqui criticada, o modelo de arte que costumava reverenciar. A VIDA literária. A Cigarra, 72, 10 ago. 1917.

desqualificava todo o período que ele inaugurara. Para ela, o Brasil só havia encontrado a sua redenção moral com a proclamação da república (no meu entender, uma concepção extremamente simplista da situação política do país).

É fundamental notar a presença, nesta crônica, de um elemento (já mencionado nos capítulos anteriores) que vai aparecer constantemente n' A Cigarra e também n' O Pirralho: a alusão explícita ou indireta a outros países, principalmente europeus, muitas vezes acompanhada de sua comparação com o Brasil. Vejamos: A Cigarra afirmava que as instituições haviam sido modificadas para melhor pela república, mas de certo modo parecia precisar de um aval do "Congresso das Nações" para se convencer da capacidade de transformação do país. No entanto, apesar de ter utilizado esse expediente para referendar o que afirmava, já no parágrafo seguinte, iria deparar-se com a triste realidade: o Brasil ainda não conseguira progredir como poderia.

Conforme a revista, a panacéia para os males do país estaria, acima de tudo, na prática do nacionalismo (este, uma verdadeira "colcha de retalhos" conceitual). Para falar dele, A Cigarra, superficial, recorria a definições de senso comum. Ao dizer que a "Pátria" deveria saturar-se de fraternidade, utilizava o conceito homogeneizador de nação, detectado por Anderson. Ora, afirmar que com o nacionalismo o Brasil caminharia rumo aos seus destinos históricos nada mais era que empregar uma linguagem ornamental, mas vazia (pois a revista sequer definia como seriam esses "destinos históricos" que necessitavam, para serem conquistados, do nacionalismo que ela apregoava). Na verdade, A

Cigarra não se preocupava em explicar as suas afirmações. Do contrário, como justificaria o fato de considerar o nacionalismo um "partido"? Além disso, seria capaz de dizer por que o nacionalismo "brasileiro" poderia e deveria ir "além das fronteiras nacionais" (um evidente paradoxo)? Por fim, saberia explicar o que significava uma "nação com que o verdadeiro patriota sonha de há muito tempo" (ora, o que seria e como pensaria um "verdadeiro patriota"?!)?

As idéias veiculadas pela crônica pareciam ser o seu elemento menos importante. Mais preocupada em impressionar e persuadir que em discutir, A Cigarra recorria a imagens eloqüentes e aparentemente densas, organizando-as num discurso pseudo-teórico capaz de seduzir qualquer leitor menos informado e questionador. Na verdade, a revista camuflava, com uma linguagem pretensamente objetiva, o excesso de paixão que caracterizava as suas próprias convicções.

Assim, em meio à confusão de definições em que se achava mergulhada, A Cigarra mostraria com essa crônica a heterogeneidade característica da sociedade brasileira. Ao conclamar os leitores (com o detalhe significativo de incluir-se no imperativo plural utilizado) a esquecerem as "as paixões pequeninas", a fazerem "uma política liberal" e a criarem escolas, a revista confirmava a inexistência, no plano concreto, da fraternidade nacional e do "nacionalismo puro" que tanto defendia.

O inimigo interno explícito, que era preciso dominar para que o Brasil crescesse, estava no analfabetismo e na ignorância das massas.

Contudo, um outro inimigo apareceria sutilmente no interior do texto, ou melhor, no interior do próprio público a que ele se destinava. Ora, ao criticar a ação maléfica de alguns políticos (por definição, membros das elites) e ao precisar pedir para os leitores esquecerem suas "paixões pequeninas" em benefício do país, A Cigarra insinuava que o seu modelo ideal de elite ainda estava para ser construído.

Ao afirmar que o povo precisaria ser "devidamente instruído e, sobretudo, educado", para "só então [termos] o direito de nos julgarmos um dos mais perfeitos organismos sociais da América do Sul", A Cigarra acabava por colocar nas mãos das elites toda a responsabilidade pela transformação do Brasil (afinal, o país possuía basicamente dois grupos distintos: uma elite capaz de "educar" e um povo a ser "educado"). Diferenciando esses dois grupos e dispondo, em oposição a esta elite esclarecida e apta a ajudar a "pátria", o resto da população - um conjunto heterogêneo composto pelas "massas populares" - A Cigarra acabaria por explicitar (provavelmente sem querer) que, no Brasil, havia antagonismo, havia diferenças e, justamente por isso, muito pouco da fraternidade que deveria regê-lo no alcance dos seus "destinos históricos".

Todavia, mesmo criticando o comportamento das elites, a revista, ao taxar o analfabetismo de entrave à "marcha gloriosa" do país, já no primeiro parágrafo desta crônica apresentava munição para, ao concluí-la, legar ao "ignorante" povo brasileiro a culpa maior pela inexistência do seu "modelo ideal de Brasil".

A análise da crônica precedente poderá ser útil para conhecer e tentar compreender A Cigarra. Porém, mais que isso, poderá apresentar elementos capazes de iluminar a mentalidade da época. A intenção profética de uma crônica como esta indica a incorporação pelas revistas da retórica oficial do país.

As alterações políticas e econômicas no âmbito mundial eram muitas e cumpria ao governo brasileiro compreendê-las e incorporá-las (tarefas não exatamente simples). Os conceitos se atropelavam, à medida que o tempo passava e as transformações apareciam. A guerra e as modificações dela decorrentes na vida econômica do país; o crescimento da cidade de São Paulo; o aumento no número de fábricas; de operários; as mudanças urbanas; enfim, a verdadeira explosão que todos esses elementos (já exaustivamente mencionados) representava, era processada ideologicamente de maneira caótica. Penso que a crônica analisada vem espelhar muito dessa turbulência. Ainda que oscilasse entre o culto patriótico e a constatação de impedimentos concretos ao seu próprio otimismo, a eloquência com que a crônica prenunciava um futuro brilhante ao país acabava por dispensar argumentos sólidos que a respaldassem.

A euforia com que a revista costumeiramente tratava o nacionalismo refletia, decerto, o clima simultaneamente efervescente e nebuloso que então se vivia. Os "modelos de Brasil" originavam-se nessa confusão e a refletiam.

### 1.1 "Estamos esplendidamente bem"

Não era usual A Cigarra registrar, ainda que à tração, como fizera nessa crônica, a sua decepção com o país. Como já disse, a revista pautava-se tradicionalmente pelo elogio e mesmo pelo ufanismo. Pois é justamente nesse contexto de ufanismo que o seu "modelo de Brasil" deve ser interpretado e em certo sentido equiparado ao "modelo" d' O Pirralho. Apesar de muitas diferenças, as duas revistas tinham as suas semelhanças. Excluindo-se o fato mais notório - a sua inequívoca vinculação de classe - as duas revistas tinham em comum a crença no futuro. Ao contrário d' A Vida, nenhuma delas punha em questão o sistema político vigente; nenhuma delas colocava em dúvida o progresso do Brasil.

Assim, a principal semelhança apresentada pelos modelos veiculados nas duas revistas paulistanas era o seu fundo otimista. Se, na crônica analisada, A Cigarra reconhecia a inexistência de seu "modelo de Brasil", procurava atenuar sua própria decepção, fazendo da conquista desse modelo uma simples questão de tempo (quando o analfabetismo acabasse; quando os políticos se moralizassem; quando a elite deixasse de ser mesquinha...).

Será oportuno fazer uma rápida leitura de trechos de outra

crônica, também de 1917, ainda sobre os festejos do 7 de setembro <sup>1\*</sup>.

"(...) Sem falar da poderosa drenagem nacionalista que se vem operando, com intensidade sincera e constante nestes últimos dois anos, há para se considerar a evolução que se fez indispensável ao nosso estado atual. Aliás, as espinhosas etapas [sic] que temos vencido são inseparáveis da eficácia dos esforços e dos frutos que estamos possuindo. (...)

"Estamos esplendidamente bem. (...) Resta-nos a ascensão acima de nós mesmos. Esta sublime tarefa que nos ficou não é fácil. É difícil, mas compensadoramente gloriosa. (...) A vontade firme e consciente de crescer sob as frondes da eficiência econômico-político-militar, é que se torna a força de projeção, fazendo surgir a nossa nacionalidade. A clareza nítida do nosso objetivo continental e o sentimento da nossa exuberante vitalidade, eis o que nos transportará, por entre rudezas e glória, ao ideal dos nossos super-homens.

"Além dos esforços reais e ocultos para obtermos o cumprimento do nosso pesado dever, urgem externas e verdadeiras manifestações do nosso trabalho e da nossa fé. (...) É ocasião de erigirmos culto à nossa Pátria. (...) O 7 de setembro deve ser o dia máximo do País, da Família e do Cidadão. (...) O 7 de setembro deve cegar-nos de contentamento e inebriar-nos de patriotismo. A par das glorificações oficiais, que o povo cante e vibre por toda a parte, nas choupanas como nos palácios, nos parques como nos terreiros, nas cidades como nas vilas, por sobre o dorso inteiro do nosso gigantesco torrão..."

Esta crônica dispunha de elementos de fundo inquestionavelmente otimista com relação ao futuro do país. O que é interessante analisar é o emprego que ela daria à primeira pessoa do plural. De certa forma, a revista definia a si e aos leitores como os sujeitos capazes de empreender a transformação do Brasil (nesse caso, o plural magestático

---

<sup>1\*</sup> - A CAMPANHA Nacionalista. A Cigarra, 77, 11 out. 1917.

possuía uma função agregadora). No entanto, para fazer a apologia do 7 de setembro e impor a sua comemoração como data máxima não somente ao País, como à Família e ao Cidadão, A Cigarra transformaria o plural magestático em imperativo. Afirmando que o culto à pátria deveria "cegar-nos de contentamento", a revista acabava por estabelecer um curioso paradoxo, entre imposição e fruição.

A Cigarra incluía-se e aos seus leitores, na categoria povo (expressa, curiosamente, na terceira pessoa do imperativo). Que este cantasse e vibrasse, rico ou pobre que fosse e onde quer que estivesse. Afinal (Anderson mais uma vez!), o espírito da nação deveria ultrapassar qualquer diferença entre os brasileiros.

Um outro elemento importante a destacar nessa crônica era a sua preocupação explícita com o crescimento econômico, político e militar do país (que a revista chamava, curiosamente, de "eficiência", o que faz com que se especule sobre o que ela quererá dizer, por exemplo, com eficiência militar...). De qualquer forma, a preocupação da revista vem demonstrar como essas três áreas, aparentemente independentes, estavam profundamente ligadas à sua idéia de nacionalismo. Ora, segundo ela, o Brasil seria respeitado no âmbito das nações se comprovasse o seu desenvolvimento. A importância que a revista daria a essa conquista era tão grande, que, como vimos nessa crônica, nacionalismo e progresso acabavam quase que transformados em sinônimos. Com base em crônicas como esta, pude notar que, alicerçando o modelo de Brasil veiculado pel' A Cigarra e, como veremos, também pel' O Pirralho, existia um ideário de fundo que eu definiria como progressista. Nele, estariam

registradas as expectativas econômicas, políticas e também culturais das revistas mas, mais que isso, das próprias elites a que elas se destinavam.

É preciso que se diga que também O Pirralho entusiasmava-se com os temas patrióticos, ainda que em menor escala que A Cigarra. A apologia da pátria era, efetivamente, um elemento a aproximar as duas revistas paulistanas.

A título de ilustração, é oportuno reproduzir dois parágrafos de uma crônica comemorativa da proclamação da república, em que O Pirralho aproveitaria para elogiar a conduta dos paulistas. Sobre o entusiasmo da população e das autoridades durante os festejos, a revista afirmava:

"Não acreditamos que essas vibrações de entusiasmo deixem de aumentar e que percam a sua intensidade: o Brasil inteiro que imite São Paulo e gozaremos dentro de pouco tempo, de um conceito mais elevado e mais lisonjeiro.

"As festas cívicas, as comemorações dos grandes feitos da nossa gente e o culto republicano precisam não ser esquecidos por nós brasileiros, bem unidos e bem fraternais." <sup>11</sup>

Quando se tratava de patriotismo, um segundo elemento muito interessante de identificação entre as revistas paulistanas era o grande respeito que ambas dedicavam a duas figuras do mundo da política e do mundo das letras (aqui, extremamente imbricados), Rui Barbosa e

---

<sup>11</sup> - FESTAS Cívicas. O Pirralho, 227, 23 nov. 1916.

Olavo Bilac. Cabe lembrar que O Pirralho, dada a sua propalada conduta civilista, era, por assim dizer, fã incondicional de Rui Barbosa, cujo desempenho diplomático admirava e a quem não se cansava de apoiar na arena política nacional. Olavo Bilac, por sua vez, ao empunhar as bandeiras do serviço militar obrigatório e das ligas patrióticas, conquistou ainda mais celebridade além da que possuía como poeta. Tanto A Cigarra como O Pirralho elegeram-nos como verdadeiros bastiões do nacionalismo, publicando sistematicamente crônicas apologéticas a seu respeito <sup>12</sup>.

Os discursos proferidos por Rui Barbosa no estrangeiro eram particularmente elogiados, pois comprovavam o reconhecimento e a confirmação, por parte dos países avançados, do brilhantismo e da erudição brasileiros (e, aqui, deve-se notar como o "homem" costumava ser confundido com o "país", sempre que a associação nos fosse vantajosa...). Nesse sentido, é importante recuperar uma crônica publicada n' O Pirralho, sobre um discurso proferido por Rui Barbosa em Buenos Aires (integralmente transcrito pel' A Cigarra) acerca de nossa neutralidade frente aos países envolvidos na Primeira Guerra Mundial:

Já a partir do título, pode-se descobrir o tom que tingirá o texto: "A Oração do Apóstolo" <sup>13</sup>. É interessante ter em conta que, a rigor, O Pirralho costumava manter uma visão mais crítica que A Cigarra

---

<sup>12</sup> - Nesse sentido, é preciso observar que, muito embora O Pirralho se apresentasse como civilista, também ele se deslumbrava, em 1916, com a campanha levada por intelectuais como Bilac. Em oposição flagrante à campanha civilista de 1910, a campanha nacionalista popularizava a idéia de serviço militar obrigatório, glorificando inevitavelmente as forças armadas.

<sup>13</sup> - A ORAÇÃO do Apóstolo. O Pirralho, 221, 29 jul. 1916.

do conjunto da sociedade brasileira e principalmente da classe política. Isso pode ser comprovado logo no início da crônica:

"Enquanto a maioria dos brasileiros desperdiça o tempo em politiquices, prazeres e vícios, enquanto a mór parte dos nossos homens de Estado e mandões políticos prepara a nossa ruína econômica e moral, Rui Barbosa, em país estranho, com o poder de seu talento, com a pureza de suas crenças, com a nobreza de seus sentimentos, com a grandeza de sua erudição, levanta o nome da sua pátria e faz convergir para ela a atenção e a admiração dos maiores centros do mundo civilizado."

Como se vê, a implacabilidade da revista para com a maioria da população contrapõe-se ao elogio do paradigma de brasileiro por ela construído. Mas, é preciso que se note, esse paradigma também englobava a figura pública representada por Bilac. Evidentemente, A Cigarra não se cansava de elogiar o "bardo" com crônicas e artigos laudatórios. E exatamente por isso, vou ilustrar o que afirmo com um texto veiculado não por ela, mas pel' O Pirralho. Comentando as viagens realizadas pelo poeta, a revista dizia:

"(...) aqui e ali, tem operado o nosso maior poeta, aliado a outros extremosos filhos do Brasil, notadamente Miguel Calmon e Pedro Lessa, incentivando a gente patricia para (...) dedicar-se à obra da defesa nacional, recebendo a instrução militar e cultivando o civismo.

"Esse proveitoso labor de Bilac já deu os primeiros frutos, áureos e magníficos, e dele provém, em grande parte, a ida pressurosa dos moços brasileiros ao quartel general de cada região, alistando-se como voluntários especiais (...)

"No seio da nossa juventude, estudiosa e sonhadora, agora palpita, fortemente, talvez mais do que nunca,

a verdadeira vontade de ser bastante útil a esse regenerador movimento que pretende fazer de cada um de nós um valoroso defensor da integridade do Brasil (...) Os moços brasileiros que ouvem as orações daquele vate primoroso e patriota, doutrinador, escutando também o que lhes dita o coração ardente e radiante de brasileiros são para nossa Pátria (...) as mais certas, as mais belas esperanças!" <sup>14</sup>

## 2. Entre a guarda do passado, o mergulho no presente e o medo do futuro

É fundamental refletir sobre a relação estabelecida entre O Pirralho e A Cigarra e as elites paulistanas, levando em consideração o projeto político-cultural que estas possuíam para o Brasil. Como já foi dito, esse projeto (na verdade, mais uma "intenção") tinha uma conformação curiosa, que soaria como um paradoxo aos nacionalistas mais radicais: junto à aura ufanista que lhe servia de justificativa, estava a motivação incontestada de elevar o status do Brasil, equiparando-o aos países europeus.

No que concernia especificamente à arte, esta dicotomia (característica da época) já estava colocada há muito tempo, como bem o demonstra um texto de Silvio Romero, de 1897 <sup>15</sup>. Ainda que se baseasse em argumentos problemáticos (como comprovaria a arguta análise de

<sup>14</sup> - BELAS Esperanças. O Pirralho, 223, 30 set. 1916.

Recorde-se que a Liga Nacionalista fora criada nesse ano, no Rio de Janeiro, por Olavo Bilac, Pedro Lessa e Higuei Calmon. Cf. MARTINS, W. Op. cit. v. 6, p. 40.

<sup>15</sup> - ROMERO, S. Apud SCHWARZ, R. "Nacional por Subtração". In: Que horas são? SP, Companhia das Letras, 1987. p. 39-40.

Roberto Schwarz), Romero lamentava a inexistência de uma arte genuinamente brasileira, responsabilizando as elites por sua ausência. Afinal, em lugar de dedicar-se a fabricá-la, as elites preocupavam-se, segundo ele, somente em "macaquear" o que se fazia na Europa. Enquanto isso, o povo continuava analfabeto e, portanto, isento de qualquer responsabilidade cultural.

Posso dizer que o que caracterizava as elites dos anos 1910 com referência a esta questão era, a par de comportamentos que poderiam até ser definidos nos moldes da "macaqueação" detectada por Romero, a sua preocupação em cultivar as tradições e elementos genuinamente nacionais (por mais estranho que isso pudesse parecer a qualquer projeto de desenvolvimento que elas tivessem para implementar no país). O que se observava era que, ao lado da fúria pela modernização (que passava pelo estímulo ao desenvolvimento de setores econômicos como o fabril, e pela própria europeização dos costumes sociais), havia, entre as elites, uma preocupação paralela em elogiar e preservar os elementos culturais tidos como autóctones.

Representativa dessa postura foi a demonstração de cantos e danças populares (ranchos, bailes pastoris, reisados e cheganças) realizada no Teatro Municipal, em fins de 1915. O evento tinha como objetivo encerrar um curso de Afonso Arinos sobre Lendas e Tradições Brasileiras, e foi encenado por seus próprios alunos, elementos da alta sociedade paulistana. É importante notar que, ao fornecer às manifestações populares o status de arte, as elites acabaram, efetivamente, por incorporá-las ao seu ideário, o que, para Wilson

Martins, teria implicações culturais futuras. Ao comentar o evento promovido por Arinos, Martins diria que aquela

"manifestação tradicionalista já era um espetáculo modernista antes do modernismo", servindo para "mostrar que os meios sociais de São Paulo já se estavam preparando, sem o saber, para aceitar com equanimidade e muito mais simpatia do que geralmente se diz a maior parte do programa vanguardista." <sup>14</sup>

É inevitável relembrar o quanto o modernismo se debateu, também ele, para tentar solucionar a oposição entre o nacional e o estrangeiro e quanta ênfase ele destinou à recuperação e à valorização dos elementos da terra. Nesse sentido, é fundamental observar que O Pirralho já anunciava essa tendência, dedicando-se a discutir esse tipo de questão muito antes da "Semana de 22". Na verdade, O Pirralho já se preocupava com a construção de uma identidade cultural que "combinasse" com o Brasil. Era por isso que as artes plásticas e a literatura mereciam tratamento concentrado da publicação, que veiculava ensaios críticos sobre ambos os temas. Alguns destes ensaios defendiam a utilização de motivos brasileiros na confecção das obras de arte. Como exemplo básico, deve-se mencionar "Em prol de uma pintura nacional" veiculado na coluna "Lanterna Mágica", de Oswald de Andrade, em que o Autor criticava a conduta alienada dos bolsistas de artes plásticas mantidos pelo governo brasileiro na Europa. Segundo Andrade, estes artistas tornavam-se, ao seu retorno, incapazes sequer de enxergar a profusão e a intensidade das cores brasileiras, quanto mais de incorporá-las à sua pintura <sup>17</sup>.

---

<sup>14</sup> - MARTINS, M. Op. cit., v. 6, p. 16.

<sup>17</sup> - ANDRADE, Oswald. "Em prol de uma pintura nacional". O Pirralho, 168, 2 jan. 1915.

Mas, retornando ao evento do Municipal, creio que vale a pena conhecer alguns dos comentários tecidos pelo A Cigarra a seu respeito. Entre as grandes preocupações da revista estava preservar o passado, que ela temia perdido:

"No íntimo de seus puros sentimentos de mineiro, o distinto estilista [Afonso Arinos] compreendeu que a movimentação do cosmopolitismo em São Paulo cada vez mais extingue na alma popular os ecos do passado amável e romanesco."

Conforme A Cigarra, enquanto as cantilenas de natal "essencialmente brasileiras" continuavam presentes no Rio e na Bahia, onde havia "recordações vivas do tradicionalismo nacional, (...) o espírito paulista achava-se indiferente a tais recordações!...", uma situação que, segundo ela, era preciso mudar.

E a revista continuava, citando o historiador belga Henrique Pivienne:

"Uma nação é uma alma, e as manifestações de nossa alma aí estão fielmente no cancionero, na comunhão de idéias e no culto ao passado que não podemos perder ocasião de afirmar com espontaneidade e coragem." <sup>10</sup>

Vamos nos deter na análise do primeiro parágrafo da crônica. Um elemento que salta aos olhos do leitor logo de início é a indisfarçável xenofobia da revista, camuflada em sua propalada preocupação com as tradições nacionais: nesse parágrafo, A Cigarra responsabilizava o

<sup>10</sup> - TRADIÇÕES Nacionais. A Cigarra, 35, 31 jan. 1916.

cosmopolitismo pela perda da nossa tradição. Contudo, reputava essa descoberta a Afonso Arinos; afinal, fora ele que, "no íntimo de seus puros sentimentos", compreendera os efeitos nefastos do cosmopolitismo sobre a nossa cultura popular (faltaria a revista explicar como conseguira penetrar no "íntimo" do "estilista"...).

Um segundo elemento, curioso, apresentado nesse parágrafo, diz respeito à concepção que A Cigarra possuía do passado do Brasil. O que definiria "um passado amorável e romanesco" e a que personagens este passado estaria ligado? Perguntas como estas são de difícil resposta, principalmente se tomarmos os vários significados do segundo adjetivo empregado pela revista. Um passado romanesco... Romântico, fabuloso, quimérico: estas definições de dicionário seriam realmente apropriadas para caracterizar a história do Brasil? Penso que qualquer análise mais rigorosa que dela se fizesse indicaria que não. Por outro lado, se aproximássemos o "romanesco" daquilo que, na visão da revista, seria digno de ser romanceado, de ser epicamente glorificado, teríamos um belo compêndio de grandes feitos e vultos. A verossimilhança iria encarregar-se de valorizar o passado e a revista asseguraria a sua preservação.

Mas acredito que o mais interessante dessa crônica estava na constatação (que ela implicitamente fazia) das grandes transformações econômicas e culturais que o Brasil começava a sofrer. A crônica opunha São Paulo aos locais em que ainda havia "recordações vivas do tradicionalismo nacional". Ora, se "o espírito paulista achava-se indiferente a tais recordações" provavelmente era porque estava

diversificando os seus interesses (e é claro que para isso contribuía a presença de grande número de estrangeiros na cidade, mais toda a sua bagagem histórico-cultural). Ao responsabilizar o cosmopolitismo (trazido, em parte, pelos imigrantes) pela perda do passado, e ao comprovar o crescente desinteresse dos paulistas por este, a revista demonstrava um certo temor aos novos tempos que se anunciavam. O culto ao passado - imaginariamente glorioso - tenderia a proteger o presente da ameaça representada por um futuro imponderável (sedutor e amedrontador) como o que se prenunciava nas modificações aceleradas que o país e particularmente São Paulo experimentavam.

Por outro lado, também a comparação de São Paulo com o Rio de Janeiro e a Bahia realizada nessa crônica deve ser analisada. Em meados da década de 1910, São Paulo impulsionava o seu crescimento econômico, começando a se preparar para superar o Rio de Janeiro (e, nesse aspecto, o Rio de Janeiro acabava por ter a sua imagem mais relacionada ao passado que ao futuro). E a Bahia, por sua vez, surgiria no texto como uma espécie de pólo diametralmente oposto a São Paulo (cheia de tradições, mas despida da efervescência modernizante paulistana). Na verdade, não me soa exagerado afirmar que esta pequena crônica estabelecia-se como uma antevisão do futuro do país. Opondo São Paulo ao Rio de Janeiro e à Bahia, A Cigarra estaria implicitamente enxergando o início de uma nova etapa na história do Brasil, a qual se caracterizava por portar fortes elementos de ruptura. Nesse sentido, é significativa a associação estabelecida por Tristão de Ataíde, no número de setembro de 1917 da Revista do Brasil<sup>19</sup>. Ao defender o

---

<sup>19</sup> - Apud MARTINS, W. Op. cit., v. 6, p. 103.

nacionalismo e ao

"prever que o futuro movimento intelectual do Brasil [iria] irradiar de São Paulo" (possuidora de "metade da fortuna nacional", de "uma aristocracia da terra", e da altivez e do bom senso dos filhos de "Piratininga") o autor afirmava: "O século XVI pertenceu a Pernambuco, o XVII à Bahia, o XVIII a Minas Gerais, o XIX ao Rio de Janeiro; o século XX é o século de São Paulo."

Nesse contexto, é importante conhecer a conduta adotada pelo O Pirralho. Igualmente preocupado com a preservação de valores da tradição, muito embora em escala bem menor que A Cigarra, cabe perguntar se também ele temeria o futuro. Para tentar resolver essa questão, faz-se necessário recorrer à comparação entre as duas revistas. Não deixa de ser curiosa a relação que A Cigarra estabelecia com o tempo. Sempre preocupada em enaltecer o passado e, de uma forma ou de outra, sempre a especular sobre o futuro, esta revista muitas vezes dedicava ao presente menos atenção do que deveria. Assumia conduta exatamente oposta à de O Pirralho.

Ao dedicar-se, com vigor, ao tratamento de temas ligados, por exemplo, à política interna, O Pirralho fazia a sua opção pelo presente. Fazendo esta opção, estaria muito mais atento que A Cigarra aos novos elementos - evidentemente, anunciadores do futuro - que invadiam a cidade e o país.

Em 1911, logo em seu terceiro número, O Pirralho publicaria uma crônica indicadora de sua atenção para com as transformações que se faziam constantes em São Paulo. O autor, Antonio Cabral, fala sobre uma

conferência proferida pelo socialista francês Jean Jaurès a que assistira <sup>20</sup>. Começa com a descrição sucinta e grave do ambiente do teatro: "triste, sem exhibições claras do toilette". Depois, dedica-se a caracterizar a platéia: "professores de direito, jornalistas e políticos iminentes fazendo cara de que iam compreender".

Ao iniciar a conferência, toda a platéia mantém-se na expectativa de ouvi-lo falar algo sobre o Brasil:

"Porque eles sabiam, da leitura dos serviços telegráficos dos jornais que Jaurès era um grande homem. Oh! E se Jaurès dissesse que o Brasil era uma lindeza! que a coisa mais incomparável deste mundo era a Guanabara! que São Paulo tinha cara de cidade civilizada (este São Paulo tão mediocrementemente provinciano!)."

No decorrer da conferência, o orador acaba por conquistar a platéia, não apenas pelos conhecimentos que demonstra, mas por falar sobre Euclides da Cunha (enfim, o Brasil em pauta!). Cabral, por sua vez, continua narrando o episódio com uma ironia implacável e é impiedoso com a diletta assistência:

"E acaba-se a conferência. O público (o que há de mais fino em mentalidade paulistana) hesita, porque não sabe se a conferência terminou ou não."

Cabral pontua a narração com oposições sarcásticas ao "espírito" da época. Ilustra o provincianismo da chamada inteligentzia paulista, mostrando quão restrito era o seu conhecimento do mundo (a informação mais precisa que os homens doutos da elite paulistana dispunham sobre

---

<sup>20</sup> - CABRAL, Antonio. "Jaurès". In: O Pirralho, 3, 26 ago. 1911.

Jaurés era de que ele era um "grande homem"). Demonstra principalmente como estas elites eram aprisionadas não apenas pelo culto ao nacionalismo como pela auto-reverência.

No entanto, Cabral está atento a uma outra parte do público, que descreverá de modo peculiar. Não recorrerá à ironia impiedosa com que tratou a elite:

"Mas também havia lá, no mais escuro da sala, faces cortadas duramente, a boca raivosa avançando de trajas velhos e humildes - bebendo pelos olhos toda a grande alma do batalhador.

"A cada palavra mais forte, a cada invectiva mais direta, eles, silenciosos, os olhos fixos, esmagaram as mãos calejadas uma contra a outra, na visão estupenda das reivindicações tumultuosas."

A maneira com que o Autor descreve aqueles homens reforça a oposição entre eles e o resto da platéia. Coloca-os em posição de ataque (como sugerem "a boca raivosa" a avançar, os olhos fixos, as mãos esmagando-se) na antevisão do combate por modificações sociais.

A crônica caminha para o seu fim. O Autor tece ainda uma última comparação, dura, quase sem utilizar palavras:

"Saí. Esbarrei num grupo de moços de talento que riam tendo achado boazinha a conferência. Adiante, passaram por mim dois homens talhados rudemente. Iam em silêncio, vagarosamente."

E Cabral termina de modo sensível e poético, fazendo a imaginação dos leitores flunar nas reticências finais :

"Segui até se confundirem com a noite, reaparecendo longe, mais longe, sob os lampiões da ponte, as duas sombras silenciosas caminhando..."

Em 1907, São Paulo sofrera uma paralisação operária de vulto, que se espalhara também por cidades do interior do estado. A greve pela jornada de oito horas configuraria um dos momentos mais importantes do movimento operário no período, até a greve geral de 1917. Em 1911, fase de relativo refluxo do movimento, O Pirralho publicava em seu terceiro número uma crônica que se distinguiu das demais pelo próprio assunto tratado: a conferência de um socialista. Além disso, destacava-se pela ironia não usual com que o Autor decidira descrever a fina flor da intelectualidade paulistana e afirmar o provincianismo da cidade. Destacava-se, também, por registrar a presença ainda silenciosa mas já insinuante de homens pobres, provavelmente militantes do movimento operário, no espaço físico da cidade reservado às elites. Cabral não se deixava tomar pela comiseração de praxe (a sua descrição desses homens, ao contrário, transmitia uma temível idéia de força). Porém, o que tornava esta crônica marcante era o seu final em aberto.

Afirmei que O Pirralho estava atento ao presente. Comentar um acontecimento como esse era, efetivamente, privilegiar o presente. Contudo, terminar uma crônica mirando o caminhar dos dois homens rudes que se distanciavam, confundindo-se com a noite, custando a desaparecer, poderia ser considerada uma maneira de exprimir o futuro incerto que se aproximava. A crônica mantém um final quase em suspenso.

O Autor oscila entre a pseudo-intelectualidade paulistana (da qual ele se aproximava no mínimo por filiação de classe) e a ferocidade comprimida dos humildes que nada têm a perder (e que por isso podem ser temidos).

Mas O Pirralho temeria o futuro? Não creio que uma crônica como esta apresente elementos suficientes para comprová-lo. O que posso reafirmar é exatamente a propriedade com que O Pirralho costumava situar-se no seu tempo: sem idealizar muito o futuro; sem nostalgias do passado, atinha-se ao presente que, como veremos, estava muito mais próximo do futuro do que se ousava imaginar.

E quanto a A Vida, o que dizer? Se tanto O Pirralho como A Cigarra, cada uma das revistas à sua maneira, documentavam as modificações que o país sofria e que abrigavam em si mesmas o conflito entre o antigo e o novo, entre o nacional e o estrangeiro, A Vida tinha com relação a essas questões uma distância quase olímpica. Fortemente ligada à veiculação e discussão do presente, A Vida tinha com o passado uma relação diametralmente oposta à das duas revistas paulistanas, principalmente A Cigarra. Em vez de cultivar o passado e temer por sua perda, A Vida nada mais enxergava nele que o exercício repetido da opressão aos trabalhadores. Nesse sentido, nada dele haveria a preservar. Por outro lado, com relação ao futuro, creio que o que caracterizaria a revista carioca seria um misto de utopia e de sombra.

A Vida, ao contrário d' A Cigarra e d' O Pirralho, pautava-se, como já disse, por carregar uma visão amarga da realidade presente que,

por isso mesmo, nenhuma opção para o futuro apresentava, a não ser a da revolução (recurso drástico, mas único, para a transformação da sociedade). Assim, A Vida inquiria o próprio povo, conclamando-o para a luta pela liberdade:

"ó povo! Quando deixarás de ser o eterno iludido e o eterno ludibriado?! Quando te convencerás que as liberdades e a felicidade que desejas não te hão-de ser dadas por graça divina nem política mas que as has-de conquistar lutando como tem sucedido em todas as épocas quando os povos reconhecendo os seus direitos souberam impor-se?

"E para essa conquista é preciso que te instruas despojando-te de todos os prejuízos políticos e religiosos tornando-te apto para viveres em uma sociedade sem amos nem servos, sem tiranos nem tiranizados porque só então gozarás a liberdade, a tranquilidade e a Vida que tanto anelas." #1

É preciso convir que A Vida, mesmo no momento de intensa mobilização política em que circulou, era voz minoritária. Isso talvez explicasse a sua esperança mesclada de temor pelo futuro que, para ela, só seria possível com a destruição do presente. No entanto, acontecimentos como a guerra europeia (e os chauvinismos que suscitavam) contribuíam para tornar o futuro d' A Vida cada vez mais longínquo. E a transformação do seu tempo numa eternização do presente.

### 3. A importância dos regionalismos

---

#1 - VÁS Esperanças (CRÔNICA Subversiva). A Vida, 1, 31 nov. 1914.

Abordando A Cigarra e O Pirralho, é possível encontrar exemplos curiosos de como as duas revistas lidavam com a intensa dicotomia entre "a tradição e o novo", "o nacional e o estrangeiro" e checar como essa dicotomia interferia em seus "modelos de Brasil". Numa época em que era importante valorizar as tradições do país, A Cigarra e O Pirralho (como outras revistas) enveredavam pelos textos da literatura dita regionalista <sup>66</sup>. A primeira fazia questão de publicar sistematicamente a sua "página caipira" (esse era, inclusive, o título de uma de suas colunas bissextas). Ao longo do tempo, a revista dedicou-se a veicular poemas, pequenos "causos" narrados por personagens caricatos e ingênuos e uma larga correspondência entre compadres e comadres (a exemplo e, possivelmente, sob inspiração d' O Pirralho). Além disso, costumava publicar lendas e fábulas oriundas do interior do país, transcritas por narradores invariavelmente cultos, possuidores de uma maneira simultaneamente distanciada e "bem cuidada" de trabalhar essas histórias (era o que se dava, por exemplo, nos textos do colaborador Leven Vampré, e também nas incursões de Coelho Neto pelo regionalismo, divulgadas tanto n' A Cigarra como n' O Pirralho).

Nessas duas revistas, circulavam, ainda, algumas crônicas que obedeciam a uma estrutura narrativa muito peculiar. Normalmente, possuíam dois personagens: o narrador da cidade (dono, evidentemente,

---

<sup>66</sup> - Nesse sentido, cumpre abrir um parêntese para afirmar que a definição de regionalismo a sustentar minhas análises será a de Lúcia Miguel-Pereira. A Autora define como regionalistas "as obras cujo fim primordial for a fixação de tipos, costumes e linguagens locais, cujo conteúdo perderia a significação sem esses elementos exteriores, e que se passem em ambientes onde os hábitos e estilos de vida se diferenciam dos que imprime a civilização niveladora." MIGUEL-PEREIRA, L. História da Literatura Brasileira: Prosa de Ficção (de 1870 a 1920). Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1988. p. 175.

de um registro culto, e que costumava confundir-se com o próprio autor do texto) e o caipira. Algumas vezes era o narrador que se locomovia ao campo - ambiente que ele, devido aos conhecimentos que possuía, era capaz de entender - outras vezes (mais freqüentes), era o caipira que vinha à cidade, não conseguindo enfrentá-la sem a ajuda providencial do próprio narrador. Uma das crônicas de Cornélio Pires publicada n' A Cigarra será ideal para ilustrar este tipo de situação. A ação de "Te esconjuro" gira em torno da visita do caipira Juca Merenciano ao narrador, em São Paulo:

"A estação da Luz, deslumbrou o Juca que, agarrado ao meu braço, boca muito aberta, olhava para cima apatetado (...).

"Mais adiante, vendo as casas velhas da rua Brigadeiro Tobias, olhou-as com desprezo:

" - Casa ansim, de porcaria, qualquer lugar tem... A do Padre e a do Coroné são bem mais linda...

"(...)E por toda a parte onde notava um prédio chic, vinha sempre com a mesma pergunta, e eu lhe dava a mesma resposta.

" - Home, que diabo, pois mecê mora aqui e num conhece os morero do lugar?

"(...)Bondes e automóveis, à distância, faziam-no encostar-se à parede.

"(...) Fi-lo passear por toda a parte e em dois dias ele começava a perder o medo.

"Parados na rua 15, saiu-se com esta:

" - O que mais me admira é esse dilúvio de gente, homes, muié, véios, criança, carroça, vagão, tudo andano e nem um num dá encontrão n' otro!..."<sup>22</sup>

Analisar essa crônica pode ser interessante por ela ilustrar com muita propriedade as características simultaneamente condescendentes e paternalistas que predominavam na concepção de caipira vigente em São Paulo. A rememoração dos episódios feita pelo narrador e a sua reprodução da fala do visitante viriam comprovar o apuro vocabular que vogava entre os citadinos e o caráter pitoresco e exótico que revestia a fala dos interioranos (no caso, é preciso lembrar que o próprio Cornélio Pires provinha do interior e dominava a fala costumeiramente associada ao campo, mas não a utilizava para narrar as suas histórias, a não ser nos casos em que também o narrador pertencesse ao meio rural). De fato, ao contrapormos os dois personagens, poderemos enxergar o abismo cultural que os separava, tendo como base apenas elementos formais, como o rigor gramatical do narrador e a transcrição da fala do segundo personagem, nos moldes de oralidade que a caracterizavam.

O tratamento que Cornélio Pires deu à crônica era muito representativo, creio eu, da simpatia geral para com a "ingenuidade" e o "bom caráter" do brasileiro do interior. Afinal, o Brasil também era feito desses homens que se deslumbravam com o tamanho e o poderio de uma metrópole em formação, como a São Paulo do período, muito embora

---

<sup>22</sup> - PIRES, C. "Te Esconjuro". *A Cigarra*, 61, 28 fev. 1917.

fossem incapazes de compreendê-la. Nesse sentido, subrepticamente talvez, acabava sendo colocado o papel vanguardista, mas ao mesmo tempo paternalista ocupado pelas elites (intelectuais, econômicas, políticas...) no contexto social brasileiro.

A crônica analisada foi construída exatamente por sobre a oposição entre dois mundos - o urbano e o rural - que, no Brasil, tendiam a se confrontar cada vez mais, em notório prejuízo do segundo. Essa contraposição colocava em evidência a distinção entre os horizontes restritos (e passíveis de serem dominados) do universo rural, e a amplidão de horizontes das grandes cidades (amplidão que se materializava em insegurança, mas principalmente em novas possibilidades de crescimento e conhecimento). Esse confronto entre os universos rural e urbano seria um forte indício da transformação do país e, por este motivo, andava na ordem do dia na imprensa e também na literatura de cunho regionalista. Um misto de nostalgia antecipada, de temor das transformações, de curiosidade otimista e, também, de fatalismo, era o que caracterizava a maioria dos textos sobre o tema, veiculados na imprensa e nos livros.

O Pirralho também veiculava crônicas caipiras que traziam a sua marca típica de irreverência. É interessante conhecer os efeitos dessa irreverência na pequena crônica que segue:

"Era pela manhã de um belo dia que mal se adivinhava o sol com os seus dourados raios, pois ainda não tinha amanhecido, e os pintassilgos com as suas harmoniosas notas já povoavam a solidão do espaço abrasador,

visto como era no tempo do verão, ou estio.

"Chovia a cântaros. Quatro camponeses iam por uma estrada com as suas enxadas na cacunda, quando de repente eis que cai um raio - Oh horror! - e os quatro morreram abraçados no amplexo da mais pura amizade, mostrando ao mundo como é grande o amor de pai, mãe e filhos, pois como é fácil de ver os quatro camponeses eram um casal e dois filhos! Como é bela a natureza." <sup>24</sup>

E, a título de ilustração complementar, reproduzir estas quadrinhas <sup>25</sup> :

---

<sup>24</sup> - PIPI. "Descrição". A Fita Moderna, ano 1, VI. (O Pirralho, 54, 17 ago. 1912).

<sup>25</sup> - Respectivamente: CHUCHU. "Quadrinhas". Idem; BURJONAS. "Postal". O Pirralho, 56, 31 ago. 1912.

"Quisera ser uma vaca  
Ou outro inseto maior  
Pra dar um beijo  
Na cara do meu amor.

"- Oh que moça tão formosa,  
De tão linda parecências:  
Guero falar co'a senhora.  
A senhora dá licências?

"- As licências já tá dada  
Fode falá o que quisé,  
Pois quando Deus feis os home  
Foi pra falá co'as muié."

- # -

"Meu amor, amo-te muito,  
Ven para junto de mim;  
Quero beijar os teus olhos  
E os teus lábios de carmin.

"Tua boca é uma cestinha  
De peras e melâncias,  
Quero comê-las, meu bem,  
Pois jejuo há vinte dias."

O caráter paródico e satírico da pequena crônica reproduzida faz com que ela mereça alguns comentários. O texto sustenta-se em contrasensos: o dia era lindo, mas não tinha amanhecido; o tempo era de estio, mas chovia a cântaros. A narrativa, rápida e desleixada na gramática, misturando gíria ao discurso rebuscado, levava a um paradoxal "final feliz". Os camponeses morriam abraçados, com isso mostrando ao mundo a maravilha do amor familiar.

Talvez seja interessante lê-la não apenas como uma paródia das desprezenciosas estorinhas de atmosfera bucólica e final feliz ou das grandes tragédias inspiradas na miséria da vida rural <sup>24</sup>. Acredito que poderemos interpretá-la como uma sátira amarga ao próprio espírito da época, que tornava possíveis afirmações como a de A Cigarra: "estamos perfeitamente bem". Aquele otimismo arrogante e satisfeito, expresso pelo A Cigarra, teria, talvez, sua contrapartida irônica nesse pequeno texto de ficção: o dia é lindo, mas faz escuro; o tempo é seco, mas chove a cântaros; a família de camponeses vai ao trabalho, mas, desprotegida, sucumbe. Ainda assim, "como é bela a natureza!" - conclui o texto. Se traçarmos uma rápida comparação entre este texto e a sua época, poderíamos notar que também ela era feita (e como!) de muitos

---

<sup>24</sup> - Diferentemente de O Pirralho, A Cigarra tinha por hábito publicar histórias trágicas. Como exemplos, cabe mencionar uma crônica do anarquista Fábio Luz (sua única contribuição à revista nos anos pesquisados), que descreve a atração de um lavrador pelo fogo e a sua morte num incêndio. Cabe abrir um parêntese e observar o tipo de descrição utilizada pelo autor, talvez escabrosa demais para o bom-tom peculiar a A Cigarra: "um cheiro forte de churrasco enchia a casa; o pobre rapaz (...) agonizava, deixando cair, estertorante, grossa e sanguinolenta baba pelas comissuras contraídas da boca." LUZ, F. "O Fogo". A Cigarra, 22, 7 jun. 1915.

Outra crônica interessante a mencionar é de autoria de Manuel Leiroz. Um camponês suspeita de sua mulher, que todas as tardes sai de casa com o filho-recém nascido. Uma tarde, decide segui-la. Vê quando ela se aproxima de um casebre e imagina, transtornado, cenas de traição. Ao entrar na casa para surpreendê-la em pecado, encontra-a com uma cabra roubada, dando alimento ao menino. LEIROZ, M. "Esboço de uma Tragédia". A Cigarra, 5, 25 abr. 1914.

contrasensos. A Cigarra costumava preferir ignorá-los ou subestimá-los. O Pirralho recorria, algumas vezes, à paródia para criticar o que via.

Assim, na primeira crônica apresentada, a paródia e a sátira e, nas quadrinhas, o non-sense materializavam uma diferença entre O Pirralho e A Cigarra, que se iria reproduzir em outros textos (muito embora, convém frisar, O Pirralho, a exemplo d' A Cigarra, também veiculasse textos regionalistas sérios e até mesmo crônicas de fundo sociológico sobre o homem do campo, a miséria etc.). O importante a destacar com relação a O Pirralho é que esta revista tinha uma conduta inovadora no tratamento de temas regionalistas não apenas por fazer uso aberto do tipo de blague característico dos textos apresentados (o que não era absolutamente comum n' A Cigarra), mas principalmente por criar, como veremos a seguir, um tipo específico de regionalismo, diferente dos usuais dialetos de fundo rural.

O Pirralho veiculava o que Wilson Martins chamou de "regionalismo urbano", construído a partir da própria fala dos novos personagens que se agregavam a São Paulo: além do caipira do interior, os imigrantes <sup>27</sup>. Segundo Vera Chalmers, os autores deste novo regionalismo que O Pirralho divulgava configurariam o que ela designou de "ciclo paulista". Conforme a Autora, Cornélio Pires, Hilário Tácito (José M. T. Malta), Léo Vaz e Juó Bananere (Alexandre Marcondes Machado) produziram uma literatura que iria "construir a crítica ao

<sup>27</sup> - MARTINS, W. Op. cit., v. 6, p. 111-173.

parnasianismo e preparar o terreno para os debates, que se abri[riam] com a manifestação da Semana". Ora, uma afirmação como esta serve para comprovar a importância desse novo regionalismo no panorama da literatura brasileira <sup>22</sup>.

É fundamental notar que a incorporação e a transcrição criativas das falas da cidade auxiliaram O Pirralho a compor o seu perfil. A revista criou um estilo próprio, mesclando com propriedade humor, crônica social e política nos retratos que fazia do país e, principalmente, da vida paulistana. A fala dos imigrantes traduzia o novo clima que a cidade vivia com a incorporação à sua rotina de outros personagens, hábitos e crenças; e, exatamente por isso, precisava ser trabalhada. O Pirralho saiu à frente e reproduziu, ao lado do decantado e desencantado universo rural, o caleidoscópico e acima de tudo efervescente mundo urbano.

### 3.1 Além do capiau, o boche e o carcamano

"Há patriotas no Brás e no Brasil"

Oswald de Andrade

Nas páginas d' O Pirralho era freqüente encontrar um tipo de crônica muito especial, escrita por supostos imigrantes italianos e

---

<sup>22</sup> - CHALMERS, V. 3 Linhas e 4 Verdades - O Jornalismo de Oswald de Andrade, 1976, op. cit., p. 38.

alemães, transformados em narradores-personagens. Estas crônicas eram, em primeiro lugar, o resultado de um curioso trabalho de transcrição fonético-filológica. Mesmo com sua análise superficial é possível perceber nelas a tentativa (a meu ver bem sucedida) de reproduzir na escrita o registro oral dos imigrantes, no seu esforço em falar o português, com todos os seus erros e dificuldades. Assim, nas "Cartas d' Abax' o Piques" e nos textos que compunham O Rigalegio, algumas palavras provinham do italiano, outras passavam por um processo italianizador e se misturavam com palavras grafadas em português ou aportuguesadas, numa estruturação sintática mais aproximada da do português. Com relação aos textos germanizados do Birralha, pode-se dizer que o seu processo de produção era semelhante ao dos italianizados, constituindo, ambos, um registro específico - o "macarrônico", denominação criada pelo próprio O Pirralho <sup>29</sup>.

Na verdade, não haveria muita novidade nesse tipo de transcrição. Autores da época, como os regionalistas Valdomiro Silveira, Cornélio Pires, e mesmo anteriores - do romantismo em sua fase nacionalista - como Taunay e Távora, preocupavam-se em reproduzir, em conformidade com a economia de suas obras, não apenas as idéias, mas principalmente o linguajar dos homens do interior, dos caipiras. Um elemento que vai distinguir os textos veiculados pelo O Pirralho - aliás, pelo Birralha e pelo Rigalegio, além das "Cartas D'ABax' o Piques" - será, não resta dúvida, a própria novidade de seus narradores-personagens não serem caipiras, mas imigrantes estrangeiros, com um referencial cultural urbano. Além disso, um segundo elemento-chave a distingui-los será o

---

<sup>29</sup> - Ver O Pirralho, 144, 23 mai. 1914.

seu humor (diga-se de passagem, o grande responsável por sua sobrevivência literária).

Mas há que se destacar ainda um terceiro elemento muito importante nas crônicas "macarrônicas": a sua unidade. Os seus "autores" (os narradores-personagens) tinham vida própria e muito o que comentar em cada novo exemplar do "jornal" que faziam circular n' O Pirralho, responsabilizando-se pela produção de todos os seus textos. Na verdade, esses "jornais" decompunham-se, por assim dizer, numa sucessão de episódios que se ligavam pelo fato de reproduzirem a visão e, muitas vezes, a própria "experiência" do narrador-personagem frente aos acontecimentos do momento. Ao narrarem e comentarem o que se dava na política, na Europa, em São Paulo, os narradores-personagens tinham oportunidade de apresentar aos leitores as suas idéias, o seu caráter, as suas idiossincrasias (principalmente Juó Bananère, que foi o mais assíduo deles). Por serem eles os "autores" dos textos, tudo passava pelo seu filtro criador e era "traduzido" através do seu viés cultural estrangeiro - satiricamente trabalhado pelos verdadeiros autores dos textos - na sua língua contingente: nem italiano nem alemão e nem português: "macarrônico".

O grande mérito desses textos era o rigor inegável da sua produção. As palavras eram grafadas de maneira a fazer com que o leitor as identificasse com as línguas originárias e percebesse a sua mistura e incorporação pelo português. Nesse processo de construção gráfica, os autores logravam reproduzir o próprio processo de assimilação dos imigrantes pela cidade, que se fazia célere. Penso que o resultado

gráfico desses textos chegaria ao leitor como uma reprodução próxima e "natural" da fala imigrante. Além disso, é importante frisar que a reprodução gráfica de registros orais (e de todas as características que revestem a oralidade), nos moldes em que ela se fazia nos textos "macarrônicos" d' O Pirralho, chamaria a atenção para o próprio aspecto gráfico e visual dos textos, um elemento que seria muito trabalhado a partir do modernismo.

Finalmente, é interessante notar o caráter teatral que recobria esses textos. Eram trabalhosos de ler, mas divertidos de ouvir, principalmente, se elementos cênicos e de interpretação fossem colocados a caracterizar os seus narradores-personagens. A maneira como a grande maioria desses textos foi construída como que exige, ao menos da imaginação do leitor, a presença de recursos cênicos acessórios.

A título de ilustração, vejamos alguns trechos do Rigalegio e do Birralha:

Relatando uma entrevista que fizera com o presidente "Riseverdi" (Roosevelt, em visita a São Paulo), Juó Bananère reproduz o seu diálogo com o americano <sup>20</sup> :

"(...)

- Friemiére di tuttos io voglio sapé a sua impressó chi o signore tive di Zan Baolo.

- Ah! gustê molto di tutto, principalmente du Piranga!

---

<sup>20</sup> - BANANERE, J. "Brutta circunferenza co Riseverti". In: O Rigalegio (O Pirralho), 115, 1 nov. 1913).

- O signore già viu u Barcantartica, as Perdicia, o Billezigno...

- No!

- I'ò Bó Retiró?

- Tambê nó.

- Intó vucê non vi nada, sô troxa. Chi vê in Zan Baolo i non vá nu Bó Ritiro, é a mesima cósia chi i in Roma i no inxergá o papa!

Ma perchê? <sup>ma</sup>

- Perchè un Bó Ritiro é chi stó tuttos pissoalo maise xique di Zan Baolo. Uh! Porca miseria! Tê lá cada gosturierigna xique da fazê xurá a genti. (...)"

Um elemento muito interessante dessa crônica é a transcrição que o repórter faz das respostas dadas pelo presidente americano, todas elas também em "macarrônico". Comprova-se, assim, a existência do filtro subjetivo do narrador-personagem. É ele mesmo quem reporta aos leitores, com os seus próprios recursos lingüísticos, a experiência que vivera

N' O Birralha, o Professor Peterslein divaga sobre a história do Brasil:

"Estife lento nos xornaes te tia quinsse nofembro que o Reubliga Prassilerra esdefe zendo veidas bôr ung xende que nong estou ganhendo.

---

<sup>1</sup> - Escrito sem travessão no original.

"Gonvezo que êsde goise esdife tanto b arra um nong crantemende basm ossa ammirrazog, borgu  zembre esdife una crante gonhezedor to hisdorria e esdife zapendo que   os allemongs que tescoprio o Ameriga, a Prassil e díodo munto.(...)" <sup>222</sup>

Até algumas propagandas, se veiculadas nessas colunas, respeitavam o "macarrônico" <sup>223</sup> :

DOTT. SEBASTIO MEDEROSSES

O Devogado da moda

Scrittorio: - R. 15 de Novembre 37-A



GILEA DI MOCOTÓ

O dolce da moda

Chi non come gilea, non   xique

Si vende no Guarany, na Letteria

Perera i no Magestic

BAR BAR 

chopp allemo

a duzent 



Para se ter uma idéia de como o veio descoberto pel' O Pirralho era rico, porém difícilimo de ser explorado, basta dizer que A Cigarra,

<sup>222</sup> - PETERSLEIN. "O Reubliga". In: O Birralha (O Pirralho), 67, 3 nov. 1912).

<sup>223</sup> - O Risalegio (O Pirralho), 115, 1 nov. 1913).

ao longo dos quatro anos pesquisados, buscou concorrer com ele em apenas três oportunidades, provavelmente sem obter grande sucesso. Tentando utilizar o "macarrônico" lançado n' O Pirralho numa crônica sintomaticamente intitulada "Diálogo Alegre", o autor reproduzia o diálogo que travara com um imigrante, tentando explicar-lhe, sem sucesso, o significado da palavra cacófato. A segunda tentativa da revista de incorporar o "macarrônico" deu-se com a publicação das "Cartas de Luigi Cappalunga", que apareceram uma única vez. A última deu-se em forma de propaganda, na qual se via um homem elegante vigiando o trabalho de um pedreiro - cena acompanhada do seguinte diálogo:

" - Então, desta vez o muro está saindo magnífico!

- Si signore, siu dotore. Di questa volta abbiamo fatto il muro colla cal speciale do BANCO UNIÃO DE SÃO PAULO. Ho visto cimento straniero de resistencia, ma come questa cal mai più (...)" <sup>34</sup>

A transcrição deste excerto de diálogo comprova a patente dificuldade que havia em manipular esse tipo tão particular de registro. Se o analisarmos, provavelmente não encontraremos mais que uma tentativa de alcançar resultado semelhante ao dos textos veiculados n' O Pirralho. Ora, o pedreiro italiano fala algo muito próximo do italiano. No entanto, ao nomear o produto que estava sendo anunciado, este surge grafado em português, inclusive em caracteres maiúsculos. Não há aqui, ao contrário dos textos d' O Pirralho, modificações no nível da sintaxe nem no da morfologia, o que resulta

---

<sup>34</sup> - Respectivamente: THÉO. "Diálogo Alegre. A Cigarra, 25, 24 ago. 1915; CARTAS de Luigi Cappalunga. A Cigarra, 64, 13 abr. 1917; SEM TÍTULO. A Cigarra, 63, 28 mar. 1917.

numa construção artificial, diferente daqueles <sup>25</sup>.

Com relação à utilização dos temas regionalistas, o que se via nas duas revistas paulistanas (lembramos que A Vida não veiculava esse tipo de texto) eram algumas semelhanças e várias diferenças. A Cigarra, mesmo publicando crônicas e poemas ingenuamente cômicos, a exemplo da crônica de Cornélio Pires reproduzida, não perdia sua aura séria e tradicional. Pode-se mesmo dizer que os temas regionalistas não tinham para ela a mesma importância que para O Pirralho. Freqüentavam suas páginas da mesma maneira que os poemas e crônicas parnasianos de Albertina Bertha, Coelho Neto e outros. Faziam parte do ideário da época, e por esse motivo eram publicados na revista. É preciso convir que, também n' O Pirralho, o regionalismo dividia espaço com os parnasianos. No entanto, o investimento em termos de criação que os seus autores faziam nos textos regionalistas efetivamente os distinguia dos d' A Cigarra.

Mesmo tendo como referência estes poucos textos que analisei, é possível ver que, apesar dos gostos tidos como refinados da grande maioria do público leitor, até mesmo as revistas de elite poderiam - se tentassem ou quisessem - abrir outras perspectivas de criação a partir de novos elementos. E, nesse sentido, O Pirralho, com os seus "regionalismos", foi, sem sombra de dúvida, um ótimo exemplo.

---

<sup>25</sup> - Porém, é preciso ter em conta a favor do texto transcrito o seu caráter essencialmente publicitário. Sabe-se que uma propaganda necessita, em primeiro lugar, chamar a atenção do público consumidor, algo que o texto em questão tinha como fazer. Destacava-se no conjunto dos materiais publicados pel' A Cigarra, por empregar o nada usual "macarrônico". Desestruturava de alguma maneira a harmonia desse discurso, empregando dentro dele o português (com o destaque dado pela utilização dos caracteres em caixa alta). Com esse efeito de duplo estranhamento, o texto cumpria o seu objetivo publicitário, fazendo com que o produto anunciado praticamente saltasse aos olhos do leitor (em termos gráficos e idiomáticos).

4. A língua é nossa pátria  
(mas preferimos falar francês)

Se a dicotomia entre "o nacional e o estrangeiro" havia gerado, principalmente em termos literários, um imenso interesse pelo regionalismo, isso não significaria dizer que o outro lado da equação, o "estrangeiro", tivesse sua importância atenuada. Ao contrário, é curioso notar o quanto as referências externas influenciavam a composição das revistas pesquisadas, desde as idéias veiculadas até o vocabulário. E aqui é preciso destacar um detalhe significativo: a utilização de expressões estrangeiras, era prática corrente entre as revistas de elite; no entanto, para meu espanto inicial, fui encontrá-las também n' A Vida, justamente a revista para trabalhadores...

Refletir sobre o vocabulário utilizado pelas três revistas também significa refletir sobre a influência da língua portuguesa na cultura brasileira do período. Para Benedict Anderson, a transformação de uma língua em língua oficial e a sua veiculação impressa entre os habitantes de uma determinada região tem um papel fundamental na construção do nacionalismo. O Autor enfatiza o papel exercido nesse processo pelo que chama de capitalismo editorial, exatamente o responsável pela padronização e disseminação impressa de determinadas

línguas em detrimento de outras <sup>24</sup>. Quando de seu processo de independência, o Brasil não teve na defesa de uma língua nacional um instrumento de luta porque o português já se havia estabelecido como língua oficial na colônia e se incorporado à cultura do país. No período de que trato, em que os sentimentos nacionalistas intensificavam-se, encontraremos uma preocupação com a preservação da língua pátria como símbolo da nacionalidade. No entanto, apesar dessa preocupação, as palavras estrangeiras não deixarão de freqüentar as páginas impressas, ao menos no que diz respeito às das três revistas consultadas.

Tanto O Pirralho como A Cigarra tinham por hábito veicular textos inteiramente escritos em francês. O Pirralho chegou a publicar uma entrevista com Elói Chaves, então secretário da justiça, cujas respostas eram todas em francês (com vários erros de gramática...) <sup>27</sup>. A Cigarra, por seu turno, publicou o primeiro ato de Mon coeur balance, de Oswald de Andrade e Guilherme de Almeida - além de promover, na sua redação, a leitura integral da peça. Alguns ensaios de autores que Oswald fora conhecendo pela França também seriam publicados pelo O Pirralho no original. Ora, todos esses exemplos colocam no ar uma mesma pergunta: o que faria com que essas revistas cultivassem uma língua que não era a do Brasil, pressupondo que o seu público a dominasse?

Em 1914, a prefeitura de São Paulo lançara uma lei taxando de modo pesado as tabuletas comerciais que utilizassem palavras estrangeiras. A

<sup>24</sup> - ANDERSON, B. Op. cit., p. 54.

<sup>27</sup> - UMA PALESTRA com o Dr. Elói Chaves sobre o jogo do bicho. O Pirralho, 142, 9 mai. 1914.

Cigarra manifestou-se totalmente favorável à medida, e continuou publicando, de maneira esporádica, crônicas em que se empenhava na proteção e exaltação do idioma pátrio. Quem primeiro comentou essa lei foi o cronista Couto de Magalhães:

"Nada de Palais Royal, Au Paradis des Dames, Hats Store e quejandos nomes que, através de gestos simiescos, copiamos de grandes bazares ingleses e franceses. O nosso vernáculo é opulento e se, para florescer, dispensa a colaboração de francesismos, anglicismos e germanismos, por igualdade de razão possui palavras doces que, sem serem precisamente de confeitaria, estão a calhar para o batismo de quantas casas de negócio venham a existir."

O Autor vai além na sua preocupação com o idioma, alertando que a edilidade paulistana deveria incomodar-se também com o português mal escrito. Mas, lamenta:

"(...) vá a gente defender a pureza do nosso formoso idioma diante de tais escrevinhadores, aos quais a língua portuguesa só agrada como a do Rio Grande do Sul, isto é, ensopada com batatas!"<sup>308</sup>

A Cigarra voltaria ao tema em 1917, porém, antes disso, o cronista Manuel Leiroz iria encarregar-se da tarefa. A crônica de Leiroz traduz uma preocupação explícita com a preservação de uma cultura genuinamente nacional (que seria alcançada por intermédio da nacionalização da arte, do serviço militar, da defesa da pátria e da defesa da língua contra os estrangeirismos)<sup>309</sup>. Leiroz designa

<sup>308</sup> - MAGALHÃES, C. d. "Língua Portuguesa "Ensopada com Batatas". A Cigarra, 12, 29 out. 1914.

<sup>309</sup> - LEIROZ, M. "A Língua". A Cigarra, 42, 20 mai. 1916.

"as diferentes correntes migratórias, as viagens ao estrangeiro e o desamor com que há sido tratado o problema educativo [como] causas evidentes da desnacionalização da língua".

Assim, diz ele,

"Enfraqueceu o encanto da fala materna. Insinuou-se na nossa linguagem o argot, de mistura (...) com o dizer popular corrompido."

A crônica de Leiroz traduz uma preocupação do seu tempo: era preciso elevar o ensino das escolas, tornando-o rigoroso:

"Raciocínio, coração, simplificação e regularização da língua, lógica na aplicação dos diferentes métodos - eis as armas para lançar mão."

Leiroz vai além:

"Há ainda outras cujo emprego se torna indispensável: combater os livros escolares de defeitos absolutos, alargar o programa da pedagogia do trabalho e da organização social do trabalho, para que este país não seja só de bacharéis, mas também de agricultores, de artífices, de fabricantes (...)"

O Autor utilizava um vocabulário vistoso e eloquente, com uma forte conotação conservadora. É notável o tipo de associação estabelecida por Leiroz entre a desnacionalização da língua, a presença de imigrantes no país e as viagens ao estrangeiro (feitas pela elite - o que ele obviamente não dizia). Leiroz recriminava a incorporação da gíria e do que denominava "dizer popular corrompido" pela língua pátria, o que, além de comprovar o seu próprio purismo,

vinha fortalecer a idéia - concretamente inviável - de cultivar e manter uma língua vernácula, apartada de intercâmbios, informações, novas palavras. Em suma, como um repositório da mais cristalina nacionalidade.

Dando seqüência à crônica, o Autor se aventurava a propor como parte da solução para o problema educacional brasileiro uma reforma... ortográfica (!):

"Estabelecer uma ortografia para utilidade de alguns milhões de homens (...) simplificá-la, generalizá-la, subtrai-la às exceções e contradições, eis o que convém se faça desde já."

E, para realizar tal proeza, o Autor toma o exemplo da França que, com o auxílio de ligas pela cultura da língua, conseguiu

"restituir ao idioma pátrio a unidade, a graça, a expressão de seu gênio."

O Autor apresenta, então, o porquê de cultivar a língua pátria:

"O princípio da especialização da língua é tudo, porque sintetiza o amor-próprio nacional, o orgulho dos que querem ver as coisas sem ser pelos olhos alheios. Em tudo é necessário que a individualidade nativa persista, porque um povo sem individualidade é um agrupamento sem fisionomia própria e incapaz, por conseguinte, de se impor ao respeito e consenso universal.

"Dentro das nossas fronteiras, dentro da nossa casa, a língua materna deve prevalecer entre todas as outras. Na cidade, no bairro, na roça ela deve ter o respeito e o prestígio, ser grande e bela pelo dom tradicional e comum do sentimento, pois no dizer dos clássicos, tem de todas as outras o melhor:

"a pronúncia da latina, a origem da grega, a familiaridade da castelhana, a brandura da francesa, a elegância da italiana."

Como se vê, Leiroz termina com chave de ouro, utilizando todo o ufanismo que impregnava a sua época.

A "Crônica" de maio de 1917 <sup>40</sup> caminhará na mesma linha de Leiroz. Nela, A Cigarra irá criticar a conduta da imprensa, já que

"os bons modelos raramente aparecem a demonstrar o gosto dos jornais pelo vernáculo. Há notícias em que os termos franceses são empregados como que para conspirar contra o impertinente purismo da língua."

A crítica à escolas também não se faz ausente:

"Há, como se vê, pouco amor à língua materna. Nas próprias escolas os solecismos e corruptelas aparecem na escrita a cada momento. É que os alunos não recebem como seria para desejar as noções essenciais do português."

Nem a "jeunesse dorée" escapa à sua fúria:

"Há nos moços de boa roda quem conheça dois, três e mais idiomas estrangeiros, ignorando, contudo, o seu."

A explicação é fundamental:

---

<sup>40</sup> - CRÔNICA. A Cigarra, 66, 19 mai. 1917.

"na nossa terra lê-se mais literatura francesa, inglesa e alemã, que portuguesa e brasileira. Daí resulta uma ignorância absoluta por parte desses moços em relação à marcha do espírito nativo."

E A Cigarra dá a sua opinião:

"Os galicismos, por muitos repetidos e usados, enjoam. (...) Ainda se à língua faltassem os verbos necessários para lhe darem uma forte expressão, vá. Mas no idioma português nada falta para evitar as locuções estrangeiradas e dar às frases toda a expressão e elegância."

A Crônica encontra os elementos que é preciso combater para

"defendermos o idioma pátrio das invasões bárbaras que o vão desfigurando e maltratando dia-a-dia":

"o elemento migratório que cria uma vasta flora no formoso jardim da nossa língua (...) [e] o gosto que o arrivismo literário desperta nos moços que pretendem passar por ultra civilizados, não hesitando em demonstrar a cada passo os seus absurdos e tonterias de modernistas."

Ainda em 1917, uma última crônica merece ser comentada. Em "A mulher e a língua pátria", M. Pinto Pereira faz uma associação de amplo espectro, em que se irmanam pátria, história, família, tradição e... responsabilidades maternas:

"Ela, [a mulher] elemento basilar da família, e que tudo pode pelo exemplo, seja um foco permanente de patriotismo irradiante. Corre à sua conta manter-se aceso, em cada lar, o culto abençoado das coisas

tradicionais, já pela narração intencional dos nossos fatos históricos, já pelos conselhos morais e incitamentos à prole. Terão mérito inestimável os seus esforços, se ela, instruindo e educando zelosamente os filhos, souber neles radicar ardente amor, imorredouro, à nossa língua." <sup>41</sup>

A reprodução exaustiva destas crônicas tem por objetivo mostrar, sob mais um ângulo, a mentalidade da época e, mais que isso, as suas contradições. Chega a ser cômica a veiculação pelo A Cigarra de crônicas apologéticas como estas, criticando de modo tão enfático a utilização de palavras estrangeiras e a "imitação simiesca" que nos caracteriza. Ora, A Cigarra jamais deixou de utilizar expressões estrangeiras (e as escorregadelas representadas pelo argot de Leiroz e pelas tonterias da "Crônica" transcrita vêm apenas confirmá-lo).

Mas, antes de prosseguir, cumpre abrir um parêntese, lembrando que analisar obras literárias como crônicas significa aceitá-las como visões de mundo, intimamente relacionadas à visão de mundo dominante no período em que circularam. Assim, as crônicas d' A Cigarra não poderiam ser analisadas sem que fosse levada em conta a verdadeira síndrome do progresso que tomava algumas camadas da população, principalmente as elites. Deve-se recordar a expectativa que algumas das crônicas d' A Cigarra apresentadas colocaram na escola e na educação. De maneira geral, a instrução do povo sempre foi vista, por parte significativa das elites, como a grande panacéia para os males do Brasil <sup>42</sup>. Partindo do pressuposto de que a instrução, por si só,

<sup>41</sup> - PEREIRA, H. P. "A Mulher e a Língua Pátria". A Cigarra, 70, 11 jul. 1917.

<sup>42</sup> - Consultar sobre o tema HOLLANDA, S. B. Raízes do Brasil. 13.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1979, p. 123-124. Como veremos, também os anarquistas tinham uma visão extremamente positiva da educação, embora em sentido diverso do das elites.

jamais significaria desenvolvimento para o país nem melhores condições de vida para a população, poderíamos considerar essa visão um tanto utópica ou mesmo ingênua. No entanto, não seria impossível encontrar, a par da ingenuidade, certa dose de oportunismo e patifaria, pois condicionar o desenvolvimento do país à instrução do povo acaba por jogar sobre as costas deste grande parte da responsabilidade pela sua própria miséria. De qualquer modo, não se pode esquecer que faz parte do jogo ideológico esta camuflagem de responsabilidades e princípios.

Por outro lado, por que esta obsessão pela língua portuguesa? É necessário dizer que a defesa apaixonada da língua pátria, realizada pelo A Cigarra, traduzia uma das questões mais prementes naquele momento, relacionada com a padronização cultural que todos os projetos nacional-desenvolvimentistas costumam requerer. O empenho - característico da época - na valorização de elementos que pudessem servir como marcas da nacionalidade, despertava ataques de paixão, como esse pela língua portuguesa, posto que ela poderia funcionar como um signo poderoso de identidade nacional. Se as elites deveriam ou não abdicar do status de falar e escrever francês, esta era uma outra questão.

Muito embora soasse paradoxal defender a língua contra os galicismos e publicar peças em francês, a conduta contraditória de A Cigarra não representava, no universo da revista, uma falta muito grave. Evidentemente, no cultivo do português estava embutida uma clara tentativa de valorização do país; mas a idéia de que tanto na choupana como no palácio a mesma língua pudesse ser falada e... compreendida

requeriria cuidados. Nesse contexto, exaltar o português e veicular estrangeirismos, como fazia A Cigarra, pode ser considerada uma maneira de impor e manter uma diferença efetiva entre povo e elite. Não se pode perder de vista que o público d' A Cigarra era de elite, e precisava distinguir-se como tal.

Por outro lado, o que se depreendia do ideário da época era que o Brasil precisava de mais técnicos e menos bacharéis; ora, dado o caráter aristocratizante do país <sup>43</sup>, quem exerceria as depreciadas funções técnicas, tão necessárias para o desenvolvimento do Brasil, seria evidentemente o povo, que deveria ser alfabetizado e capacitado para tanto (enquanto isso, o monopólio do mando continuaria com as elites...). Ainda uma última vez, será Manuel Leiroz quem fornecerá elementos confirmadores da postura autoritária das elites que, na sua conduta paternalista para com o país e, principalmente, para com o povo, propugnavam-se conhecedoras daquilo que seria melhor para ambos:

"Não se pense, entretanto, que ao expressar estas razões nos move qualquer sentimento de egoísmo. Nada disso! Queremos apenas a língua nacional no seu apogeu e prestígio, fora da influência dos idiomas internacionais. Estes poderão ter interesse para uma minoria restrita de indivíduos. A grande maioria, porém, não deve cultivá-los por não lhe oferecerem na vida uma utilidade real." <sup>44</sup>

Mas, depois de tanto falar sobre A Cigarra, o que dizer d' O Pirralho? Estaria ele preocupado com a preservação da língua nos mesmos

<sup>43</sup> - Consultar sobre o tema HOLLANDA, S. Op. cit., p. 113-125.

<sup>44</sup> - LEIROZ, M. "A Língua". A Cigarra, 42, 20 mai. 1916. Grifos meus.

moldes que aquela? Como tive oportunidade de observar em seção anterior do trabalho, diante dessa questão também O Pirralho resvalava, algumas vezes, pelo conservadorismo. No entanto, nos exemplares que pesquisei, pude observar que ele não possuía uma preocupação sistemática para com o tema, o que denota mais uma diferença a afastá-lo d' A Cigarra. Por outro lado, a veiculação do "macarrônico" deixa indicado que O Pirralho estava alerta o bastante para a questão das variações lingüísticas que se escutavam na cidade e, mais que isso, procurava expressá-las.

Nesse sentido, ao contrário d' A Cigarra, que temia "os efeitos nefastos do cosmopolitismo" também sobre a nossa língua, O Pirralho procurava incorporá-los, ou melhor, registrar a sua incorporação pelo português, processo que, diga-se de passagem, ocorreria de qualquer maneira, mesmo com as bravatas dos puristas. Talvez seja pertinente, inclusive, antecipar que a prática do registro dessas interferências, não apenas lingüísticas como culturais, iria constituir uma das áreas de interesse modernistas (o movimento pau-brasil lançado pelo próprio Oswald estamparia num de seus famosos trocadilhos - "tupy or not tupy, that's the question" - a verdadeira miscigenação lingüístico-cultural que caracterizava o Brasil, e que já intrigava alguns estudiosos).

Nesse contexto, cumpre destacar um outro elemento de importância, concernente à própria relação estabelecida entre O Pirralho e os imigrantes, comparativamente à estabelecida pel' A Cigarra e pel' A Vida. Começando pela última revista, é importante ressaltar que o anarquismo costumava funcionar, dadas as suas concepções universalistas, como uma espécie de "porto seguro" aos estrangeiros

(que, inclusive, compunham grande parte de seus adeptos no Brasil). Exatamente por partir da clássica oposição entre capitalistas e trabalhadores para distinguir os homens, o anarquismo combatia as distinções baseadas em etnia ou território, a seu ver escamoteadoras da primeira e fundamental diferença a ser vencida. Nesse sentido, A Vida, ao tratar de questões relevantes aos trabalhadores, não tinha como interlocutores os trabalhadores brasileiros. E, ao criticar a guerra européia, alertava os trabalhadores (de todas as nacionalidades) de que eles serviam de bucha de canhão na obtenção dos interesses dos capitalistas que os oprimiam (independentemente da nacionalidade destes) e não da pátria pela qual ilusoriamente lutavam. Como se pode ver, A Vida não partilhava, absolutamente, as crenças nacionalistas das duas revistas de elite paulistanas; postava-se contra elas.

A Cigarra, por sua vez, brindava com exagerada idolatria os valores da "pátria", idolatria que, por vezes chegava a escamotear, como já mencionei, a sua xenofobia <sup>45</sup>. Pois esta seria uma diferença entre as duas revistas paulistanas. A questão da xenofobia é interessante para recuperarmos a heterogeneidade característica d' O Pirralho. De maneira geral, ele mantinha uma conduta que eu chamaria de tolerante com relação aos imigrantes. No entanto, na sua preocupação com a situação política do país e com o papel fiscalizador que costumava exercer, por vezes, também O Pirralho os discriminava. Criticando a conduta de uma companhia de navegação que estava

---

<sup>45</sup> - Nessa linha, muito ilustrativo foi um pequeno texto publicado na revista, em sua seção de curiosidades, comentando as perseguições sofridas pelos ciganos na Europa, desde a Idade Média. O que interessa reproduzir é a sua conclusão: "As terríveis repressões exercidas contra eles (...) não puderam livrar a Europa desta praga dos campos." CURIOSIDADES, A Cigarra, 40, 19 abr. 1916.

extorquindo os recursos do governo do estado de São Paulo para trazer imigrantes da Europa, O Pirralho não era implacável apenas com a companhia, cujo interesse era

"transportar até animais que tenham cara de gente, contanto que façam número para que o Governo morra nas libras".

O Pirralho, seduzido pelo ufanismo peculiar à época, dizia não entender o porquê desse acordo entre a tal companhia e o governo

"(...) se com o tempo a Europa inteira, sem distinção de nacionalidades tenderá a procurar o Brasil."

No entanto, sem justificar porque é que toda a Europa, afinal, procuraria o Brasil, O Pirralho deixava escapar um dado significativo da realidade da época, dizendo que havia

"(...) mais de 20.000 almas à procura de emprego"

E a revista, dialogando diretamente com Carlos Guimarães, presidente do estado no momento, sugeria que ele encerrasse o contrato de imigração. Justificava-se, qualificando os imigrantes que aqui aportavam por intermédio da mencionada companhia:

"Inclua sr. dr. a nossa idéia no seu programa de economias e verá que a imigração espontânea, redobrá logo que todos saibam que o Governo não precisa de parasitas de vadios, de vagabundos, de touristes, como é

a maioria dos que vêm sob a bandeira Antunes dos Santos." \*\*

Mas, apesar dessa crônica, a conduta de O Pirralho frente aos imigrantes não costumava ser tão dura. Na verdade, a revista recuperava a sua fala com relativa simpatia e condescendência, encarando, na maior parte do tempo, a presença de estrangeiros na cidade sem grandes traumas. Isto não significa, porém, desconsiderar a crítica que a revista lhes fazia de maneira constante. Os textos macarrônicos estavam repletos dela, principalmente no que dizia respeito a uma série de caracteres que a elite usual e preconceituosamente associava aos imigrantes, como o oportunismo e a empáfia.

Enquanto isso, A Cigarra olhava com inveja indisfarçável os países europeus e nutria um desdém quase indisfarçável pelos imigrantes que aqui aportavam: na maioria pobres e - pior! - muitos deles com idéias libertárias. A Cigarra, frustrada em seus desejos de grandeza, tendia a recriminar nesses "cidadãos de segunda classe" a sua falta de "europeidade".

Mas, finalmente, quanto à utilização que também A Vida fazia de outros idiomas, cabem algumas observações. Não se pode negar o quanto parece estranho uma revista para trabalhadores usar o francês, o inglês, e principalmente o latim. Em primeiro lugar porque, aqui, o recurso a outras línguas, principalmente ao francês era naturalmente

---

\*\* - O GOVERNO está sendo roubado. O Pirralho, 135, 21 mar. 1914.

associado às elites (o Brasil sempre foi considerado um país de filiação cultural francesa). Na verdade, porém, mesmo buscando manter uma linha didática e de esclarecimento, A Vida traía a formação e vivência intelectuais de seus colaboradores. E nesse caso, o uso do francês e do latim em sub-títulos das "Crônicas Subversivas" e no corpo de outros textos espalhados pela revista viria comprovar mais uma vez, a distância entre a revista e seu público.

É curioso notar que, apesar de existir uma espécie de compromisso de classe a pautar a linha de ação de cada uma das três revistas analisadas, havia uma semelhança extremamente significativa entre elas. Apesar de A Vida procurar atingir trabalhadores, não se pode negar que ela utilizava um vocabulário e um estilo em muitos aspectos similares aos d' O Pirralho e d' A Cigarra, que se destinavam explicitamente às elites paulistanas. Nesse sentido, pode-se dizer que, no mínimo em termos formais, as três revistas tinham algo em comum.

Na verdade, talvez coubesse perguntar se A Vida realmente falava e era compreendida por todas as camadas do público a que se dirigia. É possível supor que ainda que o vocabulário precioso utilizado pela publicação anarquista não fizesse parte do universo cultural da totalidade de seu público, ele não deveria ser-lhe completamente desconhecido, já que pertencia ao modelo cultural então hegemônico (conforme Eric Hobsbawm, "o modelo prático a que aspiram as classes subordinadas (...) o único que elas conhecem") <sup>47</sup>.

---

<sup>47</sup> - HOBBSBAM, E., citado por HARDMAN, F. F. Nov Pátria, Nov Patrão, op. cit., p. 46.

Sendo assim, a utilização pel' A Vida de referentes associados à esfera culta talvez acabasse por dotá-la do que Hobsbawm define como *respectability* - um status baseado em referenciais culturais hegemônicos, legitimados como universais <sup>48</sup>. Esta utilização representaria para a revista um resultado duplamente positivo, valorizando-a perante as classes trabalhadoras e perante as próprias elites, com as quais se mostraria apta a se confrontar. Por outro lado, é importante lembrar que A Vida almejava ter como público, além dos trabalhadores e militantes anarquistas, todos aqueles que, independentemente de sua filiação de classe, quisessem conhecer as teses libertárias. Ora, para isso necessitava recorrer a um discurso mais refinado, o que, no limite, poderia torná-la compreensível para militantes e estudiosos do anarquismo, mas afastá-la dos trabalhadores (a escassez de assinaturas, anteriormente mencionada, poderia indicar-nos a resposta).

Mesmo falando, ou buscando falar, para trabalhadores, A Vida talvez procurasse um legitimador intelectual para as informações e opiniões que veiculava. Ora, o uso de outras línguas teria um efeito de valorização quase automático, pelo status que elas possuíam num país de formação bacharelesca como o nosso. É claro que A Vida não se preocupava com a língua portuguesa do mesmo modo que A Cigarra. O princípio internacionalista que regia o anarquismo, por definição, jamais vetaria aos trabalhadores o acesso ao conhecimento. Ao contrário, pregava a sua busca como etapa necessária ao processo de sua libertação. No conhecimento estaria a chance de os homens libertarem-se

---

<sup>48</sup> - Apud HARDMAN, F. *Idem*, *Ibidem*.

dos preconceitos e se prepararem para a construção de uma sociedade realmente nova.

A "função utilitária", por intermédio da qual o cronista d' A Cigarra procurava justificar a não-ampliação dos conhecimentos da maioria da população brasileira (para os trabalhos pesados que ela fazia, que necessidade haveria de saber outras línguas?), escondia e, por isso mesmo, preservava o caráter classista da sociedade brasileira.. E era exatamente contra esta situação que A Vida travava a sua luta <sup>49</sup> .

---

<sup>49</sup> - Sintomaticamente, a crônica de Leiroz ("A Língua") foi muito elogiada pel' A Cigarra, em sua CRÔNICA do número seguinte, que enfatizava a necessidade de o Estado investir no ensino primário. Entretanto, a revista fazia duras críticas ao ensino superior que se ministrava no país, adotando algo da concepção, por assim dizer, progressista de um autor como João do Rio, que reclamava do excesso de bacharéis e da ausência gritante de técnicos aptos a modernizar o país (nos moldes norte-americanos). A Cigarra, porém, ia mais longe em sua crítica ao sistema educacional, afirmando que o governo deveria incentivar apenas a instrução primária, "deixando em plano secundário (...) os estabelecimentos de onde saem os diplomados, os advogados, os médicos e engenheiros, de entre os quais o maior quinhão não aprendeu nada e nada, portanto, saberá produzir na vida." A Cigarra, 43, 31 mai. 1916.

### 5. "Civilizamo-nos"?

É óbvio que existiam tanto n' A Cigarra como n' O Pirralho assuntos quase que naturalmente inclinados a ser tratados em francês (com a interferência cada vez maior das expressões inglesas). Nesse grupo estariam a moda e a vida em sociedade, domínios em que reinavam as referências parisienses na descrição dos rendez-vous, das toilettes, do glamour das festas, além do requinte londrino no relato dos meetings e dos five o'clock teas e até do foot-ball que a alta roda paulistana começava a cultivar. Todos esses relatos veiculados pel' O Pirralho e pel' A Cigarra eram envolvidos, muitas vezes, por um sentimento meio nostálgico, meio melancólico, de infelizmente não sermos europeus (uma espécie de saudade misturada a spleen, que Olavo Bilac definira como "parisina"). Na verdade, a fixação pela Europa que as elites possuíam - e as duas revistas paulistanas demonstravam-no com freqüência - tinha um caráter simultaneamente idealizador e subalterno. Basta lembrar que cada passo que dávamos em direção aos costumes europeus, cada novo edifício art-nouveau que se construía, cada rua que era reurbanizada acabavam sendo pateticamente saudados aos brados de "civilizamo-nos".

Decidida a trabalhar essa questão tendo como única referência os elementos coletados nas revistas, pude confirmar que a fixação das elites brasileiras pela Europa expandia-se para além da moda e dos hábitos sociais, comumente tidos como supérfluos, atingindo temas muito mais amplos, como a modernização do país (pensada como desenvolvimento

técnico, industrial, arquitetônico) e, obviamente, o nacionalismo.

Se cotejássemos as duas revistas paulistanas, veríamos que era A Cigarra que recorria mais vezes à comparação explícita do Brasil com a Europa. A revista chegaria até ao paroxismo de equiparar São Paulo a Paris com relação à taxa de criminalidade das duas cidades, numa crônica que tinha a sua nota irônica pois, além de afirmar que o crime em São Paulo assumira proporções "civilizadas", finalizava afirmando:

"(...) não é à toa que os compatriotas exclamam, com um lampejo de orgulho nos olhos: 'Não há melhor em Paris...'" <sup>☛</sup>

Mas também O Pirralho fazia as suas comparações, nas quais subjazia a constatação do atraso da cidade diante das capitais européias e até do Rio de Janeiro e de Buenos Aires. É interessante observar que em muitas das suas comparações, O Pirralho, mundano, estabelecia como ponto de partida a vida social de São Paulo. Este foi o caso de uma crônica de Jaime da Gama, que dizia:

"A nossa capital já é um centro onde as manifestações da vida mundana se fazem sentir fortemente. Já não somos os tristes moradores de uma cidade provinciana que às nove da noite dormia a sono solto, depois dos mexericos através das rótulas ou à porta das farmácias.

"Não temos porém a vida de Paris ou Viena ou mesmo a de Buenos Aires ou Rio de Janeiro, mas lá chegaremos."

---

<sup>☛</sup> - CRÔNICA. A Cigarra, 20, 21 abr. 1915.

O autor destacava a importância que a transformação arquitetônica havia adquirido na auto-valorização da cidade. Seu texto demonstraria também como as referências culturais provinham de fora:

"Com os grandes melhoramentos da cidade, já projetados, é possível que, a exemplo do que aconteceu no Rio, a nossa vida mundana se torne mais intensa. (...)

"Vamos em breve ter um grande parque, na belíssima avenida Paulista, que está talhado a ser o lugar de rendez-vous da alta roda paulista. Será o nosso Bois de Bologne, o nosso Prater, a nossa via Caracciolo o nosso Palermo, o nosso Botafogo."

Ao comentar a falta de hábitos sociais que ainda imperava entre os paulistanos, sobretudo os da alta roda, o Autor estabeleceria uma curiosa divisão de classes para ilustrar a vida social paulistana:

"Formamos pequenas tribos distintas e quase inimigas reunidas numa grande taba. (...)"

E continuava:

"A sociedade paulistana, como a de quase todas as partes, bifurca-se em três ramos distintos: o povo, a burguesia e a alta roda. Nas outras cidade cada casta tem seus pontos de rendez-vous, seus lugares de diversão, seus clubs, seus teatros, etc. Aqui é a burguesia que mais se diverte. O povo, coitado, contenta-se com o trabalho. A alta roda aborrece-se no isolamento (...)" <sup>1</sup>

é fundamental observar como a idéia de uma São Paulo mais moderna

---

<sup>1</sup> - BAMA, Jaime da. "O Pirralho Chic". O Pirralho, 1, 12 ago. 1911.

foi sendo paulatinamente construída n' O Pirralho, através dos anos. Leiamos o trecho abaixo, publicado na coluna "O Pirralho Social", sobre os festejos carnavalescos:

"Todos já se preparam para os três dias magnos. E nós desta Paulicéia outrora "acaipirada", parece que compreendemos também que é necessário divertir-se a gente nos dias consagrados à alegria."

Porém, a "divisão de classes", estabelecida por Jaime da Gama quase quatro anos antes, continuava ileso. Ao descrever as batalhas de confetti e lança-perfume travadas por moças e rapazes na Praça da República, o anônimo cronista diria:

"Quem não tem dinheiro para comprar, diverte-se vendo."<sup>252</sup>

Essa idéia de, em face dos acontecimentos, dos mais corriqueiros aos mais graves, a população limitar-se a participar da platéia ou, quando muito, da linha do coro, estaria presente nas duas revistas paulistanas com freqüência. Conforme veremos adiante, O Pirralho, naquela que eu definiria como sua primeira fase (1911-1914), centrava a sua energia maior no tratamento de temas de política interna, principalmente em nível federal. O Pirralho investia em sua veia crítica, apostando que as mudanças que desejava para o país poderiam ser obtidas via fiscalização permanente pela imprensa da atuação dos governantes e, principalmente, via substituição dos próprios governantes. Em termos da política estadual e municipal, O Pirralho sempre tomava posições, tinha o seu candidato para cada eleição

---

<sup>252</sup> - PIRRALHO Social. O Pirralho, 171, 15 jan. 1915. Grifo meu.

majoritária, costumava vigiar (e satirizar!) a atuação da câmara e, além disso, aproveitava, sempre que possível, para fazer o elogio da organização e da autonomia político-econômica paulistas. Por outro lado, no que concernia às instâncias políticas federais, tudo era raiva, tudo era crítica, tudo era sátira.

Quanto à sua função fiscalizadora/satirizadora perante os políticos, vale reproduzir alguns trechos de uma "entrevista" com o secretário da agricultura do estado de São Paulo, a propósito de seu desligamento do governo <sup>22</sup>. A crônica é interessante já a partir do sub-título:

"S. ex. prefere voltar às caçadas e às pescarias, a ser caricaturado semanalmente."

A "entrevista" não é assinada, o que de certa maneira pulveriza a autoria. Os diálogos travados entre o político e o "repórter" (que se refere a si mesmo, ora na primeira pessoa do singular ora na primeira do plural), faz com que se deduza que a entrevista reproduz as idéias do próprio O Pirralho. Por outro lado, o entrevistado demonstra intimidade para com o entrevistador, a ponto de reclamar de sua conduta (o que denota o caráter combativo da revista):

"Saiba que estou aborrecidíssimo, com a tua crônica de sábado último. Abusaste da minha simpatia e adulteraste o meu pensamento."

O repórter vai narrando, sempre com uma ironia rascante, os

---

<sup>22</sup> - O DR. PAULO Moraes Barros, vai deixar o governo. O Pirralho, maio de 1914.

hábitos e preferências do tal secretário e a sua conduta corrupta. No decorrer da própria "entrevista", com as perguntas que faz e as respostas que recebe, ele vai construindo o caráter do entrevistado. Antes, porém, será o próprio secretário a se definir:

"Nasci para pescador. Fizeram-me médico, muito embora eu de medicina entenda tanto como de Agricultura."

Perguntando sobre seus cachorros, o repórter provoca:

"Coitados! Aposto com v. exa. de como, se os mesmos pudessem concorrer aos concursos de escriturários, seriam todos aprovados."

E a resposta vem rápida:

"Por que não? Tenho ou não tenho a faca na mão?"

Mas ainda assim, o repórter insiste para que o secretário permaneça na política:

"Conclua o programa em que boa hora v. exa. elaborou. Seja amigo do progresso, como é amigo dos lambaris e bagres, já não se falando nos pintassilgos e papa-capins. (...) V. exa. deve continuar, porque só assim São Paulo terá para o futuro um Presidente do Estado de envergadura inquebrantável (...). Um presidente que será o ideal que dará recepções, five o'clock teas, caçadas e pescarias... tudo, tudo a custa do Tesouro."

E, ao ouvir essa observação, por incrível que pareça, o entrevistado se anima:

" - Serás capaz de levantar a minha candidatura para Presidente?"

Quando se tratava de criticar os políticos, as crônicas respeitavam este espírito mordaz. Na verdade, a crítica d' O Pirralho seguia em muitos aspectos a concepção generalizada entre a sociedade brasileira sobre a corrupção tida como inata nos políticos. É certo, como disse, que a revista sempre se posicionava em favor de um ou outro político nos períodos de eleição, mas, quanto à maioria deles, comportava-se de maneira ácida.

Por outro lado, pelo que pude observar nos exemplares d' O Pirralho dessa sua primeira fase, o povo não costumava ser tema central com muita frequência, à exceção de uma ou outra crônica, das caricaturas de Voltolino e das campanhas lançadas pel' O Pirralho contra as companhias de seguro para trabalhadores e contra o jogo do bicho. Os grandes protagonistas dos textos veiculados pel' revista nesse período eram os "figurões" da política nacional. É claro que havia os escritos de Juó Bananère, dos alemães e dos caipiras, mas estes textos configuravam uma categoria específica, cuja característica fundamental era funcionar como um espaço reservado à suposta manifestação desses personagens-símbolo da cidade (e cabe dizer que também eles tinham nos "figurões" da política um de seus temas prediletos). O caipira, o boche e o carcamano eram donos das suas opiniões e funcionavam como narradores de suas próprias aventuras e desventuras, mas o povo, enquanto categoria social ampla (que congregava muitos outros personagens além destes três) pouco

freqüentava as manchetes da revista.

Já em sua segunda fase, quando O Pirralho decidiu espaçar mais os seus ataques ao governo federal, decretando uma relativa trégua ao governo recém-assumido por Venceslau Brás, a atenção da revista dirigiu-se mais detidamente (além da vida social) ao tratamento de temas estéticos. Com o acirramento do conflito europeu (e principalmente depois dos ataques alemães aos navios brasileiros), este assunto também passou a ser tratado com assiduidade. Quanto aos temas relacionados à "vida da população", pode-se estimar, tendo como referência os exemplares pesquisados, que eles não ocuparam muitas vezes o primeiro plano entre os redatores d' O Pirralho <sup>54</sup>.

Como era de se prever, a situação n' A Cigarra não era diferente. Esta revista costumava ser parcimoniosa nos seus comentários e análises sobre política. Entretanto, se evitava grandes críticas, sabia fazer grandes elogios. De fato, A Cigarra não se preocupava em discutir a fundo temas de política interna que, ao que parece, ela encarava como "menores", diante da grande meta que lhe agradava defender: o cultivo ao nacionalismo (e este, por sua vez, requeria a discussão de vários outros temas correlatos, principalmente concernentes à defesa do território e da honra nacionais, os quais mais espaço tomavam à revista). Mas se não se dedicava à política interna, como fazia O Pirralho, A Cigarra teria uma área de particular interesse com que se

---

<sup>54</sup> - Infelizmente, não tive acesso aos números da revista referentes a julho de 1917, quando ocorreu a grande greve operária em São Paulo. Portanto, nada posso afirmar sobre a conduta adotada pel' O Pirralho diante do movimento.

ocupar: a modernização do país e, principalmente, da cidade de São Paulo.

É muito interessante observar como o tema da modernização era trabalhado pela A Cigarra. Em primeiro lugar, calcava-se na comparação com os países europeus (na verdade essa era a sua característica principal). Em segundo lugar, tinha como móvel a industrialização (a menina dos olhos da A Cigarra). Ora, ao se dedicar a esse tema, a revista poderia ter incursionado por assuntos que dissessem respeito não só aos grandes e poderosos industriais e aos seus produtos, como aos trabalhadores - os responsáveis por fabricação. Evidentemente, não era o que acontecia. O que é importante frisar é que no elogio à industrialização de São Paulo, que a revista não se cansava de fazer, não havia lugar para outros elementos além da satisfação pelo fato de estarmos tão próximos de alcançar o almejado sucesso econômico.

Nesse contexto, é interessante conhecer a crônica que a revista veiculara (repleta de fotos), comentando uma exposição industrial realizada por Washington Luís, então prefeito de São Paulo. Estávamos em outubro de 1917; a economia recém-adaptada às transformações ocasionadas no mercado mundial pela guerra européia <sup>22</sup>. A Cigarra desfazia-se em elogios:

"(...) A atividade assombrosa dos habitantes desta cidade, o surto prodigioso das suas indústrias, o esforço extraordinário de tantas iniciativas e o trabalho hercúleo, cumprido dia-a-dia, no segredo das oficinas e no laboratório das grandes fábricas (...) tudo isso necessitava revelar-se, sair da colméia laboriosa(...)."

---

<sup>22</sup> - EXPOSIÇÃO Industrial. A Cigarra, 78, 31 out. 1917.

A revista fazia uma retrospectiva interessante dos acontecimentos do período:

"(...) Nestes últimos anos demos passos agigantados no caminho da nossa emancipação econômica e comercial. O retraimento das importações, das dificuldades do transporte marítimo e os mil e tantos obstáculos opostos pela guerra mundial obrigaram-nos a lançar os olhos à roda do nosso meio e aprender."

E um "inventário" das ferramentas de que o país dispunha:

"Matérias-primas não nos faltavam. Capacidades técnicas também as tínhamos e o nosso operariado a quem é devida boa parte desse triunfo comprovou uma habilidade que nada, ao estrangeiro, deixa a desejar."

Evidentemente, este trecho requer um comentário. A Cigarra gabava a capacidade dos operários e até lhes dava parte do crédito pelos resultados auspiciosos das indústrias paulistas. No entanto, equiparava-os a ferramentas. E, além disso, cometia um erro de avaliação imperdoável. Destacava a competência dos operários brasileiros diante dos estrangeiros, esquecendo-se, porém, que os operários brasileiros, em sua grande maioria, eram estrangeiros...

Passando ao elogio dos produtos expostos pelas indústrias paulistas, a crônica incorreria num enumerar sem fim de tecidos (das "chitas mais modestas às sedas veludosas"), chapéus, bordados, perfumes, calçados, materiais de construção (bronzes, cerâmicas, mobiliário) etc., todos bens de consumo; nenhum bem de produção...

E antes de se encerrar, arrolaria todos os benefícios oriundos da exposição, entre os quais destacava-se a satisfação do público:

"porque [a exposição] lhe afervorou as esperanças no futuro do país e encheu de orgulho de raça",

e dos homens de governo:

"porque lhes demonstrou que nesta terra se trabalha e se produz e que as grandes e boas iniciativas são sempre coroadas de êxito pleno e duradouro!"

Não deixa de ser significativo o fato de A Cigarra iniciar a publicação das já mencionadas "reportagens" nas indústrias paulistas em 1917. Ainda que houvesse, no âmbito do mercado interno, algum espaço para a indústria nacional caminhar por si, é possível supor que tenha sido necessário um período de acomodação entre a eclosão da guerra européia e a adaptação de determinados setores industriais brasileiros à idéia de não poder contar com os insumos provenientes da Europa. Nessas "reportagens" de 1917, já era possível que A Cigarra dissesse que os produtos de uma indústria farmacêutica "nada deixa[vam] a desejar diante dos melhores produtos europeus", e afirmar:

"Dizem que nós, brasileiros, somos incompetentes para a indústria, em que só o estrangeiro nos pode dar lições. Entretanto, o sr. L. Queiroz está provando justamente o contrário." <sup>56</sup>

---

<sup>56</sup> - VASCONCELOS, J. de. "As nossas indústrias. A Sociedade L. Queiroz". A Cigarra, 61, 28 fev. 1917.

Além da indústria, também o comércio era contemplado com reportagens. A inauguração das novas instalações da Loja do Japão serviu de pretexto para A Cigarra fazer uma reflexão visionária sobre as transformações da cidade:

"São Paulo está passando por essa fase ativa de remodelações, após a qual as grandes metrópoles sustentam os seus definitivos aspectos de riqueza e modernismo. Em poucos anos ninguém mais conhecerá o que hoje vemos, assim como, se voltássemos trinta anos atrás, ninguém imaginaria o que atualmente possuímos.

"É assim nos países novos, em que a laboração é rápida como o suprir das seivas nas árvores das florestas aquecidas pelo calor dos trópicos. De ano para ano a fisionomia urbana modifica-se e tudo, arrastado numa vertigem de progresso, acompanha o movimento de evolução que enriquece, valoriza e transforma."

Para descrever o papel do comércio no desenvolvimento da cidade, A Cigarra utiliza uma eloqüente metáfora, de matriz organicista e gosto duvidoso:

"Quem dá esse impulso vigoroso e robusto são, em grande parte, os estabelecimentos comerciais. A diástole estende-se logo depois a todo o coração da urbs, como jato de sangue vivo, impulsionada em todo o curso do sistema arterial." <sup>37</sup>

Não deixa de ser curioso o fato de que em nenhuma das revistas paulistanas houvesse muitas menções à situação do café, a principal fonte econômica do estado. Enquanto a indústria e o comércio dividiam a atenção d' A Cigarra, e a crítica ou o elogio às instituições e

<sup>37</sup> - LOJA do Japão. A Cigarra, 82, 29 dez. 1917.

políticos paulistas ocupava O Pirralho, nenhuma das duas revistas preocupava-se em publicar qualquer discussão mais profunda sobre a situação econômica do estado de São Paulo.

Curiosamente, o assunto viria à baila numa crônica social, na qual O Pirralho reclamava da

"completa falta de divertimentos agradáveis", em que a população pudesse, "por vezes esquecer os aborrecimentos constantes trazidos pela baixa do café, pela crise, etc., etc." <sup>88</sup>

A Cigarra, por sua vez, já em 1918, comentando a tristeza que tomara conta da noite paulistana e a miséria que assolava o povo, repetiria as palavras de, segundo ela, "um impenitente boêmio" :

"A guerra e a crise do café, eis os dois grandes algozes das nossas aspirações. Fazei-me desaparecer esse enxerto fatal e eu vos prometo que em menos de uma semana São Paulo volverá a ser a amável cidade com horas de festa ruidosa!" <sup>89</sup>

Contudo, ainda que, como bem o prova a crônica d' A Cigarra, a associação do crescimento da vida social e intelectual paulistana às oscilações do café fosse frequente, manifestações como as exemplificadas eram raras tanto n' O Pirralho como n' A Cigarra. A Vida, ao contrário, fazia das denúncias sobre os efeitos da crise

<sup>88</sup> - PIRRALHO Social. O Pirralho, 149, 4 jul. 1914.

<sup>89</sup> - CRÔNICA. A Cigarra, 87, 13 mar. 1918.

econômica sobre a população matéria corrente, sempre por intermédio das "Crônicas Subversivas". Nelas, chegou inclusive a abordar um tema trágico, relacionado à quantidade alarmante de suicídios nas camadas mais pobres da população, devido à falta de perspectivas de melhoria de vida, decorrente da crise econômica que A Vida anunciava estar ocorrendo, mas que nem A Cigarra nem O Pirralho faziam muita questão de enxergar.

A publicação anarquista afirmava <sup>40</sup> :

"O maior número [de suicídios] foi devido ao que a grande imprensa chama candidamente dificuldades da vida e que nós chamamos de miséria."

A revista assombrava-se com a quantidade de suicídios, chamando-a de "epidemia" - uma denominação significativa. Sigamos na exposição do texto:

"O suicídio é um dos efeitos mais lamentáveis da degeneração que sofre a espécie humana devido à infame organização social em que vive. Quando um indivíduo se suicida é que já se lhe esgotaram todas as capacidades de luta e de revolta (...). O suicida é sempre um depauperado, um degenerado. Um homem normal, cheio de força, de vida, não procura no suicídio um remédio para seus males, pois o remédio não está aí: luta, luta para viver, ainda que saiba que pode encontrar a morte na luta. O número de suicidas aumenta, isto é, aumenta o número de degenerados. Era preferível que aumentasse o número de roubos. Isto mostraria que havia ainda muitos homens dispostos a lutar para manter o direito máximo: o de viver. E a humanidade precisa de muitas energias para levar avante a grande luta de regeneração social que nos levará à Anarquia, o único estado social em que a vida será um prazer e não um martírio tão grande que leva os homens de hoje a abandoná-la por não podê-la sofrer."

---

<sup>40</sup> - A EPIDEMIA do Suicídio. (CRÔNICA Subversiva). A Vida, 2, 31 dez. 1914. Grifos no original.

É interessante apontar que o texto traduz, nos termos que utiliza, algo do cientificismo corrente no período. Um grande número de suicídios perfaz uma epidemia; a qualificação "degenerado" insinua, além do sentido ético, uma conotação biológica de deterioração. E, nesse contexto, degenerado opõe-se à concepção de "normal" (associada, por sua vez, à idéia de vida, de força, de energia - conceitos de dupla conotação: espiritual e física). Em meio a estas metáforas, uma última aparece: que remédio será necessário para curar os males da degenerescência social? A Vida responde, em acordo com os seus princípios revolucionários: o remédio está na luta pela vida (tarefa árdua, que requer esforço, como a revista faz questão de enfatizar na expressiva repetição - "luta, luta" - que emprega).

A idéia de regeneração social que impulsionava a utopia anarquista não era, porém, privilégio dos libertários. Outros a defendiam, ainda que a concebendo de maneira extremamente diversa. A busca pela reconstrução social fazia parte do ideário da época, como bem o ilustram as duas revistas paulistanas, cada qual à sua maneira. O Pirralho (como vimos no capítulo anterior), combatendo o jogo do bicho e as Sociedades Mútuas "em prol da regeneração social"<sup>41</sup>. A Cigarra, apesar de não utilizar o termo, apostando no cultivo dos valores pátrios como elemento, por assim dizer, unificador e harmonizador do país (homogeneizando suas diferenças culturais e de classe).

Arrisco-me a ver nessa preocupação com o futuro respectivamente do

---

<sup>41</sup> - Ainda que não deixe de soar estranho o fato de O Pirralho, apesar de defender com vigor o fim das, segundo ele, exploradoras sociedades mutualistas, vender espaço para a sua publicidade (A FELICIDADE, Sociedade Mútua de Pecúlios... O Pirralho, 185, 1 mai. 1915). "Idéias, idéias, negócios à parte."

mundo, da população pobre e do Brasil um inusitado sentido utopista a aproximar A Vida, O Pirralho e A Cigarra. Creio que um período de transformações como aquele abrigava e obrigava o cultivo de grandes e antagônicas expectativas frente ao futuro que cada uma das revistas procurava, a seu modo, antecipar.

### 5.1 Dois tempos, duas medidas

Otimismo, triunfalismo, magnificência. Nessas e noutras fontes do mesmo naipe, A Cigarra buscava inspiração para qualificar o progresso da cidade. Vez por outra deixava escapar alguma crônica mais pesarosa, menos otimista, mais ligada, talvez, àquele temor já abordado com relação ao futuro. Mas isso era raro. Tendo a crer que, por manter esse tipo de visão, A Cigarra adequava-se muito bem ao momento histórico em que circulava. Se comparada a O Pirralho, apresentaria uma série de características que a armavam melhor para sobreviver e adaptar-se às circunstâncias de cada novo período que se abrisse (fato que poderá ser comprovado com a própria longevidade da revista <sup>42</sup> ).

A preocupação com a detecção e o elogio dos elementos modernizadores da cidade e do país faziam com que a revista adotasse um estilo repetitivo e monótono. Por outro lado, tudo o que não dissesse

---

<sup>42</sup> - De acordo com os dados que recolhi no Arquivo do Estado de São Paulo, A Cigarra circulou até 1933 e depois transferiu-se ao Rio de Janeiro. Dessa segunda fase, o Arquivo dispõe de exemplares esparsos até 1947.

respeito aos temas merecedores dos seus elogios, ou melhor, tudo o que se afastasse da postura exultante das elites paulistas não costumava ser tratado com muito glamour. Ao contrário d' O Pirralho, A Cigarra nunca era sarcástica. Jamais adotaria a postura questionadora d' A Vida (posto não ser muito dada a questionamentos...). Adequava-se com perfeição ao modelo ornamental de a tudo tratar com fartura de adjetivos e ausência de substância, fórmula que resgatara da década anterior e que ainda insistia em utilizar (já que não corria o risco de ferir os brios de seu respeitável público).

Mais preparada para sobreviver: talvez fosse exatamente essa a característica básica que, evidentemente, a distinguiria das revistas políticas como A Vida, mas também das parecidas com O Pirralho (mais atentas às mudanças sócio-culturais, mais críticas, porém destituídas do tino comercial e do espírito de adaptação de que A Cigarra dispunha).

O fato de A Cigarra inserir-se e fixar-se no mercado editorial, mantendo um lugar próprio e permanente, vai distingui-la d' A Vida e d' O Pirralho, mas, curiosamente, vai aproximá-la de uma outra revista, carioca, que começara a circular exatamente dez anos antes dela, em 1904, e encerrara suas atividades em 1909. Falo da revista Kosmos, que representou um marco na indústria editorial brasileira, pelo tipo de estrutura largamente profissional e comercial que adotou desde a inauguração, e que serviria de referência para as revistas de variedades que foram surgindo. É importante abrir um parêntese com esse item e tecer uma rápida comparação entre a Kosmos e A Cigarra - e, em

alguns momentos, também com O Pirralho - pois mais que confrontarmos revistas, estaremos comparando duas épocas (a separação de dez anos - menos de uma geração... - entre a Kosmos e A Cigarra envolverá, como veremos, uma mudança radical entre as elites brasileiras). Creio que essa comparação poderá fornecer alguns elementos interessantes para a compreensão da São Paulo dos anos 1910.

O período em que a Kosmos circulou assistiu a grandes alterações na geografia urbana e na vida da população do Rio de Janeiro. A população mais pobre fora praticamente "varrida" dos cortiços que habitava nas ruas destruídas e ampliadas do centro. A elite e os estrangeiros passaram a ter uma paisagem ampla e higiênica para admirar, resultante de uma reformulação inspirada na de Paris, alguns anos antes. A Kosmos nascera praticamente ao mesmo tempo em que, no governo Rodrigues Alves, o prefeito Pereira Passos rasgava a famosa avenida Central e reurbanizava a cidade em moldes europeus. Nesse contexto, a Kosmos - uma revista também de moldes europeus - serviria para reforçar a importância simbólica que a remodelação urbana teria na construção de uma imagem contemporânea para o Brasil, diante dos países avançados <sup>43</sup>. Com a sua linguagem ornamental e otimista, à qual nem todos os temas se adaptavam (e a política e a miséria da população eram dois deles!), a Kosmos refletiria os tempos decididamente eufóricos em que circulara <sup>44</sup>.

---

<sup>43</sup> - "A primeira impressão, ao percorrermos a belíssima revista, foi que tudo aquilo havia sido executado na Europa." Era o que dizia a Gazeta de Notícias, ao comentar o surgimento da revista. DIMAS, A. Tempos Eufóricos. SP, Ática, 1983. p. 5.

<sup>44</sup> - Os termos escolhidos para o título do estudo de Dimas - ao qual recorrerei largamente na comparação das duas revistas - define a época da revista com extrema felicidade.

Ao analisar a revista, Dimas afirma que ela "não fora pensada para questionar nenhum tipo de sistema" <sup>45</sup>. De fato, a Kosmos adotava uma tática perfeitamente adequada, creio eu, ao "estilo vitrine" que marcava aqueles anos. Mais que informar, preocupava-se em agradar às elites a que se dirigia. Cumpria o dever de tratar os assuntos mais polêmicos do momento mas, para isso, em respeito à índole dos leitores e, segundo Olavo Bilac (o seu principal cronista), em respeito à própria índole da revista, empregava uma "linguagem [que] se retorcia na tentativa de se eximir de ter de informar" <sup>46</sup>.

Segundo Antonio Dimas, a Kosmos possuía um papel de destaque na vida cultural e artística carioca, não apenas pela adequação de seu conteúdo e estilo ao "espírito da época". Importantíssimas eram as condições técnicas e financeiras de que dispunham os proprietários da revista para fazê-la circular e dominar o mercado editorial ("maquinaria e técnica modernas, rede distribuidora, consciência empresarial, etc." <sup>47</sup>). Uma revista impecável, com um conteúdo eclético, selecionado para agradar aos gostos dominantes, a Kosmos foi lançada no bojo de uma fase de transformações para aproveitar o seu impacto.

Ao comparar as revistas Kosmos e A Cigarra, a tentação inicial é de equipará-las e, respeitando a cronologia, dizer que A Cigarra foi a

---

<sup>45</sup> - DIMAS, A. Op. cit., p. 10.

<sup>46</sup> - DIMAS, A. Op. cit., respectivamente, p. 19. e p. 59.

<sup>47</sup> - DIMAS, A. Op. cit., p. 16.

Kosmos paulistana. Todavia, essa afirmativa sedutora não poderia deixar de passar por um processo de averiguação. Os pontos imediatamente identificáveis: ambas se apresentavam como revistas de fruição, leitura leve, descompromisso; ambas tinham o mesmo público-alvo; A Cigarra também não fora planejada para questionar qualquer sistema; cultivava, ela também, o seu vocabulário ornamental e, a principal semelhança: a exemplo da Kosmos, também A Cigarra possuía uma infraestrutura comercial sólida. No caso d' A Cigarra, isso pôde ser inferido não só com base nos anúncios sistemáticos de aumento de tiragem que a revista fazia, mas a partir de dois fatos concretos: a sua periodicidade constante (a revista saía duas vezes por mês, todos os meses) e o seu poderoso suporte publicitário (além de "reportagens", realizadas em indústrias e casas comerciais paulistanas, A Cigarra ocupava, normalmente, as três páginas iniciais e as três finais, além da contracapa, com anúncios de estabelecimentos da indústria e, principalmente, do comércio).

Mas, com essas semelhanças seria possível considerá-las iguais? O contexto histórico específico - e o espaço físico - em que as duas revistas circularam indicam a complexidade da resposta. Se a identificação entre a revista Kosmos e a euforia transformista do Rio de Janeiro da primeira década do século XX é consensual entre os estudiosos do período, o que dizer da relação entre a São Paulo dos anos 1910 e a revista A Cigarra?

O levantamento metuculoso do conteúdo da Kosmos, realizado por Antonio Dimas, mostra, por exemplo, uma profusão de textos concernentes

às reformas arquitetônicas por que o Rio de Janeiro passava, sem sombra de dúvidas, o assunto do momento. Em contrapartida, minha pesquisa aponta a preocupação d' A Cigarra com a transformação econômica de São Paulo, traduzida na sua já mencionada "jogada de mestre": a veiculação de "reportagens" em fábricas e estabelecimentos comerciais. Julgo a publicação desse tipo de texto importante não apenas pela inovação publicitária que representava, mas justamente por veicular uma das concepções ideológicas básicas d' A Cigarra: a sua preocupação com o progresso e, é claro, com a modernização da cidade.

A Kosmos ilustrava, eufórica, a remodelação do Rio e A Cigarra, uma década depois, noticiava, com júbilo, o crescimento de São Paulo. No intervalo entre o surgimento das duas revistas, o que teria mudado no Brasil?... Qualquer análise sociológica diria que muito pouco. O país não teve sua estrutura modificada em aspectos básicos como os concernentes, por exemplo, à melhoria das condições de vida da população ou à ampliação de sua participação política. Contudo, como já foi dito, assistiu, entre as suas elites, ao aprofundamento da discussão de uma questão ideológica nevrálgica: a necessidade da configuração do Brasil como nação, e como um Estado política e economicamente importante no contexto mundial.

A reformulação urbana do Rio de Janeiro não fora uma iniciativa gratuita. Serviria para apresentar o Brasil ao mundo como um país civilizado (tomando-se como modelo de civilização os padrões culturais europeus). Entretanto, ela igualmente serviria para dar uma "cara" ao país, construída à (auto-)imagem e semelhança de suas elites. A eclosão

do conflito mundial, poucos anos depois, viria trazer um novo componente a esta construção: passada a rápida ilusão de igualdade que a transformação da capital representara, era necessário que o Brasil tivesse sua importância reconhecida em outros flancos, e a política e a economia deveriam ser o alvo da próxima onda reformista.

A Kosmos ilustrava um período eufórico e "satisfeito", A Cigarra estava mergulhada num período de arrojo e mudanças. O elogio ao crescimento econômico de São Paulo, que em termos reais significava crescimento econômico do país, e, muito mais, o discurso nacionalista que A Cigarra adotava na defesa dos temas "pátrios", que se foi exaltando até produzir verdadeiros "gritos de guerra", ilustram o tipo de modificação por que passara o país nos dez anos que separavam as duas revistas.

As elites brasileiras deslumbraram-se com a sua nova e européia capital. A Kosmos era a sua revista. Dez anos depois, o mundo se transformara e o Brasil precisaria acompanhá-lo. O sucesso nessa nova empreitada dependeria do arrojo e da coragem. A Cigarra assumiria o tom vitorioso das elites paulistas, que se pretendiam as modernizadoras do Brasil.

Mas e O Pirralho, como se comportaria frente a essa questão, sendo também ele uma revista de elite? Conforme já disse, O Pirralho não se preocupava com lojas e fábricas, nem mesmo com o nacionalismo nos moldes exagerados com que A Cigarra o fazia. A sua visão da cidade, do

país e até do mundo, pelo que pude depreender dos exemplares pesquisados, atinha-se mais aos elementos objetivos do presente e não a abstrações perdidas no passado ou projetadas no futuro. Em lugar da auto-felicitação que caracterizava a Kosmos e o "Rio de Janeiro do (seu) tempo"; em lugar do triunfalismo operoso d' A Cigarra e das elites paulistanas; finalmente, em lugar da virulência d' A Vida - contra tudo e contra todos, em luta, ela também por uma abstração: a vitória do anarquismo e o fim das pátrias - O Pirralho escolhera o humor para dele fazer a sua marca registrada.

#### 6. Como tratar de política?

Como já foi dito, durante o ano de 1914, O Pirralho lançou-se numa obcecada campanha contra Hermes da Fonseca. As formas utilizadas por seus "escritores-jornalistas" para versatilizar essa campanha foram, além de algumas vezes bem-humoradas, verdadeiramente criativas e, possivelmente, exclusivas d' O Pirralho. A utilização do humor pode ser encarada como uma maneira de "ludibriar" o tempo - muito do que era engraçado na década de 1910 pode continuar sendo engraçado hoje. Mas, além disso, de espelhar uma época, cujas condições políticas e econômicas apontavam para três caminhos básicos: o do ufanismo, o do confronto e o do humor.

Enquanto A Cigarra prodigalizava elogios ao esplendor da vida paulistana, à beleza das leitoras e à pujança das indústrias, ou então criticava a ausência, entre os moços, de um patriotismo que salvasse o país em todos os sentidos, do político ao econômico, escamoteava dos leitores e, talvez de si mesma, a gravidade da situação que o mundo e o país viviam. E, neste contexto, acabava por encarar a Primeira Guerra como uma espécie de ficção. Ao conclamar a população a fazer sacrifícios, as mães a "cederem" seus filhos à defesa da outra - da mãe-pátria! - A Cigarra comportava-se como se soubesse, no íntimo, que a guerra iria continuar um acontecimento distante, quase irreal. Na verdade, a guerra tornou-se o pretexto ideal para a defesa da militarização do país, que tanto lhe agradava. No início do conflito europeu, é curioso notar como A Cigarra variava da indiferença à apreensão, até, finalmente, nos últimos exemplares pesquisados, lançar-se apaixonadamente na sua defesa.

## 6.1 A Guerra como espetáculo, a guerra como catarse

É possível observar, a partir da análise das revistas, como a guerra europeia foi assumida pelas elites, pelo governo e - é preciso convir - por grande parte, senão a maioria da população, como uma questão nacional brasileira. O tema da guerra já foi tratado em sub-tema anterior, além de ter-se espalhado por outras seções do presente trabalho. Contudo, penso que vale a pena curvarmo-nos ainda uma vez sobre o material produzido pelas revistas a seu respeito.

A Cigarra e O Pirralho puderam noticiar a eclosão da guerra e fizeram-no sem grande alarde (ao sul do Equador talvez ainda não se imaginasse muito bem os motivos e as proporções do acontecimento <sup>60</sup>). Já mencionei anteriormente que O Pirralho dedicara principalmente os anos de 1913 e 1914 a criticar e satirizar o governo Hermes da Fonseca. Por isso, sobrava-lhe pouco tempo e papel para outros assuntos (ainda que a revista se manifestasse sobre a guerra, inclusive por intermédio de colaboradores como Juó Bananére). Na pesquisa que realizei nos exemplares desses dois anos, encontrei o seguinte texto (em perfeita harmonia com o "espírito" d' O Pirralho):

A conflagração europeia

Serviço especial para o "Pirralho"

AGÊNCIA OVAS

---

<sup>60</sup> - Nas palavras d' A Cigarra: "A guerra não teve razão alguma para começar e não tem razão alguma para acabar. Durará tanto quanto o vão orgulho dos homens que a desencadearam. E o orgulho humano tem aquela profundidade infinita dos abismo de que nos fala o Eclesiastes." CRÔNICA. A Cigarra, 16, 20 jan. 1915.

BERLIM, 3. Quarenta cruzadores ingleses foram postos a pique pela cavalaria alemã. Dois cavalos alemães ficaram feridos; um na ferradura e outro no rabo.

SÃO PAULO, 4. (Reservado) O Serviço Sanitário declarou guerra às moscas.

(...)

BERLIM, 7. Os aliados perderam a guerra.

(...)

PARIS, 9. Foi encontrado sem cabeça um corpo do exército alemão.

RIO, 9. (Reservado). O marechal está usando calças curtas.

BERLIM, 9. O exército alemão está parado, esperando o bonde.

(...)

PARIS, 9. Consta aqui que a guerra ainda não acabou. Se o boato for confirmado a notícia é verdadeira.

Enquanto O Pirralho produzia textos galhofeiros como o apresentado, satirizando, inclusive, o próprio serviço das agências de notícias, A Cigarra procedia a uma espécie de teatralização do conflito. Após noticiá-lo, prever o seu final iminente - já na edição seguinte! - e refletir sobre os terrores representados pela guerra ("sempre um ato de lesa-cultura" <sup>49</sup> ), a revista insinuaria um certo

---

<sup>49</sup> - Respectivamente: CRÔNICA, A Cigarra, 9, 29 ago. 1914; CRÔNICA, A Cigarra, 10, 16 set. 1914; CRÔNICA, A

tédio com relação ao assunto:

"A força de repetida, a música da pólvora tornou-se monótona. Depois de sete meses de guerra, os amadores começam a manifestar-se blasés, tanto mais que as operações entraram naquele período de modorra que desanima todo o interesse." <sup>70</sup>

"Uma guerra que ninguém sabe porque principiou, não pode ter jamais um forte motivo para acabar (...). Todavia, prolongar a duração do conflito, no espaço e no tempo, é aniquilar o que, para os espectadores, lhe resta de interesse. Chegou o momento, parece-nos, de fazer aquilo que, em linguagem de bastidores, se chama, - correr o pano." <sup>71</sup>

As razões do cansaço da revista diante do tema talvez pudessem ser encontradas na sua própria visão de guerra como espetáculo:

"A guerra de há um século era menos sangrenta mas incomparavelmente mais pitoresca. Tinha um interesse artístico: comovia e fazia vibrar. A espada era então um símbolo augusto e ilustre. (...). Hoje, tudo se passa a enormes distâncias, sem grandeza e sem brilho. Os exércitos combatem sem se verem (...) a brutalidade das ferozes peças suprime todo o caráter individualista da luta, convertendo-a num morticínio mecanicamente organizado ou mecanicamente evitado." <sup>72</sup>

O tom nostálgico dessa definição estética é particularmente interessante de ser tratado. A antiga espada, símbolo de nobreza, opõe-se à vulgarização da guerra, proporcionada pelas inovações técnicas que

---

Cigarra, 15, 31 dez. 1914.

<sup>70</sup> - CRÔNICA, A Cigarra, 18, 25 fev. 1915.

<sup>71</sup> - CRÔNICA, A Cigarra, 24, 1 ago. 1915.

<sup>72</sup> - CRÔNICA, A Cigarra, 13, 25 nov. 1914.

a venceram na potência. Privilégio (?) dos nobres, a guerra moderna se expande, ainda que não fuja ao controle aristocrático. Os indivíduos mesclam-se numa massa de combatentes guiada não por princípios próprios, ou mesmo por instintos, mas por maquinismos (comandados, estes sim, pelos detentores das altas patentes).

Benjamin recupera um manifesto de Marinetti sobre a guerra, pautado também na estetização, contudo em direção diversa da tomada pel' A Cigarra. A guerra continua tendo "um interesse artístico". Aliás, ampliado:

"...a guerra é bela, porque graças às máscaras de gás, aos megafones assustadores, aos lança-chamas e aos tanques funda a supremacia do homem sobre a máquina subjugada. A guerra é bela, porque inaugura a metalização onírica do corpo humano.(...) A guerra é bela, porque conjuga numa sinfonia os tiros de fuzil, os canhozios, as pausas entre duas batalhas, os perfumes e os odores da decomposição. A guerra é bela, porque cria novas arquiteturas, como a dos grandes tanques, dos esquadrões aéreos em formação geométrica, das espirais de fumaça pairando sobre aldeias incendiadas, e muitas outras (...)." <sup>73</sup>

O interesse de Benjamin, com a apresentação desse texto, era o de comprovar como a estetização da política converge para a guerra. A utilização da guerra pelo fascismo na busca da preservação das relações de produção existentes poderia explicar-se pela discrepância havida entre os meios técnicos de produção disponíveis e a sua insuficiente utilização no processo produtivo, com o desemprego e a falta de mercados. Assim, sobre a Segunda Guerra Mundial que se iniciaria em breve, Benjamin podia afirmar que ela era "uma revolta da técnica, que

---

<sup>73</sup> - MARINETTI. Opud BENJAMIN. W. "A obra de arte...", op. cit., 1985, p. 195-196.

cobra em 'material humano' o que lhe foi negado pela sociedade" <sup>74</sup> .

Quanto à Primeira Guerra, quando se vivia a aceleração trágica desse processo de desenvolvimento técnico, poderíamos dizer que essa "revolta" germinava. A ausência de motivos que A Cigarra insistia em ver no conflito europeu era apontada com todas as letras pela imprensa anarquista. A Vida esmerou-se em explicá-los como de ordem estritamente comercial e imperialista (para a conquista de mercados e a manutenção da propriedade, a ideologia do nacionalismo adequava-se com perfeição e, por isso, a luta ferrenha dos anarquistas e socialistas contra ela). A expansão da guerra pelo mundo e a destruição massiva de vidas humanas tratou-se, realmente, de um espetáculo - sem o raffinement reclamado por A Cigarra, mas já com a grandiloquência enaltecida por Marinetti. De qualquer modo, um espetáculo aterrador.

A partir de 1917, a posição do governo brasileiro diante da guerra - até então de neutralidade - iria transformar-se. As duas revistas paulistanas passariam a defender abertamente a entrada do Brasil no conflito, o que foi marcado, tanto n' A Cigarra como n' O Pirralho, pela publicação de um artigo de repúdio ao torpedeamento de um navio brasileiro pela esquadra alemã. A primeira revista enfatizava a ocorrência de manifestações populares de repúdio ao ato:

"O povo brasileiro está (...) velando pela sua dignidade, sôfrego pela desafronta. De norte a sul passa

---

<sup>74</sup> - BENJAMIN. W. Op. cit., 1985, p. 196.

um frêmito de indignação e de repulsa. O Brasil inteiro levanta-se como um só homem e vibra como uma só alma para repelir a insólita agressão." <sup>75</sup>

Quanto às manifestações públicas, O Pirralho, por sua vez, enfatizava:

"Em São Paulo, onde o agouro das convicções patrióticas é maior, os desabaços do povo foram mais escaldantes, mais ímpetuosos, mais arrojados. Em grandes massas ele acorreu às ruas e com a onipotência de quem sabe querer, aos brados, por entre arremetidas, lançou o seu grito de revolta justa contra a torpeza de que a barbárie desenfreada lhe fizera alvo." <sup>76</sup>

Já em outubro do mesmo ano, a revista anunciava a publicação de um "interessante suplemento sobre assuntos militares (...) de absoluta utilidade para todos os que direta ou indiretamente se interessam pelo magno problema de nossa organização militar" <sup>77</sup>, que iria ocupar, por muitos exemplares, as primeiras três ou quatro páginas antes da "Crônica", com informações de estratégia militar.

Neste mesmo número, A Cigarra anunciava, com júbilo, que o Brasil decretara guerra à Alemanha. E afirmava:

"A Cigarra', modesta representante da imprensa do Brasil e eco fiel de uma grande parte da opinião pública sãda, nesta hora de graves responsabilidades, as autoridades do país, as forças armadas e todos os que se apresentam para defender a Pátria, deixando consignadas nestas linhas, com pureza e sinceridade, o seu ardente

---

<sup>75</sup> - O BRASIL e a Alemanha. A Cigarra, 64, 13 abr. 1917.

<sup>76</sup> - NOTA Dissonante. O Pirralho, 233, 20, abr. 1917.

<sup>77</sup> - TRABAL. "Defesa Nacional". A Cigarra, 76, 31 out. 1917.

patriotismo e a sua certeza na vitória triunfal do Direito e da Justiça - na grande luta pela causa da humanidade."

Se antes afirmava inexistirem motivos para a guerra mundial, agora a revista os promove a "causa da humanidade" e defende a participação do Brasil, pautando-se no argumento da defesa do direito e da justiça. As palavras de forte apelo épico que compõem o título do texto servem igualmente para fechá-lo:

"O Brasil levanta a luva: Salve Pátria Gloriosa!" <sup>7º</sup>

Mais uma vez convém enfatizar quão oportuno foi o movimento pela decretação da guerra para a legitimação da campanha militar-ufaista que se achava em franco desenvolvimento no país. Paulatinamente, A Cigarra foi-se deixando envolver pela miragem da inserção brasileira na esfera mundial. Assim, após enaltecer o Brasil e desqualificar a Alemanha:

"a nós que somos, por índole, pacíficos e bons - a Alemanha respondeu com o ataque, emergindo do fundo dos mares (...) como os ladrões, para nos provocar, para nos ofender, para nos matar" ;

superdimensionar a força do Brasil diante do "inimigo comum do gênero humano - a Alemanha":

"(...) Não refugimos, porém, ao desafio. Todos os insultos só poderão fazer crescer em nossos corações as energias indomáveis e os brios históricos da raça. (...) Batalharemos ao lado dos nossos irmãos, dos nossos aliados(...) Preparemo-nos. Cada um tem o seu posto a defender: uns com o seu sangue, todos com a sua dedicação e

---

<sup>7º</sup> - O BRASIL levanta a luva: Salve pátria gloriosa! Idem.

com o seu patriotismo eficiente." <sup>77</sup> ,

a revista chegaria ao limite, em "Crônica" posterior, de defender a manutenção da guerra. Após dizer que nem os aliados nem os brasileiros queriam a paz, afirmava:

"(...) não queremos a guerra pela guerra, não queremos o militarismo como classe prussiana de tirania social, mas estamos na guerra e devemos permanecer na guerra para usufruir a paz e matar a hidra do despotismo, venha de onde vier e seja qual for." <sup>78</sup>

O curioso dessa crônica é que na data de sua publicação, o Brasil sequer mandara soldados à Europa. Estávamos em guerra apenas no plano das intenções <sup>79</sup> . O que se pode concluir é que essa "dramatização" da guerra que A Cigarra empreendia tornava mais fácil atribuir um papel de destaque para o Brasil, resgatando-o (ainda que no plano imaginário) da figuração a que ele estava realmente destinado. O ufanismo de A Cigarra se encarregava de fazer do Brasil um país mais importante do que realmente era e de angariar o apoio de um público que gostava de se iludir.

Antes de passarmos adiante, creio ser necessário comentar algo da

<sup>77</sup> - Esta e as citações anteriores in: CRÔNICA. A Cigarra, 79, 14 nov. 1917.

<sup>78</sup> - CRÔNICA. A Cigarra, 84, 30 jan. 1918.

<sup>79</sup> - De fato, mesmo o Brasil decretando guerra à Alemanha no final de 1917, o governo brasileiro só enviaria alguns navios para combate em agosto do ano seguinte. Ao chegarem em Dakar, a tripulação foi tomada pela gripe espanhola. Conseguiram sair à luta no dia 10 de novembro e, um dia depois, seria assinado o armistício. SILVA, H. e CARNEIRO, M. C. R. História da República Brasileira. v. 4. Entre Paz e Guerra (1914-1919). São Paulo, Ed. Três, 1975. p. 160-162.

conduta d' O Pirralho diante do tema da guerra. Nas palavras da concorrente A Cigarra, diria que ela era a princípio mais blasée, para, a partir de 1917, também transformar-se em apoio incondicional à entrada do Brasil no conflito. Entretanto, um cronista bissexto da revista encarregou-se, no último dia do ano anterior, de tecer um painel muito crítico a seu respeito. Olinto Pompeu iniciava:

"Se os mortos falassem... Imagino por exemplo, o que não diria Rio Branco, se aos seus ouvidos chegasse o rumor que vai pela imprensa, pelo Parlamento e pelos cafés, porque a Alemanha pediu a paz: ' - A paz? O Brasil está em guerra? E logo com a Alemanha?' E quando lhe explicassem que a paz não é conosco, ele sorriria, sem dúvida ' - Pois o meu povo não saberá que essa guerra é um duelo comercial entre ambições que se chocaram? Pois em pleno século da luta pela vida ainda há quem delire de entusiasmo lendo as mentiras dos jornais?' <sup>82</sup>

"E mais uma vez Rio Branco teria razão. (...) Momentos há em que parece que o Brasil tem parte na guerra, tal o calor com que a discutimos. Aliadófilos e germanófilos recíprocam os argumentos mais pesados e contundentes, quando não as mais pesadas ofensas."

Aparentemente próximo da avaliação da guerra feita pelos anarquistas, o Autor mudaria, no entanto, para o rumo oposto (porém, com uma ponta de ironia):

"A liga nacionalista prestar-nos-ia um bom serviço, promovendo por qualquer modo um movimento no sentido de acalmar os nervos da gente que discute a guerra, ensinando-a também a substituir pelo nacionalismo essa tolice do aliadofilismo e do germanofilismo. (...) Isso de simpatias pela França ou pela Alemanha é uma forma de

---

<sup>82</sup> - Um rápido contraponto com a revista A Vida faz-se necessário. Em "O Pior Cego é o que não quer ver" (CRÔNICA Subversiva), a revista dizia que a guerra nada mais era que uma luta entre piratas ingleses alemães e franceses, ainda que "mesmo entre os anarquistas" houvesse quem acreditasse e alardeasse que ela era "uma guerra de 'Civilização, de Humanidade, de Liberdade!'" A Vida, 2, 31 dez. 1914.

cosmopolitismo. Uma vez que tenhamos o nosso serviço militar já os inflamados guerreiros que por aí perambulam terão em que pregar a sua bravura."

E, sobre o sorteio para o serviço militar que se pretendia empreender, o Autor afirmava:

"Resta apenas que os sorteados sigam para as fileiras como quem sabe o que está fazendo e que, no seu regresso, não lhes façam apoteoses por haverem cumprido o dever... (...) Os aplausos foram inventados para a gente do palco. Um soldado aplaudido parece um comediante." <sup>83</sup>

## 6.2 O "Capítulo" Hermes

Quando afirmei que a época estudada apontava para três caminhos fundamentais: o do ufanismo, o do confronto e o do humor, busquei, em primeiro lugar, tornar evidente a opção d' A Cigarra pelo primeiro.

Seguindo a ordem dos conceitos propostos, obviamente, o confronto caberia a A Vida, em seus artigos de esclarecimento e doutrinação e nas suas "Crônicas Subversivas". Só o fim do capitalismo representaria a ruptura dos grilhões que escravizavam a classe trabalhadora. Pelo fim do capitalismo - e não por outro objetivo ! - é que ela deveria lutar e, para isso, fazia-se feroz.

---

<sup>83</sup> - Esta e as citações anteriores in: POMPEU, OLINTO. "Crônica". O Pirralho, 229, 31 dez. 1916.

Portanto, resta pensar no caminho do humor, exatamente o preferido pel' O Pirralho. Cumpre lembrar uma vez mais o interesse que a revista destinava aos temas da política interna. Pois será exatamente no tratamento deles que O Pirralho irá se esmerar na ironia, na blague e na irreverência. É muito conhecida a máxima que diz que quanto piores os tempos, mais hilariantes as piadas. Talvez ela sirva, de certo modo, para explicar o patético final do malfadado governo Hermes, ao qual O Pirralho destinaria o "supra-sumo" de sua verve. No entanto, a sua conduta não se construía apenas de anedotas ou simples frases de espírito. Ao humor, esta revista aliava o confronto e, lendo os textos referentes ao marechal e aos seus "feitos", custei a crer que os seus jornalistas não tivessem sido perseguidos pela polícia federal como o foram alguns colegas de veículos cariocas <sup>84</sup>.

A tática de caricaturar as personalidades não atingia, evidentemente, apenas a figura do marechal Hermes, mas todos os desafetos políticos da revista <sup>85</sup>. De qualquer modo, o "Capítulo Hermes" merece um tratamento à parte. O presidente foi o assunto preferido de todas as colunas da revista, em todos os aspectos: da sua propalada subserviência à raposa Pinheiro Machado (satirizada em muitas charges de Voltolino <sup>86</sup>) à sua vida pessoal - principalmente a partir do

---

<sup>84</sup> - Na verdade, o representante comercial da revista na capital federal acabou passando alguns dias na prisão. Todavia, até com esse tipo de fato O Pirralho jogava. Ao relatar uma suposta entrevista realizada com o presidente da república, os dois correspondentes d' O Pirralho contam de sua estada em Tabatinga, por determinação da primeira dama, devido às suas impertinências. (Tabatinga foi o lugar que serviu de prisão para os jornalistas condenados pelo presidente no Rio de Janeiro.) PINDOBA. "O que vai por Tabatinga". O Pirralho, 135, 21 mar. 1914.

<sup>85</sup> - Além das palavras, as imagens eram um elemento essencial nesse processo e as caricaturas do artista Voltolino muitas vezes falavam sem o auxílio delas.

<sup>86</sup> - Muito bem documentadas por Ana Belluzo. Dissert. mestrado citada, p. 11-134.

seu casamento, noticiado e ácida e moralisticamente criticado pel' O Pirralho em fins de 1913 <sup>87</sup>. Aqui intensificam-se as desgraças do marechal e transborda a implacável criatividade da revista. D' O Birralha às "Cartas d'Abax'ó Pigues", todos os colaboradores aproveitaram para destilar um pouco de seu veneno sobre o fatídico personagem, quer criticando o seu casamento com uma jovem (segundo a revista, aventureira), quer parodiando a sua maneira de falar (segundo a revista, simplória e estúpida), quer partindo para a crítica incisiva de sua atuação política (este, talvez, o único assunto de interesse para os rumos do país...).

As várias estratégias utilizadas para difamar o presidente povoavam os números d' O Pirralho. Os ataques ao seu governo chegavam até a ser praticamente o único tema de importância em alguns deles. Era possível escolher entre várias opções: do artigo virulento, sustentado em premissas objetivas chegava-se à descrição de situações hilariantes (e evidentemente inverossímeis), protagonizadas por ninguém mais que o próprio presidente, o vice Venceslau, Pinheiro Machado e por Nair Teffé ("a Marechala").

Durante o mês de março de 1914, por ironia ao mesmo tempo em que A Cigarra vinha a público falando de verão, primavera e de sua missão de entreter, O Pirralho publicava a verdadeira "saga" vivida por dois de seus hipotéticos repórteres, incumbidos de entrevistar o presidente no Rio de Janeiro <sup>88</sup>. Os leitores tomam conhecimento dos fatos através da

---

<sup>87</sup> - CONTRASTE. O Pirralho, 115, 1 nov. 1913.

<sup>88</sup> - GAUDÊNCIO. "Pirralho no Palácio do Catete". O Pirralho, 133, 7 mar. 1914.

retrospectiva realizada por um dos repórteres, em forma de carta endereçada à revista. Tudo começa com a narração de um acontecimento secundário. Gaudêncio (este o nome do jornalista) reproduz o seu diálogo com o secretário particular de Hermes, no Palácio do Catete, com quem tenta combinar a entrevista e que - como o mundo era pequeno! - conhecia a sua família. O interessante é observar a estrutura da narrativa. Durante todo o tempo, alternam-se menções a acontecimentos corriqueiros do momento (cujo sentido acaba escapando aos leitores do futuro...), situações fictícias, necessárias ao próprio andamento da história e referências a acontecimentos já considerados marcantes para a história nacional. Na narrativa, há também uma inserção interessante de alguns dos elementos provincianos que caracterizavam a época. Vejamos alguns trechos:

Na conversa com o secretário, Gaudêncio se apresenta como "filho de Sinhazinha Correia".

" - Pois você ainda é vivo?... (admira-se o secretário)"

- ... Graças a Deus, não estive na revolta e nem nunca fui marinheiro...sinão..." <sup>149</sup>

A conversa amistosa continua até o jornalista requisitar uma audiência com o presidente:

"- Eleições presidenciais. Queríamos ouvir o Marechal.

---

<sup>149</sup> - Esta forma de ironia era um expediente muito utilizado pelo O Pirralho. Mencionando a Revolta da Chibata, de 1910, (em que a atuação repressora do presidente ocasionara a prisão e a morte de muitos marinheiros, além de representar a falta de palavra do próprio governo que, antes, prometera anistiar os revoltosos), o autor da crônica ensinava como jogar farpas de uma maneira até certo ponto sutil, harmoniosamente inserida no próprio contexto da narrativa.

- Talvez não seja possível. Ele neste momento está jogando bilhar com o Pinheiro e o Braz."

- Tanto melhor, só assim ouviremos a trindade."

Como se vê, o autor passa ao leitor mais uma mensagem: o presidente, em vez de trabalhar, distrai-se, e na companhia não apenas do atual vice e futuro presidente, mas - pior! - daquele que se tornara a eminência nada parda do seu governo.

Finalmente, a cena principal se inicia: os repórteres Gaudêncio e Pindoba encontram-se no interior do palácio, prestes a estar na presença do presidente da república. Observe-se um detalhe fundamental: as passagens de um local a outro, de um momento a outro, de um a outro tipo de diálogo são teatralizadas, funcionando como partes integrantes da narrativa. Os diálogos são reproduzidos e a fala de Hermes é impressa com as peculiaridades que, ao que tudo indica, tornavam-no realmente um personagem folclórico:

"Subimos as escadarias.

(Marechal abotoando a farda).

- Viva ilustre Pirralhos.

- Cumprimentamos ao excelentíssimo sr Presidente pela data da Constituição, em nosso nome e no da Redação.

(Marechal tocando uma mosca que pousou na sua pêra cheirosa).

- Se você e mais o seu colega chegasse mais cedo, almocaria com o Pinheiro e eu <sup>☞</sup>.

E eis que surge à cena Pinheiro Machado:

"- Quem são esses caras?...O mais velho tem cara de civilista(...)

(Marechal confuso)

- Pois você agora se estrepou. É meus sobrinhos, por parte do Marechal Deodoro.

(Pinheiro arregalando os olhos).

- Então são seus tios e não sobrinhos.

(Marechal mordendo a língua).

- É uma encrenca seu compadre: eu mesmo não entendo a zoologia da nossa família.

Todos os três personagens participam da "entrevista" e nenhum escapa à mordacidade e à crítica dos repórteres. Nem mesmo Venceslau. Falando sobre a sucessão presidencial e lembrando que Rui Barbosa desistira de ser candidato, o repórter Pindoba se enraivece:

---

<sup>☞</sup> - Para destacar a fala do marechal, O Pirralho utilizava um recurso gráfico: alterava os tipos usados na sua reprodução, destacando também especialmente os erros de gramática e de sentido por ele usualmente cometidos. (Na transcrição apresentada, essas alterações são indicadas por grifos.)

" - O Rui é o legítimo candidato da alma nacional.

(Pinheiro enfurecido).

- Não lhe disse que essa cara tinha cara de civilista.

E então Venceslau aparece, perguntando o nome do jornal:

"(Pindoba grave).

- 'Pirralho' semanário ilustrado.

(Venceslau irritado).

- E o Marechal consente em Palácio, dois malcriações (...) que vivem caluniando o governo honesto de S. Exa."

Pindoba pergunta a Venceslau algo sobre o processo de eleição à presidência, ao que este retruca:

" - E o que vocês têm com isso?

(Pindoba sereno).

- Informar o povo.

- Qual povo, qual nada. Eu serei eleito e reconhecido sem a colaboração do povo. O povo que se fomenta...

Então, rapidamente, muda a perspectiva do leitor. Surge o comentário posterior do narrador Gaudêncio sobre a resposta que ouvira no Catete, reforçando a semelhança dos três políticos no que respeitava ao seu mau-caratismo (materializada - o que é mais interessante ! - na própria fusão dos três personagens num ser unívoco):

"O dr. Venceslau Hermes Pinheiro usou de uma palavra feia, que se não fora o lugar teríamos mandado para ... a cadeia."

Além disso, salta aos olhos do leitor o jogo de palavras que o narrador estabelece. Nele, as reticências têm papel fundamental, por levarem à associação óbvia do final da oração com um dos mais típicos palavrões brasileiros.

E continua o relato do encontro, já em vias de terminar. Os repórteres decidem partir, para tristeza do patético marechal:

" - Ainda são cedo. Não falamos mais de política. Vamos todos para Petrópolis. Passeiamos a cavalo e amanhã voltamos para conhecer o pleito."

O que caracteriza esta crônica é o fato de ela compor-se de elementos cuja alternância prende a atenção do leitor, quase que o obrigando a prosseguir na leitura. A narrativa compõe-se de quatro elementos distintos, combinados numa interessante alquimia: a paródia (quando, por exemplo, reproduz a fala do marechal), a comicidade aliada à inverossimilhança da situação narrada, o suspense e a inserção dos pontos de vista d' O Pirralho no contexto do episódio narrado. E, convém dizer, a crônica apresentada era similar a muitas outras publicadas no período.

Este tipo de texto, que tinha a sua estruturação garantida e fundamentada em elementos como a informalidade e a coloquialidade (que,

pelo que pude perceber na análise das revistas, ainda eram recursos de informação pouco usuais) não apareceu nenhuma vez na revista A Cigarra. Esta revista (nesse sentido parecida com A Vida), seguia um comportamento muito mais ortodoxo: assuntos sérios seriam discutidos de uma maneira ensaística. Nas páginas de A Cigarra, à ficção estariam reservados os temas que lhes eram costumeiramente próprios: amores desfeitos, amores despertados, amores iniciados, intrigas de ciúmes, entre outros do mesmo teor e supostamente do agrado de suas "gentis leitoras".

E, para ilustrar como A Cigarra costumava, por assim dizer, "patinar" em assuntos de política interna, cabe reproduzir a crítica que ela fizera a Venceslau Brás, após a sua posse como presidente. Saudado como um Messias, segundo a revista, logo degenerara num continuador, sendo possível ver por trás de sua simplicidade de "fazendeiro medíocre" os olhos "mefistofélicos e metálicos do general Pinheiro". Apenas quinze dias depois, A Cigarra trataria de se retratar. Venceslau, de desilusão, convertera-se em esperança:

"Confabulou com Rui Barbosa. Teve palavras corteses para com os adversários de ontem. Fez nomeações acertadas para quase todos os cargos de responsabilidade." <sup>71</sup>

Não resta dúvida de que O Pirralho, ao veicular textos com um acento próprio como alguns dos que pretendo, rapidamente, apresentar, introduziu novidades, afastou-se das tradições e abriu caminhos para

---

<sup>71</sup> - Respectivamente, CRÔNICA. A Cigarra, 13, 25 nov. 1914; CRÔNICA. A Cigarra, 14, 11 dez. 1914.

outros riscos.

Este é o caso, por exemplo, do "Diálogo entre dois espíritos" <sup>92</sup> :

"Um, vítima da insolação na Ilha das Cobras. Outro, fuzilado a bordo do 'Satélite'.

- Que voz conhecida... Estou quase te reconhecendo. Não serviste na guarnição do Tamoio?

- Tamoio? um calhambeque que de guerra não é? Estive antes da revolta. Quando o João Cândido assumiu o comando da Esquadra, achava-me no São Paulo.

- Então fomos colega [sic]. Desculpe se gaguejo um pouco, porque do susto que tomei fiquei gago, míope e surdo. Diga-me como te chamavas?

- Já não me lembro de nada. Desconfio que perdi a razão./ Oito dias de calor sem uma gota d' água...

- Ah! Já sei... estiveste na Ilha das Cobras?

- Parece que tinha esse nome. E tu como te chamavas?

- Anastácio, cabo rebaixado, teu criado, casa às ordens.

- 'Merci'. Tu és feliz. Eu não tenho morada. Tenho sede e falar nisso vou ver se 'trago' uma da 'branquinha'.

- Perdes o teu tempo. Aqui não vendem álcool.

- Mau. Tenho sede, muita sede.

- Consola-te comigo. Fiz uma viagem com um mar de rosas até Abrolhos./ Alta noite, grande balbúrdia a bordo. Gritos, pedidos de socorro, um inferno. /Súbito, um estampido pavoroso. Era o João Pisca Olho, e José Parafuso e Paulo Trinca-Espinhas que acabavam de ser fuzilados.

- E tu que fizeste?

- Cobri a cabeça. Ouvi que me chamavam 'Anastácio, Anastácio, levanta, o navio está naufragando'./ Abri a porta. Prenderam-me, levaram-me para a proa e uma descarga retumbou sonora./ Creio que morri./ Hoje não acredito nos homens. Aquele maldito Alexandrino voltou a ser ministro da Marinha./ O judeu do Venceslau é o futuro presidente. O polichinelo do Hermes se casou.

---

<sup>92</sup> - S... "Diálogo entre dois espíritos". O Pirralho, 123, 27 dez. 1913.

- O Hermes?... Ah! a minha sombra nunca o deixará em paz. Persegui-lo-ei eternamente. Acabará desgraçado, como eu./ Quem com ferro, fere, com ferro será ferido.

- Eu também digo o mesmo./ Uma vez, eu o vi, voando no aparelho Curtiss e quase dei uma cabeçada na hélice.

E por que não deste?

- Tive pena do aviador./ Mas agora que ele anda dando 'letras' de 'charrette' eu o farei dar uma cambalhota.

- Eu se tiver ocasião faço melhor. Hoje, odeio a humanidade./ O meu desejo, o meu grande ideal é estourar o Catete ou o Rio Negro, contanto que o Marechal venha morar conosco.

- Bravo! aplaudo a revolução. Agora vou até a Terra, ler os jornais da tarde.

- Sim. Aproveita a viagem, toma um chopp por mim e me compras o livrinho das 'últimas dele'..."

A transcrição completa do texto, necessária para a sua compreensão, tem como objetivo também o de analisar algumas de suas interessantes características. Em primeiro lugar, merece comentários a idéia tragicômica de pôr a conversar dois espíritos de marinheiros mortos em decorrência da fatídica "Revolta da Chibata". Acontecida há três anos, provavelmente já fadada ao esquecimento, a maneira encontrada pelo autor de trazê-la novamente à baila acabou por tornar o assunto provavelmente mais interessante do que conseguiria a maior parte dos ensaios ou panfletos políticos a seu respeito.

Os espíritos estão "no céu", mas completamente presos à terra. Quer no plano intelectual e sentimental (com o espírito do fuzilado inclusive acompanhando os acontecimentos políticos pela leitura dos jornais); quer no plano das necessidades físicas (o desmemoriado "seco" por uma "branquinha").

Na reprodução do diálogo entre os dois espíritos - ambos descrentes da humanidade, perdidos no espaço e desejosos, no seu rancor, da companhia do próprio Hermes da Fonseca na ausência de sentido da sua atual não-existência - o texto narra a truculência com que os revoltosos foram tratados, injusticados e assassinados pelo governo Hermes. Criticando o presidente e relembrando o episódio, o Autor "mata dois coelhos com o mesmo tiro".

Entretanto, o que incomoda no texto é a maneira pela qual os marinheiros se tratam. O espírito regionalista - em voga com tanta intensidade no período - foi completamente renegado pelo redator do "Diálogo...". Mais que o "Merci" saído da boca de um marinheiro, acostumado, afinal de contas, a correr mundo e a nele se fazer compreender, está o tratamento impecavelmente correto na segunda pessoa do singular empregado por ambos. O texto contém apenas um erro gramatical, de concordância (provavelmente produto de má revisão tipográfica). Mas, apesar disso, não creio que essa artificialidade chegue a comprometer o texto. O Pirralho, ao publicá-lo adotaria um procedimento que já apontei anteriormente: o de fazer o povo, ainda que de maneira esporádica e principalmente intermediada, freqüentar as suas páginas.

Muitos textos imaginosos haveria a apresentar sobre o marechal Hermes e a situação política do país. Afinal, um presidente que, de acordo com o anedotário da época, proibira a inclusão do burro no jogo

do bicho, pois a população o associava ao animal, forneceria munição suficiente para qualquer redator minimamente inspirado.

Uma "História do Brasil do Hermes", em que o "autor" narra, em capítulos, a guerra do Paraguai, merece ter alguns trechos apresentados

73 :

"Depois de descoberto o Brasil teve a guerra do Paraguai, que durou muito tempo e que o Brasil ganhou.(...)

"Um dia o rei do Paraguai, chamado Solano Lopes, provocou uns marinheiros brasileiros, que estavam tomando café no largo e daí originou-se a guerra. (...)

"Contam os que escreveram livros da guerra do Paraguai, que os nossos inimigos eram sujos e sem educação, que chegavam a comer ratos. Os brasileiros não podendo comer no hotel, levavam lunch de casa, mas sempre comiam coisas limpas.(...)

"Antonio Solano Lopes morreu nessa célebre batalha [Tuiuti], porque tomou um coice do cavalo do Duque de Caxias.

"Depois que o Brasil ganhou a guerra, o Paraguai mandou uma bandeira branca, que queria dizer que se devia fazer as pazes.

"Foi assim que acabou a história da guerra."

Como se vê, a caricatura dá o tom aos excertos transcritos. O mesmo ocorre em

"Boletim Oficial da Guerra contra os fanáticos"

pelo Hermes

---

73 - HISTÓRIA do Brasil do Hermes. O Pirralho, 123, 27 dez. 1913.

Trata-se do diário de uma guerra hipotética, talvez alusiva à guerra do Contestado, que se desenrolava no período. Nele, vão-se misturando referências à situação política brasileira e a algumas das personalidades famosas no momento, temperadas com algum non sense, trocadilhos, onomatopéias e, é claro, muito humor, antecipando procedimentos que, diga-se, iriam ser fartamente utilizados pelos modernistas. Do dia 3 ao dia 10, o "Marechá" (conforme a assinatura que encerra o diário) vai narrando episódios marcantes da tal guerra <sup>94</sup> :

DIA 3.

Começou a encrenca.

A nossa ala direita escorregou numa casca de banana e levou um tombinho. (...)

DIA 4

(...)Ao som do "Vatapá" segue-se o fecho, correria, tiros, berreiro... pum...pum...pum...

Houve um morto e meio do nosso lado.

(...)A ala esquerda foi presa pelo guarda noturno.

---

<sup>94</sup> - MARECHÁ. "Boletim Oficial da Guerra contra os fanáticos". Pelo Hermes. O Pirralho, 156, 10 out. 1914.

DIA 5

O marechal relata que uma proclamação sua fora lida para os soldados por um tal general Sem-Tem-Brino (basta dizer que entre os comandantes da repressão ao movimento do Contestado havia exatamente um general Setembrino):

"Soldados!

Do alto daquelas bananeiras quarenta bananas vos contemplam!

Refleti! Calma! Ponderação, Ordinário, marcha! Tarara chim ! Tarara chim bum!(...)

O Brasil, já sabe, confia na vossa ciência da guerra! Muque e... para frente!

O Brasil já teve muitas guerras e mais algumas que eu não me lembro! Já teve guerra com a O' Landa, com o Paraguai e com a Turquia, a Guerra dos Mascates./ Ultimamente ainda o João Cândido me declarou guerra e eu dei muito nele porque não ligo.

Vêde pois o meu glorioso exemplo!/ Até logo! Passe bem!

Marechal Hermes Von Zecca"

E observa:

A proclamação é ouvida debaixo de respeito. A banda de música executa um dobrado. Segue-se o baile. Houve uns fechinhas por causa das mulatas.

DIA 6

Dia feio. (...)O inimigo voltou e deu uns tapas na ala esquerda e no centro.

Ao meio-dia começou a batalha de Przanstld. De lado a lado houve pânico. (...)

DIA 7

Continuou a batalha de Prznstld.

De parte a parte houve coragem pra burro, soldados da ala esquerda abandonam o campo de noitinha, para ir no cinema fazer farra com as mulatas.

Os fanáticos sabendo ficaram danados de inveja. (...)

DIA 8

Continuou a batalha de Prznstld.

A cavalaria apostou uma corrida. ganhou em último lugar, o general Piedadão, comandante em chefe da retaguarda.

(...)

DIA 9

(...)A ala direita ficou em posição esquerda. A batalha ia sendo-se perdida quando o General Sem-Tem-Brino meteu o chanfallo no chefe dos inimigos.

(Eu sempre disse que aquele Sem-Tem-Brino é roxo!)

O general Piedadão caiu do cavalo.

DIA 10

(...)

Calma nas fileiras.

O Marechá.

Como se nota, as menções à política são muitas, a começar pelo jogo estabelecido entre as posições assumidas pelas alas direita e

esquerda - em confusão permanente - o que poderia representar, por exemplo, a atuação oscilante e oportunista dos políticos. A referência à queda de cavalo sofrida pelo "General Piedadão" também não é gratuita. Como se sabe, na política militar-intervencionista implantada por Hermes, São Paulo seria governado por esse General Piedade, que acabou "caindo do cavalo", já que os paulistas conseguiram resistir à sua tentativa de intervenção.

Além dos fatos e de todas as suas possíveis ilações, o interessante a perceber nesse "diário" (e o mesmo pode ser dito com relação ao texto anterior) é o modo como ele foi produzido. Todo o relato passa pelo filtro da personalidade bizarra, ignorante e autoritária atribuída ao presidente Hermes pelo verdadeiro autor (ou autores) dos textos.

O Pirralho tinha, como já disse, formas variadas de criticar o marechal e os políticos a ele aliados. Muito embora os textos mais interessantes do ponto de vista da criação fossem os que se utilizavam do humor, da paródia e da paráfrase, o corpo de redatores da revista também recorria à violência verbal e mesmo à ofensa direta:

"Nunca se viu em país civilizado nenhum do mundo, tanto descalabro, tanta miséria (...), tanta falta de brio, como atualmente no Brasil, desgraçadamente caído nas mãos de um chifrudo proprietário de ilhas e de um caudilho nojento e execrado, sem honra e sem nome, cuja alma é um misto de lama e sangue...

"O grau de anarquia a que estamos (pobres brasileiros!) entregues é inenarrável!" <sup>70</sup>

---

<sup>70</sup> - D. "Nota Política". O Pirralho, 137, 4 abr. 1914.

Em maio de 1914, O Pirralho pronunciava-se contra a decretação do estado de sítio no Rio de Janeiro de maneira incisiva:

"A prorrogação do estado de sítio até 30 de outubro vindouro é mais um gesto canalha que bem caracteriza a covardia e a fraqueza do famigerado e miserável governo de Hermes Rodrigues da Fonseca, esse bobo alegre que se uniu ao safardana Pinheiro Machado, para encher de lama e sangue a nossa pátria, ludibriar o nosso povo e desacreditar o nosso país." <sup>76</sup>

No mesmo número, O Pirralho (por intermédio de uma inicial que, na verdade, o representava) chegaria a interpelar o presidente, utilizando para nomeá-lo termos nada lisonjeiros, numa coloquialidade arrogante de inequívoco acento irônico, materializado no uso da segunda pessoa do singular:

"Já não bastavam as misérias que uniste ao teu nome execrado, Marechal idiota e repelente, para mais uma vez, emporcalhares a Constituição Brasileira, decretando abusivamente, criminosamente, mais seis meses de estado de sítio para a Capital Federal (...) como provas evidentes, e graves de teu organismo degenerado, covarde e irresponsável. (...)"

"Presidente da República, que preside, não os destinos da Pátria, mas os destinos de uma quadrilha miserável, cuja sede ininterrupta, tem sido roubar a honra nacional, roubar o Tesouro, roubar os foros de uma nação civilizada, tirando-o [sic] dentre as nações cultas. (...)" <sup>77</sup>

As preocupações e as palavras recorrentes nesses excertos podem

---

<sup>76</sup> - DITADURA Iminente. O Pirralho, 141, 2 mai. 1914.

<sup>77</sup> - B. "Miserável". O Pirralho, 141, 2 mai. 1914.

fornecer uma maior definição da linha ético-política da revista. Denegrir a pátria era, segundo O Pirralho, uma conduta deplorável, extirpá-la do convívio das nações cultas também. A imagem da mistura de lama e sangue a caracterizar tanto a alma de Pinheiro Machado quanto o estado em que se encontrava o Brasil naquele momento poderia ser associada quase que à própria profanação da pátria, violentada, esgotada.

Convém observar que O Pirralho chegou a publicar um editorial muito significativo em defesa da posição política que assumira, visando, inclusive, historiar e comprovar a sua própria coerência <sup>98</sup>. Assim, a redação virá "dialogar" com os leitores, de modo inicialmente arrogante:

"Não pense os leitores, que vamos fazer aqui a justificativa da nossa atividade francamente revolucionária.

"Não. Não costumamos e nem está nos moldes da nossa revista, dar satisfações a quem quer que seja."

A comprovação da coerência política será o seu próximo passo:

"Volvendo as vistas para os nossos primeiros números, veremos que a nossa feição foi sempre da mais tenaz oposição à situação política do País, demolindo como demolimos sempre, os tolos, os néscios, os cretinos, que na política ou nas letras, na arte ou na sociedade, alimentam alguma pretensão descabida. (...)

"Em compensação, temos, embora com muita sobriedade na adjetivação, elogiado, alguns poucos que têm merecido elogios."

---

<sup>98</sup> - RELEMBRANDO o nosso programa. O Pirralho, 137, 4 abr. 1914.

E o seu reforçamento, o seguinte:

"Mas porque então, perguntarão os leitores, O Pirralho agora está francamente revolucionário, usando uma linguagem que ninguém no Brasil jamais usou, atacando governos?!

"Simplesmente porque o grau de desavergonhamento dos homens públicos do País, chegou ao auge, porque os gatunos são chefes de Estado (...) e porque dos frou-frous das saias de uma mulher perversa, se decide a sorte deste pobre País.

"O ódio do Pirralho que antigamente se ocultava sob aquela sua ironia fina e delicada, atualmente transformou-se no ódio violentíssimo, que explode dentro da sua alma de sincero, explosão justíssima, porque está na razão direta do aviltamento da Pátria, promovido por essa corja de politiquinhos do P.R.C. e do hermisão, esses infames, cujos rostos deviam ser escarradeiras e os corpos alvos para as balas dos sinceros amigos da Pátria."

Da dura enumeração de todos esses assintes resultará a proposição de uma saída radical, na qual O Pirralho parece pretender inserir-se:

"Na baía está a redenção do Brasil.

"É por isso que somos revolucionários, é por isso que somos violentos.

"Quem ama a Pátria, assim procede.(...)

"Somos revolucionários porque somos patriotas, somos violentos porque não queremos sair, do programa a que nos sujeitamos desde o nosso primeiro número."

Não é minha intenção discutir a pertinência do uso que O Pirralho faz do termo "revolução", já que isso requeriria, no mínimo, uma comparação meticulosa particularmente com a concepção de revolução defendida pelo A Vida. O que me interessa com a reprodução deste

editorial é analisar algo de sua retórica e dos seus possíveis efeitos. Revolução rima com redenção e esta, para a própria revista, só surgirá a bala. Mas a revolução d' O Pirralho vai combinar com patriotismo e aí a questão torna-se mais complexa.

A redenção será obtida com a libertação da pátria dos algozes que a extorquem; caberá aos "revolucionários" serem o instrumento dessa libertação. Mortos os tiranos, o país vai transformar-se: parece ser essa a visão da revista. No entanto, muito embora este editorial provavelmente tenha tido o seu impacto no momento em que foi lançado, não deixa de soar como um puro exercício de retórica. Composto, é certo, de elementos referentes ao ideário nacionalista dominante no período, representava e direcionava-se, porém, a um público ao qual modificações estruturais absolutamente não interessavam.

Virulento e incisivo em maio, O Pirralho, em novembro, não perderá a verve, tampouco pegará em armas. Vinte exemplares depois, no dia 14 de novembro, abrirá espaço para a publicação de três quadrinhas pueris, com a quais podemos encerrar este longo "Capítulo Hermes":

"Felizmente a grande orgia

Vai deveras terminar:

Pois falta apenas um dia

Pro Hermes desinfetar...

"Outrora ninguém sorria,  
 Agora é outro o cantar,  
 Pois falta apenas um dia  
 Pro Hermes desinfetar..."

"Não chores minha Maria,  
 Que a coisa vai acabar:  
 Pois falta apenas um dia  
 Pro Hermes desinfetar..." \*\*

## 7. "Nossos comerciais, por favor"

Se considerarmos a máxima "a propaganda é a alma do negócio" realmente verdadeira, poderemos compreender a longevidade de A Cigarra. A sólida estrutura comercial que a sustentava devia-se, em grande parte, à sua política de marketing. A Cigarra sabia capitalizar a seu favor todos os eventos culturais que promovia, todos os aumentos de tiragem que obtinha, toda nova sucursal que abria, todas as festas de benemerência que patrocinava. Esse tipo de conduta revertia em prestígio social e sucesso financeiro, e suponho que também fosse útil na conquista e na manutenção de um bom corpo de anunciantes.

O que me interessará comentar nesse último item, aparentemente

---

\*\* - O Pirralho, 161, 14 nov. 1914.

descosido dos demais, será o tipo de propaganda veiculado no período, particularmente o criado pel' A Cigarra. As "reportagens" sobre indústrias e casas comerciais paulistanas publicadas na revista, ainda que fossem a maneira, a meu ver, mais eficiente de captar anunciantes, não era a única de conquistá-los. Evidentemente, uma matéria ilustrada mostrando a qualidade dos produtos "iguais ou melhores que os europeus", as condições de higiene e limpeza do estabelecimento e a sua produtividade era um inquestionável símbolo de status para os empresários, principalmente se a "reportagem" também trouxesse um histórico elogioso à sua tenacidade e capacidade de empreendimento. Contudo, A Cigarra também dedicava atenção aos anúncios que publicava

A comparação entre O Pirralho e A Cigarra no que se refere especificamente à questão da publicidade é necessária, por apontar uma diferença significativa entre ambas. O Pirralho, apesar do incontestável talento de seus redatores na confecção da revista, não tinha para com a propaganda a mesma preocupação. A invenção de anúncios "macarrônicos" como os que apresentei era, sem sombra de dúvida, interessante. Todavia, A Cigarra demonstrava estar muito mais atenta para o tema que o concorrente.

Uma rápida análise das três páginas iniciais e finais d' A Cigarra e d' O Pirralho seria capaz de indicar com precisão o público a que

---

<sup>100</sup> - Evidentemente, procurar identificar a origem desses anúncios seria uma tarefa impossível. Conforme Flora Sussekind, na década de 1910, já havia em São Paulo pequenos escritórios oferecendo serviços de propaganda. SUSSEKIND, F. Op. Cit., 1987, p. 62.

Nesse sentido, o que importa analisar, além dos próprios anúncios, é o fato mesmo da sua publicação n' A Cigarra.

elas se destinavam (para isso, nem seria preciso avançar na leitura das revistas). Artigos de perfumaria, objetos de decoração, porcelanas, roupas e chapéus, móveis, cigarros e chocolates; esporadicamente, até serviços de cartomancia e futurologia: era o que se anunciava. O Pirralho publicava mais anúncios de cigarro que A Cigarra. E, também, apesar de tanto criticá-las, anunciava as sociedades mútuas um maior número de vezes.

Algo que diferenciava as duas revistas (e, ao menos nos exemplares d' O Pirralho a que tive acesso, preservava a moral deste) era a publicação de anúncios de casas de jogo. O Pirralho considerava-as algo como antros de perdição, chegando a fazer uma reportagem denunciadora sobre elas. Já A Cigarra teve no anúncio de uma casa lotérica um dos seus momentos mais brilhantes. Vale a pena conhecer a introdução:

"Nos tempos críticos que correm, com a aflitiva situação criada pela falta de dinheiro, célula mater de todo o movimento e de toda a prosperidade, o povo volve um olhar interrogativo a todos os pontos, procurando a fonte de onde lhe possa vir aquilo que lhe falta para viver tranqüilamente e para garantir o seu lar.

"É preciso que se produza uma reação nesse angustioso estado de coisas, e essa reação deve operar-se com a abundância de dinheiro que tanto tem escasseado após o cataclisma da conflagração européia.

"O dinheiro que garante o pão e a paz doméstica, deve reaparecer(...) para consolo de todos.

"Mas como obtê-lo em uma época tão difícil como esta que atravessamos? De um modo muito simples. Uma forte reação acaba de operar-se nesta capital. As ruas do triângulo encheram-se ultimamente de gente de todas as classes sociais, que comentavam em frases da mais viva alegria a inauguração de Do Gato Preto, a felizarda agência lotérica." <sup>101</sup>

---

<sup>101</sup> - A Cigarra, 30, 10 nov. 1915.

É muito interessante notar como o anúncio joga com os conceitos de riqueza e escassez, coletivizando-os. Todos, pobres e ricos, sentem necessidade e falta de dinheiro - "a célula mater da prosperidade". Mas, conforme o anúncio, obtê-lo não representa qualquer dificuldade. O dinheiro que deve reaparecer "para consolo de todos", encontra-se depositado numa "agência lotérica".

E vai aparecer para todos? Evidentemente, não. Mas aí é que se encontra o caráter ao mesmo tempo mágico e ilusório da propaganda. Este anúncio não nega as agruras do tempo; ao contrário, destaca-as (em oposição à própria revista em que está publicado). E exatamente por destacá-las é que vende a solução mágica e certa do jogo. A felizarda Ao Gato Preto é saudada por gente de todas as classes, homogeneizadas no anúncio. A possibilidade de ganhar transforma-se apenas numa questão de querer, perdendo qualquer relação com o acaso e, principalmente, com o caráter comercial do empreendimento que recolhe dinheiro de muitos para pagar a muito poucos.

Uma característica importante a ser destacada nas propagandas publicadas n' A Cigarra era a sua capacidade de inserção nos acontecimentos e, por assim dizer, no "clima" do período. Uma tática utilizada era a de recorrer a personalidades das artes ou mesmo da política que, anunciando o produto, antecederiam em função as "garotas-propaganda" da televisão nos anos 1950. Foi assim que a revista fez circular propagandas do xarope Bromil (celebrizado pelos versos de Emílio de Menezes e Bastos Tigre) e do legendário remédio A Saúde da

Mulher.

O anúncio do xarope - de página inteira - continha uma fotografia do

"Senhor Oduvaldo Viana, autor do livro de Contos Humorísticos 'Feira da Ladra' e Redator d' 'A Razão', curado com o BROMIL

Em redação protocolar, o escritor atestava:

Srs. Daudt & Oliveira

Para o bem da Pátria e felicidade geral da humanidade, atesto que atacado por uma bronquite pertinaz que me jogou ao leito, usei com grandes resultados o BROMIL, conseguindo, com dois vidros apenas daquele maravilhoso xarope ficar radicalmente curado.

Rio de Janeiro, 12 de fevereiro de 1917.

Oduvaldo Viana

O anúncio do remédio feminino - também de página inteira - seguia aproximadamente o mesmo modelo do anterior, iniciando-se com o cabeçalho:

"A Saúde da Mulher cura incômodos de senhora."

Abaixo dele, o espaço dividia-se entre foto e legenda explicativa:

"A inteligente e popular artista Aura Abranches, curada com a Saúde da Mulher"

E seguia:

Srs. Daudt & Oliveira

Após uma época de trabalho excessivo, com representações consecutivas, tomei como tônico poderoso A SAÚDE DA MULHER, sendo maravilhoso o resultado.

Aura Abranches

(firma reconhecida) <sup>102</sup>

Dois artistas anunciando remédios. Os artistas também adoecem, é o que mostra a propaganda. Mas se os remédios que anunciam são capazes de curá-los - eles que não são gente, mas "estrelas"! - que eficácia não teriam nas pessoas comuns?

A campanha dos produtos farmacêuticos Dória é outra que merece ser analisada, exatamente por exemplificar a utilização de referências contextuais com intuítos puramente mercadológicos. A Cigarra publicara, na série "Respostas a Ruth", uma carta em que o signatário, MC, posicionava-se contra as sufragistas e o feminismo, argumentando que numa sociedade evoluída, as mulheres não deveriam ser "obrigadas a gravitar em torno das necessidades e misteres em que nós outros pelejamos", já que todas têm na vida "uma missão tão bela, tão nobre, tão elevada, que tudo quanto [as] aproximar dos homens será deprimente"

---

<sup>102</sup> - Respectivamente: A Cigarra, 62, 14 mar. 1917; A Cigarra, 64, 13 abr. 1917.

<sup>103</sup> Além disso, já tivemos oportunidade de observar o tipo de tratamento normalmente reservado às mulheres pel' A Cigarra.

O anúncio dos produtos Dória constituiria, neste contexto, uma aparente surpresa. Três anos após a publicação da carta de MC, surgiria na contracapa da revista, ocupando-a inteiramente, uma foto-montagem feita de rostos de mulheres de todas as idades, sobre a qual destacava-se uma faixa branca - à moda das faixas de passeatas - com a inscrição: SUFRAGISTAS...

A montagem simulava, efetivamente, uma manifestação. No pé da página, a "mensagem":

"Todas estas moças não confundiram xaropes MEL JATAÍ DÓRIA, peitoral composta que cura radicalmente as tosses, bronquite, rouquidões e a coqueluche. Em todas as farmácias." <sup>104</sup>

Não se pode negar que uma manifestação de protesto é uma bela maneira de se adquirir rouquidão e tosse. Entretanto, para curá-las "radicalmente", porém, melhor que o tal xarope (que a propaganda insinua ter sido previamente consumido pelas sufragistas) seria a conquista do direito ao voto...

O anúncio iria repetir-se no número imediatamente seguinte, para anunciar outro remédio:

---

<sup>103</sup> - MC. "Respostas a Ruth". A Cigarra, 10, 16 set. 1914.

<sup>104</sup> - A Cigarra, 73, 24 ago. 1917

SUFRAGISTAS...

"Não temer cólicas, azias e indigestões. O ELIXIR DÓRIA cura fígado, rins e intestinos" <sup>105</sup>

Como as mulheres adquiririam o direito ao voto apenas dezessete anos depois deste anúncio, talvez não fosse má a idéia de recorrer ao tal elixir (no mínimo por precaução). Afinal, haveria muitos anos de indigestão pela frente.

A já mencionada inserção das propagandas publicadas n' A Cigarra no espírito da época teria, talvez, o seu melhor exemplo em:

#### O LUXO DE CARLOS <sup>106</sup>

Estás instalado como um príncipe, meu Carlos. Não imaginei nunca, que fosses tão requintado no teu luxo...

- Perdoa, amigo. Isto não é luxo. Será conforto se quiseres. Eu tenho a minha maneira de compreender e apreciar a vida. Sigo, aliás, lições tuas. Tens-te fartado de me inculcar o exemplo dos ingleses que tu achas ser o povo que melhor sabe gozar a efêmera existência que nos é dado passar no mundo.

Para o inglês há um lugar à parte no mundo: é o seu home, a sua morada. Seja um palacete num aristocrático square, seja um castelo na Escócia, seja mesmo um simples bungalow em qualquer colônia, aí ele condensou todo o carinho da sua alma, todas as exigências do seu conforto, todas as comodidades que lhe reclama o corpo.

Eu também sou assim. Hoje o melhor pedaço da existência é o que se passa de portas a dentro, recostado nesses móveis, espreguiçado nesses divãs, sentado nessas cadeiras à Maple, curvado sobre estas mesas de verniz

---

<sup>105</sup> - A Cigarra, 74, 8 set. 1917.

<sup>106</sup> - A Cigarra, 57, 28 dez. 1916.

luzente... Lá fora está a banalidade, o burburinho que a todos arrasta. Aqui dentro vive-se com o coração, com a inteligência, com os sentidos, numa satisfação perfeita.

Olhe essa mobília estufada em couro, aquelas poltronas de damasco, aquele divã, imitação couro. Foi o Marino, ali da rua da Boa Vista que me enviou essas preciosidades de conforto. É um homem de métier. As suas mobílias são perfeitas. (...) Foi ele também, o Marino, que possui uma das melhores casas de móveis de São Paulo, que instalou essa decoração elegante e simples. Tem-nas para todos os gostos e para todos os preços. Mas até as mais baratas são magníficas e deliciosas.

Vês aquela tapeçaria? É da fábrica do Ernesto Marino & Cia. Não achas que é perfeita, verdadeira imitação de um gobelin, de um pano de raz, de um tapete da Pérsia? E este tapete aveludado em que tu, profano, pousas a tua botina de verniz?

- Também é dele?

- Tudo quanto vês nesta sala e tudo quanto tens visto nas outras, é da casa A Metrópole, de Ernesto Marino & Cia. da Rua da Boa Vista n.º 27. Se queres mobiliar bem a tua casa, não podes escolher melhor. É a única que te dará satisfação completa.

- Pois bem. Vou seguir o teu conselho e, hoje mesmo, farei uma visita A Metrópole... rua?

- Rua da Boa Vista n.º 27.

Este anúncio mereceria uma análise meticulosa, dada a quantidade de elementos ilustrativos do período que apresenta. Vou limitar-me, contudo, a considerá-lo um retrato do próprio público d' A Cigarra; dos seus gostos, seus desejos e fantasias, da sua compulsão consumidora burguesa. O anunciado "luxo" de Carlos, que extasia seu interlocutor, constitui um verdadeiro mosaico, feito de cópia e requinte. Carlos enumera suas preciosidades - obtidas, conforme ele, no mais puro estilo inglês do cultivo dos espaços "portas adentro" - entre as quais convivem pacificamente conjuntos de couro e divãs de matéria sintética; móveis sólidos e tapeçarias de imitação.

O anúncio da casa A Metrópole (nome que não deixa de ser significativo, se resolvermos associá-lo à própria transformação de São Paulo em metrópole, e no que isso representava em termos de consumo) segue o modelo do da casa lotérica. Procura, de certo modo, homogeneizar o seu público-alvo. "Luxo para todos", é o que ele proclama, embora avise, de antemão que há produtos "para todos os gostos e para todos os preços". Esta, a distinção entre os anúncios. O da casa lotérica escamoteia a diferença entre ricos e pobres, o que o da loja de móveis não consegue fazer. O que este último demonstra é a existência de uma certa padronização de gosto, porém submetida, em última instância, ao poder de compra que se tem para segui-la. "O Luxo de Carlos" é, na verdade, paradigmático da transformação por que passava a vida da cidade e de algumas parcelas de sua população (um processo que, devo repetir, já havia começado muito antes).

No começo do século, as novidades técnicas chegavam a São Paulo de maneira massiva. A sua maior divulgadora era a CASA EDSON, uma loja localizada no centro da cidade, que importava e vendia todos os eletrodomésticos produzidos no momento. O estabelecimento resolvera adotar como veículo de divulgação para seus produtos nada menos que... uma revista: O Echo Phonográfico, segundo a própria, de circulação nacional e gratuita <sup>107</sup>. A revista anunciava todas as marcas de gramofones e demais equipamentos de que dispunha (e os reproduzia em ilustrações a bico de pena), fazia concursos entre os leitores, além de

---

<sup>107</sup> - Durante minhas pesquisas, encontrei apenas alguns números esparsos d' Echo Phonográfico, o que infelizmente tornou impossível analisá-lo nos mesmos moldes das três revistas escolhidas.

publicar textos de leitura leve. Na verdade, mais importante do que o seu conteúdo, era a própria existência da revista, o que vem confirmar que a mentalidade empresarial já andava de mãos dadas, ou melhor, já dava emprego aos profissionais das letras.

Com um soneto que publicou em 1905 e que encerrará este capítulo, o Echo Phonographico ajuda também a comprovar o início de um processo de alargamento do domínio do literário, onde, conforme Flora Sussekind:

"pareciam caber, ao lado de formas e imagens clássicas, penumbras e interiores, alguns xaropes, restaurantes, cervejas e magazines" <sup>100</sup> ,

além de todos os objetos abaixo relacionados - conforme uma enumeração telegráfica bem ao gosto dos modernistas de dezessete anos depois:

#### Casa Edson (Colaboração Instantânea)

Gramofones, fonógrafos, brinquedos  
 Leque, arminhos, pentes e tambores,  
 Fogareiros, navalhas, refletores,  
 Tudo o que serve aos juvenis folguedos;

---

<sup>100</sup> - SUSSEKIND, F. Op. Cit., 1987, p. 66.

Espingardas, caixinhas de segredos,  
caçarolas, esquadros e vapores,  
Pastas, penas, papel, copiadores,  
Couraçados de estanho, com torpedos;

Quinquilharias, louças e ferragens,  
Fincéis, correntes, coleções de leis,  
Escusado é buscar noutras paragens...

Embora em toda a parte procureis,  
Somente vos darão (e com vantagens):  
Figner Irmãos, São Bento, 26. 109

---

109 - Echo Phonographique, 36, fev. 1905.

## Capítulo 5

### Alinhavando questões

"Um mergulho em águas turvas": seria ainda esta a imagem mais apropriada para iniciar o capítulo que deverá concluir minha incursão pelas revistas e crônicas da segunda década do século? Afinal, ao longo dos quatro capítulos anteriores, o que foi possível descobrir de interessante, em termos de criação literária, nos anos "difusos" e "informes" que pesquisei, do chamado "pré-modernismo"? Penso que esta pergunta - que introduziu meu trabalho e dirigiu seus rumos - constitui uma maneira de iniciar este que se pretende um capítulo não de conclusão, mas de sistematização das questões com as quais me fui debatendo no contato com as revistas, seus textos e sua época. Talvez seja um bom começo para um capítulo que não pretende fechar, mas simplesmente arrolar questões.

Em primeiro lugar, faz-se necessário refletir um pouco sobre o que representa trabalhar com um período como o que escolhi. Cunhou-se a expressão "pré-modernismo" para definir, em termos de produção artística, principalmente literária, o período contido entre fins do século passado e 1922. Nesse sentido, o modernismo - iniciado formalmente com a "Semana de Arte Moderna" de 1922 - além de nomear a

produção artística predominante no Brasil a partir dessa data, serviu como marco referencial para a definição do período imediatamente anterior a ela.

A definição "pré-modernismo" é, na verdade, ambivalente. É claro que possui o seu sentido literal: o período por ela circunscrito define-se como "pré" simplesmente por ele anteceder a um outro, tido como mais importante. Entretanto, esta definição possui um segundo sentido. Pré-modernistas costumam ser considerados todos os elementos estéticos inovadores (quer formais quer temáticos) nele presentes. Assim, surgidos antes dos anos 1920, mas com eles identificados, esses elementos seriam considerados previamente modernistas, modernistas *avant la lettre*.

Neste contexto, é preciso dizer que a definição "pré-modernismo" pode vir a ser intrigante, por implicar que todo um período defina-se, não por suas próprias características, mas pelas que traz, antecipadamente, do período que o sucederá. Por outro lado, ela também pode soar incompleta, pois não se pode ignorar o quanto o pré-modernismo nutriu-se também do século XIX (e, nesse caso, é inevitável pensar na quantidade de epígonos dos movimentos literários ditos passados, que sobreviveram - produzindo! - às vésperas do modernismo). Vale a pena recuperar a opinião de um autor como José Paulo Paes, para quem é necessário delimitar o campo de abrangência do pré-modernismo,

"concentrando, de um lado, quanto [sic] cheire mais fortemente a retardatário, isto é, o neo-parnasianismo, o neo-simbolismo e o neo-naturalismo, a fim de deixar espaço livre, do outro lado, para aquilo que de fato aponte para o modernismo vindouro como uma espécie de batedor ou precursor".<sup>4</sup>

Paes caminha na direção da qual discordo. Não acredito que se possa efetivamente delimitar um período e diferenciar a sua produção literária em dois grupos diametralmente opostos: o retardatário e o precursor. É claro que existem maneiras de se distinguir o caráter dominante de uma obra, e é possível definir algumas delas como "retardatárias" e outras como "precursoras". O que é particularmente problemático nesse tipo de divisão é a sua desconsideração para com todas as sutilezas e interligações que inevitavelmente existem na produção literária de qualquer período.<sup>5</sup>

Talvez coubesse perguntar se há, efetivamente, uma definição para estes anos, espremidos entre um século e outro, capaz de solucionar o impasse causado por sua indiscutível hibridez. No entanto, penso que a questão é menos de terminologia do que aparenta. Mais que definições precisas, o que julgo realmente importante é buscar conhecer, por intermédio de pesquisas (como as que vêm sendo intensificadas no presente) aquilo que o chamado "pré-modernismo" apresenta de próprio. Para isso, é obviamente essencial desconsiderar, a princípio, a

<sup>4</sup> - PAES, J. P. "O Art-nouveau na Literatura Brasileira". In: Gregos e Baianos. São Paulo, Brasiliense, 1985. p. 65.

<sup>5</sup> - Flora Sussekind é uma entre os autores que vêm preocupando-se exatamente em estudar algo da produção cultural do período (1890-1922) em suas especificidades. Estabelecendo como recorte para o seu enfoque as relações estabelecidas entre forma literária e as inovações técnicas surgidas no momento, Flora afirma que esse "diálogo em várias versões entre as letras e os media (...) talvez defina a produção literária brasileira do período de modo mais substantivo do que os muitos neo (parnasianismo, regionalismo, classicismo, romantismo), pós (naturalismo) e pré (modernismo) com que se costuma etiquetá-la." SUSSEKIND, F. Cinematógrafo de Letras, op. cit., 1987, p. 18.

concepção dicotômica velho versus novo, retardatário versus moderno. Seguindo essa conduta, é fácil comprovar o interesse e a riqueza que caracterizam uma época como esta, cuja identidade, deve-se dizer, ainda costuma ser negada. Afinal, particularmente em termos da sua produção escrita, o que uma análise atenta faz surgir como criativo já não é considerado seu; e o que aparece como desinteressante é tido, a mais das vezes, como pura repetição de obras e concepções do passado, já descosidas da sua realidade<sup>2</sup>.

Como indiquei em seções anteriores de meu trabalho, alguns dos elementos cultivados na fase que pesquisei (principalmente o humor e a paródia - quase que estruturais do ideário e do imaginário brasileiros), e outros que nela surgiram (como, por exemplo, a utilização de referentes urbanos, as novas informações trazidas pelos imigrantes etc.) seriam desenvolvidos no modernismo. Entretanto, isso não deveria fazer com que esses elementos tivessem a sua origem esquecida, como costuma ocorrer nas associações automáticas que se faz entre eles e o movimento modernista. Neste contexto, particularmente no que se refere à produção escrita, penso que o recurso a fontes

---

<sup>2</sup> - Não se pode deixar de mencionar e elogiar o trabalho metódico de reconhecimento e, por assim dizer, de valorização do "pré-modernismo" realizado por uma série de pesquisadores (muitos dos quais já mencionados no presente trabalho) ligados a universidades e a centros de pesquisa como a Fundação Casa de Rui Barbosa, responsável, inclusive, pela publicação de um volume especificamente destinado ao tratamento do tema (Fundação Casa de Rui Barbosa, De. cit., 1988).

Além disso, obras que se transformaram em fontes de referência sobre a época não podem, absolutamente, ser esquecidas. Aqui se encaixam a já mencionada História da Imprensa no Brasil, de Werneck SODRÉ; a História de Revistas e Jornais Literários, v.1, de Plínio DOYLE (Rio de Janeiro, MEC, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1976) e A Imprensa periódica de São Paulo desde os seus primórdios em 1823, até 1914, de Afonso de FREITAS (São Paulo, Tipografia do "Diário Oficial", 1915).

Finalmente, é importante destacar a importância que representam para a historiografia literária as teses sobre muitas das revistas literárias publicadas no período, orientadas basicamente pelo professor José Aderaldo Castello, da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

primárias como a imprensa pode ser de muito auxílio na confecção de uma espécie de cronologia que permita detectar a utilização e mesmo o aparecimento desses novos elementos e, principalmente, estudar a sua inserção na própria realidade do período estudado. O fato de jornais e revistas registrarem o cotidiano faz da sua consulta um procedimento fundamental para a compreensão da época em que circularam.

Por outro lado, isso não significa dizer que se deva analisar o material produzido apenas à cata de "novidades" (um procedimento que refuto). É importante é analisá-lo - repito - exatamente em busca da própria época em que foi elaborado e circulou. Nesse sentido, os elementos tidos como retardatários (todos os "neo" enumerados por Paes) não devem ser considerados pura repetição descontextualizada de fórmulas progressas, mas a adaptação dessas fórmulas ao novo período em que elas estão sendo usadas. A permanência, em determinado período, de elementos estéticos e concepções ideológicas originários de movimentos a ele anteriores nada mais comprova que estes elementos e concepções continuam parecendo adequados a grande parte dos homens desse novo período. Nesse sentido, o conhecimento da época é fundamental, pois ele poderá fornecer elementos capazes de elucidar os porquês dessa permanência que, ao pesquisador do futuro, pode efetivamente parecer injustificada \*.

---

\* - É simples e atraente conceber a história mais como uma sucessão de rupturas que de "permanências" e supervalorizar o "novo", em detrimento do "velho". Na verdade, qualquer movimento de mudança precisa partir e se basear no "velho" para poder surgir. Como Arno Mayer bem o notou, este "velho" nunca se extingue, mas se adapta ou se incorpora ao "novo", muitas vezes chegando a dominá-lo. MAYER, A. *Op. cit.*, *passim*.

Essa concepção é fundamental em Marx:

"Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, ligadas e transmitidas pelo passado". MARX, K. "O 18 Brumário de Luís Bonaparte". In: MARX, K. e ENGELS, F. *Textos*. v. III. São Paulo, Edições Sociais, 1977. p. 203.

Um exemplo que talvez caiba utilizar para ilustrar a afirmação anterior diz respeito ao singular domínio exercido pelo parnasianismo no Brasil durante o período analisado. Contudo, é preciso frisar que, conforme afirma Otto M. Carpeaux <sup>3</sup>, este domínio ocorreu apenas no Brasil. Na Europa - a grande matriz cultural de então - o parnasianismo capitulara ao simbolismo e este, por sua vez, fora rapidamente sucedido, já no começo do século, por movimentos como o futurismo.

Enquanto isso, no Brasil, o parnasianismo imperava invicto. Como interpretar esse fato sem recorrer à análise de elementos conjunturais e estruturais, para além da literatura? É fato comprovado que, devido à conformação cultural do país, sempre escreveu-se para as elites e, conforme Antonio Cândido <sup>4</sup>, essas elites, devido à sua pobreza cultural, nunca apresentaram uma preocupação concreta com a qualidade literária. Nesse caso, não é de se espantar o seu apreço pela eloquência e pela linguagem ornamental que costumavam ser praticadas pelos epígonos parnasianos. Por outro lado, é inevitável associar a retórica parnasiana ao espírito triunfalista que imperava entre as elites naquele momento. Portanto, o que é possível notar é que a predominância do parnasianismo no século XX deu-se por conta de elementos contextuais próprios do Brasil. O parnasianismo permaneceu porque respondia favoravelmente à concepção de arte das elites.

---

<sup>3</sup> - CARPEAUX, O. M. Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira, 3.a ed. Rio de Janeiro, Letras e Artes, 1964, p. 247.

<sup>4</sup> - CÂNDIDO, A. "O Escritor e o Público" In: Op. cit., 1985, p. 86. Nas palavras do Autor, "Elite literária, no Brasil, significou até hem pouco tempo, não refinamento de gosto, mas apenas capacidade de interessar-se pelas letras".

### 1. Ufanismo ou distorção?

Durante o período que eu designaria como a última fase do pré-modernismo (exatamente a década de 1910), poderia ser dito que a produção literária brasileira caminhava, de certo modo, na contramão da dos países europeus avançados. Baseando-nos na taxativa afirmação de Carpeaux, poderíamos imaginar o relativo isolamento brasileiro, com seus poetas falando do cultivo à forma e aos deuses olímpicos, e seus prosadores e escritores-jornalistas utilizando um discurso rebuscado e empolado na descrição de festas e encontros, na feitura de contos e romances, e mesmo na discussão de idéias. Enquanto isso, veríamos, na Europa, novas linhas estéticas "desabrochando" em meio às velhas tradições estéticas, apesar ou por causa delas.

Mas, por outro lado, não é possível esquecer que todo esse requinte verbal presente no Brasil, naquele momento, convivia, aparentemente sem problemas, com um tipo de regionalismo que, registrando em seus textos as idéias, a vida e principalmente o modo de falar do homem do campo, procurava resgatar a nossa tradição rural, as "nossas raízes" (o que possivelmente representaria mais um elemento de isolamento do Brasil diante do mundo).

Dada a transformação econômica e urbana imensa e irreversível que o país vivia, dadas as novas informações culturais que aqui aportavam, ainda que vagarosamente, como explicar a permanência do parnasianismo

como movimento estético dominante, acompanhado, além do mais, desse regionalismo muitas vezes folclorista, que também tinha o seu cartaz junto às elites ? Existiria, efetivamente, um descompasso (avanço econômico e retrocesso cultural) a caracterizar o período? Ora, para analisar as razões dessa situação singular, é preciso não esquecer o impasse vivido - até hoje - por todos os países colonizados na busca de sua própria identidade. Entre elementos que julgamos vir-nos de fora e aqueles que queremos considerar genuinamente nossos, quais valorizar e, principalmente, como fazê-lo?

A manutenção do parnasianismo ou, melhor dizendo, a sua adaptação aos anos iniciais do século XX teve a ver - em parte - com a priorização, pelas elites, de alguns elementos culturais por elas identificados como europeus. Se pensarmos, porém, que o parnasianismo mantinha-se vigoroso no Brasil, apesar de já ter sucumbido na Europa, teremos que considerar a possibilidade de o movimento ter-se adaptado e encontrado - aqui! - elementos de que se nutrir e uma linha própria por onde se desenvolver. Poderemos pensar, nesse caso, numa espécie de autonomia por ele adquirida (e acho que não chegaria a ser um absurdo admitir que, de certo modo, o parnasianismo tornara-se "brasileiro").

---

7 - Não se deve ignorar a presença e a importância do movimento Simbolista no Brasil. No entanto, é inegável que a sua influência no painel cultural dominante no período era significativamente menor que a do movimento parnasiano. A própria análise do material apresentado pelas revistas pesquisadas é capaz de comprová-lo. Com referência à prosa, a cujo estudo me restringi, não encontrei nenhum texto assinado por autor de registro simbolista. Obviamente, como procurei demonstrar em capítulos anteriores, havia influência simbolista e mesmo decadentista em muitos escritos, porém, absolutamente não na mesma intensidade da parnasiana.

João do Rio, por exemplo, contribuiu apenas com um artigo para O Pirralho (n.º A Fita Moderna), em que criticava a peça O Dinheiro de Coelho Neto - "inferior, é certo, a MADAME VARGAS de Paulo Barreto [!]" . A crônica é muito interessante, pois trata de um dos aspectos associados à vida moderna: a rapidez. O Autor não consegue sequer resumir o conteúdo da peça de Coelho Neto, pois escreve sobre a perna e lhe falta tempo. Então, comenta: "A falta de tempo é a chaga moderna. Este é o dernier cri. Não ter tempo é chic, é ultra chic, é hiper chic (...)." E conclui: "Ah, a falta de tempo! O belo assunto, se eu tivesse tempo!". JOÃO DO RIO. O Pirralho, 67, 23 nov. 1912.

Mas, e quanto ao regionalismo, o que justificaria a sua presença ao lado dos empolados textos parnasianos? Mais que isso, como interpretar a própria incorporação de temas regionalistas pelo parnasianismo? Se as elites se deleitavam com os textos de teor pretensamente erudito que tinham por arte, por que razão haveriam de gostar também dos textos regionalistas, cujos temas tanto divergiam das suas preferências culturais?

Uma possível interpretação para este fato estaria na hipótese de ter ocorrido, no âmbito das elites, uma espécie de "assimilação de valores". Se procurarmos proceder a uma tomada panorâmica da vida cultural do país no final do pré-modernismo - via as opiniões de alguns de seus estudiosos e, principalmente, via os próprios textos e todos os demais elementos encontrados nas três revistas que trabalhei - veremos que um de seus principais componentes ideológicos, se não o principal, era o ufanismo (cultivado pelas revistas paulistanas e, evidentemente, combatido pel' A Vida). Ora, esse ufanismo que, apesar da oposição dos movimentos de fundamentação socialista e anarquista, ia-se inflando (pelas transformações econômicas que tomavam o país e principalmente pela euforia chauvinista decorrente da guerra européia), seria um elemento determinante na criação do nosso auto-retrato cultural.

Nesse contexto, todos os presumíveis defeitos brasileiros ou seriam atenuados ou virariam virtudes. O que, a princípio, seria encarado como atraso, em face do modelo "progressista" de Brasil que predominava no momento, poderia muito bem ser considerado tradição - a

ser preservada e cultivada (nesse caso, na mesma linha estariam o folclore, os costumes e crenças populares e até a exaltação das nossas riquezas e belezas naturais). Na concepção ufanista de Brasil que se impunha, o simplismo e a ignorância do homem do interior poderiam transformar-se, por exemplo, em ingenuidade e pureza de caráter. Assim, o universo cultural rural, em processo de desagregação e em vias de submissão ao urbano, passaria a ser considerado a outra face do Brasil, com a qual as elites evidentemente não se identificavam, mas que procuravam reverenciar já que, afinal, também compunham o país.

Na verdade, é necessário procurar interpretar essa aparente reverência de outras maneiras. A crescente urbanização do país, anteriormente abordada, produzia um efeito de assimilação não só cultural como físico da população rural pelo mundo urbano. Esta população heterogênea costumava chegar a São Paulo, a exemplo de parte significativa dos imigrantes <sup>8</sup>, despreparada para enfrentar os seus desafios, necessitando passar por um processo (em termos crus) quase que de "domesticação". Acredito que a valorização, pelas elites, de muitas das características tipicamente associadas ao homem do campo carregava implícita a intenção de dominá-lo. Não se pode perder de vista a forte carga mistificadora do paternalismo expresso pelas elites diante das artes, dos costumes e do falar populares. Paternalismo essencialmente autoritário, é preciso que se diga. Apesar de aparentemente louvá-las, as elites procuravam enquadrar as manifestações populares de acordo com o que ditavam os seus próprios

---

<sup>8</sup> - MORSE, R. Op. Cit., p. 7-24.

padrões culturais, tentando mesmo minar a capacidade de resistência e a criatividade dessas populações (que, no entanto, resistiam).

De qualquer modo, a valorização da "cor local" (inaugurada pelo regionalismo ainda romântico) se feita com as tintas fortes e a proeminência imagética parnasiana talvez conseguisse a proeza de ligar dois elementos aparentemente opostos: o requinte literário e as nossas matrizes culturais: na visão das elites, brutas, mas ricas \* .

## 2. Simultaneidades

Não pretendo negar que as transformações estruturais que tomaram conta do Brasil aproximaram as décadas iniciais do século XX muito mais do futuro que do passado. No entanto, se recordarmos a afirmativa de tantos historiadores de que o século XX só começou efetivamente na Guerra de 1914 (com o processo de "rearrumação" que transformaria o mundo, dos níveis geográfico ao cultural), poderemos concluir que essa passagem de século foi prolongada e dolorosa em todos os lugares, e não apenas no Brasil. Poderemos compreender algo das suas tantas contradições.

---

\* - Nesse sentido, é inevitável rememorar a famosa viagem a Minas Gerais empreendida, já nos anos 1920, por alguns dos modernistas. Uma incursão em busca - quem sabe? - de tradições consideradas perdidas no interior de um país com uma cultura dominante que se costumava imaginar apenas litorânea, de olhos postos no mundo. O roteiro pelas Minas Gerais teve a caracterizá-lo algo talvez de uma procura ingenuamente exultante de raízes do Brasil: agrestes e verdadeiras.

Todas as especulações - e são apenas especulações! - que acabei de expor, referentes a como considerar algumas das características estéticas, culturais e literárias do nosso pré-modernismo (adoto a expressão tradicional) têm como sentido maior questionar a prática corrente de se associar de maneira indelével a literatura e a cultura brasileiras aos movimentos estéticos externos. Quando tento analisar a permanência do parnasianismo não apenas como uma mera decorrência da nossa defasagem cultural com relação à Europa, não quero supervalorizar o parnasianismo ou superdimensionar a sua influência. Minha intenção primordial é tentar considerar as transformações e as "permanências" características da época que pesquiso sem me deixar envolver pela idéia de que essas "permanências" viriam apenas atestar o atraso cultural do país diante do mundo "civilizado" (para usar o próprio vocabulário do período).

Na minha opinião, há, sim, que se considerar com atenção as especificidades da época, sem esquecer que ela foi efetivamente de transição, não só no Brasil, como em todo o mundo ocidental. E nesse sentido, inclusive, não se pode ignorar o caráter fragmentário que envolve todo período de transição e que, evidentemente, envolvia o nosso pré-modernismo. Mas, se aceitamos essa afirmação como verdadeira, temos que aceitar que muito do que ocorria na Europa, dava-se simultaneamente no Brasil, e não necessariamente devido a qualquer relação de dependência cultural ou econômica que com ela estabelecêssemos. Ainda que se queira convir que muitas dessas alterações ocorressem em proporção ou mesmo em períodos diferentes (algo de que não há como discordar), penso ser plenamente possível

analisar algumas delas como ocorrências autônomas, sem a condição de compará-las com as européias.

Essa idéia de influência exercida pelas "metrópoles culturais" já foi relativizada por uma autora como Nites Feres <sup>10</sup>. No estudo comparativo que realizou entre movimentos de vanguarda europeus e os anos 1920 brasileiros, a Autora refuta a idéia de influência cultural, para substituí-la pela de intercomunicação (que detecta entre autores viajantes brasileiros e europeus). Além disso, recorrendo ao crítico francês Albérès, afirma que não se deve pensar na existência de influência entre movimentos estéticos, mas na de tendências similares, já que, nas palavras deste Autor,

"On ne se copie guère au XXe siècle (...) on vive en même temps le même destin" <sup>11</sup>.

Creio que podemos recorrer à noção de simultaneidade contida nas palavras de Albérès para visualizar as transformações de todo tipo que ocorriam no período e notar que as formas de incorporá-las e expô-las adotadas pelos artistas poderiam ter pontos similares, estivessem eles em Paris ou em São Paulo.

Por outro lado, é curioso lembrar que A Cigarra chegara, uma vez, ao paroxismo de criticar as viagens ao exterior, por considerá-las nocivas à preservação da nossa nacionalidade. Ora, seria inconseqüente

---

<sup>10</sup> - FERES, N. T. Aurora de Arte Século XX: A Modernidade e seus Veículos de Comunicação, Estudo Comparativo. São Paulo, USP, dissert. dout. mimeo., 1972.

<sup>11</sup> - Apud FERES, N. dissert. dout. mimeo., 1972.

demais afirmar que não sofríamos influências culturais européias. Contudo, tendo a pensar que quaisquer que fossem os elementos culturais que incorporássemos, eles iriam, de maneira geral, passar necessariamente por um trabalho de "filtragem" que os adequasse ao nosso contexto. E, nesse sentido, poderíamos adotar em parte o conceito de intercomunicação de Feres. Receberíamos os novos elementos e os reelaboraríamos, por assim dizer, ao nosso modo. E assim, a perda da nacionalidade, preconizada e temida pel' A Cigarra, jamais poderia colocar-se.

### 3. Por que São Paulo?

É chegado o momento de refletir sobre o papel desempenhado pela cidade de São Paulo nesse período de transformação. As modificações de que a cidade era objeto faziam com que as contradições, que preenchiam e davam o "tom" à atmosfera da época, fossem ali vividas com maior intensidade. O crescimento e a transformação urbanos (inflados e influenciados pelos imigrantes e o seu cosmopolitismo); o enriquecimento proporcionado pelo café e pelas indústrias, a experiência - tão cara a Baudelaire e, depois, a Benjamin - da perda individual em meio a uma multidão difusa caminhando ao léu, saindo ou entrando no trabalho: tudo isso já acontecia em São Paulo no período analisado. Ainda que o Rio de Janeiro fosse também uma grande metrópole, possuísse um parque industrial considerável, tivesse sido palco de uma reformulação urbana e cultural drástica, e continuasse

sediando o Governo Federal, seria em São Paulo que as transformações mais vertiginosas iriam ocorrer.

Não há dúvida de que os choques <sup>1º</sup> que um transeunte recebia ao flunar pelas ruas das grandes metrópoles européias atingiam-no, também, no Rio de Janeiro. Contudo, dadas as características de São Paulo, não julgaria temerário afirmar que, ali, esses choques tenderiam a ser mais e mais impactantes, pela própria velocidade - repito - que revestia as transformações, inclusive técnicas, pelas quais a cidade passava.

Nesse contexto, como parece ser consensual entre os pesquisadores que se ativeram à análise do tema, o modernismo só poderia iniciar-se em São Paulo. Relembremos a inserção econômica da cidade no mercado mundial, com a comercialização do café operada por uma elite economicamente menos tímida e culturalmente um pouco mais arrojada que o usual no país; a industrialização em grande parte originária dessa iniciativa <sup>1º</sup>; as alterações culturais e políticas resultantes da imigração (resultantes, melhor dizendo, da ostensiva presença da massa de imigrantes na cidade); a urbanização e a afirmação de São Paulo como pólo nacional de atração de mão-de-obra. Entre muitas outras, essas características faziam de São Paulo um "caldo de cultura" efetivamente propício ao surgimento de novos movimentos estéticos.

---

<sup>1º</sup> - Conforme o conceito benjaminiano. BENJAMIN, W. "Sobre Alguns Temas em Baudelaire". In: Textos Escolhidos. Os Pensadores. São Paulo, Ed. Abril, 1983. p. 29-56.

<sup>1º</sup> - Ver a respeito SCHWARZ, R. "A carroça, o Bonde e o Poeta Modernista". In: Que horas são? SP, Companhia das Letras, 1987. p. 22.

O que julgo fundamental ressaltar é que praticamente todos os elementos acima enumerados já se encontravam presentes no período delimitado em minha análise e - o mais importante! - já eram esteticamente trabalhados em muitos de seus aspectos; já estavam inseridos na produção escrita do momento. Sem contar com os textos "macarrônicos" e os tradicionais contrapontos "cidade versus campo", outros tipos de produção escrita havia para ser destacados em meio às muitas e repetidas descrições de desencontros amorosos, aos vários sonetos polidos e suados. Se esses últimos textos eram veiculados pelas duas revistas paulistanas, eram-no porque, devo repetir, ainda faziam parte do universo cultural vigente. No entanto, o espaço que ocupavam era mais e mais dividido entre outros tipos de produção, em que todas as características do mundo urbano - a velocidade, a técnica, o "choque", a transformação contínua etc. - faziam-se presentes.

Talvez se deva a esta constatação a desconfiança de vários pesquisadores para com a periodização clássica da história literária brasileira (que, não posso negar, segue uma tendência mundial): primeiro o pré-modernismo; depois o modernismo e, agora, o pós-modernismo, de tão vaga definição. Contudo, essa parece ser uma discussão ociosa. O que importa ressaltar é que em São Paulo efetivamente já surgira uma produção literária e jornalística de tipo moderno muito antes de 1922, o que acredito ter podido demonstrar com o material coletado e analisado das revistas O Pirralho e A Cigarra.

Ambas as revistas, cada uma a seu modo, mostravam nos textos que veiculavam a característica básica do período - exatamente o predomínio

do universo cultural urbano na produção escrita (que se ia tornando irreversível). Toda a, por assim dizer, recuperação e "filtragem" de elementos culturais considerados genuinamente brasileiros que o modernismo faria anos depois, estaria já marcada pela urbanidade de seus deflagradores.

#### 4. Transitoriedade e permanência

É necessário perguntar em que lugar desse painel que venho esboçando entrariam as revistas que estudei. Volto a repetir que, para refletir sobre a produção de um meio imediato como as revistas não se pode esquecer de sua característica principal: a transitoriedade. A sua resistência ao rigor do tempo e à sucessão dos acontecimentos costuma ser árdua. Contudo, exatamente a sua transitoriedade (ou, em outros termos, a sua despreocupação com a permanência) permite que as revistas e, em particular, as crônicas possam captar com mais argúcia e precisão as transformações de seu tempo. E isso já lhes fornece importância, no mínimo documental.

Mais que distinguir textos jornalísticos de literários, é preciso considerá-los produções com algo a dizer, independentemente da época a que pertençam os seus leitores. Mas, além disso, o que é preciso discutir, dentro dos limites do presente trabalho, é como e até que ponto essas tão mencionadas transformações seriam incorporadas à produção escrita do momento, e até que ponto dariam alguma definição,

alguma identidade a essa produção, para que ela pudesse ser considerada mais do que uma simples antecipação do próximo movimento estético.

A importância das revistas que analisei se encontra aqui: em meio a muitos textos corriqueiros, elas conseguiram publicar, todas as três, alguns que chamarão a atenção do leitor do futuro não necessariamente pelas informações veiculadas e nem devido ao inevitável "lado-historiador" que este leitor irá desenvolver, ao perambular pelos textos do passado. Estes escritos permanecerão devido às suas características intrínsecas, às suas próprias qualidades enquanto produções - por quê não? - literárias.

Nesse sentido, pode-se mesmo pensar, em moldes benjaminianos, que a imprensa, mais precisamente as revistas, pelo veículo que são, pelos métodos de reprodução técnica de que dispõem, pela inserção que têm em seu presente e pela possibilidade concreta de permanecerem para além dele contribuem, positivamente, para a dessacralização da arte e sua, por assim dizer, permanência <sup>14</sup>.

Pensemos nas três revistas pesquisadas. A Vida, por exemplo, nas famosas "Crônicas Subversivas", não estava absolutamente preocupada com questões estéticas ou literárias. Aliás, o fato de seus únicos textos irrefutavelmente passíveis de serem considerados literários serem quatro sonetos merece ser discutido <sup>15</sup>. Poderíamos pensar que a

---

<sup>14</sup> - BENJAMIN. W. Op. Cit., 1985, p. 165-196.

<sup>15</sup> - Nos sete números que compuseram a revista, foram veiculados quatro sonetos: Justiça, de Hermes Fontes, no número 1; Ódio em marcha, de Miranda Santos, no 3; A voz dos povos, de Raimundo Reis, no 5 e Reivindicações, de Manoel

concepção de arte de A Vida, ao contrário de sua conduta política revolucionária, era retrógrada, apoiada no conforto de uma fórmula poética excessivamente rígida e sem riscos. Mas, por outro lado, poderíamos calcular o impasse vivido pela publicação. Como veicular um conteúdo revolucionário (ênfatize-se que todos os quatro sonetos falavam de injustiça, de mobilização, de luta) sob forma revolucionária, correndo o risco de sua dupla incompreensão: tanto da mensagem como da forma? As maiores inovações (que procurei indicar nos capítulos anteriores) A Vida embutia nas "Crônicas Subversivas" e nas demais que veiculava.

A Cigarra, por sua vez, por não ter conotação explicitamente política, e por não ter exatamente que convencer ou converter o seu público, podia dar-se ao luxo de versatilizar seus interesses. Por ser, sem sombra de dúvidas, a revista politicamente mais conservadora entre as escolhidas, A Cigarra tenderia a ser considerada, após uma análise superficial, também a mais conservadora em termos estéticos e literários. Não tenciono, porém, proceder a comparações desse teor, que não deixam de ser simplistas. Acredito que a revista - como qualquer outra! - tinha uma maneira específica de enxergar o seu tempo, segundo a qual privilegiava alguns temas em detrimento de outros. De um lado, as festas; o corso; o carnaval; as cartinhas melosas das "gentis leitoras" e as férias das elites paulistanas no Guarujá; de outro, o nacionalismo; a defesa do serviço militar para proteger a pátria; o dinamismo dos industriais, o elogio ao comportamento ímpoluto dos homens que ela tinha por grandes no momento (Bilac, Washington Luís, Custódio Mello Filho, no 6). Já a partir dos títulos, é possível imaginar o seu conteúdo e a inserção harmoniosa dos poemas no corpo temático da revista.

Rui Barbosa etc.): estes eram os temas preferenciais d' A Cigarra - uma revista de vencedores.

O que gostaria de deixar registrado é que a facilidade de inserção encontrada pel' A Cigarra dentro do mercado editorial (comprovada não apenas pelas belas tiragens de 13.000; 15.000, até 20.000 exemplares que a revista fazia questão de divulgar, como pela qualidade gráfica inquestionável da publicação) teria outras explicações além do alto poder aquisitivo de seu público preferencial. Das semelhanças que A Cigarra apresentou em sua comparação com a carioca Kosmos, a mais importante referia-se, decididamente, à estrutura empresarial que ambas mantinham. É justamente a partir dela que, na minha opinião, surge a característica mais marcante desta revista: a publicidade criativa. A criação e veiculação de propagandas (além das várias "reportagens" sobre as indústrias e casas comerciais paulistanas que A Cigarra passou a publicar entre 1916 e 1917) não apelavam apenas ao velho e gasto uso das rimas e quadrinhas, mas a elementos plásticos (recursos gráficos e fotográficos). Principalmente - e aqui se encontrava a maior inovação - recorriam a fatos e acontecimentos de relevo, a personalidades famosas e a elementos do imaginário do seu público-alvo. É claro que estes procedimentos eram uma antecipação do futuro, mas, mais que isso, representavam a inserção dos textos em seu próprio tempo, que já acenava com novos produtos, recursos e apelos. As propagandas faziam, é bom que se enfatize, uma parte da crônica da época <sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> - E mais uma vez é preciso mencionar Flora Sussekind e a análise extremamente interessante que ela realiza de algumas das propagandas da época. SUSSEKIND, F. Op. Cit., 1987.

Finalmente, O Pirralho. Seria ele efetivamente a revista mais expressiva do nosso pré-modernismo? É provável que sim. O condimento principal a que ele recorria, o humor, seria utilizado com intensidade pelo modernismo. A sua preocupação com a construção de uma identidade cultural que "combinasse" com o Brasil (expressa principalmente nos textos sobre artes plásticas e nos "inquéritos literários") iria, é claro, ser aprofundada pelos modernistas. No entanto, é importante que se diga que ela já se fazia presente n' O Pirralho, alguns anos antes da eclosão do movimento. Ora, isso vem provar que algumas das preocupações suscitadas pelo nacionalismo, se resvalavam num militarismo míope como o d' A Cigarra, também produziam reflexões de maior profundidade - pelo menos em termos estéticos - como as d' O Pirralho.

A utilização de elementos denunciadores e críticos nas crônicas políticas, principalmente nas pertencentes ao que eu chamaria de "Capítulo Hermes" (uma espécie de dossiê crítico-satírico sobre o marechal-presidente), trariam à baila o próprio tipo de conduta política assumido pela revista, em tudo diferente do adotado pelas demais. O Pirralho, como já foi dito, não demonstrava descrença para com o sistema republicano. Ao contrário, parecia tê-lo como o melhor. Talvez exatamente por isso mantivesse uma conduta denunciadora. Afinal, o seu público - de elite - necessitava saber dos descabros cometidos pelos seus representantes. Nesse sentido, O Pirralho assumia uma

conduta combativa, ainda que não revolucionária, e para mantê-la recorria a vários procedimentos literários inovadores <sup>17</sup>.

### 5. Uma Última Palavra

Antonio Cândido, em um trabalho de cunho panorâmico sobre a literatura brasileira, afirma que a literatura da fase 1900-1922 é uma literatura de "permanência", pois

"Conserva e elabora os traços desenvolvidos depois do Romantismo, sem dar origem a desenvolvimentos novos; e, o que é mais, parece acomodar-se com prazer nessa conservação. Como a fase 1880-1900 tinha sido, em contraposição ao Romantismo, mais de busca de equilíbrio que de ruptura, esta, que a acompanha sem ter o seu vigor, dá quase impressão de estagnar-se. Uma literatura satisfeita, sem angústia formal, sem rebelião nem abismos. Sua única mágoa é não parecer de todo europeia; seu esforço mais tenaz é conseguir pela cópia o equilíbrio e a harmonia, ou seja, o academismo." <sup>18</sup>

A afirmação de Cândido precisa ser avaliada de várias maneiras. Uma delas estará permeada pela simpatia que eu inevitavelmente adquiri para com o meu objeto. A pensar sobre o conjunto dos textos que coletei

---

<sup>17</sup> - Devo dizer que encontrei elementos dessa conduta combativa (excetuando-se, evidentemente, o humor) em dois dos jornais diários paulistanos que pesquisei: A Gazeta e principalmente O Combate.

<sup>18</sup> - CÂNDIDO, A. "Literatura e Cultura de 1900 a 1945" In: Op. cit., 1985, p. 113. Há, contudo, uma observação que se deve fazer com relação a este artigo, referente à data de sua produção (1950), destacada em nota do próprio Autor. De lá para cá, muito se estudou sobre o tema, o que evidentemente não desqualifica as reflexões de Antonio Cândido, apesar de relativizá-las.

e, principalmente, dos que privilegiei em minha análise, seria possível refutar uma afirmação tão enfática como esta?

A simpatia talvez veicule um pouco de tendenciosidade, mas de qualquer modo, minha intenção é relativizar um pouco do alcance da afirmação de Cândido. Várias das crônicas que analisei trazem, efetivamente, muito do que o Autor afirma como característico da literatura do período: satisfação; cópia; acomodação. Contudo, a regra pode ter um índice de exceção por vezes surpreendente. Nesse contexto, as crônicas políticas e paródicas d' O Pirralho seriam o exemplo perfeito de que, no pré-modernismo, nem tudo era satisfação ou ausência de risco. Os novos discursos, as propagandas, algumas das inovações até de estruturação de texto praticadas também pel' A Uida e pel' A Cigarra mostrariam que havia inovações embutidas na atmosfera de repetição que se vivia.

É claro, porém, que não se deve exigir dos textos aquilo que eles não podem fornecer. As crônicas, por exemplo, gênero ligeiro que são, não podem (nem devem) ser analisadas como "grandes" exemplares de criação literária. Ligadas ao cotidiano, delas se exige que registrem o seu tempo. Contudo, apesar da característica falta de pretensão das crônicas, foi principalmente na sua análise que eu pude perceber alguns elementos de risco e de criação aparentemente desconidos da época em que surgiram.

## APÊNDICE

Com o intuito de oferecer uma pequena idéia de como O Pirralho, A Cigarra e A Vida comunicavam-se visualmente com o seu público, seleccionei algumas propagandas e ilustrações, a serem apresentadas de acordo com o seguinte roteiro:

Páginas 281, 282 e 283: modelos de capa, respectivamente d' O Pirralho (115, 1 nov. 1913), d' A Cigarra (49, 31 ago. 1916) e d' A Vida (1, 30 nov. 1914).

- Enquanto O Pirralho surge com uma ácida charge política de Voltolino (semelhante à maioria das que costumavam abrir os seus exemplares), A Cigarra aparece com um tipo de capa também muito recorrente nos números que publicou durante os quatro anos pesquisados: fotos de moças, em especial de moças da elite paulistana. A Vida, por sua vez, é representada pela única capa que teve em seus sete números - de resto, sua única ilustração nos sete meses em que circulou.

Páginas 284 e 285: auto-propaganda, respectivamente d' O Pirralho (67, 23 nov. 1913) e d' A Cigarra (48, 17 ago. 1916).

- Estes dois anúncios estão completamente imbuídos do "espírito" de cada uma das revistas. O d' O Pirralho destaca, entre as suas qualidades, a de desopilar o fígado por apenas trezentos réis (o que vem reforçar o seu acento humorístico). A Cigarra, compenetrada e empreendedora, trata de enumerar todas as suas qualidades, a começar da afirmação de ser a revista mais vendida do estado de São Paulo.

Páginas 286 e 287: mais dois anúncios do tônico "A Saúde da Mulher", publicados, respectivamente, pel' O Pirralho (137, 4 abr. 1914) e pel' A Cigarra (51, 28 set. 1916).

- A empresa Daudt & Lauginilla efetivamente apostava na propaganda. E o fazia de maneiras variadas. N' O Pirralho, investiria na ilustração. O xarope é apresentado por uma austera e misteriosa mulher, enquanto o tônico, por uma dona de casa (ou serviçal), surpreendida em sua faina diária. Já n' A Cigarra, o texto não é econômico na descrição do produto nem da de seu público consumidor: "as esposas, as mães e as filhas". Seis lânguidos rostos femininos, divididos em três grupos de dois, de acordo com traços físicos e expressões faciais próprios de cada idade (ou "estado"), emolduram o texto, por sinal, veiculador do tipo ideal de mulher cultuado pela revista.

Páginas 288 e 289: duas estórias "ilustradas", publicadas pel' O

Pirralho ("Patriotismo", 58, 14 set. 1912 e "Semana Santa", 138, 11 abr. 1914).

- Além da saga patriótica vivida por "Potoca", analisada no corpo do trabalho, uma hilariante Semana Santa é reservada ao Marechal Hermes. Vale a pena notar a perfeita inserção das ilustrações no enredo, quase que à maneira de histórias em quadrinhos.

Página 290: ilustração publicada n' A Cigarra.

- Tipicamente art-nouveau, apresenta elementos da natureza estilizados e uma esguia e melindrosa "cigarra" humanizada, que agradece, soerguendo um enorme coração, a simpatia do público.

Página 291: um dos sonetos publicados pel' A Vida.

- Note-se a cercadura ornamentada em contraposição ao teor virulento do poema.

- H -

Muito há para ser comentado nessa pequena amostra. As semelhanças que as ilustrações guardam no que diz respeito, por exemplo, ao tipo de traço utilizado, emolduração etc. merecem uma análise cuidadosa. Por hora, limito-me a apresentá-las. Ficam abertas as portas para a fruição que elas podem oferecer aos leitores.

# PIRATILHO

## ROOSEVELT E A COITADA



REPUBLICA — Estou acabada, mister; não posso mais...  
 ROOSEVELT — E' isso, minha cara, andou na troça, não é? Agora  
 você precisa de uma boa injeção de Monroe...



# A GAZETA

Num. 49

Anno III

■ A Excma. Senhorita HEBE LEJEUNE, que foi objecto do nosso  
ultimo concurso. ■

# AVIDA



JÉSSÉS  
GONÇALVES

## Publicação mensal anarquista

(aparece no dia último de cada mez)

Numero avulso . . . . . 200 reis

Assinatura anual . . . \$5000 reis

SEDE:

Rua Uruguayana no. 114 sobr.

RIO DE JANEIRO - BRASIL

I<sup>o</sup> ANO  NUM. 1

Rio de Janeiro, 30 de Novembro de 1914

# © PIRRALHO

284

*Junto remetto a essa Redacção 10\$000, importancia da minha assignatura para 1913*

Nome.....

Residencia.....

## © Pirralho

é o jornal das moças, porque é o jornal do concurso de belleza e das reportagens e instantaneos chics.

## © Pirralho

é o jornal dos moços, porque é o jornal das moças. Além d'isso publica indiscreções da academia, dos salões e dos Cinemas. É o jornal dos SPORTSMEN, porque está reorganizando excellente reportagem de sport, turf, patinação e regatas, com photographias.

## © Pirralho

é o jornal aconselhado pelos medicos nas doenças do figado, pois que faz rir tres horas por 300 réis apenas.

## © Pirralho

é o jornal dos pirralhos por causa do colleguismo.

## © Pirralho

é o jornal dos vaqueiros, porque distribue vacca aos assignantes.

# O PIRRALHO

REDACÇÃO - Rua 15 de Novembro, 50-B  
Caixa Postal, 1026 — S. PAULO

# “A CIGARRA,”

Revista de maior circulação no Estado de São Paulo.

A CIGARRA publica sempre edições coloridas e excelente colaboração em prosa e verso, inédita e especial, de alguns de nossos melhores poetas e prosadores.

A CIGARRA nunca deu numero com menos de 52 paginas. Tem reportagem photographica especial e occupa-se de todos os factos de actualidade em nitidas e incomparaveis gravuras.

A CIGARRA é o maior successo do genero em S. Paulo e é geralmente considerada uma das melhores revistas do Brasil.

A CIGARRA é a detentora do record da venda avulsa na Capital, Santos, Campinas e Ribeirão Preto.

A CIGARRA, devido á sua grande e incontestavel tiragem, circula largamente em todo o Brasil offerecendo, por isso, extraordinarias vantagens para anuncios e reclames que visem especialmente esta Capital, todo o Interior de S. Paulo e Sul de Minas, onde se concentra a sua maior circulação.

A CIGARRA mantém officina propria, installada propositalmente para o seu aprimorado confeccionamento, á RUA DA CONSOLAÇÃO N. 1004.

Director - Proprietario :  
GELASIO PIMENTA.

Redacção:  
RUA S. BENTO, 93-A

Assignatura annual . . . . 10\$000

Numero avulso . . . . . \$600

Numero atrazado . . . . . 1\$000



## O Bromil

é o grande remédio para as molestias do peito, MAIS DE 400 MEDICOS attestam a sua prodigiosa efficacia nas bronchites, na roquidão, coqueluche, asihma e tosse.

O Bromil é o melhor calmante expectorante

## A Saúde da Mulher

é o regulador do utero: facilita as regras, alenúa as colicas, combate as hemorrhagias, allivia as dôres rheumaticas e os incommodos da idade critica.

Laboratorio Daudt & Lagunilla, Rio de Janeiro



“A Saude da Mulher” é a guarda vigilante da vida de uma Senhora, enquanto dura o periodo dos Incommodos, isto é, desde a mudança de Edade até a Edade Critica.

“A Saude da Mulher” evita todas as doenças provenientes dos Incommodos, combatendo com efficacia todas as enfermidades do Utero e dos Ovarios, tanto das mocinhas e das moças como das senhoras de certa edade (45 a 50 annos).

“A Saude da Mulher” é a garantia da Saude para as Senhoras; e, portanto, o principal collaborador da felicidade de um lar onde brilhe a graça feminina, porque este grande remedio é o Remedio das Esposas, das mães e das Filhas.

## A Saude da Mulher

— é o Remedio das Esposas, porque, actuando beneficamente sobre o Utero e os Ovarios, prepara as Esposas para a geração de filhos sadios e robustos;

— é o Remedio das Mães, porque, dando-lhes a saude permanente, assegurando-lhes a normalidade de seus incommodos, permite ás Mães a continuidade de sua vigilancia sobre a ordem da casa e sobre a existencia domestica;

— é o Remedio das Filhas, isto é, das moças da casa, porque, já na mudança da Edade, actua sobre o organismo abalado pelo apparecimento das regras, fazendo com que as regras se manifestem normalmente ou corrigindo toda e qualquer irregularidade da menstruação.

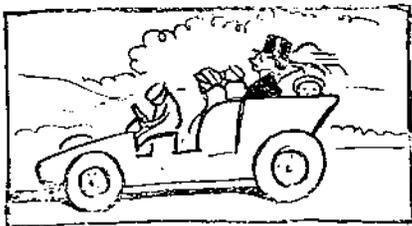
# PATRIOTISMO

Manuel Potóca, patriota estipendiado pelo Thesouro na sua qualidade de funcionario publico, ergueu-se no dia 7 de setembro com as entranhas ainda mais peçadas de amor á Patria de que de costume. Quando as primeiras cornetas cackejaram a alvorada, já o nosso amigo es'ava na rua, de sobrecasaca



e cartola, acompanhado da família, toda de grande gala, á procura de um automovel.

Os «chauffeurs» nesse dia, queriam, naturalmente, fazer a independência. Quanto mais o Potóca pechinchava, mais caro pediam elles por uma viagem ao Ipiranga. Por fim, o patriota, cheio de patriotismo, consentiu que um pandego o transportasse de automovel ao altar da



Patria, com madame e mesdemoiselles Potóca, por algumas notas de dez mil reis.

A viagem foi deliciosa. O vento zunia na cartola do Potóca e o sol avermelhava as ventas do pessoal com um ardor verdadeiramente patriótico. A primeira pessoa a queixar-se da massada foi uma das senhoritas, que ganhou por isso um pito do Papae:

— Menina, a Patria acima de tudo! Em chegando ao Ipiranga, primei-

ra contrariedade. 'Madame esquece-



ra-se dos ingressos, e a familia teve de gramar no duro do lado de fóra do parque.

— Enfim, como é pela Patria, tudo se tolera, resmungou o patriota. Dali a pouco, começa a creançada a berrar o Hymno Nacional.

— Ta-rá-rá-tchim! Ta-rá-rá-tchim! Ta-rá-rá-tchim, bum!

O Potóca electrizou-se e começou a dar vivas. A mulher cotucava-o de quando em quando, mas elle não se importava.



— Viva o Brasil!  
Viva a Republica!  
Viva não sei o que mais.

Cada viva que parecia um urro! Depois de bem vivadas a Patria, a fórmula de governo e outras entidades abstractas, como lá diz o outro, o Potóca começou a viver os grandes vultos da Historia: primeiro os mortos, depois os contemporaneos já com direitos, na opinião d'elle, a um lugarzinho nas paginas da dita. Desde o presidente do Estado até o chefe da secção em que trabalha o Potóca numa secretaria de Estado, não escapou do viva um grande homem sequér.

Afinal, terminada a festa, lá veio o patriota para a cidade. Veio a pé, coitado! O cobre escasseara, e não havia lugar nos bondes.

Mas a caminhada não estancou o patriotismo do desalmado. Escovou-se em casa, e zás! para o palacio do governo, á recepção. Finda a recepção, quando já os creados tratavam de fechar as portas, é que o Potóca foi jantar ás carreiras,



com o pensamento na *marche-aux flambeaux* da policia.

Quando os soldados passaram



pela rua 15, o Potóca não se conteve: não podendo mais dar vivas, porque estava ruco, bateu palmas até ficar com as mãos chadas.

E ao deitar-se, já quasi á meia noite, o Potóca, suado, ruco, com as mãos inchadas, depois de ter andado o dia inteiro numa roda viva, depois de ter apanhado no cachaço um só de matar passarinho, depois de ter ouvido um discurso do dr. Eugenio Egas, o Potóca — esbodegado e na quebradeira — ainda teve forças para dar um viva á Independencia. Folego de gato!



Segunda-feira, o Potóca pediu 15 dias de licença.

Vão ver que o governo — ingratito — lh'a nega!

O dr. Silvio tambem esteve no Ipiranga.

Quando estava chegando a hora da recepção do presidente no palacio, como a creançada não largasse dos sandwiches, o dr. Altino, a conselho do dr. Rodrigues Alves, convidou o illustre professor de Literatura para uma conversa em particular.

Dali a pouco, o autor das Divagações appareceu no meio da petizada e começou uma conferencia sobre a reforma orthographica. Lembramos ainda oas suas primeiras palavras:

— Meus senhores, Ipiranga é com *i* ou com *y*.

E' excusado dizer que o pessoal que não dormiu debandou.

O conselheiro não se aperta!

Fumem LUZINDA de Stender



# A Semana Santa em Petropolis

Gaudencio, o modesto collaborador destas columnas, que tantas vezes tem dado provas da sua coragem, ora intervistando «Madame la presidente», ora o marechal Hermes e ultimamente preso e deportado para Tabatinga, telegrapha, nos que já voltou e está exercendo agora as funcções de copeiro presidencial no Palacio Rio Negro.

O serviço telegraphico que se segue expediu-nos Gaudencio, até hontem ás 8 horas da noite, sendo os telegrammas de hoje da autoria da Redacção.

**PETROPOLIS—Terça-feira.**

A madrugada de hoje, foi abalada, com a noticia do rapto da Tarcisa, criada japoneza, que fugiu com a sentinella do palacio.



Hoje deverá ficar concluida a ornamentação dos salões. A recepção promete ser de arromba.

**Quarta-feira—Retardado.**

Revestiu-se de excepcional brilhantis-



mo a recepção. A's 23 horas o mare-

chal recolheu-se um tanto encommodado. Madame apprehensiva.



**Quinta-feira—Urgente.**

O marechal está gravemente enfermo. Vomita a cada instante.



Medicos recusaram fornecer beletim. Em palacio todos choram, até o Falliers.

**Quinta-feira—22 horas.**

O Palacio está repleto de politicos. A cidade parece nada perceber. Reina grande alegria nos hoteis.

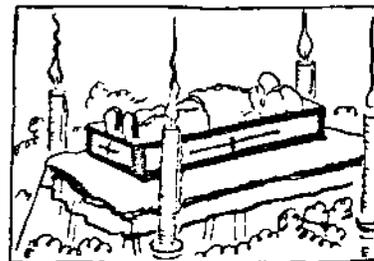
Bandas de musica tocam o Hymno Nacional.



**Sexta-feira—Ao meio-dia.**

O marechal falleceu. Cidade em festa. Rojões riscam o espaço a cada instante.

A sala dos despachos, transformada em camara ardente.



Madame perdeu a razão.

O Rivadavia conta as «ultimas» delle. O enterro amanhã ao meio-dia.

**Sabbado—Da Redacção.**

Cidade alarmada. Na occasião em que abriram o caixão, não encontraram o marechal. Grande charivari no Palacio. O general Pente-Fino fugirá. O Valladares suicidar-se-á. O Herculiano suspenderá o estado de sitio.

**Sabbado—12 horas em ponto.**

Encontraram o marechal dependurado numa figueira.



População maiará, com cacetadas, pedradas e bombas.



# A Cigarra



“A CIGARRA, AGRADECE, COM O CORAÇÃO NA MÃO, AS CAPTIVANTES SYMPATHIAS COM QUE O PÚBLICO A TEM RECEBIDO, E PROMETTE CANTAR ETERNAMENTE O SEU ETERNO ESTIO.

## REIVINDICAÇÕES

*Vós que fartos viveis num meio perfumado,  
Da vida conhecendo os gozos e alegrias;  
Que nem pensais sequer talvez que ao vosso lado  
Outros ha que só têm da vida as agonias;*

*Deixai por um instante o Eden luminoso,  
Em que, serena e eterna, esplende a vossa dita,  
E vinde ver comigo o Inferno tenebroso  
Onde reside a Fome, onde a Miséria habita.*

*Escutai!... Não ouvis, num explodir de vozes,  
Um côro colossal de maldições atrozes  
Como o surdo rugir de rabidos vulcões?*

*São dos que não têm pão as coleras ferozes,  
E' o louco despertar das vitimas algozes  
O rebate a tocar das reivindicações!...*

Manoel Custodio Mello Filho

Recife, Abril de 1915

**BIBLIOGRAFIA****ARQUIVOS E BIBLIOTECAS PESQUISADOS****CAMPINAS**

Biblioteca Pública Municipal

Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

a. Bibliotecas:

Central

"Sérgio Buarque de Hollanda"

do Instituto de Estudos da Linguagem

do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

b. Arquivo de História Social "Edgard Leuenroth" (IFCH)

c. Centro de Documentação Cultural "Alexandre Eulálio" (IEL)

**SÃO PAULO**

Arquivo do Estado de São Paulo

Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade

Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

Universidade de São Paulo - USP:

a. Bibliotecas:

da Escola de Comunicações e Artes

dos Departamentos de Filosofia e Ciências Sociais

dos Departamentos de História e Geografia

do Departamento de Letras

- b. Instituto de Estudos Brasileiros (IEB)
- c. Centro de Apoio às Pesquisas em História (CAPH/DHG)

## RIO DE JANEIRO

Biblioteca Nacional (Acervo Geral, Periódicos, Obras Raras)

As três revistas pesquisadas foram consultadas, respectivamente:

O Pirralho na biblioteca da ECA/USP (alguns volumes originais), e no CEDAE/IEL/UNICAMP (coleção microfilmada, constante do Fundo Oswald de Andrade);

A Cigarra no Arquivo do Estado de São Paulo (coleção original), e na biblioteca da ECA/USP (alguns volumes originais);

A Vida, no Arquivo Edgar Leuenroth (coleção original), e em volume fac-similar, organizado pelo CMS (Centro de Memória Sindical) e ASMOB (Archivio Storico Del Movimento Operaio Brasileiro), São Paulo, Ed. ícone, 1988.

## I) PERIÓDICOS

Além das três revistas que formam o corpo do presente trabalho, foram consultadas as seguintes revistas e jornais:

- A Gazeta. São Paulo (jan./ abr. 1915).
- A Lua. Semanário Ilustrado. São Paulo, 1910-
- A Vida Moderna. São Paulo, 1906-
- Almanaque d' O Estado de São Paulo. São Paulo, 1916.
- Aurora. Revista Mensal de Crítica Social e Literária. São Paulo, 1905-
- Correio Paulistano. São Paulo (jan./ abr. 1915).
- Cri-Cri. São Paulo, 1907-
- Echo Phonográfico. São Paulo, 1902-
- Ilustração Paulista. São Paulo, 1911-
- Kosmos. Rio de Janeiro, 1904-
- Na Barricada. A quinzena Social. Rio de Janeiro, 1915-
- Nova Cruz. São Paulo, 1905-
- Nova Cruzada. São Paulo, 1903-
- O Combate. São Paulo (abr./ jul. 1915).
- O Estado de São Paulo. São Paulo (jan./ fev. 1901; jan./ mar. 1915).
- Improvisq. Periódico Literário e Crítico Mensal. São Paulo, 1906-
- O Parafuso. Semanário Crítico Ilustrado. São Paulo, 1916-
- O Smart. Publicação de Literatura e Assuntos Diversos. São Paulo, 1910-
- Os Annaes. Semanário de Literatura, Artes, Ciência e Indústria. Rio de Janeiro, 1905-
- Panóplia. São Paulo, 1917-
- Renascença. Rio de Janeiro, 1904-
- Revista do Brasil. São Paulo, 1916-

## II) Livros, Artigos e Teses

- AMERICANO, Jorge. São Paulo Naquele Tempo (1895-1915). São Paulo, Saraiva, 1957.
- AMERICANO, Jorge. São Paulo Nesse Tempo (1915-1935). São Paulo, Melhoramentos, 1960.
- ANDERSON, Benedict. Nação e Consciência Nacional. SP, Ática, 1989.
- ANDERSON, Perry. "Modernidade e Revolução". In: Novos Estudos CEBRAP. São Paulo, n. 14., fev. 1986. p. 2-15.
- ANDRADE, Carlos. Drummond de. De Notícias & Não-notícias Faz-se a Crônica. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.
- ANDRADE, Oswald. Um Homem sem Profissão: Sob as Ordens de Mãe. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/INL, 1974.
- ARRIGUCCI Jr., Davi. "Fragmentos sobre a Crônica". Enigma e Comentário: ensaios sobre literatura e experiência, São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- BELLUZO, Ana Maria. Voltolino e as Raízes do Modernismo. São Paulo, ECA/USP, mimeo., (dissert. de mestrado), 1979.
- BENJAMIN, Walter. "A Obra de Arte na Era da sua Reprodutibilidade Técnica", "O Narrador" ; "O Autor como Produtor" e "Sobre o Conceito da História". In: Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas, v. 1. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- BENJAMIN, Walter. "Sobre alguns Temas em Baudelaire". In: Textos Escolhidos. Os Pensadores. São Paulo, Ed. Abril, 1983.
- Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, Pref. do Município de São Paulo, v. 46, números 1/4, jan. a dez. de 1985.
- BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. 2.a ed. São Paulo, Cultrix, 1980.
- BOSI, Alfredo. O Pré-Modernismo. 5.a ed. São Paulo, Cultrix, s/d.
- BROCA, Brito. A Vida Literária no Brasil - 1900. 2.a ed., revista e ampliada. Rio de Janeiro, Casa José Olympio Editora, 1960.
- BRUNO, Hernâni S. História e Tradições da Cidade de São Paulo. 3.a ed. São Paulo, Hucitec, 1984. v. III.
- CAMPOS, Augusto. ReVisão de Kilkerry. São Paulo, Brasiliense, 1985.

- CÂNDIDO, Antonio. Formação da Literatura Brasileira (Momentos Decisivos). 6.a ed. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1981. 2 v.
- CÂNDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. 7.a ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1985.
- CÂNDIDO, Antonio. "A Vida ao Rés-do-chão". In: ANDRADE, C. Drummond et alii. Para Gostar de Ler; Crônicas. São Paulo, Ática, 1979-80.
- CANO, Wilson. Raízes da Concentração Industrial em São Paulo. 2.a ed. São Paulo, T. A. Queiroz, Editor, 1983.
- CARVALHO, José Murillo. Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República Que Não Foi. São Paulo, Comp. das Letras, 1987.
- CARPEAUX, Otto Maria. Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira, 3.a ed. Rio de Janeiro, Letras e Artes, 1964.
- CHALMERS, Vera. "A Correspondência do Piques". In: Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, Pref. do Município de São Paulo, v. 46, números 1/4, jan. a dez. de 1985.
- CHALMERS, Vera. 3 Linhas e 4 Verdades - O Jornalismo de Oswald de Andrade. São Paulo, Duas Cidades, 1976.
- COSTA Viotti Emília. Da Monarquia à República. 2.a ed. São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.
- COUTINHO, Afrânio. "Ensaio e Crônica". In: A Literatura no Brasil. v. 6, 2.a ed. Rio de Janeiro, Ed. Sul América, 1971.
- DANTAS, Macedo. Cornélio Pires: Criação e Riso. São Paulo, Duas Cidades, Secretariada Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.
- DANTAS, Nataniel. "As Crônicas que Ficam". In: O Estado de São Paulo, 29 out. 1972. Suplemento Literário.
- DIMAS, Antonio. Tempos Eufóricos. São Paulo, Ática, 1983.
- BOYLE, Plínio. História das Revistas e Jornais Literários. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1976. v.1.
- EAGLETON, Terry. Teoria da Literatura: uma Introdução. São Paulo, Martins Fontes, s/d.
- FAUSTO, Boris. Trabalho Urbano e Conflito Social (1890-1920). São Paulo, Difel, 1976.
- FERES, Nites. T. Aurora de Arte Século XX: A Modernidade e seus Veículos de Comunicação. Estudo Comparativo. São Paulo, USP, mimeo., (dissert. de doutorado), 1972.
- FIGURENTINO, Terezinha del. Prosa de Ficção em São Paulo - Produção e Consumo. 1900 a 1922. São Paulo, Hucitec, Secretaria da Cultura, 1982.

- FREITAS, Affonso de. A Imprensa periódica de São Paulo desde os seus primórdios em 1823, até 1914. São Paulo, Tipografia do "Diário Oficial", 1915.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. No Calor da Hora. São Paulo, Ática, 1974.
- GUIMARÃES, Júlio Castañon. "Poesia e Pré-Modernismo". In: Sobre o Pré-Modernismo. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.
- HALLEWELL, Laurence. O Livro no Brasil (Sua História). São Paulo, T. A. Queiroz, Ed. da Universidade de São Paulo, 1985.
- HARDMAN, Francisco Foot. Nem Pátria, nem Patrão. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- HARDMAN, Francisco Foot e LEONARDI, Vítor. História da Indústria e do Trabalho no Brasil (da origem aos anos vinte). São Paulo, Global, 1982.
- HOBBSBAWM, Eric J. A Era dos Impérios. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1988.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 13.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1979.
- LEITE, Miriam L. M. Outra face do Feminismo: Maria Lacerda de Moura. São Paulo, Ática, 1984.
- LIMA Barreto, Afonso H. Recordações do Escrivão Isaiás Caminha. 5.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1971.
- LINHARES, Temístocles. "Situação da Crônica". O Estado de São Paulo. São Paulo, 16 fev. 1963. Suplemento Literário.
- MARTINS, Luís. "Sobre a Crônica". In: O Estado de São Paulo, 11 jun. 1978. Suplemento Cultural.
- MARTINS, Wilson. História da Inteligência Brasileira. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1978. v. 4, 5 e 6.
- MARX, Karl. "O 18 Brumário de Luís Bonaparte". In: MARX, K. e ENGELS, F. Textos. v. III. São Paulo, Edições Sociais, 1977.
- MAYER, Arno. A Força da Tradição. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. História da Literatura Brasileira: Prosa de Ficção (de 1870 a 1920). Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1988.
- MOISÉS, Massaud. "Da Crônica". In: O Estado de São Paulo, 21 fev. 1977. Suplemento Cultural.
- MORSE, Richard. Formação Histórica de São Paulo. São Paulo, DIFEL, 1970.

PAES, José. Paulo. "O Art-nouveau na Literatura Brasileira". In: Gregos e Baianos. São Paulo, Brasiliense, 1985.

PENTEADO, Jacob. Belenzinho, 1910 (Retrato de uma época). São Paulo, Martins Ed., 1962.

PRADO, A. Arnoni. Lima Barreto: o Crítico e a Crise. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

REZENDE, Beatriz. "A Representação do Rio de Janeiro nas Crônicas de Lima Barreto". In: Sobre o Pré-Modernismo, Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.

RONCARI, Luís. "A Estampa da Rotativa na Crônica Literária". In: Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, Pref. do Município de São Paulo, v. 46, números 1/4, jan. a dez. de 1985.

JÁ, Jorge de. A Crônica. 2.ª ed. São Paulo, Ática, 1985.

SCHWARZ, Roberto. "A Carroça, o Bonde e o Poeta Modernista" e "Nacional por Subtração". In: Que horas são? SP, Companhia das Letras, 1987.

SILVA BRITO, Mário da. História do Modernismo Brasileiro. Antecedentes da Semana de Arte Moderna. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

SILVA, Hélio. e CARNEIRO, Maria Cecília R. História da República Brasileira. v. 3 - Luta pela Democracia (1911-1914); v. 4 - Entre Paz e Guerra (1914-1919). São Paulo, Ed. Três, 1975.

SILVA, Sérgio. Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil. São Paulo, Alfa Omega, 1976.

SINGER, Paul. Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1968.

VIDRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

WISSEKIND, Flora. "O Figurino e a Forja". In: Sobre o Pré-Modernismo. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.

WISSEKIND, Flora. Cinematógrafo de Letras. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

WISSEKIND, Regina. "Regionalismo e Pré-Modernismo". In: Sobre o Pré-Modernismo. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.

WISSEKIND, Regina. Estética da Recepção e História da Literatura. São Paulo, Ática, 1989.